

JOSÉ MILTON ROCHA

IMPrensa, INTERNET E HISTÓRIA:
A produção da notícia em impressos e cibermeios de Dourados

Dourados – 2020

JOSÉ MILTON ROCHA

IMPrensa, INTERNET E HISTÓRIA:

A produção da notícia em impressos e cibermeios de Dourados

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em História.

Área de concentração: História, Região e Identidades.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Perli.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

R672i	<p>Rocha, José Milton. Imprensa, internet e história: a produção da notícia em impressos e cibermeios de dourados. / José Milton Rocha. – Dourados, MS: UFGD, 2020. 230 p.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Fernando Perli. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados.</p> <p>1. História Digital. 2. Comunicação. 3. Cibermeio. 4. Produção da notícia. 5. Internet. I. Título.</p>
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.

JOSÉ MILTON ROCHA

IMPrensa, INTERNET E HISTÓRIA:

A produção da notícia em impressos e cibermeios de Dourados

TESE APRESENTADA PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTOR EM HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/FCH/UFGD

Aprovada em _____ de _____ de 2020.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente e orientador:

Fernando Perli (Dr. UFGD) _____

1º Examinador:

Marcos Paulo da Silva (Dr. UFMS) _____

2º Examinador:

Mario Luiz Fernandes (Dr. UFMS) _____

3º Examinador:

Eudes Fernando Leite (Dr. UFGD) _____

4º Examinador:

Paulo Roberto Cimó Queiroz (Dr. UFGD) _____

Dedico esta pesquisa a Deus, que perpassa todas as temporalidades, pela vida; aos meus pais (in memoriam), José Roberto de Amurim e Maria da Conceição Rocha, pelos primeiros ensinamentos; à minha companheira Elizabeth e filhas Rachel, Milena, pelo carinho e apoio!

AGRADECIMENTOS

Esse é aquele momento em que a gente luta para não cair no lugar-comum. Mas como controlar essa torrente de emoções sem desaguar nesse lugar tão conhecido e confortável chamado reconhecimento, gratidão? A minha maior preocupação é esquecer de citar alguém que me ajudou nessa travessia!

Agradecer, inicialmente a Deus, por ter me permitido chegar até aqui. A todos os professores do PPGH/UFGD, principalmente aqueles com quem tive contato direto ao longo do curso. Ao João Carlos, pelo incentivo para eu continuar nesta tese, a pesquisa da mídia de Dourados iniciada no mestrado. Ao Fernando Perli, pela dedicação, esmero e cuidado no processo de orientação, e pelos momentos de distensão da tensão natural, com o cafezinho e as conversas amenas e incentivadoras. Ao Thiago Cavalcante, coordenador do programa quando comecei a jornada, pelas primeiras informações sobre o funcionamento do curso. Ao Eudes Leite, Nauk de Jesus, Adriana Pinto, Linderval Monteiro, Protásio, Fabiano Coelho, Leandro Baller, Losandro Tedeschi pelas discussões e ensinamentos no campo da história. Ao Wallace da secretaria, pela dedicação, sempre pronto a tirar dúvidas da parte burocrática do curso e os papos sobre futebol.

Aos colegas de turma pelos debates acalorados e os momentos amenos, além dos churrascos, almoços na cantina da UEMS, cervejinha, sobretudo o Laércio, pela carona amiga garantida, os papos e incentivos para cursar determinadas disciplinas. Assim, fomos eu, Laércio, Rafael e Rosely à Assunção participar de um evento sobre a Guerra da Tríplice Aliança coordenado pelo Herib Caballero, a quem agradeço pelas boas discussões nas suas disciplinas, em que aprendi sobre a história do Paraguai e seu povo, e pelo jantar, em Assunção.

Agradeço de forma muito particular ao professor da Universidade da República do Uruguai Juan Andrés Bresciano pela leitura do meu projeto de pesquisa e as contribuições sugeridas na área da história digital e tratamento dessas fontes, além da oportunidade de participar da *I Jornadas de Teoria e História de la Historiografía*, em 2017, em Montevideu. Da mesma forma, agradeço ao professor Francisco Fernández Izquierdo do Instituto Histórico de Madri pelo interesse em conhecer minha pesquisa, as sugestões apresentadas, principalmente da literatura sobre a história digital e pesquisadores do tema.

Agradeço a todos os editores e proprietários dos meios de comunicação de Dourados, pelas entrevistas que nos permitiram conhecer os meandros que envolvem a produção da notícia na mídia douradense em suas diversas temporalidades, sobretudo a Adiles do Amaral Torres,

Blanche Torres, Louise Torres, Vitoriano Carbonera Cales, Alfredo Barbara Neto, Clóvis de Oliveira, José Henrique Marques, Adriano Moretto, Andreia Medeiros. Agradeço ainda a Celso do Amaral, primeiro webdesigner de Dourados que implantou a internet na cidade; Paulo Lobo, um dos primeiros desenvolvedores de sites em Mato Grosso do Sul e Luiz Fernando Vicente, filho do fundador do *Dourados News*, Primo Fioravante Vicente, a quem lamento não ter chegado em Dourados a tempo de conhecê-lo.

Não poderia deixar de registrar um agradecimento especial à Camila Pina, que me ajudou muito a superar certas limitações com a língua inglesa ao ser aprovado no exame de proficiência. Valeu Camila, mesmo à distância sua dedicação nas aulas e na torcida para o projeto dá certo!

Agradeço à minha família pelo apoio constante, minha esposa Elizabeth, meus filhos Rachel, Milena e Bruno, pelo carinho e preocupação para que tudo desse certo, principalmente a Rachel, pela oportunidade que tivemos de nos “isolarmos” por um ano e meio, período do seu mestrado na UFMS, em Campo Grande. Foram momentos intensos de pesquisa e envolvimento com nossos objetos de pesquisa, de companheirismo, convivência, filmes, músicas e sonhos compartilhados. Não poderia deixar de citar a companhia inusitada do *Joe*, um ser muito presente nesta caminhada, sempre por perto, numa cumplicidade vigilante, como se tentasse entender o que se passava.

Deixo um agradecimento especial à CAPES, pela Bolsa que ajudou a me deslocar em dois continentes para tentar entender melhor meu objeto de estudo. Aos professores da banca Marcos Paulo, Mário Fernandes, Eudes Leite e Paulo Cimó pela disponibilidade em aceitar participar deste projeto e as contribuições apresentadas, sobretudo, o Marcos, pelo tempo curto para apreciar. Aproveito para agradecer as contribuições por parte da Marialva e do Eudes, por ocasião da Qualificação, que ajudaram a elucidar etapas da pesquisa. Agradeço ainda a todos meus amigos, familiares e demais pessoas que direta ou indiretamente contribuíram ou torceram pelo meu sucesso nessa empreitada.

Um trabalho de pesquisa é também uma empreitada, um mergulho num turbilhão de sentimentos que resultam em momentos de alegria, dor, desconforto, tensão, incertezas e muita solidão. Todos estes sentimentos se resumem agora em um só. Gratidão!

*“Não tenho mais o tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo tempo do mundo”*

(RENATO RUSSO, 1986)

RESUMO:

Esta tese aborda mudanças na produção da notícia em meios de comunicação de Dourados (MS) num contexto de transição de publicações impressas para veiculação e circulação no ciberespaço. Tem como objeto de estudo quatro jornais: três impressos que migraram para o suporte web, *O Progresso*, *Diário MS* e *Folha de Dourados*, e um cibermeio, o *Dourados News*. Ao longo de quase dez décadas, Dourados presenciou a circulação de vários jornais impressos, que noticiaram sobre a vida de seu povo. Desde *Jandaia*, o primeiro a circular em 1926, passando por *O Douradense*, até o último a circular, em setembro de 2019, *O Progresso*. Nas últimas décadas, o advento da internet e as novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs) promoveram uma avalanche de transformações em atividades das sociedades contemporâneas, tornando as relações sociais, econômicas, políticas e culturais dependentes das tecnologias. A comunicação está no cerne dessas mudanças comportamentais, integrando processos de readaptação aos modos de vida estabelecidos por novas formas de produção e veiculação das notícias junto à audiência. Nesse cenário, os cibermeios ocuparam lugar significativo na forma de produzir e circular conteúdos informativos, em Dourados com destaque para dois deles: *Folha de Dourados*, que desapareceu do papel ao mergulhar em ambiente web no final de 2012 e *Dourados News*, fundado em 2000, feito originalmente na e para a internet. Para tentar entender esse contexto de mudanças foram ouvidos jornalistas, designers gráficos, editores e proprietários dos cibermeios pesquisados, que se manifestaram sobre como atender às novas exigências da audiência no ciberespaço. A tese é trabalhada na perspectiva da história cultural e social, dialogando com referências teóricas dos campos da história digital, da internet e da imprensa, que repercutiram desafios da produção histórica na era digital.

Palavras-chave: História digital, comunicação, cibermeio, produção da notícia, internet.

ABSTRACT:

This thesis addresses changes in the production of news in Dourados (MS) media in a context of transition from printed publications to dissemination and circulation in cyberspace. It has as object of study four newspapers: three printed ones that migrated to the web support, O Progresso, Diário MS and Folha de Dourados, and a cybermedia, Dourados News. For almost ten decades, Dourados witnessed the circulation of several printed newspapers, which reported on the lives of its people. From Jandaia, the first to circulate in 1926, passing through O Douradense, until the last to circulate, in September 2019, O Progresso. In the last decades, the advent of the internet and the new information and communications technologies (NICT) have promoted an avalanche of transformations in the activities of contemporary societies, making social, economic, political and cultural relations dependent on technologies. Communication is at the heart of these behavioral changes, integrating processes of readaptation to the ways of life established by new ways of producing and broadcasting news to the audience. In this scenario, cyber media took a significant place in the way of producing and circulating informative content in Dourados, with emphasis on two of them: Folha de Dourados, which disappeared from the paper when moving to web environment in late 2012 and Dourados News, founded in 2000, originally made on and for the internet. To try to understand this context of changes, journalists, graphic designers, editors and owners of the researched cyber media were heard. They spoke about how to meet the new demands of the audience in cyberspace. The thesis is worked from the perspective of cultural and social history, dialoguing with theoretical references from the fields of digital history, the internet and the press, which resonated challenges of historical production in the digital age.

Keywords: Digital history, communication, cybermedia, news production, internet.

RESUMEN:

Esta tesis aborda cambios en la producción de noticias en los medios de comunicación de Dourados (MS) en un contexto de transición de publicaciones impresas a difusión y circulación en el ciberespacio. Tiene como objeto de estudio cuatro periódicos: tres impresos que migraron al soporte web, O Progresso, Diário MS y Folha de Dourados, y un cibermedio, Dourados News. Durante casi diez décadas, Dourados fue testigo de la circulación de varios periódicos impresos, que informaban sobre la vida de su pueblo. Desde Jandaia, el primero en circular en 1926, pasando por O Douradense, hasta el último en circular, en septiembre de 2019, O Progresso. En las últimas décadas, el advenimiento de Internet y las nuevas tecnologías de información y comunicación (NTIC) han promovido una avalancha de transformaciones en las actividades de las sociedades contemporáneas, haciendo que las relaciones sociales, económicas, políticas y culturales dependan de las tecnologías. La comunicación está en el centro de estos cambios de comportamiento, integrando procesos de readaptación a las formas de vida establecidas por las nuevas formas de producir y transmitir noticias a la audiencia. En este escenario, los medios cibernéticos ocuparon un lugar importante en la forma de producir y distribuir contenido informativo en Dourados, con énfasis en dos de ellos: Folha de Dourados, que desapareció del periódico al migrar al entorno web a fines de 2012 y Dourados News, fundada en 2000, hecha originalmente en y para internet. Para tratar de comprender este contexto de cambios, se escuchó a periodistas, diseñadores gráficos, editores y propietarios de los medios cibernéticos investigados, quienes hablaron sobre cómo satisfacer las nuevas demandas de la audiencia en el ciberespacio. La tesis se trabaja desde la perspectiva de la historia cultural y social, dialogando con referencias teóricas de los campos de la historia digital, internet y la prensa, que resonaron los desafíos de la producción histórica en la era digital.

Palabras-clave: historia digital, comunicación, cibermedios, producción de noticias, internet.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Primeira Edição de <i>O Progresso</i> , em Ponta Porã – 22.2.1920.	74
Figura 2: Primeira Edição de <i>O Douradense</i>	79
Figura 3: Primeira Edição de <i>O RÔLO</i>	82
Figura 4: Primeira Edição de <i>O Progresso</i> , em Dourados.	84
Figura 5: Edição Experimental da <i>Folha de Dourados</i>	92
Figura 6: Última Edição Impressa da <i>Folha de Dourados</i>	97
Figura 7: Jornalistas da Folha de Dourados.....	99
Figura 8: Edição comemorativa 50 anos da <i>Folha de Dourados</i>	101
Figura 9: Capa da Primeira edição do <i>Diário do Povo</i>	108
Figura 10: Capa da Primeira Edição do <i>Diário MS</i>	110
Figura 11: Edição anunciando a troca de dono do <i>Diário MS</i>	112
Figura 12: Capa de <i>O Progresso Digital</i> – 16.05.2019.	124
Figura 13: Capa de <i>O Progresso Digital</i> 16.05.2019.	125
Figura 14: Seção Expediente de <i>O Progresso Digital</i>	132
Figura 15: Linha do tempo de <i>O Progresso</i>	133
Figura 16: Logomarca do <i>Diário MS</i> : impresso e do digital.....	138
Figura 17: Primeira (E) e atual (D) logomarcas do <i>Dourados News</i>	144
Figura 18: Capa da Edição comemorativa de 13 anos do <i>Dourados News</i>	146
Figura 19: Primeira redação improvisada do <i>Dourados News</i>	149
Figura 20: twitter de Tim Berners-Lee 16.09.2014.	170
Figura 21: Capa do blog <i>contrapontoms</i> do dia 8.10. 2019.	174
Figura 22: Capas dos Cibermeios: <i>Campo Grande News</i> e <i>Dourados News</i>	193
Figura 23: Capa do <i>Dourados Agora</i> do dia 24.09.2019.....	194
Figura 24: Capa da última Edição impressa de <i>O Progresso</i> (27.09.2019).....	196
Figura 25: <i>Progresso Digital</i> – imagem da versão digitalizada de <i>O Progresso</i>	200
Figura 26: Capa de <i>O Progresso</i> - versão PDF - 05.10.2019.	200

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Resumo de definições das práticas do jornalismo na internet.....	45
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS

ABI – Associação Brasileira de Imprensa

ANJ – Associação Nacional de Jornais

ALCAR – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia

ANPUH – Associação Nacional de História

BNDigital – Hemeroteca Brasileira Digital da Biblioteca Nacional

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CDR – Centro de Documentação Regional

DEM - Democratas

FCH – Faculdade de Ciências Humanas

FTP – Transferência de Arquivo

GJOL – Grupo de Pesquisa em Jornalismo Online

GT – Grupo de Trabalho

HT – Hipertexto

HTTP – Hypertext Transfer Protocol (Protocolo de Transferência de Hipertexto)

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBRAPE - Instituto Brasileiro de Pesquisas de Opinião Pública

IESD – Instituto de Ensino Superior de Dourados

IHTP – Instituto da História do Tempo Presente

INSS – Instituto Nacional do Seguro Social

MS – Mato Grosso do Sul

NTICs – Novas Tecnologias da Informação e Comunicação

PFL – Partido da Frente Liberal

PT – Partido dos Trabalhadores

PSD – Partido Social Democrático

PDF – Portable Document Format (Formato Portátil de Documento)

PPGH – Programa de Pós-Graduação de História

SIHTP – Seminário Internacional da História do Tempo Presente

ST – Seminário temático

UEE – União Estadual de Estudantes

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

UEMS – Universidade Estadual de Mato grosso do Sul

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

UFMS – Universidade Federal de Mato grosso do Sul

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UnB – Universidade Nacional de Brasília

UNE – União Nacional dos Estudantes

UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados

UNIP – Universidade Paulista

UOL – Universo Online

WWW – World Wide Web (Rede de alcance mundial, ou web)

SUMÁRIO

RESUMO:	8
ABSTRACT:	9
RESUMEN:	10
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	11
LISTA DE QUADROS	12
LISTA DE ABREVIATURAS	13
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1	
HISTÓRIA E COMUNICAÇÃO NA PESQUISA HISTÓRICA	28
1.1 História e Comunicação: distanciamentos e aproximações.....	28
1.2 História, Jornalismo e acontecimento: relações possíveis entre os impressos e cibermeios	40
1.3 Do impresso ao online: a produção da notícia e as temporalidades do jornalismo	53
1.4 A notícia e a questão da leitura nos suportes técnicos.....	63
CAPÍTULO 2	
OS IMPRESSOS: MARCHA DO PROGRESSO E OUTRAS VOZES EM DOURADOS	69
2.1 Os primórdios da Imprensa de Dourados	69
2.2 A vertiginosa marcha de Dourados nas páginas de <i>O Progresso</i>	83
2.3 <i>A Folha de Dourados</i> : um contraponto no jornalismo douradense	91
2.4 <i>Diário MS</i> : a (re) união de outras vozes	102
CAPÍTULO 3	
OS CIBERMEIOS: NOTÍCIAS ONLINE PARA “CONTINUAR NA HISTÓRIA” ...	114
3.1 A internet em Dourados e a notícia na tela do computador.....	114
3.2 As gerações do ciberjornalismo como narrativas jornalísticas no ciberespaço.....	119
3.3 <i>O Progresso Digital</i> : jornalismo voltado para um público mais dinâmico.....	124
3.4 <i>Diário MS Digital</i> : a polifonia em versões “remasterizadas”	134
3.5 <i>Dourados News</i> : o primeiro cibermeio do interior sul-mato-grossense	142
3.6 <i>A Folha de Dourados</i> : entrar no ciberespaço para “continuar na história”	154
CAPÍTULO 4	
JORNALISMO, ARQUIVOS E FONTES EM NOVOS FORMATOS: O DESAFIO DA HISTÓRIA NA ERA DIGITAL	163
4.1 Jornalismo na internet e experiências conectadas	163
4.2 Blogosfera: a reconfiguração do Jornalismo	172

4.3 História, fontes digitais e os problemas de bancos de dados.....	177
4.4 A produção da notícia e as ferramentas tecnológicas: olhares de profissionais da mídia douradense.....	182
4.5 O caso das versões impressas e o domínio da notícia online	195
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	207
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	213
FONTES.....	228
ENTREVISTAS.....	230

INTRODUÇÃO

Compreender o lugar fundamental das tecnologias da comunicação e da inteligência na história cultural nos leva a olhar de uma nova maneira a razão, a verdade, e a história, ameaçadas de perder sua preeminência na civilização da televisão e do computador (LÉVY, 2008, p. 87).

Presenciamos e acompanhamos nas últimas décadas profundas transformações sociais e culturais nas sociedades decorrentes da chegada de “novos” meios de comunicação associados ao advento e avanço das novas tecnologias e da internet. Assistindo sua emergência, ganhamos consciência da sua importância e de seus efeitos, embora não os conheçamos ainda em sua profundidade. Uma coisa é notória: o poder avassalador da internet, para o bem ou para o mal, se faz presente nas atividades humanas.

Quando falamos “novos” meios de comunicação nos referimos, de modo particular, aos portais de notícias, ou cibermeios - conceito que será mais utilizado nesta Tese -, sem desconhecer, contudo, que os meios de comunicação “antigos” como rádio, televisão e cinema, dividem o mesmo espaço no ambiente web¹. Não apenas isso. As informações das atividades humanas estão sendo processadas em uma espécie de “mundo paralelo” ao mundo real, que chamamos de mundo virtual, possibilitado pela interligação das redes telemáticas, que intercomunicam dados, arquivos, informações pormenorizadas a respeito de cada um de nós. Informações construídas e veiculadas a partir de um simples e-mail, uma ficha médica, uma compra na internet, visita a sites de compra, entretenimento, ou de notícias. São informações pessoais deixadas por nossos registros nos sites acessados que circulam pelas redes telemáticas através dos algoritmos, no ciberespaço², onde a vida parece desaguar.

É nesse cenário complexo e desafiador, em que a materialidade do papel dá lugar ao digital, que se transforma no virtual lido no ambiente online e até em off-line, onde o que é

¹ Web é uma plataforma de transmissão de informações com recursos multimídia, através da estrutura física da Internet.

² A palavra ciberespaço foi criada em 1984, por William Gibson, em seu romance de ficção científica Neuromancer. O termo, no livro, refere-se ao universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais. O termo foi imediatamente tomado pelos usuários de redes digitais. Para Pierre Lévy, ciberespaço é o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores (LÉVY, 1999). Para Lévy, o termo ciberespaço não estaria restrito à infraestrutura material da comunicação digital, mas ainda, ao universo oceânico das informações que circulam nesta infraestrutura, bem como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Ramón Salaverría (2005), estudioso espanhol de ciberjornalismo, trata o ciberespaço como âmbito de difusão pública de informações jornalísticas, por isso classifica os sites de notícias de cibermeios, conceito que usaremos também aqui. Nessa mesma linha, o sociólogo brasileiro André Lemos observa que o ciberespaço cria um mundo que trabalha interligado por símbolos, “portais, sítios e home pages, permitindo colocar o poder de emissão nas mãos de uma cultura jovem, tribal, gregária, que vai produzir informações, agregar ruídos e colagens, jogar excesso ao sistema” (LEMOS, 2013, p. 88).

palpável parece fugir ao nosso controle, que se situa a pesquisa que resultou nesta tese de doutorado. A partir de transformações tecnológicas e culturais investigamos o que aconteceu com a notícia, quando ela saiu do jornal impresso, se transmutou para o ambiente virtual e se assentou no jornal online.

Esse contexto apaixonante e desafiador se transformou na principal motivação que sustenta nosso trabalho: vencer as dificuldades e construir um estudo envolvendo três campos do conhecimento, na perspectiva da história social e cultural. Claro que não podemos falar de assuntos tão amplos e complexos sem lançar mão de outras ciências que circundam a temática, como a sociologia, a antropologia e a própria história social, a partir de referencial teórico metodológico da história do tempo presente e da história imediata, da internet, da cibercultura, do ciberjornalismo, numa perspectiva interdisciplinar. A tese versa sobre a história da mídia de Dourados, tendo quatro veículos como objeto da pesquisa, que por vezes, podem aparecer como fontes.

Dourados, município com a segunda maior população do estado de Mato Grosso do Sul (MS), estimada de 218 mil habitantes, em 2017³, tem vocação econômica para o agronegócio, cuja sociedade é marcada por desigualdades e diversidades culturais, agregando características de uma região de fronteira que sedia importante polo universitário formador de mão de obra qualificada. Está situado na faixa de fronteira a 110 km do Paraguai. Nele estão instaladas duas universidades públicas: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD); e o Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN), além de um núcleo da Faculdade Anhanguera. Vale ressaltar que estas universidades desenvolvem projetos de abrangência em seus públicos a partir do uso da Educação à Distância (EaDs).

Os veículos estudados são *O Progresso*, *Diário MS*, *Folha de Dourados*⁴ e *Dourados News*. Os três primeiros nas suas versões impressas⁵ e online⁶ -, e o *Dourados News*, apenas a versão online, por ser originariamente produzido na internet e com a ajuda dala. Inicialmente havíamos estabelecido um recorte temporal entre 1997, que marcou o início do jornalismo online na cidade e 2012, quando o último impresso havia mergulhado no ciberespaço. A simultaneidade de eventos ocorridos no decurso da pesquisa, no entanto, fez o recorte temporal

³ Segundo dados do IBGE <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/dourados/panorama>. Acesso: 29.11.2017.

⁴ Embora a grafia da logomarca tenha as iniciais em caixa baixa por determinação do fundador do jornal, Theodorico Viegas, usaremos caixa alta nas letras iniciais a exemplo dos outros veículos.

⁵ A versão impressa de *O Progresso* foi encerrada no dia 27.11.2019 como será apresentada no quarto capítulo.

⁶ Embora não haja um consenso na academia sobre a grafia da palavra online ou online, optamos pelo uso do online, por ser essa forma usada pela maioria dos pesquisadores precursores do jornalismo feito e veiculado na internet como Marcos Palacios, Suzana Barbosa Joao Canavilhas.

perder o sentido, em função de outras temporalidades surgidas. Assim, optou-se por estabelecer apenas algumas demarcações de períodos considerados importantes. O primeiro foi o ano de 1997, quando o periódico mais antigo da cidade em atividade, *O Progresso*, passou a veicular seu conteúdo na versão digital, dois anos após a experiência pioneira no Brasil encabeçada por dois jornais da região Sudeste - *O Estado de São Paulo*, em São Paulo, e o *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro - e um do Nordeste - *Jornal do Comércio*, em Pernambuco, mergulharem em 1995, na plataforma web, ao publicar seus conteúdos no suporte world wide web (WWW) (BARBOSA, 2002; ROCHA, 2014).

A segunda demarcação ocorreu em 2000, quando o *Dourados News* entrou em atividade, se tornando o primeiro jornal da cidade feito para e com a ajuda da internet. Finalmente, o terceiro momento desse movimento marca o encerramento da versão impressa da *Folha de Dourados* em dezembro de 2012 que, “por questões econômicas e editoriais”, segundo seu editor e proprietário jornalista José Henrique Marques⁷, passou a disponibilizar seu conteúdo informativo apenas no suporte web.

Buscar compreender o processo de transformação por que passa a notícia ao sair do impresso e mergulhar no ciberespaço se constituiu no principal eixo de preocupação da pesquisa. Sabemos que em função dos meios digitais, a notícia é metamorfoseada, mas de que maneira essa transformação ocorre? Em que momento do processo ela é percebida? O que essa mudança representa para o leitor? O que muda na rotina de produção da notícia do jornalismo online em relação ao impresso? E o tamanho do texto da notícia, um dilema inerente ao jornalismo online, como deve ser tratado? Do ponto de vista da história, qual a posição do historiador em relação aos conteúdos digitais? O que representam as ferramentas digitais para o historiador? Esse é um estudo que triangula os campos de conhecimento da imprensa, internet e história, todos com pesquisas sedimentadas em suas respectivas áreas. Entretanto, quando juntamos os três campos do conhecimento no mesmo objeto, apresentamos algo desafiador que, assim esperamos e entendemos, poderá despertar o interesse de outros pesquisadores para o tema, ou mesmo outros tipos de trabalho que possam ser vislumbrados.

Portanto, para melhor se entender esses mecanismos de mudanças na notícia, bem como as alterações sofridas na sua construção, se fazem necessários recortes temporais na mídia de Dourados, a partir do movimento de transposição da notícia do suporte impresso, o papel, para a plataforma web, através da internet. Essa inquietação permeou a pesquisa para compreendermos os vários aspectos que norteiam as transformações ocorridas nos processos.

⁷ Em entrevista concedida a este autor, no dia 09.07.2013. (ROCHA, 2014).

O jornalismo vem, ao longo de sua história, sofrendo mudanças condicionadas ao surgimento de cada nova tecnologia, e não só por isso, mas principalmente pelas novas formas de organização social. Durante o século XX, por exemplo, podemos dizer que invenções tecnológicas como o telégrafo, o telefone, a máquina de escrever e o próprio computador produziram impactos não apenas na forma de produção da notícia, eles promoveram mais dinamismo e agilidade na forma de apresentação e veiculação da informação.

Basicamente, as transformações atendem a novos cenários decorrentes de cada avanço tecnológico proposto pela própria sociedade. Com isso surge a necessidade de readequação aos parâmetros estabelecidos pelo novo estágio da produção dos conteúdos informativos e sua veiculação junto à audiência.

Portanto, pretendemos nesta tese analisar mudanças que ocorreram na notícia e o impacto das alterações nos suportes técnicos, no contexto de Dourados, pela ótica dos operadores da informação, ou seja de jornalistas, designers gráficos, editores e proprietários dos meios de comunicação impressos e digitais, numa perspectiva que propõe um diálogo dos pesquisadores da história, internet e imprensa com falas dos editores responsáveis pela publicação do conteúdo noticioso dos veículos, que ressaltam como percebem essas transformações.

Analisamos a trajetória de cada veículo, considerando aspectos de suas propostas editoriais, tipos de notícias veiculadas - se ao entrar no ciberespaço produzem notícias de acordo com as possibilidades oferecidas pelo manancial tecnológico das NTICs -, sem perder de vista os estados de mudanças na produção de notícia.

Sabemos que isso envolve ainda vários aspectos, tanto do ponto de vista da produção da notícia, quanto em relação às vozes que constroem o discurso e para quem elas falam, observando a narrativa trabalhada e como utilizam as ferramentas possibilitadas pela internet e pelo ciberjornalismo⁸. Lembrando ainda que este trabalho trata das transformações,

⁸ Os teóricos do jornalismo online definem ciberjornalismo, de forma geral, como aquele produzido a partir das ferramentas possibilitadas pela internet. Para Bastos (2005), o ciberjornalismo difere de outros gêneros jornalísticos, em função do uso da tecnologia “enquanto fator determinante em termos de uma definição operacional”, pois amplia os limites do jornalismo tradicional, já que os leitores, por estarem em rede, podem interagir entre eles e a notícia; oferecem, portanto, mais informação ao conteúdo publicado, com opiniões, ou mesmo links, mapas de navegação, sobre o fato noticiado (BASTOS, 2005, p.5). Outro pesquisador português Fernando Zamith (2011), a partir da visão de Canavilhas (2001), Salaverría (2005b), Díaz Noci e Salaverría (2003), Pavlik (2001) valida o termo ciberjornalismo como o mais adequado para o jornalismo produzido pelos cibermeios, porque “depois de algumas hesitações iniciais, é hoje assumido consensualmente que as características distintivas da Internet justificam a existência de um novo tipo de jornalismo” (ZAMITH, 2011, p. 23). O pesquisador espanhol Ramón Salaverría (2005) amplia as considerações sobre o assunto, ao afirmar que o ciberjornalismo, além de uma nova maneira de fazer jornalismo, se constitui em uma nova modalidade profissional, pela capacidade que tem de alterar os três processos básicos da produção da notícia, quais sejam apuração, produção e difusão, por se tratar da especialidade do jornalismo que utiliza o ciberespaço na elaboração e circulação do conteúdo jornalístico. Essa

notadamente, as mudanças tecnológicas, de modo muito intenso, não só pelo assunto estar diretamente associado à emergência das novas tecnologias, mas principalmente pela contemporaneidade que a temática sugere.

A proposta metodológica, além dos instrumentos da história digital, da história oral, da história do tempo presente, envolve a análise de arquivos dos jornais impressos, digitalizados, bem como os primeiros modelos da mídia digital, em PDF – formatação das primeiras notícias publicadas nas versões online dos jornais, na década de 1990. É importante lembrar que este trabalho não aborda e nem se prende a um tema específico publicado pelos veículos, como acontece na maioria dos estudos de história da imprensa; tampouco se encaixa nos casos “que se limitam a reportar o aparecimento e o desaparecimento de periódicos, quando muito correlacionando esses fatos com o momento social e político vivido”, muito menos se limita a “interpretar fenômenos jornalísticos datados a luz de análises estruturais, semiológicas, construtivistas” (BARBOSA, 2004, p. 2).

Nesse sentido, concordamos com Marialva Barbosa (2004), para quem a construção da história da imprensa segue o mesmo movimento da produção da “escrita da história”. Para ela, a feitura da sua narrativa é perceber “a história como um processo complexo, no qual estão engendradas relações sociais, culturais, falas e não ditos, silêncios que dizem mais do que qualquer forma de expressão, e que na maioria das vezes não foram deixados para o futuro”, isto porque, cabe “ao historiador perguntar pelos silêncios, identificar no que não foi dito uma razão de natureza muitas vezes política”. A pesquisadora defende ainda que devem ser considerados no trabalho da escrita da história “as categorias, tempo, espaço e grupos sociais, quando se fala particularmente de uma história da imprensa, há que se considerar a noção de sistema que é o cerne mesmo das relações comunicacionais”, uma vez que quando falamos da história da imprensa, falamos dos “processos comunicacionais e das intrincadas relações que se desenvolvem em torno desse sistema de comunicação” (BARBOSA, 2004, pp. 3-4).

De acordo com a autora, esse sistema está diretamente relacionado ao conceito circuito da comunicação, de Roberto Darnton, que trata da circularidade da informação, ou seja, do caminho percorrido por ela, desde sua produção, veiculação e recepção, que Alsina (2009) vai chamar de processo de construção da notícia, ou do discurso jornalístico, cujas etapas são definidas por ele, como produção, circulação e consumo ou reconhecimento. Alsina (2009) percebe a notícia como um dos vieses construtores da realidade social na qual o veículo está situado, sendo os jornalistas construtores a partir da narração de fragmentos de um

alteração é provocada, basicamente, pelo surgimento da internet, e, conseqüentemente, das redes interativas, que permitem acessos aos bancos de dados, disponibilizados por estas ferramentas (ROCHA, 2014).

acontecimento, da realidade ao seu redor.

Assim como Barbosa (2004), entendemos que a história da imprensa se insere em um campo configurado, como a história cultural, ou mesmo a história social. É pertinente destacar, como ressalta a pesquisadora, a dificuldade de definição da história cultural, “muitas vezes confundida com história das ideias ou dos pensadores ou outras vezes com história das práticas culturais”. Todavia, e principalmente nesta pesquisa, “a história cultural deve, na definição de Roger Chartier (1990), identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma dada realidade é construída, pensada e dada a ler” (BARBOSA, 2004, p. 4).

É corrente que o uso da imprensa como fonte e/ou objeto de pesquisa está consolidado e disseminado, de forma diversificada, nas áreas das ciências sociais, das ciências sociais aplicadas e humanas, na produção do conhecimento histórico. Na história, onde no passado chegou-se a rejeitar por ser considerada uma espécie de fonte suspeita, em função de problemas de credibilidade, o uso da imprensa na pesquisa tem sido amplamente absorvido como observam Cruz e Peixoto (2007), embora isso não isente sua problematização como qualquer outra fonte, usada pelo historiador.

Como sugere Maciel (2004, p. 15), é necessário que se faça “uma reflexão sobre nossos procedimentos e os modos como lidamos com a imprensa em nossa prática de pesquisa”, afim de não “tomá-la como espelho ou expressão de realidades passadas e presentes, mas como uma prática social constituinte da realidade social”. A partir do advento das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs), a imprensa acrescenta mais um elemento tecnológico à sua história, o funcionamento da notícia na internet, criando um novo campo de atuação social e de pesquisa acadêmica, na construção do conhecimento histórico.

O referencial teórico metodológico desta tese contempla, além da história do tempo presente, a história imediata e a história oral usada por ocasião da análise e problematização das entrevistas de editores e proprietários dos veículos, na perspectiva da história cultural. Como sugere Kellner (2001, p. 9), “a cultura da mídia é industrial”, em função de sua organização que é feita “com base no modelo de produção de massa e é produzida para a massa de acordo com seus tipos (gêneros), segundo fórmulas, códigos e normas convencionais”, ou seja, no seu modo de fazer jornalístico, observando a teoria do *newsmaking*.

A Teoria do *Newsmaking* é considerada uma das mais importantes do jornalismo porque trata da rotina de produção, do *modus operandi* da redação, da produção das notícias, desde a pauta, a escolha do material a ser publicado pelos editores; tem relação direta com alguns conceitos como *gatekeeper*, o processo de filtros pelos quais passa a informação e que define o que é notícia e o que deve ser publicado; critérios de noticiabilidade e valores-notícia.

Contradita a teoria do espelho e reforça o pressuposto de que a imprensa não constrói a realidade, mas ajuda a construí-la. Está centrada em três eixos: a cultura profissional dos jornalistas, a organização do trabalho e os processos produtivos. (WOLF, 2009). Para Traquina, o jornalismo, historicamente, se constitui num campo de dois polos: o ideológico e o econômico, onde o primeiro cuidaria dos interesses públicos e o segundo, dos negócios. A partir desse contexto, os órgãos de imprensa constroem a sua representação dos acontecimentos, de acordo com diversos fatores, incluindo, aspectos da organização da produção jornalística, suas limitações orçamentais, imprevisibilidade dos acontecimentos. Assim, o processo de produção da notícia tem o planejamento e sua execução de acordo com uma rotina industrial, com procedimentos próprios e limites organizacionais. (TRAQUINA, 2005).

Por outro lado, não podemos prescindir nesse contexto do entendimento de Robert Darnton (1990) sobre a força ativa social da imprensa, bem como sua capacidade de constituir memórias de um recorte temporal, memórias estas que, por sinal, podem ser encontradas nos arquivos digitais, em nuvem, surgindo no jornalismo online como uma das potencialidades da internet, de acordo com os estudos dos canadenses Jo Bardoel e Mark Deuze (2001) e do autor brasileiro Marcos Palacios (2003). Na perspectiva das potencialidades oferecidas pela internet esses autores definiram seis características do ciberjornalismo. Bardoel e Deuze (2001), no contexto internacional, identificaram inicialmente quatro delas em suas investigações: a interatividade, a customização de conteúdo ou personalização, a hipertextualidade e a multimídia. Depois foi a vez do pesquisador brasileiro Marcos Palacios (2003) acrescentar ao rol duas características: memória e instantaneidade. Outros pesquisadores brasileiros como Elias Machado, Suzana Barbosa, Luciana Mielniczuk e Carla Schwingel também apresentam estudos na área do Ciberjornalismo, acrescentando novos conceitos e ampliando, inclusive suas características. As expostas aqui são consideradas as principais nas narrativas hipertextuais, que interessarão a esta tese.

Passadas quase três décadas das primeiras experiências do jornalismo online no Brasil, marco de uma profunda transformação na forma de fazer e receber informação, na metade da última década do século XX, utilizando o novo suporte técnico, a plataforma web, percebe-se que as pesquisas relacionadas a essas transformações da imprensa no campo da História, ainda, são muito incipientes. Isso pode ser verificado num acesso rápido às informações de Programas de Pós-Graduação da área na Plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) na internet. Pesquisas na área da História Digital também são escassas, o que torna a literatura que trata da temática incipiente.

Por sua vez, as pesquisas sobre o jornalismo online já estão consolidadas no Brasil e no

mundo, através de estudos de casos, realizados por alunos dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação; enquanto estudos sobre a história da internet começam a ganhar corpo na construção da história digital. Pesquisadores reconhecem, todavia, que a literatura sobre a história digital ainda se encontra em estágio embrionário como destaca Lucchese (2014), em sua dissertação, em história comparada, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na qual faz um comparativo entre duas correntes do pensamento sobre o processo digital, no ocidente: a historiografia digital, na Itália e a história digital, nos Estados Unidos.

Segundo Lucchese (2014, p. 14), as duas tendências têm uma mesma preocupação: “examinar as relações entre a História e a Internet”. Por isso, seu trabalho tem por objetivo “identificar e problematizar pontos de interseção e divergências entre as duas discussões levantadas por estes dois grupos de pesquisa e a formação em “história/historiografia digital”. A pesquisadora demonstra preocupação e curiosidade em relação ao que poderia vir a ser um novo método da história, o que coincide com o entendimento que temos acerca da temática.

Lucchese (2014, p. 17) se ressentida da falta de debate sobre a temática, a exemplo de outro estudioso do assunto, Boschi (2010). Ela observa que ainda é muito pequeno o espaço dado “para as implicações metodológicas e epistemológicas deste quadro em nossa disciplina, sendo escassos tanto os debates nos fóruns especializados, quanto a produção bibliográfica em língua portuguesa” e, embora, ainda veja, com certo ineditismo, os estudos emergentes, ela reconhece que a situação começa a ser alterada com a produção de autores como Caio César Boschi, Dilton Maynard, Célia Cristina Tavares e Fábio Chang de Almeida, entre outros.

Por outro lado, historiadores de outros países começam a discutir e problematizar a perspectiva do uso da internet na história e, como consequência, os arquivos advindos do ciberespaço, bancos de dados. Nesse sentido, o historiador da Universidade da República do Uruguai, Juan Andrés Bresciano⁹, apresenta vasto estudo em que discute a heurística e a epistemologia dos arquivos digitais, nos últimos anos, oferecendo importante contribuição à investigação da informática na perspectiva histórica, com publicação de livros e artigos sobre a temática.

O professor do Departamento de História Moderna e Contemporânea da Universidade Autónoma de Madri, Francisco Fernández Izquierdo, é outro pesquisador que tem dedicado bastante atenção ao assunto. Em 2000 escreveu denso artigo, *La Historia Moderna y las Nuevas*

⁹ Destaco aqui, alguns dos livros do pesquisador uruguaio publicados como importantes estudos preliminares sobre o tema: *Mundo en red. El estudio histórico de los procesos globales en la sociedad de la información*, 2014; *La memoria histórica y sus configuraciones temáticas. Una aproximación interdisciplinaria*, 2013; *La Historiografía en el amanecer de la cultura digital. Innovaciones metodológicas, discursivas e institucionales*, 2010; *El tiempo presente como campo historiográfico. Ensayos teóricos e estudios de casos*, 2010.

Tecnologías de la Información y las Comunicaciones, no qual propôs debate sobre o uso das novas tecnologias na história moderna, ao historicizar o uso das tecnologias da informação pela história. Na coletânea de textos, coordenada por Eliseu Serrano (2013), intitulada *De la tierra al cielo. Líneas recientes de investigación en historia moderna*, Izquierdo nos brinda com o capítulo *Archivos, bibliotecas, redes sociales, blogs, twitter... tecnologías de la información al servicio del historiador modernista en la web 2.0*. Ainda na Espanha, pesquisadores como Matilde Eiroa San Francisco, Analet Pons, Sergio Gálvez Biesca, entre outros, também tem dedicado estudo à história digital compreendendo ainda a relação desta com os arquivos digitais.

Vimos que a história digital, portanto, já produziu certo veio de conhecimento, a exemplo da comunicação, ou o jornalismo online com vasta produção literária, tanto no Brasil quanto no exterior. No Brasil, por exemplo, temos pesquisadores como Susana Barbosa, Marcos Palacios, Elias Machado, Thaís de Mendonça Jorge, Carla Schwingel, Carlos Franciscato, entre tantos outros, com estudos realizados sobre o jornalismo da internet. Susana Barbosa e Marcos Palacios coordenam o primeiro grupo de pesquisa em jornalismo online (GJOL) do país, vinculado à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Criado em 1995, quando o jornalismo digital fazia as primeiras conexões nas redações brasileiras com a internet discada, pelo sociólogo Marcos Palacios e o jornalista Elias Machado, o GJOL formou toda uma geração de pesquisadores do jornalismo feito para a web e com a ajuda dela.

Enquanto há um caminho percorrido por esses campos, ainda que de forma isolada, por outro lado, não percebemos a mesma dinâmica quando se trata de pesquisa que envolve as três vertentes, como é o caso do estudo que propomos e se tornou objeto desta tese. Se considerarmos a triangulação dos campos da história, da imprensa e da internet, pelo menos no Brasil ainda é bem pequena a produção de uma literatura capaz de contemplar as três áreas de conhecimento.

Como nosso trabalho abrange a internet, onde estão alojadas virtualmente as fontes do objeto de investigação, isso nos leva a pesquisar muitos documentos em ambiente web, se fazendo necessário, portanto, a presença de aporte referencial teórico metodológico capaz de contemplar esses aspectos. Nesse sentido, a pesquisa de Bresciano (2010) vem consubstanciar e municiar de informação o caminho metodológico dos arquivos de cibermeios, com sua vasta investigação sobre arquivos e fontes virtuais como o trabalho *La documentación electrónica y el estudio del presente: posibilidades y desafíos*. Para ele, as NTICs multiplicaram suportes e formatos documentais que ampliaram o conceito de arquivos e modificaram os modos de

identificação e reprodução de dados que aportam as fontes. Ressalta que, assim como as tabletas de argila, os papiros, os pergaminhos e o papel pautaram, com outros suportes, os modos de armazenar informações em diferentes períodos históricos, durante os últimos seis mil anos, a partir das últimas décadas do século passado, o surgimento dos suportes eletromagnéticos e os digitais condicionaram de modo crescente as formas de realizar, organizar e comunicar as experiências históricas permitindo que se digitalizem variadas formas de fontes conhecidas. O resultado é a documentação eletrônica em seus diversos tipos, se impondo de forma paulatina, transformando os arquivos tradicionais e criando novos formatos de repositórios.

Bresciano situa esse modo emergente de fazer história no tempo presente. Observa, contudo, que o pesquisador com isso não pode deixar de considerar critérios teóricos metodológicos da historiografia tradicional, como questões heurísticas, cognitivas e arquivistas. Ele destaca quatro aspectos básicos dos arquivos digitais que provocaram uma revolução no conceito de fonte histórica: suporte, meio, categoria de conteúdo e formatos. Segundo o historiador uruguaio, pela relevância do estudo do presente, a imprensa ocupa lugar privilegiado dentro das fontes de arquivos conservadas em bibliotecas nacionais ou de empresas jornalísticas que as publicam. Assim, a existência de edições digitais de jornais como *O Progresso* e o *Diário MS*, e a conformação dos arquivos de acesso em rede, simplificam as difíceis tarefas de exame e análises por parte do pesquisador. Esse movimento vem se transformando numa realidade na América Latina, o que possibilita uma abertura muito grande para a pesquisa de uma forma geral, graças ao desenvolvimento dessas ferramentas eletrônicas.

A estrutura desta tese está formatada da seguinte maneira. No primeiro capítulo trabalhamos o escopo teórico metodológico da pesquisa, tratando das aproximações e distanciamentos entre a história e a comunicação na perspectiva da pesquisa histórica, observando algumas temporalidades do jornalismo na internet e suas mudanças e permanências, além da notícia numa dimensão histórica de seus suportes técnicos e temporalidades. São vistos e revistos conceitos e a literatura necessária ao entendimento dos processos históricos desenvolvidos na tese.

No segundo capítulo, trazemos a história da mídia impressa de Dourados, constituída por jornais que circularam pela cidade até os dias de hoje para entendermos como essa mídia foi construída. Assim apresentamos o jornal *O Progresso*, em suas fases iniciais, em Ponta Porã, com a primeira interrupção resultante da situação política vivida pelo estado vizinho, São Paulo, em 1924; a segunda fase, ainda em Ponta Porã, e a sua refundação em Dourados, na década de

1950¹⁰.

Mostramos a *Folha de Dourados*, que se constituiu no segundo marco da pesquisa, por ter abandonado a versão impressa e passado a veicular seu conteúdo, apenas em online. Sustentamos esse momento mais detidamente na edição comemorativa dos 50 anos completados em 2018, por apresentar um panorama, ainda que de maneira condensada, mas que oferece uma ideia do percurso do jornal e sua importância para os profissionais que por ele passaram e para Dourados. Chegamos ao segundo veículo impresso que surgiu de um processo bastante interessante de construção, em que vários jornais semanários foram formatados até se configurar de forma definitiva no *Diário MS*, se constituindo a segunda força da mídia impressa local.

No terceiro capítulo apresentamos as versões online dos quatro veículos que compõem o corpus da pesquisa. Abordamos aspectos como a chegada da internet em Dourados a partir da visão dos seus implantadores na cidade, a notícia apresentada na tela do computador, as primeiras versões do jornalismo online. Discutimos as gerações do ciberjornalismo e a adesão definitiva dos jornais impressos ao jornalismo da internet com a criação de seus portais. A chegada do primeiro jornal feito originariamente com a ajuda e para a internet, o *Dourados News* e a entrada do último veículo da cidade na internet, a *Folha de Dourados*, que deixaria também de veicular em papel, em 2012.

No quarto Capítulo abordamos questões pertinentes ao jornalismo online e a nova formatação de arquivos e fontes com os quais a história deverá aprender a lidar em tempos de ciberespaço. Tratamos da blogosfera como um aspecto do jornalismo reconfigurado e cada vez mais segmentado em função das opções apresentadas pela internet e o ambiente web, diverso e fragmentado. A volatilidade dos arquivos pela inconstância do mundo virtual e as questões de bancos de dados. A visão dos profissionais da notícia em relação aos desafios enfrentados ao fazer um jornalismo para a internet que atenda as exigências da audiência em Dourados.

Por fim, trazemos alguns resultados pontuados pela pesquisa nas considerações finais como a mudança da materialidade do suporte de apresentação da notícia, a flexibilização dos limites de tempo e espaço a partir das características do ciberjornalismo, a agilidade do jornalismo da internet reconhecida pelos produtores de notícia em Dourados.

¹⁰ Não tratamos a fase de *O Progresso*, em Dourados, como uma simples transferência do periódico, embora a maioria dos pesquisadores cujos trabalhos trataram do tema o fizeram assim. Ao nosso entendimento, todavia, o que houve foi uma reedição do nome, mas com maquinário, objetivos e proposta editorial diferentes, porque embora Weimar Torres quisesse homenagear seu pai, tinha outros propósitos ao relançar o veículo em Dourados, por isso optamos por tratar como refundação, contando sua história, os processos de transformações tecnológicas porque passou até o fechamento definitivo da versão impressa em setembro de 2019.

CAPÍTULO 1

HISTÓRIA E COMUNICAÇÃO NA PESQUISA HISTÓRICA

A distinção entre fato e acontecimento revela-se necessária à demonstração de como o discurso informativo constrói e comunica narrativamente as transformações e passagens no fluxo cotidiano (MUNIZ SODRÉ, 2009, p. 19).

1.1 História e Comunicação: distanciamentos e aproximações

A história tem apresentando proximidades e imbricações com a comunicação, entretanto, nas últimas décadas, em função do advento da internet e a incorporação das NTICs no cotidiano das pessoas, essa tendência tem se acentuado. Por vezes, os dois campos se convergem; por outras, distanciam-se, mas em outras ocasiões e circunstâncias complementam-se na produção do conhecimento e na construção da realidade social, seja por meio das representações simbólicas ou das representações sociais.

O pesquisador Maximiliano Vicente (2009, p. 16) percebe uma relação de conflito e afinidade ao definir a conexão entre história e comunicação. Para o historiador, a similaridade decorre da proximidade e da convergência das duas ciências, uma vez que no entendimento dele, história e comunicação “coincidem na sua finalidade, ou seja, na compreensão e na decodificação da formação da sensibilidade”, o que torna necessário, todavia, “identificar quais os procedimentos usados na construção de narrativas explicativas dos fatos sociais”. O autor lembrou que o objetivo final da comunicação “são as pessoas receptoras da mensagem produzida pelos meios de comunicação”, e que “a tecnologia e as mensagens, sem dúvida, adquirem um papel relevante, na construção da comunicação e em como ela traçou sua trajetória”. Para perceber, portanto, “os estudos da comunicação sob uma perspectiva histórica, a questão central residirá na forma de abordar os efeitos e mudanças na sociedade ocasionadas pelos meios” (VICENTE, 2009, p. 35).

No entendimento do pesquisador, três matrizes metodológicas predominariam nas relações entre a comunicação e a sociedade: o marxismo, o funcionalismo e o movimento dos *Annales*, este último tendo incorporado dois aspectos para melhor compreensão da afinidade entre a comunicação e a história. “O primeiro diz respeito à interdisciplinaridade e o segundo se relaciona com o papel de destaque adquirido pelas movimentações de massas, protagonistas

das transformações sociais” (VICENTE, 2009, p. 25). Segundo o autor, destacam-se nesse processo de aproximação, as pesquisas a respeito das estruturas econômicas, demográficas, sociais e de mentalidade, que ganharam maior importância na construção da história da comunicação social.

A nossa preocupação central no desenvolvimento dessa pesquisa coincide com um ponto destacado por Vicente (2009), quando se reporta aos parâmetros que devem ser estabelecidos na abordagem dos efeitos e mudanças na sociedade ocasionados pelos meios. No nosso caso, se faz necessário elucidar que as mudanças e seus efeitos não são apenas aqueles promovidos pelos meios, mas principalmente pelas tecnologias usadas por estes meios, ou na mediação deles. E isso fica mais patente a partir da inserção da internet e as novas tecnologias nos dois campos, notadamente o jornalismo, que a nós parece ter sofrido mais os impactos na maneira de produção da notícia, na construção do conteúdo jornalístico e na veiculação e circulação desse conteúdo.

Silverstone (2005) recomenda um estudo cuidadoso da mídia para aqueles que se aventuram a tentar entendê-la. A recomendação do autor está associada à sua preocupação com a centralidade da mídia e da cultura nas sociedades do novo milênio, uma vez que ele enxerga a presença da mídia em vários aspectos do cotidiano das pessoas. É como se os indivíduos não pudessem escapar da sua ação, uma vez que ela gera certa dependência para a diversão, obtenção de informação e na produção de sentido às experiências humanas, porque a mídia é parte da textura geral dessas experiências.

Baseado em conceitos trabalhados por Silverstone (2005), Quéré (1991) e Hall (2003) sobre a mediação e a transformação da realidade atribuídas aos meios de comunicação, Mendonça (2005, p. 14) aponta que “as produções veiculadas pela mídia se configuram como espaços de disputas simbólicas, dada a sua força na constituição de visibilidade e inteligibilidade”, uma vez que as “mediações abertas pelos meios de comunicação não apenas apresentam o mundo, mas participam de sua construção”, certamente, porque, “nesse processo, permitem a reconfiguração e ressignificação de indivíduos e grupos, a circulação de argumentos críticos, o fomento a debates extra-midiáticos, o confronto de razões e o escrutínio de autoridades”. Ele reconheceu, porém, que o sistema da mídia não oferece uma distribuição isonômica entre os atores sociais, embora os meios de comunicação espelhem as questões intrínsecas da realidade que os circunda.

De acordo com John B. Thompson (2004), para entendermos a “natureza da modernidade”, ou seja, as características que marcam as sociedades modernas, suas transformações e condições de vidas por elas estabelecidas, é necessário colocar os meios de

comunicação e seus impactos no centro do processo de desenvolvimento:

Nós só poderemos entender o impacto social do desenvolvimento das novas redes de comunicação e do fluxo de informação, se pusermos de lado a ideia intuitivamente plausível de que os meios de comunicação servem para transmitir informação e conteúdo simbólico a indivíduos cujas relações com outros indivíduos permanecem fundamentalmente inalteradas. Nós iremos ver, ao invés, que o uso dos meios de comunicação implica a criação de novas formas de ação e de interação no mundo social, novos tipos de relações sociais e novas maneiras de relacionamento do indivíduo com os outros indivíduos e consigo mesmo. Quando os indivíduos usam os meios de comunicação, eles entram em formas de interação que diferem dos tipos de interação face a face que caracteriza a maioria dos nossos encontros quotidianos (THOMPSON, 2004, p. 13).

O autor explica que esse processo decorre em função do uso dos meios de comunicação transformar a organização espacial e temporal da vida social, o que propicia a criação de novas formas de ação e interação, novas maneiras de exercício do poder, que não estaria mais ligado ao compartilhamento local comum, mas a uma dimensão social e espacial bem mais abrangente, nas redes de informação e comunicação, principalmente. Para Thompson (2004, p. 19), “os meios de comunicação têm uma dimensão simbólica irreduzível: eles se relacionam com a produção, o armazenamento e a circulação de materiais que são significativos para os indivíduos que os produzem e os recebem”, embora, muitas vezes, sua dimensão simbólica seja negligenciada em função da valorização dos aspectos técnicos dos meios de comunicação pelos estudiosos do assunto. O autor acentua sua crítica a esta visão parcial sobre os meios de comunicação pelos estudiosos do assunto por entender que o desenvolvimento desses meios representa, fundamentalmente, “uma reelaboração do caráter simbólico da vida social, uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social” (THOMPSON, 2004, p. 19).

Para Marialva Barbosa (2019), a construção da história dos meios de comunicação passa necessariamente pela definição dos cenários, lugares, contextos e temporalidades onde ocorrem os processos comunicativos, além dos mecanismos utilizados nesses processos. Matheus (2010, p. 12) enxerga o que se pode chamar de proximidade do jornalismo com a história, a partir de características temporais e processos narrativos, como certa conformidade, uma vez que “as narrativas jornalísticas favorecem a percepção histórica como progresso linear, determinista, para o qual o jornal seria o farol, o guia pelo caminho previamente traçado”. No entendimento de Barbosa (2004, pp. 7-8), a construção de uma história da imprensa, deve levar em conta, inicialmente, a escrita da história (CERTEAU, 2015) e, depois, as peculiaridades da lida com textos e textualidade. Nesse sentido, a pesquisadora aponta a proposta de Darnton (1990) como modelo adequado para a construção de uma história social e cultural da comunicação, pois “é

preciso desvendar, quando se fala em história da imprensa, quem escrevia em jornais, como procuravam se popularizar – ou seja, que estratégias, apelos e valores esses veículos invocam no seu discurso – como funcionavam essas empresas e de que forma os textos chegavam ao público”. Para ela, “uma nova tecnologia pressupõe sempre uma recepção na sociedade, uma espera, muitas vezes anterior mesmo à emergência da própria tecnologia”, ao nosso entender, como ocorreu com a chegada da internet.

As pesquisas de história sobre meios de comunicação tornaram-se mais intensas a partir das últimas décadas do século XX, ampliando fontes e objetos que se relacionam com a necessidade de problematizar a multiplicidade de informações na construção do conhecimento acadêmico (PERLI, 2012). Assim, cada vez mais se percebe a presença de pesquisas que usam a imprensa tanto como fonte quanto como objeto de investigação, na escrita da história.

Foi nos idos da década de 1970 que a pesquisa sobre os meios de comunicação produzida pelos historiadores se intensificou no seio da universidade brasileira. Ao longo dos anos, historiadores como Nelson Werneck Sodré (1988), Maria Helena Capelato (1988) e Tania de Luca (2005), dentre outros, trataram de forma sistemática a temática em suas respectivas abordagens. Segundo Capelato (1988), os historiadores se posicionaram de duas maneiras em relação ao documento jornal, na segunda metade do século XX. Enquanto uns consideravam periódicos fontes suspeitas, outros entendiam os jornais como repositórios da verdade, capazes de relatos fidedignos sobre os acontecimentos relatados.

A possibilidade de um diálogo foi aberta com a entrada de outras disciplinas na cena dos estudos históricos, trazendo importantes contribuições metodológicas para a história (LUCA, 2005). Suficiente para expandir os horizontes às novas reflexões do conhecimento sobre as sociedades, se tornando em muitas situações fontes de sua própria história (CAPELATO, 1988). O rigor histórico observado com as fontes jornalísticas não tira, necessariamente, a obrigatoriedade do historiador em problematizar outros documentos, na produção histórica, seja ela, realizada a partir de fontes jornalísticas, ou não, porque nenhuma fonte é isenta. Nesse sentido, é importante destacar que com a ampliação do conceito de fonte os estudos históricos passaram a incorporar mais acentuadamente os jornais como fonte e objetos de pesquisa histórica.

De acordo com Barbosa e Ribeiro (2011, p. 10), a relação imprensa-história envolve duas questões fundamentais. Uma delas trata da comunicação como ação e processos vividos e proporcionados por atividades comunicacionais humanas, “nesse sentido afirmamos que a história é, em última instância, também uma relação comunicacional”; enquanto a outra se refere ao processo narrativo das duas ciências resultante “numa espécie de dupla relação, tanto

a comunicação quanto a história percorrem sempre os caminhos narrativos”. Outras vertentes convergentes entre a história e a comunicação citadas pelas pesquisadoras são o tempo e o lugar onde ocorrem os processos.

Jornais, revistas, periódicos de diversas naturezas, por exemplo, são frequentemente referenciados, ainda hoje, quando o olhar dos historiadores multiplicou as possibilidades de enxergar nos mais variados vestígios do passado aberturas em relação aos *tempos idos*, para atestar a existência de múltiplos processos localizados no passado. Impressos, transformados em documentos-monumentos de uma época, usando aqui a expressão cunhada por Jacques Le Goff, são espécies de atestado dos acontecimentos de um tempo e lugar. A partir desse uso exacerbado, multiplicam-se as reflexões em torno da utilização desse material e dos limites a que estariam sujeitos os historiadores ao utilizar esse universo descritivo como materialidade de um passado. Afinal, nos processos comunicativos há sempre uma seleção memorável produzida no presente, ou seja, no ato mesmo de construir as histórias transvertidas em acontecimentos jornalísticos (BARBOSA; RIBEIRO, 2011, p. 11).

As pesquisadoras propõem, portanto, uma história dos meios de comunicação a partir dos indícios históricos relatados e transmitidos por estes meios, cujos significados das mensagens produzem impactos no comportamento dos sujeitos sociais. Nesse aspecto, a história da comunicação também reconfigura “um mundo que existe nos rastros e restos, mas sobretudo como estrutura imaginativa recolocada em cena por aquele que se arvora o direito de trazer o passado para o presente” (BARBOSA; RIBEIRO, 2011, p. 26).

No processo de transmutação da notícia, no início do jornalismo online na segunda metade dos anos 1990, ela aparecia apenas na tela do computador. Mas em função dos rápidos e progressivos avanços tecnológicos, em um curto espaço de tempo chegou aos mais variados dispositivos móveis como notebooks, tabletes, smartphones, displays, só para citar estes. O compartilhamento da informação em rede possibilita a produção de formatos inovadores do conhecimento, cria novas linguagens, novas narrativas, novas formas de consumo da informação, características marcantes da sociedade de consumo, resultando em um mundo cada vez mais globalizado, interconectado e mergulhado na cultura de rede, no ciberespaço, para onde todos parecem convergir. Não é sem razão que a cada dia o mundo parece menor e mais próximo, a ponto de caber na palma da mão (PALACIOS, 2013), através do celular.

Esse contingente de informação que circula pelos vários dispositivos eletrônicos quase que simultaneamente povoa o cotidiano da sociedade contemporânea, tornando de certa forma, excessivo e cansativo de tão massivo. Tornou-se comum, quando o usuário do computador está concentrado numa atividade de escrita, por exemplo, ser constantemente interrompido por alertas de mensagens, que podem ser desde uma simples informação do banco sobre o limite de compra, ou chamadas de matérias dos portais de notícias, mensagens do Twitter, ou mesmo, do

WhatsApp. Isso acaba provocando uma fadiga comunicacional, além de dar a sensação de uma aceleração temporal, provocando segundo os teóricos dos estudos culturais, o deslocamento do homem na sua relação tempo-espaço-lugar, alterando inclusive a temporalidade espacial.

Ao analisar as concepções sobre o tempo, o sociólogo Eduardo Duque da Universidade do Minho, afirma que elas são representações sociais relacionadas a três formas de pensamento: meta-histórico, histórico e para-histórico. De acordo com Duque (2014, p. 154), no primeiro estágio, “meta-histórico ou ante-histórico criava-se uma rutura no tempo deslocando a criatura para o tempo mítico, de raiz sagrada, longe da profanidade do tempo e aí o homem encontrava-se a ele mesmo”, já, no segundo, o histórico, “encontramos o homem mergulhado na vida, centrado nele mesmo, arrebatando a si, sem o ritual da regeneração do tempo, o sofrimento da própria história”, enquanto no terceiro e último estágio, “o para-histórico, ainda muito novo, e como tal com formas ainda desconhecidas, encontramos o presente saturado de tudo, mas simultaneamente muito esgotado, por não conseguir trazer até aos limites do presente a herança do passado”. O último estágio parece refletir a questão temporal criada pelas tecnologias, no entendimento de Duque (2014), que define o presente “demasiado complexo, cruza processos, linguagens e estilos que eram até então inconciliáveis e tudo acontece numa vigorosa imprevisibilidade de movimentos, não permitindo antever qualquer futuro” (DUQUE, 2014, p. 158).

Para o filósofo espanhol Daniel Innerarity (2011), as novas tecnologias criam uma cultura do presente que carece de profundidade temporal, em função do fascínio que a velocidade e a aceleração exercem sobre ela, que nas palavras de Bauman (2007) apontam para a cultura da liquidação, da descontinuidade e do esquecer. E o que seria a nova forma de noticiar, a partir do uso da internet, quando a pirâmide invertida¹¹ (GENRO FILHO, 1987), uma técnica de construção da notícia com mais de um século, pode aparecer deitada na web (CANAVILHAS, 2001), quando o texto passa à hipertextualidade, pela possibilidade oferecida de abertura de novos links sobre o mesmo assunto? Uma navegação proporcionada por essa

¹¹ A pirâmide invertida é uma técnica de organização da estrutura textual do jornalismo, em que as notícias são narradas da parte mais importante para a menos importante. Guarda alguma semelhança com o lead cronológico, que também serve como elemento organizador do discurso. Na pirâmide, o relato prioriza a ordem inversa à cronológica, partindo do ponto culminante para os menos importantes. Por isso chama-se Pirâmide Invertida. Alguns autores trabalham ainda com a pirâmide em pé ou deitada, cuja ordem de apresentação dos fatos é diferenciada, como é o caso de Adelmo Genro Filho (2012). O autor propõe que a pirâmide seja desinvertida e colocada em pé. O objetivo dessa desinversão é para que possa narrar os fatos de outra perspectiva e não apenas do mais importante para o menos importante como sugere o modelo americano, mas do ângulo singular para o particular, do pico para a base. Segundo Genro Filho (2012), esse modelo narrativo permitiria dar mais clareza e maior sensação de experiência ao leitor, pois mostraria o fenômeno do ângulo da particularidade e da universalidade. Canavilhas (2001) propõe que a pirâmide além de invertida, seja deitada – em função da hipertextualidade possibilitada pela internet - e não em pé como é mais conhecido o modelo tradicional.

tecnologia que torna a comunicação ubíqua (SANTAELLA, 2013).

Contextos como esse começam a frequentar a escrita da história, porque é necessário historicizar esse fenômeno mundial, construir a historiografia dessa nova realidade promovida pelas NTICs e pela internet, notadamente esta, pois como afirma o sociólogo espanhol Manuel Castells (2012, p. 287), ela, a internet, “é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação”. Se há uma aceleração no tempo, esse fenômeno acabará por produzir repercussão na história, se tomarmos o tempo como matéria fundamental da história como propõe Le Goff (2003). Não se pode desconhecer, todavia, o poder que a tecnologia tem de promover novas sensibilidades, que podem ser percebidas no fazer jornalístico no imediatismo do tempo presente, o que não deixa de ser uma aceleração da história, já observada por Nora (1993).

Aos poucos, ainda que de forma tímida, começa a surgir outra modalidade de pesquisa constituída por trabalhos que historicizam a internet. No Brasil, Anita Lucchesi destaca alguns trabalhos seminais, como textos pioneiros de Luciano Figueiredo, *História e Informática: o uso do computador* (1997), de Caio Boschi, *O historiador, os arquivos e as Novas Tecnologias, Notas para debate* (2009), além da dissertação de Fábio Chang de Almeida, *A serpente na Rede: extrema-direita, neofascismo e internet na Argentina* (2008), que discute a relação entre Internet, Tempo Presente e ofício do historiador. Podemos acrescentar ainda, o trabalho do historiador Pedro Eurico Rodrigues, que produziu, em 2012, a dissertação *Do on-line para o off-line: sociabilidades e cultura escrita proporcionadas pela internet no Brasil do século XXI (2001-2010)*, em que analisou a internet como fonte para estudos sobre história da cultura escrita e da leitura, e a dissertação de Leandro Coelho de Aguiar, *Cultura digital e fazer histórico: um estudo dos usos e apropriações das tecnologias digitais de informação e comunicação no ofício do historiador* (2012), em que reflete sobre a informatização e digitalização da Clio pela perspectiva da Ciência da Informação (LUCCHESI, 2014, p. 18).

Registre-se ainda a presença crescente de publicações acadêmicas em ambiente web que estão abrindo cada vez mais espaço para assuntos relacionados à história digital como a revista *Tempo & Argumento*¹², do Programa de Pós-Graduação de História (PPGH) da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), a *Revista Observatório*¹³, ligada ao Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (OPAJE) da

¹² Endereço eletrônico <http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/about>.

¹³ Endereço eletrônico <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/about>.

Universidade Federal de Tocantins (UFT), além da Revista Brasileira da História da Mídia¹⁴, publicação da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (ALCAR) e Federação Brasileira das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação (Socicom).

O historiador Dilton Maynard publicou em 2011 *Escritos sobre história e internet*, um livro de bolso, contendo quatro ensaios que tratam das “implicações provocadas pela emergência da Internet para aqueles que frequentam a Oficina da História” (MAYNARD, 2011, p. 9). Boschi (2010) tratou do uso das novas tecnologias na investigação histórica, por entender que “as novas tecnologias têm oferecido aos historiadores meios para que eles exerçam, cada vez mais, o domínio e o controle das e sobre as fontes”, uma vez que “o tratamento eletrônico da informação faculta aos estudiosos ganhos extraordinários e, em simultâneo, mudanças substanciais nos procedimentos de pesquisa e na organização dos dados” (BOSCHI, 2010, p. 67).

Segundo Juan Bresciano (2010), a partir da segunda metade do século XX até os nossos dias houve um crescimento tão significativo das fontes digitais, que tem afetado, inclusive, as formas de se relacionar com o texto impresso, processo que tem afetado o campo historiográfico. No entendimento de Bresciano (2010), a prática historiográfica ganha novas perspectivas com a internet, pois passa a considerar a possibilidade de novos olhares sobre o passado, embora ressalte algumas questões sobre os documentos digitais, tais como o acesso às fontes e as formas atuais de difusão massiva, a conservação de documentos que pela própria natureza do suporte web tendem a ser descartadas rapidamente, e o desenvolvimento de novos repositórios.

O historiador francês Roger Chartier, em seu livro *A história ou a leitura do tempo*, de 2009, trabalha a relação da história com a revolução digital e pondera sobre vários aspectos do processo recente, apontando para os efeitos desse novo processo no interior do campo historiográfico, os impactos da transformação no trabalho do pesquisador, no trabalho de produção do saber histórico, nas questões teóricas e metodológicas da digitalização na cultura, entre tantos outros pontos.

Sobre a textualidade eletrônica afetar de forma direta a recepção do discurso histórico, em seus clássicos elementos da prova do discurso histórico, citação, referência e nota, Chartier (2009) reconhece uma mutação epistemológica que transformou essas técnicas de provas e a validação do discurso do saber, já que “a textualidade eletrônica transforma a maneira de organizar os argumentos históricos, ou não, e os critérios que podem mobilizar um leitor para

¹⁴ Endereço eletrônico <http://www.ufrgs.br/alcar/publicacoes/revista>.

aceitá-las ou rejeitá-las” (CHARTIER, 2009, p. 59). Sobre o trabalho do pesquisador, o historiador destaca a probabilidade de poder desenvolver demonstrações segundo a lógica hipertextual, possibilitada pela internet, não linear, ou dedutiva “como é a que impõe a inscrição, seja qual for a técnica de texto em uma página”, pois a ferramenta permite “uma articulação aberta, fragmentada, relacional do raciocínio, tornada possível pela multiplicidade das ligações hipertextuais”, através dos links. Quanto ao leitor, ele poderá validar ou rejeitar essa dinâmica a partir da consulta de textos, imagens móveis ou fixas, áudio e vídeos, agora, as modalidades de prova, construção e validação do discurso do saber.

A pesquisadora em jornalismo online Thaís de Mendonça Jorge, com experiência no trabalho de construção da notícia, por ter atuado em grandes jornais do país, no livro *Mutação no jornalismo: como a notícia chega à internet*, lançado em 2013, resultado de sua tese, reflete sobre o processo de reconfiguração, na perspectiva de que a notícia na internet seria uma nova forma de adaptação do jornalismo às transformações da sociedade. Ela destaca a importância do hipertexto (HT) por possibilitar a elaboração das relações entre os conteúdos, além de sua apresentação de forma unificada no espaço eletrônico.

A teoria do HT mais conhecida no mundo acadêmico é a que provém dos estudos literários e se baseia nas possibilidades que se abrem para a literatura. Como um subgênero literário-textual, pode-se também aplicá-la ao jornalismo e à criação de produtos informativos. Essa teoria explica, sobretudo, as estratégias retóricas em que a nova narrativa deveria se desdobrar com a utilização da tecnologia, resultando numa estrutura narrativa multilinear ou multissequencial (JORGE, 2013, p.43).

A autora ressalta ainda que “o HT se apoia em esquemas de representações do conhecimento por associação e só pode ser utilizado, desfrutado, consumido por usuário que disponham de um microcomputador”, pois, “na junção de muitas peças ele se transforma num tecido formado por tramas e nós, que se entrelaçam para formar um novo conjunto, o *supertexto*” (JORGE, 2013, p. 44).

Observe-se ainda que o trabalho não se limita apenas ao estudo da mídia, mas principalmente da historicidade desse processo de mutação do jornalismo, no qual a notícia sai do impresso para o suporte web e o fazer jornalístico com e para a internet. Se parecem poucas as pesquisas da história recente da internet, menos ainda são as que envolvem essa transformação sociocultural, que atravessa a notícia no plano histórico, no tempo presente.

Para entender melhor o papel da mídia é importante situar e destacar o lugar dela na sociedade da qual faz parte, porque a história da imprensa mantém uma relação simbiótica com a história da sociedade capitalista e o controle da difusão da informação configura um embate

entre organizações, pessoas de todas as classes sociais, culturais e políticas, de acordo com seus interesses e aspirações. “Mas há ainda, um traço ostensivo, que comprova a estreita ligação entre o desenvolvimento da imprensa e o desenvolvimento da sociedade capitalista, aquele acompanhando a este numa ligação dialética e não simplesmente mecânica” (WERNECK SODRÉ, 1977, p. 1). As raízes históricas, portanto, explicam a ligação umbilical da imprensa com seus contextos econômico, histórico, social, político e cultural aos quais ela pertence. Para John B. Thompson (2004, p. 49), os modelos de comunicação e interação se transformam de maneira profunda e irreversível. Em função das inovações técnicas associadas à “codificação elétrica da informação, as formas simbólicas começaram a ser produzidas e reproduzidas e distribuídas numa escala sem precedentes”, transformando os modelos de comunicação e interação, de maneira profunda e irreversível, para o que ele denomina “mediação da cultura”.

Outro aspecto observado por Thompson (2004, p. 77) que merece destaque, por fazer parte do estilo de vida da sociedade contemporânea, é a interação social e a interação homem-máquina. Para ele, isso é decorrente do desenvolvimento de novos meios de comunicação que criam “novas formas de ação e de interação e novos tipos de relacionamentos sociais – formas que são bastante diferentes das que tinham prevalecido durante a maior parte da história humana”. É importante ressaltar que essa transformação dos meios de comunicação motivada pelo avanço das novas tecnologias resultou de um processo maior denominado de globalização.

Ao longo dos séculos, várias transformações foram sentidas após o surgimento da prensa de Gutenberg, no século XV. Depois dos jornais, o aparecimento do rádio, no início do século XX e a televisão, no final da primeira metade do mesmo século. Mas foi a partir da internet, no final do século XX, considerando o processo de globalização, que se delineou grande impacto de mudanças, cujas consequências ainda são desconhecidas. Para Thompson (2004, p. 135), um dos aspectos mais marcantes da comunicação no mundo moderno é sua abrangência cada vez mais global, porque “as mensagens são transmitidas, através de grandes distâncias com relativa facilidade, de tal maneira que indivíduos têm acesso à informação e comunicação provenientes de fontes distantes”; de forma quase instantânea, já que “a reordenação do espaço e do tempo provocada pelo desenvolvimento da mídia faz parte de um conjunto mais amplo de processos que transformaram (e ainda estão transformando) o mundo moderno”. O autor credita à globalização essas mudanças, bem como a interconexão entre as diferentes partes do mundo, que tornam o globo reduzido pela agilidade do fluxo de informações, em contextos de aproximação e afastamento de mercados, onde o local se aproxima do global, interagindo com outras culturas e costumes.

Durante séculos, a historiografia se utilizou de documentos especificamente de papel,

deparando-se nas últimas décadas com o documento digital, virtual, que provoca estranheza na sua materialidade. Diante da necessidade de se entender como isso ocorre, bem como os impactos que podem causar no trabalho do historiador, o uso das fontes digitais e, principalmente, como o conteúdo digital é recebido pelo leitor (internauta), entendemos que o uso de aporte teórico deve compreender autores das áreas de história, comunicação, jornalismo online e internet.

Na análise dos arquivos, tanto do impresso quanto do digital, tomamos o cuidado de observar que o discurso publicado num jornal na segunda metade da última década do século XX, apresenta diferença em relação aos da primeira década do século XXI, o que exige procedimentos da história oral, método utilizado para analisar e problematizar entrevistas e depoimentos tomados. Por outro lado, não se pode desprezar o fato de que o jornal é um meio de comunicação que produz um volume de registros consideráveis, sobre aspectos da vida cotidiana de uma sociedade. Nesse cenário, os impressos com interfaces da internet, ou os cibermeios, no caso, os de Dourados, contém, em suas seções, assuntos que abordam política, economia, cidades, artes e esportes, além das notícias nacionais e internacionais.

Embora sejam assuntos normalmente factuais, que trarão em seu discurso cunhos ideológicos, político-partidário, socioeconômico e histórico, e que se defenda a imparcialidade e a objetividade como princípios do bom jornalismo, não se pode esquecer que o aparato tecnológico ainda é produzido por sujeitos sociais, carregados de elementos que caracterizam suas posições e leituras sobre o mundo. Assim, ao analisar notícias como fontes, é necessário saber em que contexto foram redigidas, quem as escreveu, em que circunstâncias foram escritas, qual a ligação de quem escreveu, ou do veículo de comunicação com o fato noticiado, ou os envolvidos com ele. Dessa maneira, Cruz e Peixoto (2007) se reportam sobre documentos produzidos pela imprensa:

A objetividade do documento – aquele que fala por si mesmo – se contrapõe sua subjetividade – produto construído e pertencente a uma determinada história. Os documentos deixaram de ser considerados apenas o alicerce da construção histórica, sendo eles mesmos entendidos como parte dessa construção em todos os seus momentos e articulações. Passou a existir a preocupação em localizar o lugar de onde falam os autores dos documentos, em seus interesses, estratégias, intenções e técnicas. [...]. Nesse exercício, deve-se levar em conta os diferentes agentes sociais envolvidos na produção dos testemunhos, as movimentações explícitas ou implícitas nessa produção e a especificidade das diferentes linguagens e suportes através dos quais se expressam (CRUZ; PEIXOTO, 2007, pp. 254-255).

As autoras alertam, porém, que há uma questão central a ser enfrentada pelas análises e reflexões da historicidade da imprensa, que é a problematização das articulações no processo

de construção e consolidação do poder burguês nas sociedades contemporâneas, além das lutas pela hegemonia do capitalismo em diferentes momentos históricos. Cruz e Peixoto (2007, p. 257), entendem que “pensar a imprensa com essa perspectiva, implica, em primeiro lugar, torná-la uma força ativa da história do capitalismo e não mero depositário de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas”, conforme preconizou Robert Darnton (1996) no livro *A Revolução Impressa: A imprensa na França, 1775-1800*.

Para as historiadoras, pesquisar a imprensa significa trazer para cada conjuntura e problemática que se investiga, “os desdobramentos teóricos e metodológicos que ela encaminha, articulando a análise de qualquer publicação ou periódico ao campo de lutas sociais no interior do qual se constitui e atua”, já que, “nessa concepção propõe-se, no estudo da imprensa um deslocamento que nos conduza da história dos meios de comunicação para o campo social” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, pp. 254-255).

Outro aspecto que se deve observar, contudo, é a realidade atual do cenário da comunicação, que propicia à sociedade contemporânea navegar pelas informações intertextuais, onde a construção da narrativa, além de envolver elementos transmídia, transforma o consumidor do conteúdo em seu produtor; ou seja, copartícipe do processo de produção. Portanto, a construção de uma narrativa transmídia exige o desenvolvimento de estudos em que sejam revisadas as teorias de comunicação, válidas para os antigos meios e questionáveis para os digitais atuais (RENÓ, 2013), mas principalmente contemplem as linguagens e os conteúdos destes “novos” meios e suas linguagens.

Nesse sentido, Muniz Sodré (2010) observa que à medida que as tecnologias reconfiguram a escrita, com o leitor exercendo um papel mais ativo, alteram também o código de leitura, tornando-a transmidiática. Esse processo provocaria outra mudança ligada aos critérios de noticiabilidade e de conceituação, além da própria produção da notícia, que leva o autor a afirmar que, “nesse novo fluxo, começamos a ler e a ouvir de modo diferente. A pesquisa jornalística não pode passar ao largo dessa transformação” (MUNIZ SODRÉ, 2010, p.15).

Por outro lado, é importante destacar que o jornalismo em muitos momentos funcionou como fonte de pesquisas pela sua atividade social e de conhecimento, como observa Nilson Lage, quando destaca que o jornalismo descende da mais antiga e singela forma de conhecimento, independente da tecnologia de que se sirva para sua feitura e circulação. Nessa direção, Meditsch (1997) constrói um percurso teórico, apoiado em estudos de autores que associam o jornalismo ao conhecimento, que vão da abordagem de Robert Park, passando por William James, Walter Benjamin, Nilson Lage e Genro Filho. Nesse sentido os estudiosos devem:

[...] perceber a história como um processo complexo, no qual estão engendradas relações sociais, culturais, falas e não ditos, silêncios que dizem mais do que qualquer forma de expressão, e que na maioria das vezes não foram deixados para o futuro. Compete ao historiador perguntar pelos silêncios, identificar no que não foi dito uma razão de natureza muitas vezes política. Se esse é o parâmetro mais genérico a que podemos nos referir e que nos induz a considerar no trabalho de escritura da história, sempre, as categorias, tempo, espaço e grupos sociais, quando se fala particularmente de uma história da imprensa, há que se considerar a noção de sistema que é o cerne mesmo das relações comunicacionais. Assim, falar em história da imprensa é falar em processos comunicacionais e das intrincadas relações que se desenvolvem em torno desse sistema de comunicação (BARBOSA, 2004, pp. 3-4).

Nas proximidades e imbricações percebidas entre a comunicação e a história, as categorias tempo, espaço, lugar e processos históricos aparecem como pontos de ligação das teias que constroem a realidade, ou a tessitura de cada temporalidade configurada em cada nova tecnologia surgida no caminho da construção de suas historicidades.

1.2 História, Jornalismo e acontecimento: relações possíveis entre os impressos e cibermeios

Para Jacques Le Goff (2003, p. 12), “a matéria fundamental da história é o tempo” e a cronologia tem desempenhado papel de destaque “como fio condutor e ciência auxiliar da história”. Assim, na construção da representação social do papel da mídia, não se pode deixar de olhar para trás e perceber o caminho percorrido por ela, até aqui, e, como se deu essa trajetória. Por isso, ao se referir ao encontro do passado com o presente, o historiador francês observa que a construção da memória a partir “da experiência individual e coletiva tende a introduzir, junto destes quadros mensuráveis do tempo histórico a noção de duração, de tempo vivido, de tempos múltiplos e relativos, de tempos subjetivos ou simbólicos”, uma vez que o “tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e alimenta” (LE GOFF, 2003, p. 13).

O tempo é, seguramente, um dos fios do tear que ajudam a construir a tessitura desse estudo. Em vários momentos da pesquisa recorreremos ao tempo, quer pelas temporalidades da narrativa histórica, um viés do próprio processo histórico; quer pelas condições da produção da notícia, onde a relação tempo-espaço se faz presente, regendo e mediando o que é publicado, ou não, nos veículos de comunicação.

Para Norbert Elias (1998, p. 8), o tempo surge como uma espécie de guia humano, mesmo interpretado como resultado de uma construção social. Estaria mais próximo de um símbolo social, uma vez que o tempo “servia aos homens, essencialmente, como meio de orientação no universo social e como modo de regulação de sua coexistência”. Nas operações

históricas, o tempo costuma aparecer como balizador das experiências e fenômenos temporais das narrativas dos acontecimentos que constroem a história.

Barbosa (2017) propõe uma reflexão sobre a temporalidade que rege os meios de comunicação e compreenderia uma relação entre o tempo histórico e o tempo midiático, conjugado pela programação destes meios (jornais, televisão, rádio, cibermeios). De acordo Barbosa (2017, p. 19), “na confluência dos meios digitais o tempo perde sua espessura para se transformar em tempo fluxo. Constrói-se um presente estendido, no qual eventos se atualizam sem cessar e numa velocidade que ultrapassa os limites passíveis da medição”. Uma das rupturas produzidas pelos cibermeios é a relação tempo-espaço-lugar.

Os meios de comunicação de massa tradicionais, como lembra Rosseti (2017), apresentam uma temporalidade cronológica, mas nas mídias digitais, os fluxos temporais foram alterados. Para a filósofa, “essa visão espacial da realidade, escapa o tempo real que flui incessantemente em seu contínuo movimento”, isso, porque o tempo é pensado “nos moldes do espaço e, assim, concebe um tempo ilusório: o tempo cronológico, originado da confusão que inadvertidamente se faz entre tempo e espaço”. Ela reforça que a sociedade construída a partir das novas tecnologias e pautada pela pressa busca os resultados imediatos em suas ações e, por consequência, na perseguição da rapidez e da aceleração cada vez mais sentida nos processos comunicacionais, “a sociedade midiaticizada busca comprimir o tempo até o limite e acaba por recusar a condição temporal da existência” (ROSSETI, 2017, p.95), ou seja, a negação do tempo remete o homem à sua finitude.

A partir do conceito de Koselleck (2006) sobre temporalidade e sua relação com a historicidade, Matheus (2011, p. 54) observa que a experiência temporal pode se manifestar na linguagem, “o que dá oportunidade ao historiador de investigar a experiência a partir dela ou imaginar circuitos comunicacionais nos quais se geraram sentidos para o jornalismo em diferentes momentos”, uma vez que os meios de comunicação de todas as plataformas e suportes (rádio, televisão, impresso – jornais e revistas – e online) costumam ser regidos por tempos e temporalidades próprias do jornalismo.

A organização da história, contudo, não pode prescindir das técnicas de produção da sociedade (CERTEAU, 2015), cujos instrumentos constroem o sentido de espaço, tempo e lugar que dão autenticidade à operação histórica. Ao referirmo-nos ao tempo como categoria dos procedimentos metodológicos utilizados na construção desta pesquisa, recorreremos aos bytes emergentes da história digital, a contemporaneidade da história do tempo presente, da história imediata, além dos conceitos e técnicas do próprio jornalismo, ciberjornalismo e suas nuances, na construção do discurso jornalístico; aproximações entre história e comunicação

possibilitadas, principalmente, pela interdisciplinaridade advinda dos *Annales*¹⁵.

Por outro lado, Walter Benjamin (1994) destaca que a história se constitui num objeto de construção de um lugar, onde o tempo não é necessariamente homogêneo, nem vazio, mas um tempo saturado de “agoras”. Partimos da premissa de que a metodologia da história abrange o conhecimento e o aprofundamento de certos aspectos de determinada realidade, por exemplo, os padrões culturais, as estruturas sociais, os processos históricos e os laços do cotidiano de uma sociedade. Por isso recorreremos não apenas aos métodos tradicionais da história, mas utilizamos também outras ciências sociais, principalmente as aplicadas, uma vez que nesse aspecto, Luca (2010, p. 112) ressalta que os aportes analíticos provenientes de “outras ciências humanas, como a sociologia, a psicanálise, a antropologia, a linguística e a semiótica, ao mesmo tempo em que incentivam a interdisciplinaridade, trazem importantes contribuições metodológicas”.

Na construção deste estudo, a história oral está bem presente, já que precisamos recuperar recortes temporais que nem sempre encontramos nos arquivos digitais; por exemplo, os primeiros registros de matérias publicadas pelos veículos no início do ciberjornalismo, ou a própria construção histórica de cada órgão pesquisado. Portanto, há que se levar em conta que muito dos relatos obtidos a partir de fontes orais estão relacionados a fatos não registrados por outros tipos de documentos. Nesse aspecto a história oral, como parte integrante do aporte teórico referencial, “registra a história viva, as emoções, as paixões, o olhar, a perspectiva peculiar e os sentimentos de indivíduos das mais diversas origens socioculturais”, além de permitir a realização da análise qualitativa, “resgatando a importância das experiências individuais, deslocando o interesse das estruturas sociais para as redes, dos sistemas de posições definidas para situações do vivido, das regras e normas coletivas para situações subjetivas e singulares” (CASSAB; RUSCHEINSK, 2004, p. 11).

Para Demartini (1992), a dialética entre dois tipos de registros – o escrito e o oral – vai persistir durante a pesquisa, e é natural que seja assim; portanto, ele sugere que o pesquisador

¹⁵ A Escola dos *Annales* foi um movimento que reuniu um grupo de historiadores em torno da publicação da Revista *Annales d'histoire économique et sociale*, em 1929, cujo projeto visava combater a história que prevalecia naquele momento, ou seja a história geral, oficial. Burke (1992) divide os *Annales* em três fases, ou, gerações. A primeira fase, de 1920 a 1945, caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional, a história política e a história dos eventos. Teve como líderes Marc Bloch e Lucien Febvre. Depois da Segunda Guerra Mundial, os “rebeldes” apoderaram-se do *establishment* histórico. A segunda fase é a que mais se aproxima verdadeiramente de uma “escola”, com conceitos diferentes e novos métodos, foi dominada pela presença de Fernand Braudel. A terceira fase se inicia por volta de 1968. Marcada pela fragmentação, tem como líderes Le Goff e o próprio Burke, entre outros. O movimento dos *Annales* além de ter possibilitado o surgimento da nova história, novos problemas, novas abordagens, em que pese as contradições e críticas enfrentadas, ampliou os horizontes da historiografia, possibilitando inclusive, estudos como este. (BURKE,1992).

atente para as imagens registradas em sua mente durante o estudo para estabelecer a ligação entre a informação particular e o contexto. Por outro lado, a observação de aspectos éticos deve permear a mente do pesquisador durante todo o percurso da pesquisa. Conforme Amado (1997), é fundamental a clareza de conceitos e da metodologia utilizadas, bem como o respeito profissional e pessoal a todas as fontes de informações e aos indivíduos ouvidos na pesquisa para que o trabalho resulte numa amostra bem próxima da realidade.

O movimento de aproximação entre história e comunicação, na perspectiva do tempo presente foi sendo construído ao longo do movimento dos *Annales*, quando o acontecimento foi deslocado do centro da narrativa histórica para privilegiar a história das estruturas. Ao problematizar o lugar temporal do acontecimento, inclusive, destacando o papel da imprensa nesse processo, Nora (1988) encontra espaço para o acontecimento na sociedade contemporânea ao afirmar que “hoje, quando toda a historiografia conquistou sua modernidade a partir do apagamento do acontecimento, a negação de sua importância e sua dissolução, o acontecimento nos volta”. Mas agora, de outra forma, “outro acontecimento, e com ele, a possibilidade mesma de uma história propriamente contemporânea” (NORA, 1988, p. 192).

Ao trabalhar o movimento de aproximação da imprensa com a história imediata, Lacouture (2001) avaliou que, apesar de “um pouco provocadora, vulgarizada no início dos anos sessenta”, a história imediata tornou-se usual ao não tender “apenas a encurtar os prazos de vida entre as sociedades e sua primeira tentativa de interpretação, mas também dar a palavra aos que foram atores da história”. Para ele, a história não representaria apenas a pressa de sua repercussão, mas a função de “se elaborar a partir desses arquivos vivos que são os homens”. Embora reconheça algumas fragilidades no método, o autor alerta sobre os cuidados que o historiador deve ter com a operação histórica, entre eles, “verificação, delimitação, exclusão, seleção, e supõe a intervenção de um mínimo de meios técnicos de mediação, caneta, papel, cola, pastas, documentos”. Por fim, destaca que “não é por acaso que o veículo e o lugar privilegiado da ‘história imediata’ assumiu a denominação global de meios de comunicação de massa. Estranha imediação, que se baseia no recurso aos meios...” (LACOUTURE, 2001, p. 217).

Chauveau e Tétard (1999) também problematizam o uso da metodologia triangulada: história do presente, história próxima e história imediata, ao questionarem onde se situariam aspectos como a verdade histórica, a responsabilidade da emergência e os jogos e contextos ideológicos e históricos nesse fazer imediato da história. Os autores reconhecem, entretanto, que “apesar de sua imperfeição, de sua inexatidão virtual, a história imediata tem uma função social. Ela é o complemento da história do presente, ambas formam um todo”, já que no

entendimento dos autores, “as duas são vetores de legitimidade do presente para um público ampliado e solicitante: a história do imediato, como a história do presente respondem a essa demanda. Entretanto, essa constatação não se deve prestar a confusões” (CHAUVEAU; TÉTARD, 1999, p. 27). Além de a história manter proximidade e convergência com a comunicação pelas razões já expostas, não haveria exagero em dizer que elas estão agora, mais juntas, em função das tecnologias - nos referimos as NTICs - e consequente convergência tecnológica e cultural (JENKINS, 2013) que fez as duas áreas de conhecimento desembocar na web.

Embora o jornalismo feito para e com a ajuda da internet esteja em funcionamento há mais de duas décadas, ainda não há unanimidade entre estudiosos do assunto sobre a nomenclatura para melhor definir esse gênero jornalístico. A terminologia varia de jornalismo online, jornalismo digital, jornalismo eletrônico, passando por webjornalismo, até chegar ao ciberjornalismo. Mielniczuk (2003, p. 43) entende que o termo “online” apresenta ligação com o tempo real, com “o fluxo de informação contínuo e quase instantâneo”, porque “as possibilidades de acesso e transferência de dados online utilizam-se, na maioria dos casos, de tecnologia digital”, embora “nem tudo o que é digital é online” (ROCHA, 2014).

O conceito de jornalismo digital é desenvolvido por Kawamoto (2003), por entender que esse jornalismo envolve o uso das tecnologias digitais na pesquisa, produção e distribuição de notícias e informações na internet. Mas o autor alerta para a constante atualização do termo, devido ao permanente avanço tecnológico que acaba promovendo outras mudanças no jornalismo como instituição. Já para Mielniczuk (2003), o termo webjornalismo é voltado para “uma parte específica da internet, que disponibiliza interfaces gráficas de uma forma bastante amigável”. Ela observa, todavia, que a internet envolve recursos e processos mais amplos que a própria web, embora o público em geral não tenha uma percepção do ocorrido.

Nesse contexto, Briggs (2007) é enfático ao estabelecer as diferenças entre os termos internet e web, pois a internet estaria relacionada à rede de computadores conectados que trocam informações; já *world wide web* trata do acesso à informação, através da internet, usando o *hypertext transfer protocol* (HTTP) e os navegadores da web. Não envolve outros recursos, como e-mails, mensagem instantânea e transferência de arquivo.

Para ampliar nosso entendimento do melhor conceito a expressar o jornalismo produzido pela e com a ajuda do ciberespaço, optamos pela utilização do referencial de nomenclatura elaborado por Mielniczuk (2003) para ilustrar a variação de termos utilizados para o jornalismo produzido pelos cibermeios, conforme Quadro 1.

Quadro 1: Resumo de definições das práticas do jornalismo na internet

Nomenclatura	Definição
Jornalismo eletrônico	Utiliza equipamentos e recursos eletrônicos
Jornalismo Digital ou Jornalismo Multimídia	Emprega tecnologia digital, todo e qualquer procedimento que implica no tratamento de dados em forma de <i>bits</i>
Ciberjornalismo	Envolve tecnologias que utilizam o ciberespaço
Jornalismo <i>Online</i>	É desenvolvido, utilizando-se tecnologias de transmissão de dados em rede e em tempo real
Webjornalismo	Diz respeito à utilização de uma parte específica da Internet, que é a <i>web</i>

Fonte: Mielniczuk (2003, p. 44, com adaptação).

Na visão de João Canavilhas (2001), a nomenclatura supracitada que se relaciona às práticas jornalísticas tem relação direta com o respectivo suporte técnico. Assim, o impresso produziu o jornalismo; o rádio, o radiojornalismo; e a TV, o telejornalismo. E por analogia, a internet cria o ciberjornalismo, terminologia que caracteriza o jornalismo produzido para ambiente web, plataforma que reúne todas as mídias e cujas transformações vão proporcionar uma nova linguagem (ROCHA, 2014). Quando se trata da especificidade de cada veículo de comunicação, com suas características e particularidades que o identificam e o tornam distintos em seus suportes e plataformas como o rádio, a televisão e o jornal, Mielniczuk (2003) segue a orientação de Canavilhas (2001) ao aceitar o conceito de ciberjornalismo como melhor opção para definir o jornalismo produzido pela internet.

Entendemos que entre os conceitos expostos, o ciberjornalismo é o que melhor se adequa à tese, porque tem maior abrangência sobre a terminologia que trata da questão. Compreendemos ser a nomenclatura mais adequada para abordar os aparatos que estão ligados não apenas à internet, mas principalmente à plataforma web e suas possibilidades narrativas, no caso, os cibermeios. Bastos (2005) observa que, de maneira geral, o ciberjornalismo é o jornalismo cujo conteúdo deve ser produzido por profissionais que devem ter ligação exclusiva com as publicações na web. Ele percebe o ciberjornalismo como um gênero jornalístico diferente dos outros, por causa da tecnologia que lhe caracteriza e identifica que expande os limites do jornalismo tradicional, uma vez que, seus leitores, por estarem em rede, podem interagir com a notícia e entre eles, ao compartilhá-la, por exemplo. Outro aspecto considerado importante nessa composição é a propriedade que o gênero tem de oferecer ao leitor-internauta o poder de acrescentar novas informações ao assunto noticiado, com opiniões, links, mapas de

navegação.

O pesquisador português em ciberjornalismo Fernando Zamith (2011), a partir de conceitos propostos por Canavilhas (2001), Salaverría (2005), Díaz Noci e Salaverría (2003) e Pavlik (2001), valida o termo ciberjornalismo como o mais adequado para o jornalismo produzido pelos cibermeios, porque embora no começo tenham sido registradas algumas hesitações, hoje em dia, contudo, há um consenso de que as características distintivas da internet justificam a existência de um novo tipo de jornalismo.

Ramón Salaverría (2005), pesquisador espanhol de ciberjornalismo, amplia as considerações sobre o assunto, ao afirmar que o conceito ciberjornalismo além de se constituir numa nova maneira de fazer jornalismo, se transformou numa nova modalidade profissional. Esse novo jornalismo tem a capacidade de alterar os três processos básicos da produção da notícia: apuração, produção e difusão, por se tratar da especialidade do jornalismo que utiliza o ciberespaço na elaboração e circulação do conteúdo jornalístico. A alteração é provocada, basicamente, pelo surgimento da internet, e, conseqüentemente, das redes interativas, que permitem acessos aos bancos de dados, disponibilizados por estas ferramentas. É importante destacar a observação de Salaverría (2005), no que se refere à narrativa textual, quando lembra que, ao ser produzido por meio digital, para ter maior aproveitamento das possibilidades comunicativas e expressivas da internet, o ciberjornalismo contempla todas as capacidades jornalísticas existentes anteriormente, ou seja, texto, imagens, gráficos, animação, áudio, vídeo, distribuição em tempo real, em função dos novos suportes tecnológicos (ROCHA, 2014).

Quando Salaverría ressalta a propriedade do ciberjornalismo contemplar as formas de jornalismo anteriores está se referindo à capacidade do ciberjornalismo se conformar com as outras formas de jornalismo tradicionais, já apresentadas, como o impresso, o rádio e a televisão. Podemos dizer que o rádio, embora tenha perdido bastante espaço junto ao público, principalmente junto aos anunciantes, depois do surgimento da televisão e tantas transformações sofridas, encontra na internet um espaço capaz de continuar efetivo, tamanha a variedade dos meios que convivem no ciberespaço.

Para melhor entendermos essas imbricações midiáticas nos parece pertinente observar a divisão de eras culturais apresentadas por Santaella (2003), quando a defesa de McLuhan de que os meios são extensões do homem parece mais atual do que nunca. Santaella (2003, p. 24) propõe seis tipos de formação para dividir as eras culturais: “a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital”, embora ressalve que “essas divisões estão pautadas na convicção de que os meios de comunicação, desde o aparelho fonador até as redes digitais atuais, não passam de meros canais para a transmissão da

informação”, ou seja, os canais são, apenas, o elo entre o emissor e o receptor.

A autora faz outra interessante e importante advertência: as transformações culturais não acontecem apenas devido às novas tecnologias e os novos meios de comunicação e cultura, mas principalmente, porque cada tipo de signo que circula nos meios, bem como “os tipos de mensagens e processos de comunicação que neles se engendram os verdadeiros responsáveis não só por moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também por propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais”. Embora a proliferação midiática advinda dos meios promova a circulação de mensagens que tendem para a segmentação e diversificação, e a hibridização das mensagens seja uma consequência da mistura desses meios, a autora enxerga os efeitos da tese de McLuhan como consequência da inteligência coletiva e a interação homem-máquina.

A cibercultura, tanto quanto quaisquer outros tipos de cultura, são criaturas humanas. Não há uma separação entre uma forma de cultura e o ser humano. Nós somos essas culturas. Elas moldam nossa sensibilidade e nossa mente, muito especialmente as tecnologias digitais, computacionais, que são tecnologias da inteligência, conforme foi muito bem desenvolvido por Lévy e De Kerckhove. Por isso mesmo, são tecnologias autoevolutivas, pois as máquinas estão ficando cada vez mais inteligentes. Mas, tanto quanto posso ver, não há porque desenvolver medos apocalípticos a respeito disso. As máquinas vão ficar cada vez mais parecidas com o ser humano, e não o contrário. É nessa direção que caminham as pesquisas atuais em computação. Mas, ao mesmo tempo, também não se trata de desenvolver ideologias salvacionistas a respeito das tecnologias. Se elas são crias nossas, inevitavelmente carregam dentro de si nossas contradições e paradoxos (SANTAELLA, 2003, p. 30).

É nesse cenário ciberespacial da cibercultura, de conexões e distensões, tensões de aproximações e afastamentos, que se encontram os meios de comunicação de massa, atualmente, disputando espaço e construindo novas narrativas capazes de seduzir seu público. Por estas sensibilidades e suscetibilidades, citadas por Santaella, contudo, se concentram e se criam imbricações e pontos de convergências na disputa pela audiência.

Cabe observar ainda alguns aspectos do jornalismo que transita nesse ciberespaço, seja pelo impresso, pelo rádio ou pela televisão. Afinal que tipo de jornalismo seria esse? Deveria manter as características originais do seu meio, ainda que veiculado agora, em outro ambiente?

Para Del Bianco (2004), o jornalismo online tem uma práxis própria, caracterizada não só pela tecnologia digital e seu conteúdo em rede, mas por ser uma comunicação de “muitos para muitos”. E a práxis é caracterizada pela presença de elementos particulares à tecnologia digital e à internet como recursos multimídia, fotos, gráficos, ilustrações, animações, áudio e imagens de vídeos, além de links hipertextuais, arquivos de som e imagens, canais de interatividade. A pesquisadora se refere às potencialidades do ciberjornalismo definidas por

Bardoal & Deuze (2001), Palacios (2003), que são hipertextualidade, multimídia, interatividade, instantaneidade, memória e personalização.

Esses elementos presentes no ciberjornalismo e produzidos, seja pelo impresso, pelo rádio e televisão, dentro do ciberespaço vão interagir da mesma forma com o internauta; porque para Bianco (2004, p. 23), o tradicional pode remodelar seus produtos a partir dos valores inerentes ao digital, ao “mesmo tempo em que o digital apropria-se de traços do tradicional a partir da perspectiva da imediatividade em tempo real e da hipermídia”. De acordo com a autora, há uma influência mútua entre o tradicional e o moderno, marcada por um processo de interação, caracterizado pela sinergia, convivência, coexistência e convergência, que seguem os princípios da midiamorfose (FIDLER, 1997).

O conceito de Roger Fidler, a midiamorfose, aborda a transformação dos meios de comunicação numa determinada sociedade. Para o autor, os novos meios, como os cibermeios, por exemplo, não surgem de maneira espontânea, nem muito menos, independente. Eles vão se criando de forma gradual, se metaforizando, dos velhos para os novos media. Nesse processo, quando atingem certo estágio, os velhos modelos não desaparecem completamente, porque há uma superposição de modelos, com a predominância do novo, sem que o velho desapareça completamente.

No nosso entendimento, isso ocorre com os cibermeios e, no caso específico, com os de Dourados, além de percebermos certa demora na exploração completa das potencialidades oferecidas pela internet, há uma assimilação gradual dessas mudanças, possibilitadas pela fluidez do ciberespaço. Porém, eles não deixam de ser jornais, pois operam com estrutura de jornal e a linguagem de jornal, mediada pelas tecnologias disponíveis.

De acordo com Lage (1985), ao dissecar sobre a estrutura da notícia, a linguagem compreende um sistema de sinais que se sobrepõem à experiência e ao espaço de organização do mundo, ou seja, a cultura. A nossa percepção é de que a notícia será sempre notícia, regida por princípios como a novidade, a curiosidade humana sobre algo, ou, sobre os próprios humanos, regras que a classificam teoricamente. O que pode mudar através da tecnologia são as formas de produção e veiculação. E isso vai depender dos contextos culturais sociais e econômicos.

Mas, afinal, qual seria o conceito sobre acontecimento? A quem interessa e por quê? E quando ele ocorre? Para Didier Alexandre (2004, p. 179 *apud* DOSSE, 2013, p. 8), “O acontecimento pode ser um fenômeno natural, catastrófico ou ínfimo, ou um fenômeno socio-histórico, que afeta a coletividade”. E, enquanto o sujeito não tiver a compreensão do que aconteceu, será apenas um fenômeno.

Miquel Alsina (2009), teórico espanhol da comunicação de massa, em sua obra, *A construção da notícia*, faz interessante discussão sobre o acontecimento. Ele tem entendimento semelhante ao de Didier sobre o acontecimento, como fenômeno social e histórico, que sofre, contudo, a influência do contexto cultural, já que “cada sistema cultural vai concretizar quais são os fenômenos que merecem ser considerados como acontecimentos e quais passam despercebidos” (ALSINA, 2009, p. 115). O autor ainda indica que na determinação dos acontecimentos, há um processo de intertextualidade, pois “o acontecimento é resultado da brutal coexistência de um fato com outros fatos, antes isolados uns dentro dos outros através da informação” (LEMPEN, 1980, p. 50 *apud* ALSINA, 2009, p.115).

Neste momento é pertinente apresentar outras proximidades e imbricações entre história e comunicação para retomar o acontecimento, ou novos diálogos a respeito do conceito em outras dimensões e/ou reconfigurações.

Tem crescido o número de estudos científicos que trabalham as aproximações da história com a comunicação, o que caracteriza uma tendência ao viés de pesquisas que envolvem as aproximações e diferenças das duas áreas do conhecimento, na produção do saber. O historiador espanhol radicado no Brasil, Maximiliano Vicente, mostra esse movimento ao analisar dois veículos de comunicação: a revista *Veja*, no Brasil e o jornal *Le Monde Diplomatique*, na França. Ele aborda a visão dada pelos veículos ao episódio de 11 de setembro de 2001: o ataque terrorista às torres gêmeas de Nova Iorque, nos Estados Unidos.

Vicente (2009, p. 10), evidencia “a comunicação e a história como duas áreas voltadas para a transformação social como ferramentas de desconstrução de discursos, ideias e versões”, mas que a conexão delas é marcada por “uma relação de afinidade e de conflito”. Ancorado no pensamento de Burke & Briggs (2004), de que tanto historiadores como comunicólogos devem respeitar mutuamente suas produções e buscar os fatores convergentes, assinala:

Os historiadores alimentam a ideia da superficialidade realizada pelos comunicólogos nas suas análises. Eles apresentariam os fatos de maneira rápida, descontextualizada, sem reflexões ou criticidade. Já os comunicólogos se sentem incomodados com a falta de atualização e preocupação dos historiadores com os episódios recentes. O passado seria o campo preferencial no qual a história procura encontrar seu sentido e fundamentar suas afirmações. Assim, excluindo o presente, a história teria pouca utilidade para a comunicação mais voltada para a atualidade (VICENTE, 2009, p. 16).

Ao problematizar as nuances e diferenças cronológicas ou mesmo as concepções teóricas de cada área, o autor busca na teoria de campo social de Bourdieu (1978) o argumento para justificar as disputas que surgem nesse espaço, em que cada grupo tenta construir seus valores.

A nossa compreensão sobre distanciamentos e proximidades entre história e comunicação, ou mesmo com o jornalismo, remete principalmente ao *modus operandi* de cada campo de conhecimento, além das especificidades que cada área lança sobre o que parece ser a sua matéria prima. A matéria prima do jornalismo, por exemplo, é o acontecimento, o fato ou evento. Enfim, a informação bruta, propriamente dita, cuja narrativa é conhecida a partir da construção da notícia sobre o ocorrido.

No jornalismo há uma série de processos teórico-procedimentais, que vão ser considerados na escolha do que será notícia. Desde o critério que o repórter usou para construir sua narrativa, no local do evento, até as questões de noticiabilidade, passando pela ação de *gatekeeper* dos editores, na redação. Para Tuchman (1978), a notícia está em processo de definição e redefinição dos fenômenos sociais. A assertiva nos leva a pensar que, do ponto de vista simbólico, a notícia está em constante reconstrução e, nesse movimento, Alsina (2009) contradita a teoria do espelho, de que a mídia espelharia a sociedade em que está inserida, e defende que ela ajuda a construir a realidade social a partir do discurso jornalístico sobre os acontecimentos.

Embora a comunicação tenha na informação, ou no acontecimento, a sua matéria prima para dar origem à notícia, a história tem no tempo a sua matéria prima, conforme nos aponta Le Goff (2003). Talvez esteja aí, a primeira diferença observada pelos dois campos de conhecimento. Enquanto a comunicação, pela premência do tempo na publicação de um acontecimento, tem a agilidade como fator determinante na circulação da notícia, apesar de bem menor pela presença da internet, a história faz um movimento contrário de distensão do tempo para entender o acontecimento. É como se a imprensa fizesse um *zoom* para ver bem de perto o ocorrido e a história abrisse a lente para enxergar mais detalhes ao redor, ou a intertextualidade, a coexistência de outros eventos interconectados ao evento maior.

Esse aspecto é interessante, porque a imprensa registra o acontecimento, no momento em que ele ocorre, ou seja, processa a informação na duração do acontecido, sob a pressão da pressa de publicar, correndo o risco e as incertezas da precisão, porque tem que informar sob o calor dos fatos, sobretudo após o advento da internet. Já a história não teria a mesma pressa no processo de análise dos fatos. Ela trabalha em outra dimensão temporal a informação, além de operar de outra forma o conceito acontecimento. Vicente (2009) nos ajuda entender a questão ao estabelecer a diferença entre o acontecimento histórico e o acontecimento comunicacional.

Existe uma clara diferença entre o acontecimento tal como é entendido e abordado pela historiografia tradicional e pelos meios de comunicação. Entretanto, ambos aceitam que o acontecimento deriva do fato entendido como o episódio desencadeador

de mudanças no status quo da sociedade. Para que passe a ter destaque, deve se encaixar dentro de um processo social no qual se atribui, ou não, relevância, uma vez que interfere nas relações sociais. O acontecimento existe em função do relato feito dele. Justamente na construção desse relato, a história e a comunicação se encontram, pois criam versões de suas especificidades. Para a história, o resgate do acontecimento implica a possibilidade de se exercitar a cientificidade manifesta na elaboração de explicações úteis para a compreensão das estruturas e das mudanças. Tal procedimento facilitará o entendimento do tempo presente e do mundo no qual o historiador se situa (VICENTE, 2009, pp 43-44).

Lucien Febvre e, depois, Fernand Braudel, passariam a dar destaque à história das estruturas por entendimento formado do acontecimento como uma superficialidade. Assim, passou a existir uma espécie de disputa entre os historiadores que, como Braudel, entendiam que as estruturas deveriam ser mais consideradas que os acontecimentos. Para fugir dessa armadilha que propõe um confronto entre narradores e analíticos, Burke (1992, p. 333) propõe uma crítica a ambos os lados, por entender que pode parecer ser simples distinguir os acontecimentos das estruturas, o que não se vislumbra como uma questão fácil:

Tendemos a utilizar o termo “acontecimento” de uma maneira muito vaga, referindo-nos, não somente a eventos que duraram poucas horas, como a batalha de Waterloo, mas também a ocorrências como a Revolução Francesa, um processo desenrolado durante vários anos. Pode ser fácil empregar os termos “acontecimento” e “estrutura” para se referir aos dois extremos de todo um espectro de possibilidades, mas não deveríamos esquecer a existência do centro do espectro. (...) Devido a essa imprecisão de definição, deveríamos fazer o que Mark Phillips sugeriu e “pensar nas variedades de modos de narrativa e de não-narrativa, existentes ao longo de uma série contínua”. Também não deveríamos nos esquecer de questionar a relação entre acontecimentos e estruturas. Trabalhando nesta aérea central, pode ser possível ir além das duas posições opostas para alcançar uma síntese. (BURKE, 1992, p. 333-334).

Sem dúvida, o acontecimento está em discussão, de uma forma ou de outra na vida do historiador e na história. Da mesma forma ele aparece na comunicação. Por isso, podemos dizer que o acontecimento aparece como um dos elos de aproximação entre a história e a comunicação, ainda, que em temporalidades e concepções diferentes.

Além da pesquisa de Vicente (2009), Dornelles e Costa (2012) seguem a tendência de perceber o acontecimento no movimento de aproximação da história com a comunicação. Os autores abordam a relação entre jornalismo e história, partindo da hipótese “de que a cobertura jornalística de grandes acontecimentos pode ser considerada como uma forma de fazer história (Nora, 1976)”. A exemplo do trabalho de Vicente (2009), o trabalho deles apresenta uma preocupação de evidenciar a historicidade do jornalismo. Os autores consideram importante o diálogo entre as duas ciências, na “perspectiva de que uma maior aproximação entre o jornalismo e a história poderá, ao contrário de circunscrever essas áreas, propor uma ampliação na busca de uma complementaridade pertinente a ambas as áreas” (DORNELLES; COSTA,

2012, p. 10).

Com base no entendimento de Nora (1972) sobre o controle do acontecimento pelas sociedades, por intermédio da mídia, Alsina (2009) afirma que esse domínio envolve, além da relação tempo-espaço, a luta pelo poder político. Por outro lado, há que se ressaltar que na percepção sobre representação, quem confere sentido ao acontecimento é o sujeito observador, uma vez que “os acontecimentos estariam sendo formados por aqueles elementos externos ao sujeito, a partir dos quais, ele mesmo reconhecerá e constituirá o acontecimento” (ALSINA, 2009, p. 112).

O que se percebe é que na comunicação o acontecimento tem presença garantida independente da sua conotação ou historicização, sendo determinante na relação tempo-espaço que vai ocupar no noticiário, enquanto que na história, ele aparece e desaparece, dependendo da escola histórica. François Dosse (2013) dedicou um estudo sobre o acontecimento desde o século XV até atualidade. Ao recorrer ao dicionário para explicar a sua significação, inicialmente ligada ao evento (*événement*), observou que a origem vem do latim “*evenire* que significa sair, obter resultado, se produzir, ocorrer, significando, portanto, um advento” (DOSSE, 2013, p. 2).

Na discussão sobre a semântica dos tempos históricos proposta por Koselleck (2015), o acontecimento surge como evento usado na dinâmica da narrativa, enquanto a estrutura é apenas descrita. Já Pierre Villar (1988), liga o acontecimento a uma particularidade histórica, enquanto Nora (1988) traz de volta o fato e credita aos comunicólogos “o reaparecimento do monopólio da história”, a presença do acontecimento. Nora (1988) desenvolve um pensamento no qual os meios de comunicação ganham importância porque divulgam os acontecimentos, que por sua vez, não teriam tanta importância se não fossem divulgados pela mídia, que ao dar conhecimento do ocorrido, transforma essa ocorrência em acontecimento. Paul Veyne (2014) se refere ao acontecimento como um fato que vai ser transformado em evento na narrativa sobre ele, sendo impossível, porém, que exista uma ciência dos acontecimentos humanos, já que o que se conhece deles são sempre vestígios, fragmentos, que chegam até o historiador por meio dos registros, vestígios de que dispõe sobre o passado. Outro argumento é de que os acontecimentos humanos não se repetem. Mesmo que dois acontecimentos sejam semelhantes, cada um deles tem que ser explicado individualmente, com suas características e especificidades.

A partir do exposto, podemos perceber que o acontecimento, de um modo ou de outro, está sempre à espreita, seja na comunicação, ou na história. Em que pese algumas correntes de pensamento tentarem afastá-lo da história, recorrentemente volta à cena ou às narrativas, como

parte do processo de historicização da própria história. Na aproximação da comunicação com a história, parece que o acontecimento tem lugar assegurado na configuração dialética, na construção do conhecimento, seja pelas formas de narrativas, seja pelas reconfigurações simbólicas das temporalidades estabelecidas pela história.

1.3 Do impresso ao online: a produção da notícia e as temporalidades do jornalismo

O avanço das NTICs, assim como da internet têm provocado uma revolução no comportamento das sociedades contemporâneas. Para o bem ou para o mal, a internet é um processo sem volta que vem proporcionando profundas e diversificadas transformações nas sociedades a partir do final do século XX. Um dos setores mais afetados pelas mudanças, sem dúvida, é a comunicação. Aqui nos referimos às práticas jornalísticas que, para Alsina (2009), resulta na construção do discurso jornalístico: produção, circulação e consumo ou reconhecimento.

Nesse sentido, a internet tem papel de destaque, a exemplo da informática. A partir dos anos de 1990 esses fatores têm promovido vendavais na forma de fazer jornalismo. As redações dos veículos de comunicação do Brasil e do mundo migraram para o ciberespaço, alterando a produção de notícias.

Embora os estudiosos da mídia e do comportamento humano ainda não saibam precisar a consequência dos impactos que esse processo pode causar às sociedades, alguns já sinalizam sua preocupação. Para John B. Thompson (2004), os impactos promovidos pela internet deixam o mundo mais vulnerável às interferências do homem, enquanto Martín-Barbero (2012) ressalta que as transformações alteram o sentido de lugar no mundo, em função da percepção da relação tempo-lugar-espaço. A rapidez com que ocorre o processo de comunicação atualmente está ligada diretamente à ação da internet, que para Castells (2012) se encontra no centro do processo pelo seu protagonismo, se transforma no coração do novo paradigma sócio tecnológico.

Para o sociólogo espanhol, a internet como tecnologia dinâmica e rápida tem características que permitem adequação às diversidades do complexo universo da comunicação no terceiro milênio. É a partir dela que surgem conceitos e ambientes por onde vão fluir as redes comunicacionais que desaguam no ciberespaço, resultante da convergência tecnológica, midiática e de culturas (JENKINS, 2013).

Ressalta-se, todavia, que veículos de comunicação ao longo de suas trajetórias sofreram modificações promovidas por transformações tecnológicas advindas das mudanças sofridas pela própria sociedade, principalmente, para atender as demandas do capitalismo, como observa

Sodré (1977), que associa a imprensa diretamente ao capitalismo. Habermas (1980) via motivações mercantilistas na informação, desde seu início, estágio inicial dos periódicos, época em que jornais impressos eram empresas domésticas e artesanais e o lucro dava apenas para a subsistência. As notícias se relacionavam à economia, agricultura, vida social e assuntos internacionais, primeiras atividades capitalistas. Historicamente, o desenvolvimento da imprensa esteve relacionado à industrialização da sociedade e a forma do seu financiamento, a publicidade.

O jornalismo transformou-se num negócio com um número crescente de proprietários que começaram a publicar jornais com o intuito de ter lucros e o objetivo central seria a expansão da circulação. A emergência do jornalismo com os seus próprios “padrões de performance e inteligência moral” tornou-se possível com a crescente independência econômica dos jornais em relação aos subsídios políticos, método dominante de financiamento da imprensa no início do século XIX. As novas formas de financiamento da imprensa, as receitas de publicidade e dos crescentes rendimentos das vendas dos jornais, permitiram a despolitização da imprensa, passo fundamental na instalação do paradigma do jornalismo: o jornalismo como informação e não propaganda, isto é, um jornalismo que privilegia os fatos e não a opinião. Com as novas formas de financiamento, a imprensa conquista uma maior independência em relação aos partidos políticos, principal fonte de receita dos jornais ainda no século XIX (TRAQUINA, 2005, p. 36).

Esse movimento descrito por Traquina (2005, p. 34) o faz afirmar que o jornalismo que se conhece hoje nas sociedades democráticas tem sua origem no século XIX, quando foi registrado o desenvolvimento do primeiro *mass media*, a imprensa. A expansão dos jornais proporcionou a abertura de novos empregos, fazendo com que um número crescente de pessoas se dedicasse, de maneira integral, a esta “nova” atividade. A partir daí, nasceram valores e conceitos até hoje identificados com o jornalismo: “a notícia, a procura da verdade, a independência, a objetividade, e uma noção de serviço ao público – uma constelação de ideias que dá forma a uma nova visão do ‘polo intelectual’ do campo jornalístico”. Traquina lembra ainda que, durante a Revolução Francesa no final do século XVIII, embora houvesse negócio com a venda de jornais, naquela época, os periódicos eram usados como armas políticas, pois eram identificados com partidos ou correntes políticas e, por isso, restritos a um determinado público.

Essa situação começou a mudar a partir do século XIX, com a criação da *penny press*, a popular imprensa americana cujo exemplar de jornal custava um centavo. Essa vertente priorizava a informação factual e se contrapunha à propaganda política. Nesse período ocorreram outros fenômenos que marcaram o processo de modernização do jornalismo. O

primeiro, o surgimento da linotipo¹⁶, que impacta diretamente a produção gráfica industrial e, embora, inicialmente a composição fosse manual, fez aumentar a tiragem dos jornais. A seguir viria a composição mecânica ainda em linotipo mas que daria mais dinamismo à questão gráfica, passando de 6 mil para 9 mil caracteres por hora (AZEVEDO, 2009). Outro ponto que merece destaque nesse período é a implantação da fotografia. A técnica de produção da notícia também ganha um aliado, o *lead*, cuja construção social explicitará um padrão narrativo da informação até então ausente nos jornais. Nos deteremos mais sobre esse conceito, no próximo capítulo.

A nova forma de fazer jornal, de acordo com Traquina (2005), além de ter feito aumentar sua tiragem de 3 mil para 100 mil exemplares, naquele momento, promoveu mudanças significativas no padrão gráfico, ou seja, na diagramação com a implantação de novos recursos como os títulos e chamadas das matérias, com letras maiores, além do tamanho do jornal. Werneck Sodré destacou que essas mudanças se relacionam com o modo capitalista de vender a notícia.

A corrida para a revolução nas técnicas de imprensa [...] era o ponto de partida para a produção em massa que permitia reduzir o custo e acelerava extraordinariamente a circulação. Era outra prova da interligação entre o desenvolvimento da imprensa e o desenvolvimento capitalista. O desenvolvimento das bases da produção em massa, de que a imprensa participou amplamente, acompanhou o surto demográfico da população ocidental e sua concentração urbana; paralelamente, a produção ascensionial provocou a abertura de novos mercados (SODRÉ, 1977, p.3).

Traquina (2005) ressalta ainda dois aspectos que merecem destaque nesse processo. O primeiro foi o surgimento da figura do repórter, a partir da necessidade de encher as páginas do jornal de assuntos que interessassem ao leitor. O segundo aspecto que, de certa forma, beneficiou a expansão dos jornais no século XIX, foi a escolarização de massas, por ocasião da criação de escolas públicas, que permitiu o aumento de leitores, bem como o processo de urbanização e criação das cidades.

Mas nada teria mais importância nessas primeiras intervenções na forma de

¹⁶ Linotipo é uma máquina inventada pelo relojoeiro alemão Ottmar Mergenthaler em 1886, que funde em bloco cada linha de caracteres tipográficos, composta de um teclado, como o da máquina de escrever. As matrizes que compõem a linha-bloco descem do magazine onde ficam armazenadas e, por ação do distribuidor, a ele voltam, depois de usadas, para aguardar nova utilização. As três partes distintas – composição, fundição e teclado – ficam unidas em uma mesma máquina. A capacidade de produção é de seis mil a oito mil toques por hora. Suas matrizes (superfícies impressoras) são em baixo relevo, justapostas em um componedor (utensílio no qual o tipógrafo vai juntando a mão, um a um, os caracteres que irão formar as linhas de composição). O próprio operador despacha para a fundição, a 270 graus Celsius. Foi considerada por Thomas Edson como a oitava maravilha do mundo. (www.medium.com). Disponível em: <https://medium.com/deadlines/uma-breve-introducao-a-linotipia-a06bdffdc215>. Acesso em: 10.01.2019.

comunicação do que o telégrafo, conforme relato de Traquina (2005).

Os avanços na rapidez de transmissão da informação, em particular o telégrafo em 1844 e o telégrafo por cabo em 1866, iriam ser o sinal de uma nova era do jornalismo, cada vez mais global, e cada vez mais ligado à atualidade, que continua cada vez mais viva hoje, em que o tempo exerce um controle tirânico, embora a obsessão com a rapidez já fosse bem visível nas anedotas dos jornalistas do início do século na Inglaterra. A identificação do jornalismo com a atualidade seria irreprensivelmente atingida e a obsessão dos jornalistas com a obrigação de fornecer as últimas notícias, de preferência em primeira mão e com exclusividade, tornar-se-á um marco fundamental da identidade jornalística (TRAQUINA, 2005, p. 38).

A novidade da linotipo no Brasil se estenderia até 1922, quando chega ao Rio de Janeiro a primeira máquina *offset* comprada pela Companhia Lithographica Ferreira Pinto. A impressão em *offset* significa mais celeridade e qualidade aos impressos, sejam eles jornais ou outros tipos de produtos gráficos. A impressão por esse sistema é feita de forma indireta, pois a figura não é impressa diretamente no papel. O que ocorre é uma interação entre a água e a gordura da tinta, possibilitando que a imagem seja transferida da chapa *offset* para um rolo de impressão e, posteriormente, transferida para o papel. Existem dois tipos de impressoras *offset*: a rotativa e a plana. Cada uma delas possui uma forma específica de trabalhar. As rotativas utilizam bobinas de papel, enquanto as planas lançam mão de folhas de papel soltas. Mas esses avanços tecnológicos não se comparam com a revolução promovida pelo surgimento da internet - assunto que nos deteremos mais adiante, bem como as NTICs. Castells (2011) define esse novo processo de mudança não apenas na mídia, mas em todas as suas esferas de atuação.

Os processos de transformação social sintetizando tipo ideal de sociedade em rede ultrapassam a esfera das relações sociais e técnicas de produção: afetam a cultura e o poder de forma profunda. As expressões culturais são retiradas da história e da geografia e tornam-se predominante mediadas pelas redes de comunicação eletrônica que interagem com o público e por meio dele em uma diversidade de códigos e valores, por fim incluídos em um hipertexto audiovisual digitalizado. Como a informação e a comunicação circulam basicamente pelo sistema de mídia diversificado, porém abrangente, a prática da política é crescente no espaço da mídia. A liderança é personalizada, e a formação de imagens é geração de poder. Não que toda política possa ser reduzida a efeitos de mídia ou que valores e interesses sejam indiferentes para resultados políticos. Mas sejam quais forem os atores políticos e suas preferências, eles existem no jogo do poder praticado através da mídia e por ela, nos vários e cada vez mais diversos sistemas de mídia que incluem as redes de computadores mediadas por computadores. O fato de a política precisar ser modelada na linguagem da mídia eletrônica tem consequências profundas sobre características, organização e objetivos dos processos, atores e instituições políticas. Em última análise, os poderes contidos nas redes de mídia ficam em segundo lugar em relação ao poder dos fluxos incorporados na estrutura e na linguagem dessas redes (CASTELLS, 2011, p. 572).

O sociólogo francês Pierre Lévy (1999), outro estudioso da cibercultura acredita que a

tecnologia potencializa as mudanças nas sociedades tornando o homem condicionado aos seus avanços técnicos, embora não determinado por ela, porque segundo ele, a presença e usos da tecnologia provocam impactos diferentes nos seres humanos. Pesquisadores do jornalismo como Michael Kunczik (2001), Bill Kovack e Tom Rosentiel (2003), Ignácio Ramonet (1999) e Dominique Wolton (1999, 2007) tem pensamento parecido em relação à influência das tecnologias da informação na reestruturação da organização jornalística e de suas rotinas de trabalho de acordo com Bianco (2004). Sintetizando o pensamento desses autores, Bianco (2004, p. 2) afirma que “a informática, especialmente, trouxe agilidade e qualidade no processamento da informação, ao facilitar o trabalho de rever, corrigir, alterar e atualizar textos”, mas que essas mudanças não foram suficientes para alterar valores do jornalismo.

Para os jornalistas que usam a Internet na produção de notícias, a realidade virtual estaria se convertendo em um novo modo de conhecimento do mundo exterior e das pessoas. Essa realidade é produto de virtualizações e atualizações sucessivas que pode ser percebida num tempo, espaço e condições históricas específicas e de modo diferente em relação a ambientes tecnológicos anteriores. Isso não implica em dizer que essa realidade, pelo seu enorme caudal informativo, acabaria por substituir a necessidade de conhecimento de uma realidade material e objetiva. A questão é outra. A realidade virtual acrescenta uma perspectiva nova na percepção do jornalista no seu trabalho de conhecimento do real que é de outra natureza. Contém a realidade em si, mas disposta de modo a ser percebida em tempo e espaços diferentes (DEL BIANCO, 2004, p. 5).

Nesse processo, a escrita da história preconizada por Certeau (2015) tem a preocupação de situar o lugar social de onde fala ou está situado o historiador, no desenvolvimento da operação historiográfica.

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar comum de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados etc. ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função desse lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam (CERTEAU, 2015, p.47).

Para construir o discurso histórico utilizamos as ferramentas do historiador: os arquivos e as fontes que podemos recorrer aos documentos ou arquivos digitais, graças às NTICs. É nesse ambiente virtual que parte desta tese se concentrou; a outra parte ficou por conta dos impressos. Mas não é só isso, falamos do momento em que ocorre a mudança da notícia, a transformação dela ao migrar do impresso para o ciberespaço.

No começo do jornalismo online, a notícia era vista apenas na tela do computador de

forma muito rudimentar. Era a época dos arquivos em PDF¹⁷, a página do jornal impresso era transportada para a internet de forma rígida, dura, sem qualquer tratamento digital. Alguns veículos produziam até um barulhinho, no manuseio do leitor ao trocar de página, que lembrava o folhear do jornal. Podemos registrar, a partir do exposto, algumas rupturas e permanências por que passou a notícia quando a informação mergulhou no ciberespaço.

Uma das mudanças mais significativas observadas nesse contexto foi o tipo de suporte ou plataforma em que a notícia se apresenta para o leitor. Em vez de no papel, o internauta passou a acessar a notícia nos mais variados dispositivos eletrônicos, mas principalmente, no computador, *tablet* ou *smartphone*. Suportes técnicos diferentes do papel, onde o arquivo estava ao alcance da vista, mas não das mãos, pelo contato físico, com a tinta sujando as mãos na hora de manusear as folhas do jornal. Nesse primeiro momento, o que se percebe é a manutenção do conteúdo, ou seja, a tipologia, a arquitetura da informação, os textos, o design, as notícias no arquivo virtual, assim como no impresso.

Mielniczuk (2003), a partir de estudos realizados por Pavlik (2001) e Silva Jr. (2002), identifica três gerações da produção de conteúdo noticioso dos sites. A primeira é marcada pelo modelo transpositivo, que se refere ao início das postagens dos jornais impressos em versão online, em que se utilizavam a versão impressa, normalmente em formato PDF. A segunda, o perceptivo, situa-se quando começa a ser usado algum recurso tecnológico, possibilitado pelo meio internet, permanecendo o caráter transpositivo, mas, com *insights* tecnológicos na produção das notícias. A terceira, caracterizada pelo modelo hipermediático, percebe-se a utilização de recursos mais abrangentes do ciberjornalismo, como hipertextualidade, multimídia, interatividade, personalização, instantaneidade e memória (BARDOEL & DEUZE, 2001; PALACIOS, 2003).

Barbosa (2007) trata de uma quarta geração, conseqüente do uso de base de dados na produção jornalística para a web, amplificando não só conceitos, mas, principalmente, a abrangência e as possibilidades tecnológicas do jornalismo online. Os avanços da tecnologia de base de dados oferecem dispositivos cada vez mais atualizados para solucionar e compatibilizar as linguagens de programação e a gestão de conteúdos com as características do jornalismo no suporte digital. A pesquisadora acrescenta que, no intervalo entre a terceira e a quarta geração,

¹⁷ PDF é a sigla de Portable Document Format (Formato portátil de documento), um formato de arquivo usado para exibir e compartilhar documentos de maneira compatível, independentemente de software, hardware ou sistema operacional. Criado pela Adobe, em 1992, o PDF agora é um padrão aberto mantido pela International Organization for Standardization (ISO). Os PDFs podem conter links e botões, campos de formulário, áudio, vídeo e lógica de negócios. Eles também podem ser assinados eletronicamente e são facilmente exibidos com o software gratuito Acrobat Reader DC. www.queconceito.com.br (<https://queconceito.com.br/pdf>). Acesso em: 10.01.2019.

ocorre uma série de avanços tecnológicos, tais como, o acesso expandido por meio de banda larga, o aumento do número de plataformas móveis, o uso expandido de algoritmos, o desenvolvimento de sistemas de gestão de conteúdos mais complexos, a maior incorporação dos blogs, a adoção de sistemas que habilitem a participação efetiva do usuário na produção de informação, para citar apenas estes, que vão compor um paradigma, o jornalismo em base de dados.

A hipertextualidade pode ser considerada a maior ruptura que configurou esse novo fazer jornalístico, pois além de ter criado uma nova linguagem, onde a notícia aparece em áudio, texto e vídeo, permitiu a abertura de links que propiciaram ao leitor/internauta a navegação por outros links do mesmo assunto. E o que seria a nova forma de noticiar, a partir do uso da internet, quando a pirâmide invertida (GENRO FILHO, 1987), uma técnica de construção da notícia com mais de um século, pode aparecer deitada na web (CANAVILHAS, 2001), quando o texto passa à hipertextualidade, pela possibilidade oferecida de abertura de novos links sobre o mesmo assunto? Uma navegação proporcionada por essa tecnologia que torna a comunicação ubíqua (SANTAELLA, 2013).

Para Chartier (2002), a revolução da escrita na internet resulta em três rupturas em relação à escrita no impresso. Estariam relacionadas à ordem do discurso, à ordem das razões e à ordem das propriedades. Ao abordar a escrita na internet, Bresciano (2010) enumera alguns aspectos que ela acrescenta à prática historiográfica: novas perspectivas, novas fontes e novos olhares sobre o passado, ao mesmo tempo, além da forma massiva e difusa dos arquivos. Mas alerta para a possibilidade do desaparecimento dos arquivos rapidamente, o que não deixa de ser uma ruptura até maior, na forma de escrever a história. O que não podemos ignorar é que a história da internet se apresenta como um campo vasto e complexo para o historiador, possibilitando acesso a recortes temporais, temáticos e metodológicos que obrigam o historiador a usar recursos tecnológicos na construção da narrativa.

Na História do Tempo Presente, a internet pode ser trabalhada não só como fonte ou objeto, mas sob outras perspectivas metodológicas. Para Jean-Pierre Rioux (1999), munido de sua caixa de instrumentos, o historiador cria um passado a partir das tecnologias e teorias que lhe asseguram no presente, além do “famoso recuo no tempo”. O que parece inquietar os não historiadores é o suporte no qual são guardadas as fontes, uma vez que arquivos, acervos pessoais e bibliotecas em locais físicos ao serem transpostos para a internet, ocupando o espaço virtual, correm o risco de perda pela volatilidade da própria web, além de repositórios como CDs, disquetes e antigos programas, *softwares* não terem mais uso corrente.

O historiador do tempo presente, por sua capacidade de construir observatórios

ajustados às suas preocupações, parece estar em condições de superar os entraves que classicamente limitam a investigação histórica (CHARTIER, 2006). Portanto, aquele que se lança nas pesquisas que envolvem a internet, e que se propõe trabalhá-la como fonte, deve comprometer-se com as especificidades que a web carrega. Não se pode simplesmente transpor metodologias, pois a forma de se trabalhar com a fonte virtual ainda está por se fazer. Tais fontes trazem à cena uma infinidade de abordagens possíveis de como entender a internet como campo da cultura escrita.

Marcos Palacios (2003, p. 16) oferece interessante e importante contribuição para reflexão sobre os estados de rupturas e permanências observadas no jornalismo online. O autor alerta para o “perigo de instauração de um pensamento simplista” com relação às alterações provocadas pelas NTICs no jornalismo, pois “a ideia de superação sucessiva dos suportes midiáticos pouco contribui para o avanço do conhecimento e, portanto, para a maximização dos potenciais das Novas Tecnologias aplicadas ao campo da Comunicação e do Jornalismo em particular”. O mais importante é tentar compreender a maneira como ocorrem as articulações e transformações dos múltiplos suportes oferecidos pelas tecnologias, poder confrontar as práticas que ocupam lugar na produção jornalística contemporânea e evitar a ideia de considerar a internet ou mesmo outros suportes telemáticos como oposição ou movimentos de superação dos formatos de mídia anteriores. Diante do quadro, Palacios (2003) lança advertências e ponderações.

Faz-se necessário um aprofundamento da compreensão das Novas Tecnologias de Comunicação (NTC), visando a eliminação da falsa oposição algumas vezes criada entre as chamadas Mídias Tradicionais ou de Massa e as NTC, que tem levado, em alguns casos, a uma visão evolucionista bastante simplista e à afirmação de um certo triunfalismo tecnológico (PALACIOS, 2001 e 2001c). Perceber as especificidades dos vários suportes mediáticos não implica colocá-los em contraposição. Parece-nos oportuna, como ponto de partida, a distinção estabelecida por Dominique Wolton (1999:85) entre uma lógica da oferta, que caracteriza as mídias tradicionais (rádio, TV, imprensa), que funcionam por emissão de mensagens (o chamado modelo Um – Todos) e uma lógica de demanda, que caracteriza as NTC, que funcionam por disponibilização e acesso (o chamado modelo Todos – Todos). As diferentes modalidades midiáticas são vistas por Wolton não como complementares. Ele chama a atenção para a espetacular capacidade das NTC no que se refere à oferta de informação, de disponibilização de Banco de Dados, mas deixa claro que o crescimento exponencial da massa não nos leva a prescindir de mediadores, mas antes pelo contrário (PALACIOS, 2003, p. 21).

Palacios e Wolton defendem que o avanço das tecnologias em alguns padrões de produção da notícia não foi suficiente para tirar do cenário a figura do jornalista, responsável pela mediação do conteúdo. Palacios (2003, p. 23) não descarta a possibilidade de as características da internet já terem sido encontradas em suportes anteriores como o impresso, o

rádio, a TV e o CD-ROM. Ele observa que a multimídia do jornalismo online “é certamente uma continuidade, se considerarmos que na TV já ocorre uma conjugação de formatos midiáticos (imagem, texto e som)”. O mesmo aconteceria com a hipertextualidade, que além dos suportes digitais anteriores, como o CD-ROM estariam em artefatos impressos mais antigos como as enciclopédias. Segundo o autor, a personalização, uma das potencialidades do jornalismo online pode ser observada no jornalismo impresso, nos cadernos de suplementos especiais como infantil, rural, feminino, cultural, automobilístico, de turismo.

Palacios (2003) percebe nesse processo que envolve as NTICs a dissolução da relação tempo espaço na web, além de outros componentes como o Banco de Dados, máquinas com grande capacidade de armazenamento de informações, atualização contínua das informações à mão do jornalista para a produção de conteúdo noticioso na web.

É fundamental que se enfatize que se trata da primeira vez que isso ocorre na História do Jornalismo, uma vez que, em todos os suportes anteriores (impresso, rádio, TV), o jornalista era obrigado a conviver com rígidas limitações de espaço (que traduzem em tempo, no caso do rádio e TV). Tais limitações sempre constituíram, evidentemente, um fator condicionante essencial nos processos de produção em todos os suportes midiáticos. A possibilidade de dispor de espaço ilimitado para a disponibilização do material noticioso é, a nosso ver (PALACIOS, 1999), a maior Ruptura a ter lugar com o advento da web como suporte midiático para o jornalismo. Para além dessa “quebra dos limites físicos” (ou crono-espaciais) da disponibilização do material noticioso, acreditamos que o jornalismo na web encontra sua especificidade não apenas pela potencialização das características já descritas, mas principalmente pela combinação dessas características potencializadas, gerando novos efeitos (PALACIOS, 2003, p. 24).

É importante ressaltar que todas as vezes que o jornalismo experimentou períodos de transformações em função de avanços tecnológicos e, isso pode ser verificado ao longo da história do próprio jornalismo, como já dissemos aqui, ele buscou e normalmente encontrou novas linguagens, novas narrativas, portanto, encontrando adaptações e adequações em face do novo cenário criado. Foi assim com o rádio e a televisão. De início, eles usavam a mesma narrativa do impresso, mas aos poucos encontraram suas próprias linguagens características. O rádio, por exemplo, trabalha com a emoção a partir da construção da imagem de forma auditiva, uma vez que usa apenas elementos auditivos – textos narrados, elementos sons -, para fazer-se compreender, por isso trabalha marcadamente a emoção. A televisão tem como característica principal, a imagem, o texto é apenas um elemento auxiliar para explicar com o apoio das imagens um fato, um evento. Estes suportes foram aos poucos alcançando linguagens e narrativas próprias de acordo com as características que os distinguem. Assim, a internet, que abriga a todos no mesmo espaço, ainda busca a linguagem e narrativa que a diferencie de outros

suportes, embora os acolha em seu bojo, mantendo as propriedades de cada um deles.

Ao tratar das transformações tecnológicas da sociedade contemporânea Williams (2016) sugere um aprofundamento ao assunto, sobretudo, nas questões ligadas às suas causas e efeitos, para não se correr o risco de cair na superficialidade da relação tecnologia e sociedade. Ainda que o estudo de Williams aborde especificamente a televisão, podemos estendê-lo à internet, por percebermos algumas similaridades detectadas pelo teórico que podem se estender a outros meios. Assim seu estudo, a exemplo do de McLuhan sobre o rádio, continua atual e pode ajudar a tentar entender as mudanças promovidas pelas NTICs. Williams (2016, pp. 25-26) centra seu estudo na questão de que, “se a tecnologia é uma causa, podemos, na melhor das hipóteses, modificar ou procurar controlar seus efeitos”, mas a tecnologia, é um efeito, insiste ele: “a que outros tipos de causa e outros tipos de ação devemos nos referir e relacionar a nossa experiência de seus usos? Essas não são questões abstratas”, porque elas ocupam cada vez mais a centralidade não apenas nos “nossos debates sociais e culturais, e, na prática, tomamos decisões concretas e efetivas sobre elas o tempo todo”, pela sua presença no cotidiano de cada indivíduo.

Williams (2016) discorre sobre o desenvolvimento das tecnologias, traçando um percurso quase cronológico das fases e dos processos das tecnologias que permearam a história da humanidade, notadamente as ligadas à comunicação. Divide ainda as teorias e observações da forma como são interpretadas a partir da relação causa e efeito pelas correntes de pensamento ao analisa-las. Para Williams (2016, p. 26), as opiniões estariam ligadas a duas classes de pensamento: o “*determinismo tecnológico*”, que abarca “uma visão muito incisiva e agora amplamente ortodoxa da natureza da mudança social”, em que “as novas tecnologias são descobertas em processos essencialmente interno de pesquisa e desenvolvimento” que resultam “na mudança social e o progresso”; e a segunda classe de opiniões, menos deterministas, porque “esse ponto de vista salienta outros fatores causais na mudança social”. (WILLIAMS, 2016, p. 26).

Em sua obra *Apocalípticos e Integrados*, considerada fulcral para os estudos da comunicação e da cultura de massa, Umberto Eco (1993) propõe um diálogo com o pensamento de Williams (2016). Eco (1993) aborda o antagonismo paradigmático estabelecido por duas correntes de pensamento: a teoria crítica da Escola de Frankfurt, e a funcionalista da sociologia americana e os estudos da mídia formulados Marshall McLuhan. O teórico italiano enxerga no conceito de cultura de massa a questão central das duas perspectivas que segundo ele, se preocupam mais em estabelecer juízos de valor do que oferecer uma análise metódica sobre a questão. De um lado, estão apocalípticos com sua visão negativa sobre a indústria cultural, ou cultura de massa, enquanto do outro, ficam os integrados, com sua visão otimista do mundo.

A proposta principal de Eco (1993) é para que as pesquisas sobre os meios de comunicação sejam baseadas em análises da estrutura das mensagens. Assim, a análise estrutural não deveria se ater só na forma da mensagem, “mas também definir em que medida a forma é determinada pelas condições objetivas da emissão”, uma vez que as mensagens são dirigidas aos consumidores por “diferentes modalidades de recepção em harmonia com a circunstância histórica e sociológica, e com as diferenciações do público” (ECO, 1993, pp. 27-28).

A professora de comunicação da Universidade Nacional de Brasília (UnB) Nélia Del Bianco (2004) encontra na multidisciplinaridade - uma tendência do pensamento mais atualizada que, nós também, aderimos -, a capacidade de trazer elementos para melhor analisar a questão porque:

na contemporaneidade, a base material que constitui a comunicação está mudando profundamente com o desenvolvimento das tecnologias da informação. O tradicional modelo de comunicação massiva baseado no envio de um número limitado de mensagens a uma audiência homogênea está dando lugar a um novo sistema capaz de abranger e integrar todas as formas de expressão, diversidade de interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos sociais. É o que se denomina de convergência entre as telecomunicações, os meios de comunicação de massa e a informática beneficiada pela digitalização dos mais diversos tipos de informação (voz, dados, som, texto e imagens), e identificada pelo seu alcance global, pela interatividade e integração de todos os meios em uma rede. Essa nova configuração, segundo Castells, irá proporcionar o fim da audiência massiva e o surgimento da comunicação mediada pelo computador, marcada pela interatividade e pela individualização/personalização do consumo de informação. A grande diferença em relação a outras revoluções tecnológicas do passado é que, na atual, a matéria-prima é a informação moldada pelo novo meio tecnológico que é o computador (DEL BIANCO, 2004, p. 1).

Ela ressalta que para tentar entender o novo paradigma estabelecido pelas NTICs, temos que encarar “esse fenômeno contemporâneo como um processo histórico-social de uma outra natureza, que pode ser explicado pelos seus nexos e relações, mas dentro de um novo paradigma no qual o conhecimento tende a ser plural, multidimensional e não dualista”, porque as tecnologias, em que pese seus benefícios e malefícios, precisa ser dimensionada como ferramenta a serviço do homem, e, operada por ele, ou seja, ser dominada pelo homem e não ao contrário.

1.4 A notícia e a questão da leitura nos suportes técnicos

O que é notícia? Qual sua dimensão cultural e social? Mais do que uma provocação, as questões colocadas atormentam e perpassam correntes teóricas, ideológicas e temporalidades.

A pesquisadora de jornalismo Hebe de Oliveira (2013, p. 3) se refere à notícia como o ‘relato’ dos fatos de forma atualizada, conceito que marca o período do ‘novo jornalismo’, ou ‘jornalismo informativo’ praticado nas últimas décadas do século XIX e, primeiras, do século XX, nos Estados Unidos e Europa. Sua observação é baseada nos estudos realizados pelos primeiros pesquisadores americanos sobre a temática na perspectiva da teoria social: Walter Lippmann e Robert Park. Para Lippmann (2008) a notícia seria um relato das coisas interessantes, enquanto Park tem uma compreensão sobre “eventos únicos” abordados pela notícia. Schudson (1999) associa a notícia a uma forma cultural pela importância da trajetória histórica do jornalismo e as transformações sofridas que permitem incorporar a relação temporal espacial narrada pelos sujeitos. Por isso a notícia abarca os valores de cada época, traduzindo as crenças da sociedade em sua contemporaneidade.

A nossa preocupação aqui é situar a notícia como elemento presente ao longo da história das sociedades, instrumento singular no processo de comunicação, de interação, entre sujeitos e/ou com os meios em que se situam. Mas, principalmente, mostrar mudanças do conceito de notícia e os processos tecnológicos que conduziram ou promoveram essas transformações. Por isso, a notícia aparece como elemento presente e assentado nos contextos históricos, sociais e culturais, modificado pelas tecnologias ao longo dos séculos.

Para Stephens (1988), a notícia dimensiona a condição humana e social a partir da comunicação, além de despertar grande interesse pelo desconhecido, pelo ineditismo, aquilo que ainda não foi dito, que ninguém sabe, porque não foi divulgado, publicizado. No estatuto da notícia surge o furo jornalístico, que num determinado momento da comunicação já foi considerado o fator mais importante para alçar um evento à condição de notícia, o ineditismo da informação. Nas redações era comum o editor perguntar ao repórter se ele tinha trazido da rua algum fato novo em relação a um assunto já noticiado ou de domínio do público. Isso é considerado notícia, o restante, apenas matérias, segundo os editores. Esses critérios são definidos pelas técnicas de jornalismo na elaboração da narrativa discursiva dos fatos noticiados, que os hierarquizam de acordo com as técnicas de produção da notícia. São conceitos e técnicas próprias da rotina de uma redação onde são produzidos os conteúdos informativos.

Sodré e Paiva (2005, p. 6) acrescentam um aspecto interessante ao processo de mudança do conceito de notícia pós internet e a alteração da temporalidade cotidiana: ‘a pontuação rítmica’. Para eles, o acontecimento jornalístico é a pontuação rítmica do fato, “não por motivo de ruptura de ordenamento do cotidiano, e sim pelo valor rítmico que o próprio sistema de informação atribui ao fato, de acordo com a intensidade de sua marcação, ou seja, de acordo

com o que o jornalismo supõe que haja nele”. O que os autores chamam de marcação seria o ordenamento de novos critérios noticiosos e suas rupturas temporais a partir do jornalismo online.

Essa marcação depende de “negociações simbólicas” ou simplesmente da percepção que o dispositivo da informação possa ter quanto aos focos de interesse de seu público. Ou então, argumentar que qualquer “estrutura de relações necessárias” pertence ao trabalho conceitual, portanto ao conhecimento profundo (científico, filosófico) do fenômeno e não o conhecimento das aparências, da contingência de relações, individualidade factual, que movem o discurso jornalístico. A realidade, porém, é que a pauta pertence ao arbítrio do jornal e que, a partir daí, se constituem um saber-fazer e uma doutrina de legitimação dessa prática (de espírito liberal, com raízes fincadas no enciclopedismo francês e no publicismo norte-americano), aos quais se dá o nome genérico de “jornalismo”. Seja a imprensa comercial ou opinativa, o jornalismo é exercido com as mesmas regras técnicas e com o mesmo apelo à racionalidade argumentativa de escrita (PAIVA; SODRÉ, 2005, pp. 6-7).

Ao estudarmos a notícia, em qualquer temporalidade, temos em conta que sua materialidade procede do discurso e das narrativas utilizadas na sua construção. Mas há ainda um elemento de suma importância nesse processo que necessita ser dissecado: o suporte utilizado na leitura. Chartier (1994, 1998 e 2002) tem tratado sistematicamente da historicidade envolvendo a leitura, em livros e artigos. Assim, temos os registros de suportes de leitura ao longo dos séculos que abrangeram desde o rolo de papiro (*volumen*), que foi transformado no *códex*, mais resistentes e melhor de manusear, além de maior capacidade de armazenamento de conteúdo; a prensa de Gutenberg, que aumenta a distribuição dos textos em forma de livros até chegar à era do computador e da tecnologia digital, alterando completamente o processo de leitura.

No texto *Do códice ao monitor: a trajetória do escrito*, Chartier (1994) discorreu sobre as transformações tecnológicas ao longo dos séculos, passando pelo Oriente, onde se registraram na Coreia, China e Japão impressos a partir de caracteres de argila cozida, nos séculos XII e XIII, técnica antecedida pela xilografia. Neste cenário de mudanças, promoveu um debate sobre a continuidade ou não do impresso, a partir da chegada da internet e, por conseguinte, da hipertextualidade. Tomando como partida a similaridade do suporte queremos, todavia, discutir o jornal: impresso e online, com base nesta visão.

Para Chartier a revolução digital é mais significativa que a da prensa de Gutenberg, porque não altera só a técnica de reprodução, mas principalmente as formas de suporte que se apresentam ao leitor:

A revolução do texto eletrônico será, ela também, uma revolução da leitura. Ler num monitor não é o mesmo que ler num códice. Se é verdade que abre possibilidades

novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a condição destes: à materialidade do livro, ela substitui a imaterialidade de textos sem lugar próprio; às relações de contiguidade estabelecidas no objeto impresso, ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à apreensão imediata da totalidade da obra, viabilizada pelo objeto que a contém, ela faz suceder a *navegação* de muito longo curso, por arquipélagos textuais sem beira nem limites. Essas mutações comandam, inevitável e imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com o escrito, novas técnicas intelectuais. Se as precedentes revoluções da leitura ocorreram em épocas nas quais as estruturas fundamentais do livro não mudavam, não é o que se dá no nosso mundo contemporâneo. A revolução iniciada é, antes de tudo, uma revolução dos suportes e das formas que transmitem o escrito (CHARTIER, 1994, p. 7).

No tocante à textualidade eletrônica há um espectro de fatores citados por Chartier (1994, p. 10) que surge no bojo das transformações. Um deles seria a submissão do texto a “múltiplas operações” praticadas pelo leitor, tais como: indexação, cópias, desmembramento, recomposição, deslocamento, anotações, já que a distinção visível no suporte impresso, “entre a escrita e a leitura, entre o autor do texto e o leitor, desaparece diante de uma realidade diferente: a em que o leitor transforma-se em um dos atores de uma escrita a várias vozes”, sem falar na possibilidade de constituição de um novo texto, ainda que a partir de recortes do original, mas com outra formatação. Segundo o autor, o texto eletrônico permitiu algo inédito na história, a superação de uma contradição que obsedou os homens do Ocidente:

A comunicação à distância dos textos, a qual anula a distinção, até agora irremediável, entre o lugar do texto e o lugar do leitor, torna possível, acessível, esse sonho antigo. Sem materialidade, sem localização, o texto, em sua representação eletrônica, pode alcançar qualquer leitor equipado do material necessário para recebê-lo. Supondo-se numerizados ou, em outras palavras, convertidos em textos eletrônicos, todos os textos existentes, sejam eles manuscritos ou impressos, é a universal disponibilidade do patrimônio escrito que se torna possível. Todo leitor, no lugar em que se encontra, com condição que seja diante de um posto de leitura conectado com a rede que efetua a distribuição dos documentos informatizados, poderá consultar, ler, estudar qualquer texto, independentemente de sua localização original (CHARTIER, 1994, pp. 10-11).

Por outro lado, o autor alerta para a necessidade de uma “reflexão histórica, jurídica e filosófica” sobre as mudanças pelas quais vêm passando os meios de comunicação e recepção do escrito, porque segundo ele, uma revolução técnica não se decreta, mas também não se impede. Por fim, Chartier pondera que “a biblioteca do futuro deve ser, também o lugar onde poderão ser mantidos o conhecimento e a compreensão da cultura nas formas que foram e ainda são, majoritariamente, aquelas hoje conhecidas”, ou seja, “a representação eletrônica de todos os textos, cuja existência não começa com a informática não deve, de modo algum, significar relegação, esquecimento, ou pior ainda destruição dos objetos que têm sido seus suportes” (CHARTIER, 1994, pp.12-13).

Sabemos que ao longo da história, as mudanças mais impactantes na maneira de ler aconteceram à medida que os textos foram sendo adaptados aos novos espaços de veiculação surgidos. Assim, as sociedades recorreram a diversos objetos simbólicos, instrumentos e suportes para fixação da linguagem articulada até chegarmos aos textos manuscritos, impressos e virtuais, das atuais práticas discursivas. Nesse sentido poderíamos afirmar que as tecnologias sustentam a linguagem, que por sua vez, por ser um sistema de articulação da mente, tem uma relação de proximidade com a nossa sensibilidade (KERCKHOVE, 2003).

Para o sociólogo belga Derrick de Kerckhove (2003), duas grandes tecnologias modificaram os primeiros relacionamentos do homem com a linguagem: a escrita e a eletricidade. “A escrita através da separação entre texto e contexto e também através do isolamento do leitor e da liberação das mentes individuais de uma mente única e coletiva que era a mente das tribos”, enquanto a eletricidade, “traz todos os sentidos de volta para a linguagem, mas ao mesmo tempo, ela externa as mentes dos leitores na tela e torna mais uma vez públicos os conteúdos e os traumas da mente privada da escrita”. Para explicar as relações de proximidades das mentes com os textos, contextos e hipertextos associados à linguagem, ele utiliza a teoria dos objetos mentais desenvolvida por Jean-Pierre Changeux, a partir da comparação entre objetos mentais e digitais. Para Kerckhove, (2003, p.8), “a principal interface do tempo real é a mente humana, porque “com a convergência cada vez mais forte entre a oralidade (tempo real), escrita (base de dados e todos os arquivos) e a eletricidade (todas as coisas digitais), podemos esperar um aumento gigantesco da mente” (KERCKHOVE, 2003, p. 8).

Aos dois estágios da linguagem conhecidos como oral e escrito, ele acrescenta o eletrônico. Ele considera a sociedade oral como a sociedade do contexto, porque as pessoas estão numa “espécie de presente prolongado, contudo elas referem-se a eventos que aconteceram no passado”; enquanto “as sociedades da escrita utilizam uma ferramenta para armazenar a linguagem”, com o material impresso se constituindo na interface dominante da sociedade da escrita. Segundo o autor, a linguagem do hipertexto, ou a mente eletrônica, advém do surgimento do telégrafo, que formatou a linguagem, “transformando-a em ubíqua, instantânea e, agora, em digital”, em que a digitalização “permite que as experiências retornem às tecnologias da troca linguística”, possibilitando o processo de hipermídia, visão e audição.

Barretos (2016, p. 54-55) reforça que o suporte é determinante na produção do conteúdo informativo veiculado pelos jornais, processo iniciado na pauta que vai até a escolha dos formatos e tecnologias utilizadas para a construção da matéria jornalística. Assim, “além do processo de produção, os processos cognitivos acionados durante a leitura e apreensão do

conteúdo também dependem do suporte usado”, já que a web dispõe de ferramentas que auxiliam na aglutinação dos sentidos e “a possibilidade de mesclar formatos permite uma abordagem multimídia com implicações multissensoriais de leitura”. De acordo com a autora, no cenário proposto pelos processos intelectuais e de leitura suscitado por cada suporte, pode-se verificar a forma como o texto se apresenta, bem como suas características visuais que vão variar de acordo com a proposta visual adotada.

Ao analisar as novas formas de escrita da história e estabelecer a temporalidade do passado como analógico e a do futuro como digital, o historiador Anacleto Pons da Universidade de Valência, na Espanha, recorre a elementos como linguagem e narrativa que aproximam a história da literatura (Ginzburg), e a história das máquinas (Darnton), para enxergar o futuro, porque para ele, para enfrentarmos os problemas do presente temos que nos basear na análise do passado. Para compreender a situação atual, que vivem os meios de comunicação, por exemplo, Pons (2018) propõe que se analise as rupturas ocorridas desde o século XIX, marcado por uma crescente complexidade social e uma expansão das redes de comunicação, numa realidade confusa contrastada com uma homogeneização interpretativa; ou seja, uma mudança da materialidade do que se comunica, que se minimizaria com uma linguagem de formas estandarizadas, onde o fluxo de tinta sobre o papel se entende como ideal, e energicamente como continuação ou manifestação do fluxo ininterrupto da personalidade individual de quem escreve.

Para o autor, o hipertexto com as possibilidades de reunir imagens, sons e textos é uma ferramenta que incorpora elementos que trocam nossa forma de falar e de mostrar, independentemente do que acreditamos. Se a máquina muda nossa maneira de escrever, deveríamos deduzir que nossa forma de consultar documentos, de ler livros e jornais também está mudando, pois a maneira de ler e a experiência da leitura são inseparáveis, em se tratando das tecnologias que utilizamos. Estas tecnologias não apenas têm mudado nossa relação com a escritura e com a leitura, mas também a nossa percepção do mundo.

CAPÍTULO 2

OS IMPRESSOS: MARCHA DO PROGRESSO E OUTRAS VOZES EM DOURADOS

O que há nos jornais, qual a matéria-prima básica, a alma, a essência do que o leitor busca e o jornal oferece, ou precisa basicamente, senão histórias? (CAVERSAN, 2009, p. 3).

A proposta deste capítulo consiste em apresentar a trajetória de jornais impressos que circularam em Dourados ao longo do século XX até os que continuam em atividade, embora a ênfase da tese se cristalice no período entre 1997 a 2019. Uma abordagem abrangente que envolve o século passado e o início do XXI, mas que não tem a pretensão de esgotar o assunto, até porque não conseguiríamos abarcar todos os aspectos da variedade de meios de comunicação que se instalaram na cidade num estudo. Como nos alerta Silverstone (2005), contudo, a mídia precisa ser estudada para poder ser entendida, mas principalmente para ter-se a compreensão de como e onde surgem os significados trabalhados por ela, além das consequências que ela acarreta. Assim como Barbosa (2007), entendemos que a função da história não é restaurar o passado, mas fornecer elementos para se compreendê-lo. Para construir a história da imprensa é necessário fazer o mesmo movimento da “escrita da história”, porque a história precisa ser entendida como um processo complexo onde são tecidas as relações sociais, culturais, falas e não ditos (BARBOSA, 2007).

2.1 Os primórdios da imprensa de Dourados

Como já ressaltamos, esta tese aborda a mídia como objeto, embora, pelas suas peculiaridades intrínsecas, algumas vezes, apareça como fonte. A pesquisa não se limita, contudo, a um período ou a um tema específico, tampouco ao surgimento ou desaparecimento de determinados jornais. Nossa preocupação é estudar, analisar e entender o processo de transformação da mídia de Dourados num viés em que as duas versões, impressa e online se constituem numa cultura de convergência (JENKINS, 2013), na qual estamos inseridos.

Por outro lado, percebemos a necessidade de nos embrearmos nos recuos temporais e históricos pela imposição de se conhecer melhor o percurso de meios de comunicação, ainda que de forma resumida, para se ter a devida compreensão de seus papéis sociais. Como observa

Barbosa (2007, p. 1), nessa relação estabelecida entre a comunicação e a história, enquanto a comunicação enxerga de forma prioritária a história como uma oportunidade para mergulhar no passado e “recuperar, neste mesmo passado, fontes inteligíveis que podem trazer o passado para o presente, a história considera emblematicamente os meios de comunicação como ferramentas disponíveis para a compreensão de um contexto mais amplo invariavelmente localizado no passado”. Nossa tese procura seguir essa trilha, a partir de vestígios deixados pelos periódicos que circularam em Dourados, mapear experiências de produção de notícias quase centenárias, identificadas como local, regional, mas que guardam características da grande mídia (PERUZZO, 2005).

Poucos são os estudos sistematizados que tratam dos jornais impressos produzidos e circulados ao longo do século XX em lugares que se constituíram no município de Dourados. Num desses raros estudos, a historiadora Suzana Arakaki (2008) aponta o jornal *Jandaia*, como o primeiro periódico a circular em Dourados, em 1926, quando ainda era Distrito de Paz do município de Ponta Porã (MT). De propriedade do migrante gaúcho Arnulfo Fioravante, que se instalou na região no início da década de 1920, o periódico, impresso em Campo Grande (MT), teve vida curta. Em décadas posteriores, circularam na cidade *O Douradense*, entre 1948 e 1950, e o jornal *O Progresso*, a partir de 1951, que se tornou o impresso mais longo circulado em Dourados. De maneira esparsa, com datas ainda imprecisas, foram produzidos e circulados o *Jornal de Dourados*, *A Cidade*, *A Voz do Sul*, *A Luta*, *O Rôlo*, *A Voz da Juventude*, *Tribuna do Povo*, *Jornal da Praça*, *O Panorama*, *Gazeta Popular* e tantos outros.

Diante deste cenário, as pesquisas demonstram registros pontuais de determinados períodos, quase sempre, dando ênfase para outros assuntos, sem maior aprofundamento do tema, por não ter a imprensa como objeto principal. Nesses estudos, a mídia costuma aparecer apenas como fonte histórica que contribui para pesquisas de diversas temáticas acadêmicas. Além disso, na maioria dos casos, os registros resultaram de esforços de memorialistas.

Na área de Comunicação Social, paira um certo desconforto pelas poucas obras que trataram da mídia regional, notadamente, de Dourados. Alguns fatores, como falta de tradição e inserção do Estado de Mato Grosso do Sul no cenário socioeconômico e político nacional, além da localização geográfica, são apontados como vetores fundamentais para deixarem o Estado fora da rota dos grandes centros urbanos brasileiros. Isso dificulta a integração e interação com outras regiões e possibilita compreender a ausência de trabalhos acadêmicos na área de Comunicação Social que tratam de meios de comunicação de abrangência local e regional.

O jornalista Bruno Barreto (2011) abordou, em sua tese de Doutorado *Geografia da*

Comunicação no Centro do Brasil defendida na Universidade Metodista de São Paulo (São Bernardo do Campo), o processo de formação territorial do Centro-Oeste que teria dificultado a criação de uma identidade regional e resultou na falta de sintonia entre os meios de comunicação e o campo acadêmico da Comunicação com a própria região. Outros elementos como “a incipiência do processo de sistematização de pesquisa na área de Comunicação; falta de intercâmbio nas práticas comunicacionais do mercado de Comunicação; falta de integração das faculdades de Comunicação” (ROCHA, 2014, p. 90) são indicados como elementos complicadores desse processo.

O pesquisador André Mazini (2012) salienta a escassez de estudos sobre a história da mídia sul-mato-grossense, principalmente em Dourados, em função da incipiência do campo de pesquisas acadêmicas em Mato Grosso do Sul. Além de se perceber no campo da Comunicação o estado inicial de estudos acadêmicos sobre a mídia regional, que aos poucos, começa a ser pesquisada em recentes Programas de Pós-Graduação em Comunicação, no campo da História não tem sido diferente. Embora os Programas de Pós-Graduação em História da região Centro-Oeste sejam mais tradicionais que os da Comunicação, nos estudos sobre a mídia têm se dado ênfase a imprensa mais como fonte do que como objeto.

Estudos sistematizados que resultaram em teses e dissertações do PPGH/UFGD apontam alguns movimentos migratórios no processo de povoamento e desenvolvimento de Dourados (BETONI, 2002; ERNANDES, 2009; ALÉM, 2011) que não podem ser desvinculados da compreensão da história dos impressos locais. O primeiro foi caracterizado pela migração de famílias oriundas de estados como Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, se fixando em terras devolutas pertencentes ao território do então município de Nioaque, Mato Grosso, na primeira década de século XX. Segundo Ernandes (2009, p. 29), essas terras eram “há muito ocupadas pelos índios Guarani que viviam espalhados pela região e utilizavam o território como rota de passagem, principalmente as margens do Rio dos Dourados”, que acabou dando nome à cidade.

Uma dessas áreas, localizada nas proximidades do Rio dos Dourados, recebeu o nome do topônimo originando assim, o distrito policial de Dourados. Perto da sede do distrito policial, em 1903, Marcelino Pires, um paranaense, se instala e toma posse de alguns hectares de terra conhecidos, na época, como Fazenda Alvorada. No início do século XX, a falta de estradas dificultava o acesso à região. Por isso, foi só depois da abertura da estrada do Porto Quinze, em 1907, que várias famílias vieram para o distrito – a de Manoel Santiago de Oliveira no mesmo ano; a de Januário Pereira de Araújo em 1908; a de Paulo Hildebrando, João Zeferino de Almeida, José Alves Leite, João Teodoro, Joaquim Paulino, Manoel Batista e Francisco de Matos, todos em 1909 (ERNANDES, 2009, p. 24).

Em 1943, aconteceu o segundo movimento migratório, com a criação do Território Federal de Ponta Porã e da Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND) por Getúlio Vargas com o intuito de povoar e desenvolver com mais celeridade a região. A medida fazia parte do esboço de uma política de segurança nacional preocupada em garantir a segurança na faixa de fronteiras. De acordo com Betoni (2002), a notícia atraiu trabalhadores e mais migrantes, que receberam pequenos lotes (de 25 a 30 hectares) para atividade agrícola. Em sintonia com as medidas adotadas pelo Governo Federal, o município de Dourados também criou sua colônia agrícola em 1949.

As colônias nacional e municipal de Dourados provocaram rápidas transformações econômicas, culturais, sociais, políticas e demográficas. O crescimento populacional trouxe grandes problemas, tais como, a escolarização, a urbanização, industrialização e medicalização. A venda de terras e a migração dos colonos para outras regiões criaram a preocupação com a preservação, conservação e manutenção da força de trabalho nos lotes, tendo em vista que a comercialização destes era vista como uma ameaça à superação dos estigmas (ERNANDES, 2009, p. 42).

Foi nesse contexto de expansão, ocupação e desenvolvimento da região que foram produzidos e circularam os primeiros periódicos que constituíram a imprensa da região.

Segundo Arakaki (2008), a primeira experiência jornalística douradense não teria sido bem sucedida, uma vez que “sua edição foi suspensa porque uma pessoa da cidade não gostou de um artigo” (ARAKAKI, 2008, p. 105) publicado no jornal. Insatisfeito com a reação do leitor, o proprietário do *Jandaia* teria encerrado a atividade do periódico.

Talvez pela curta duração, por circular em terras douradenses 11 anos após a localidade ser alçada à condição de Distrito de Paz do Município de Ponta Porã (MT), na fronteira com o Paraguai, os rastros e vestígios de *Jandaia* sejam tão escassos. Assim, não se tem informações sobre seu formato, características, política editorial. Sabe-se apenas que o periódico era produzido em Dourados e impresso em Campo Grande. Arakaki (2008) se ressentiu da falta de informação sobre o início das atividades da mídia douradense ao relatar que na obra basilar sobre a imprensa mato-grossense *História do Jornalismo em Mato Grosso*, do memorialista Rubens de Mendonça, “que faz referência aos jornais mato-grossenses desde os tempos do império até 1960, curiosamente não se vislumbra qualquer referência aos jornais de Dourados. Todavia, data de 1926, notícias da existência de periódicos na cidade” (ARAKAKI, 2008, p. 105). As informações sobre a breve vida do *Jandaia*, Arakaki (2008) obteve no estudo *Memória fotográfica de Dourados* (1990), de Regina Helena Moreira, tão importante quanto a de Rubens Mendonça para a historiografia da mídia regional.

A relação da imprensa de Ponta Porã com jornais que circularam e se inserem no

contexto de publicações impressas em Dourados foi caracterizada por experiências que suscitam polêmicas e debates acadêmicos como a relação do jornal *O Progresso* publicado em Ponta Porã na década de 1920 e a posterior produção e vendagem do jornal com a mesma denominação em Dourados (MT) a partir da década de 1950.

O jornal *O Progresso*, fundado em Ponta Porã, na década de 1920, no calor dos festejos carnavalescos, aponta em editorial o lugar ocupado pelos jornais na defesa dos interesses políticos no início do século XX. Nele, foi anunciada a linha de atuação, manifestada na intenção de defender os interesses da população local:

Encravada nesta imensa fronteira com a Republica do Paraguay, de todos esquecida, Ponta Porã vive exclusivamente de seus recursos, do afanoso trabalho dos seus habitantes, da uberidade do seu solo abençoado. O echo dos nossos brados perde-se nas imensas esplanadas de verdura que nos rodeiam; e aqui somos um dos mais poderosos baluartes do erario publico, concorrendo sempre para a fortuna do Estado. Premente se tornava necessidade de levarmos aos que nos governam o conhecimento das nossas necessidades. Assim se justifica o apparccimento do nosso hebdomadário cujo programma se circunscribe à defesa dos nossos grandes interesses. [...] Surge armado cavalheiro para luctar pelos interesses deste Município, empenhando-se com denodo pelo seu engrandecimento, se a tanto não nos faltar o alento. [...] Desviado de ideaes partidários, este semanario defenderá os interesses do povo, prestigiando sempre as autoridades constituídas, levando a sua pequenina porem franca colaboração ao governo do Estado. Blindado por estes intuitos “O PROGRESSO” confia na boa acolhida da altiva operosa população desta terra, e assim é que se lança à sorte com a bem fundada esperança de vencer na peleja em que se empenha (*O PROGRESSO*, 1920)¹⁸.

Há uma questão central que nos incomodou e entendemos, por isso, carecer de uma discussão. Existe uma versão corrente, quase hegemônica no entendimento desse periódico de que seu fundador teria sido o pai de Weimar Gonçalves Torres, o advogado paraibano José de Passos Rangel Torres, que adotou Ponta Porã para viver. Porém, na primeira edição do jornal, publicada em 22 de fevereiro de 1920, essa versão não é confirmada, pois quem apareceu como proprietário e diretor do informativo foi Militão Viriato Baptista, e como redator, Humberto Coutinho. Ainda assim, vários memorialistas apontam, em seus escritos, artigos publicados na imprensa sul-mato-grossense, inclusive no próprio *O Progresso*, o advogado paraibano como o criador do periódico.

O professor de matemática aposentado e escritor Luiz Carlos Pais, carioca, radicado em Campo Grande, escreveu artigo publicado em dezembro de 2016, no *Correio do Estado*¹⁹, sobre a história da imprensa em Ponta Porã, em que afirma que, “1920 está na história da imprensa

¹⁸ Trecho do editorial da 1ª Edição do jornal *O Progresso*, em Ponta Porã, no dia 22.02.1920.

¹⁹ Disponível em <<https://www.correiodoestado.com.br/opinioao/luiz-carlos-pais-historia-da-imprensa-em-ponta-pora/292611/>> Acesso: 18.06.2018.

sul-mato-grossense devido ao lançamento do primeiro número de *O Progresso*, de Ponta Porã, jornal de propriedade de José dos Passos Rangel Torres”. Formado em direito pela Faculdade de Direito de Recife, em 1914, Rangel Torres foi promotor de justiça em Bela Vista (MT), na mesma região do Estado. Pais, que tem um site pessoal, onde esse e outros artigos de sua lavra podem ser acessados, destaca a importância do jornal para a região e as mais de 80 edições daquele período que integram o acervo digital da Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital) Biblioteca Nacional (Figura 1).

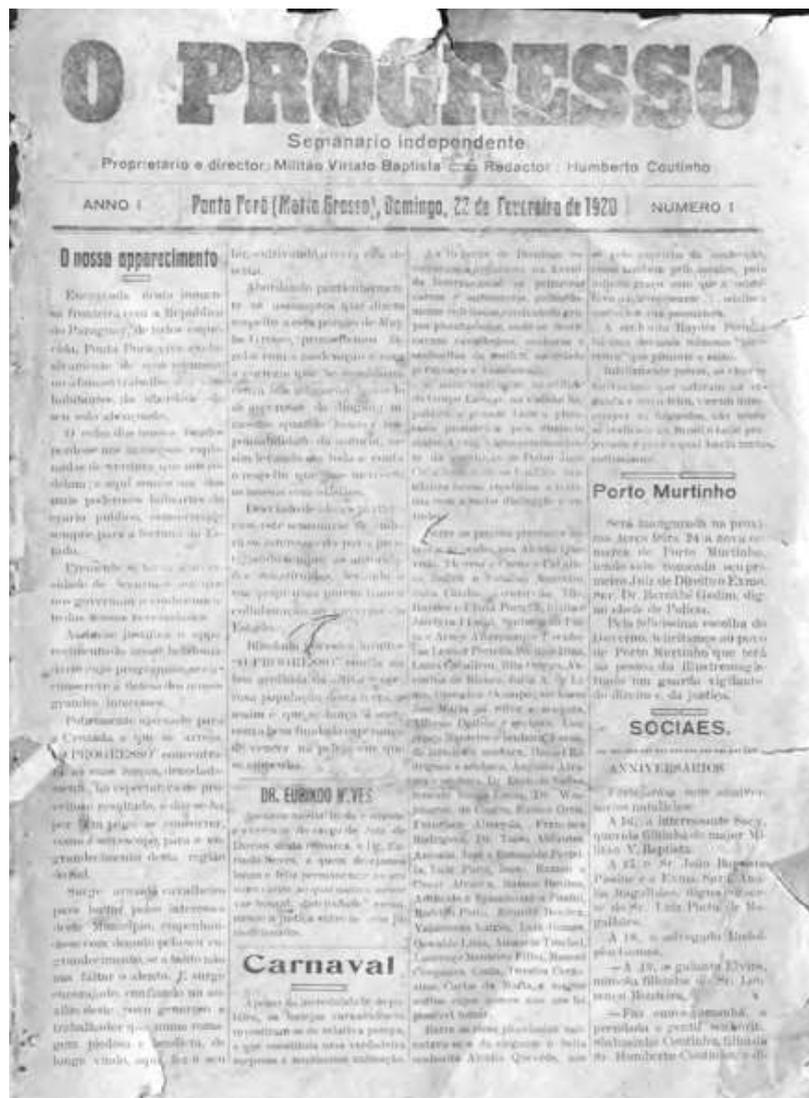


Figura 1: Primeira Edição de *O Progresso*, em Ponta Porã – 22.2.1920.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Na primeira edição, que registra o número 1 do ano 1, é possível confirmar na seção *Expediente* os valores da assinatura anual, 20\$000²⁰ e por seis meses, 12\$000. Informa ainda a periodicidade do semanário com circulação aos domingos e que toda correspondência deveria

²⁰ A moeda vigente na época era o Mil Réis, que vigorou no Brasil entre o período colonial e 1942.

ser encaminhada ao proprietário Militão Viriato Baptista. Outra curiosidade é a quantidade de anúncios que tomaram as duas últimas páginas, com cerca de oito em cada página, que vão de casa de comércio, variedades, secos e molhados, passando por restaurantes, lojas de tecidos, até a tipografia Baptista de propriedade de Militão, onde rodava *O Progresso*.

A pesquisadora em história da educação Alessandra Josgrilbert (2015), no artigo *O jornal “O Progresso”: aproximações entre o ensino paraguaio e mato-grossense no início do século XX*, em que analisou 173 edições do periódico, na sua trajetória em Ponta Porã, abordou a fundação do jornal. Ainda na cidade fronteiriça, o jornal teve a primeira interrupção, funcionando em duas fases, outra novidade na vida do periódico, até então pouco conhecida.

Primeiramente, o jornal funcionou de 22 de fevereiro de 1920 a 1924, tendo suspenso suas atividades por motivos políticos, mas não foram encontrados números dos anos de 1923 e 1924. A segunda fase do jornal teve início no dia 04 de julho de 1926 e terminou em 1927. O periódico foi fundado em 1920 pelo Major Militão que, segundo Rosa (1922), assumiu a intendência em 1918 (JOSGRILBERT, 2015, p. 2).

O fundador do jornal, major Militão Viriato Baptista ficaria menos de um ano na direção do veículo, transferindo-o para o advogado José de Passos Rangel Torres em 12 de setembro de 1920. Na edição de número 29 do jornal pela primeira vez o nome do advogado foi publicado na função de editor responsável e o editorial intitulado *Nova Direcção* informou a mudança.

“O Progresso” passa a ter d’ora avante como editor responsável o Dr. Rangel Torres, sendo porem o seu programma o mesmo a que d’antes obedecia, quando da direcção Dinaite Souza, sendo que este continua prestando seus serviços na qualidade de gerente, com quem devem se entender todos quantos tenham interesses ligados a este mesmo jornal. O programma é, portanto, o que desde o seu apparecimento adoptamos, isto é, inteira imparcialidade quanto a politica do Estado, estando abertas nossas columnas a qualquer assumpto de interesse social, ficando a “Secção livre” às ordens dos que quizerem manifestar a sua opinião politico-partidaria. De tal modo sem que haja quebra de nossa vontade na attitude assumida “sem ligação official nem compromissos partidarios”, suppomos prestar um serviço àquelles que quizerem se utilizar da nossa imprensa local. Nenhuma responsabilidade porem nos caberá pelas idéas e conceitos emittidos, uma vez que a estamparemos em logar apropriado (*O PROGRESSO*, 12.9.1920).

Da data desta edição até 18 de maio de 1924, o nome de Rangel Torres apareceu como editor responsável. A partir da edição 220, publicada no dia 22 de junho de 1924, dois meses antes da suspensão da circulação do periódico, seu nome foi alçado ao cargo de Director-proprietário. No dia 10 de agosto de 1924, na edição de número 227, o jornal anunciou a suspensão motivada pela censura em função da Revolução Paulista²¹.

²¹ A Revolução Paulista, conhecida também como Revolta Tenentista ou Revolta Paulista foi um movimento

Tendo sido determinado pelo Exmo. General Commandante Militar da Circumscrição Militar ao Sr. Delegado de Polícia a censura deste semanario em virtude do movimento sedicioso de São Paulo, resolvemos suspender a contar de hoje, sua publicação, até que o paiz volte a sua tranquilidade pela qual fazemos sinceros votos. Tomamos essa deliberação por entender que, não tendo sido decretado estado de sitio para o território Mattogrossense, não pode a liberdade de imprensa ser cerceada por medida dessa natureza, em vista do dispositivo constitucional (Art. 72§12º). O momento não comporta comentários...(O PROGRESSO, 10.8.1924)²².

A interrupção é citada tanto por Josgrilbert (2015) quanto por Pais (2016), quando o veículo teve a circulação suspensa por um ano. Após a interrupção, o informativo voltou a circular no dia 4 de julho de 1926, com a edição 228, que marcou a *Segunda Phase*, conforme destaque, logo abaixo da logomarca, da edição. No editorial intitulado *Depois do sitio*, Rangel Torres fez um breve relato da situação que levou à suspensão e prometeu continuar com a mesma linha editorial, na defesa dos interesses da população pontaporaense.

Em Agosto de 1924, nos despedimos de nossos prezados leitores, em virtude de coacção illegal, que não á preciso pormenorisar, pois está no conhecimento de todos, os tranfes por que tivemos de passar, e em vista dos quaes foi interrompida a publicação deste semanario. Quasi dois annos de estado de sitio não permittia a via de imprensa livre como convem aos que della se valem como vehiculo de transmissão de idéas. Quiz a boa vontade dos governantes actuaes do nosso querido Brasil que essa situação cessasse desde Abril ultimo, neste Estado, e assim, confiantes nas prerrogativas constitucionaes voltamos a nossa actuação interrompida. Nessa nova phase, temos os mesmos propositos e estamos inspirados dos mesmos sentimentos patrioticos. Independente, procurando servir ao povo, sem esperar recompensas, alem das que decorrem da satisfação do dever cumprido, em prol da collectividade e da patria, ei-lo novamente na liça. Salve liberdade (O PROGRESSO, 4.7.1926).

Além da linha editorial, o jornal apresentava o mesmo formato, diagramação e distribuição de matérias, nas quatro páginas. Apenas o preço da assinatura havia mudado. Agora a anual custava 25\$000, enquanto a semestral, 15\$000.

Rangel Torres continuou como proprietário do jornal até o encerramento das atividades em Ponta Porã, em 1927. Adiles do Amaral conta que, Rangel Torres “era formado em direito” e “foi nomeado promotor, tendo que parar *O Progresso*, porque era incompatível dirigir um

militar de oficiais de baixa patente do Exército contra o Governo Federal. O movimento localizado na capital paulista, aconteceu no mês de julho de 1924 e tinha como objetivo depor o presidente da República, Arthur Bernardes. Liderado pelo general reformado Isidoro Dias Lopes e o major Juarez Távora, o movimento também chamado de Revolução Esquecida inspirou outros movimentos país a fora, inclusive à Coluna Prestes. (CPDOC/FGV). Disponível em:

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas/1/anos20/CrisePolitica/Levantes1924>. Acesso em: 10.10.2019.
²² Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. http://memoria.bn.br/pdf/716014/per716014_1924_00227.pdf. Acesso:18.06.2018. Na Hemeroteca estão as edições dos anos de 1923, 1924, 1926 e 1927. No CDR-UFGD não constam as edições dos anos de 1923 e 1924.

jornal e exercer o Ministério Público” (AMARAL, 2018)²³.

Na fase do jornal no município de Ponta Porã, onde circulou por um período de sete anos, com um de paralisação, em função da situação política, vários aspectos podem ser ressaltados. Além de criar os alicerces de uma imprensa local, regional, com reflexos até hoje sobre a população da região sul do estado, enfrentando as dificuldades e os desafios comuns aos que se aventuram em iniciar um empreendimento editorial, pode-se dizer que *O Progresso* se transformou num instrumento de elaboração e difusão das representações da localidade sob as perspectivas e direção de Rangel Torres.

Na relação que o jornal impresso estabelece com a sociedade, conforme observa Silveira (2010, p. 92), é entendido como “um aparelho privado de hegemonia, um lugar de produção de/e reverberação de ideologia através de produção e veiculação discursiva, um objeto de consumo, um produto”, pois o veículo de comunicação é “um objeto material construído por sujeitos reais”. Não há neutralidade na produção do jornal, pois como nos ensina Capelato (1988, p. 22), “a imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social”, por esse motivo, “o historiador procura estudá-lo como agente da história e captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais”. Portanto, compreendemos que “na construção do fato jornalístico interferem não apenas elementos subjetivos de quem o produz, mas, também, os interesses aos quais o jornal está vinculado”. Da mesma forma, entendemos que não há neutralidade na tecnologia, por resultar da ação humana.

Assim sendo, embora nos editoriais fosse ressaltada constantemente a imparcialidade de *O Progresso*, seus proprietários, nas mais diversas fases do periódico estiveram ligados à política. Militão, por exemplo, trabalhou como intendente do governo em Ponta Porã, cargo de indicação política; enquanto Rangel foi eleito vereador como aponta a edição de número 250, de 5 de dezembro de 1926, quando obteve 72 votos, a maior pontuação, empatando com outros três candidatos. Por uma questão editorial, a matéria apresentou apenas o resultado da eleição, sem fazer relação ao dono do jornal, embora não fosse necessário, já que era de conhecimento de seu público a quem pertencia o jornal.

Como se vê, em meados do século XX, a imprensa regional integrou um período em que a imprensa nacional se desenvolveu e se caracterizava, principalmente, pelo partidarismo que exercia, estando os periódicos ligados a partidos políticos ou a autoridades da política, nacional ou regional.

²³ Entrevista concedida ao autor em 18.4.2018.

Os jornais impressos ao produzir notícias que retratavam situações locais, representavam perspectivas que se entrelaçavam nos cenários local, regional e nacional, o que ficava evidente na produção da informação, captada em localidades, produzida e impressa em outros lugares, como Campo Grande (MT). Nesse sentido, os primeiros jornais que circularam em Dourados (MT) retratavam o cotidiano local, porém, diante da ausência de gráficas, eram impressos em lugares distantes.

Pelo que foi retratado, em várias obras consultadas sobre sua curta trajetória, *O Douradense* tornou-se um capítulo à parte no processo de construção da identidade local. Nos dois anos de atuação, entre 11 de maio de 1948 e primeiro de agosto de 1950, somando um total de 16 edições, conseguiu documentar vários momentos da vida da sociedade douradense, como relata Ernandes (2009).

O jornal noticiava os acontecimentos da cidade e informava a população da política nacional, sendo por vezes, transcritas reportagens de *O Progressista*, jornal que circulava em Campo Grande. As reportagens publicadas quinzenalmente procuravam atribuir à imprensa a defesa dos direitos da população e a cobrança dos deveres, tanto do governo municipal quanto do estadual. Ele também se apresentava como um órgão independente, e enquanto existiu, procurou pautar suas reportagens na direção de fortalecer os pertencimentos coletivos. O objetivo principal do jornal mencionado na primeira edição em, 11 de Maio de 1948, era fazer de “tudo” para que a “florescente” e “hospitaleira” terra douradense fosse, de fato, um centro de “real e positiva grandeza”. Para tanto o órgão se valeria da norma do Direito e da Justiça, para apoiar todas as iniciativas de caráter progressistas e honestas, justificando este fato a partir da afirmação de que a imprensa sempre foi a orientadora segura e serena da população, tendo como norma o direito e a justiça (ERNANDES, 2009, p. 43).

O periódico era dirigido e editado pelo jornalista e literato Armando da Silva Carmelo²⁴, oficial da reserva do Exército nascido em Cuiabá (MT), que mudara para Dourados em maio de 1948. Para ajudar na elaboração do jornal, Carmelo contava com um grupo de colaboradores formado por redatores como Ulysses Serra, João Capilé Júnior, Isaac Duarte de Barros, João Simplório. Segundo Ernandes (2009), *O Douradense* teve papel decisivo no processo de formação da identidade do povo douradense. A sua impressão era feita em Campo Grande, porque não havia tipografia em Dourados, o que acabava acarretando atraso na circulação, por causa das condições precárias das estradas naquela época.

²⁴ Armando da Silva Carmelo teve atuação destacada como jornalista e intelectual nas décadas de 1950, 1960 e 1970 em Campo Grande e Dourados. Além de dirigir e escrever para jornais, Carmello é autor da letra do hino de Dourados e escreveu o livro “Dourados, terra prometida”. Foi inspetor da Fazenda do estado do Mato Grosso e membro da Academia de Letras e História de Campo Grande (atual Academia Sul-Mato-Grossense de Letras – ASL). (AMARILHA, 2014).

Pais (2017)²⁵ ressalta a importância do jornal naquele contexto histórico-social, lembrando que o periódico “anunciava-se como órgão independente e sem vinculação com partidos e dedicado aos interesses do município”. No editorial de lançamento, lembra que “o diretor expôs sua opinião a respeito da imprensa ressaltando o compromisso de incentivar, através do novo jornal, todas as iniciativas progressistas”, e finaliza com a última frase do editorial (Figura 2): “Nós, deste órgão, que hoje aparece com a esperança de uma vida longa, tudo faremos para que esta florescente e hospitaleira terra seja, de fato, em tempos não muito remotos, um centro de real e positiva grandeza”. (PAIS, 2017).



Figura 2: Primeira Edição de *O Douradense*
Fonte: CDR-UFGD

²⁵Traços da história da imprensa em Dourados, artigo publicado no jornal *Correio do Estado*, em 2017. <https://www.correiodoestado.com.br/opiniaoluiz-carlos-pais-tracos-da-historia-da-imprensa-em-dourados/296309/>. Acesso em: 18.06.2018.

Em matéria de capa, porém curta, na sua primeira edição, o jornal anunciava a construção da Usina Filinto Müller para produzir energia para a área central da cidade, que compreendia as avenidas Marcelino Pires, Weimar Gonçalves Torres e Joaquim Teixeira Alves. “Dentro de poucos meses teremos a luz, esse melhoramento que todos almejam. Sim, uma nova era de vida se abrirá para todos os setores da vida diária. O futuro nos dirá isso” (*O DOURADENSE*, 1948)²⁶. A obra anunciada pelo *O Douradense* em 1948 se transformaria num dos símbolos identitários da cidade.

De acordo com Ernandes (2009, pp. 47-48) o jornal defendia abertamente ações que resultassem no desenvolvimento e progresso para a cidade. Foi assim que o jornal encabeçou “uma campanha pró-agricultura e industrialização da economia ervateira e beneficiamento de gêneros alimentícios. Incentivou, também, a Associação Comercial e elogiou a criação da Feira Livre de Dourados, onde os colonos poderiam vender o excedente da produção agrícola aos consumidores”. Segundo o pesquisador, essas ideias se apresentavam “como elementos de uma identidade almejada”, pois o jornal *O Douradense* foi o responsável em expressar “em suas páginas uma realidade vivida e outra desejada. Ele representa as tentativas de uma elite letrada em unificar sentimentos e estabelecer modos de vida e comportamentos tidos como necessários para o sucesso agrícola da cidade e da colônia”. Para o historiador, o jornal que circulou quinzenalmente, se transformou no meio de comunicação impresso mais importante entre o final dos anos 1940 e início dos anos 1950. O periódico publicou, na íntegra, na capa da edição do dia 18 de novembro de 1948, um texto de um dos seus colaboradores, João A. Capilé Júnior, intitulado *Monografia Histórico-Corográfica do Município de Dourados*.

Segundo Ernandes (2009), o jornal defendia a criação de um sentimento homogêneo diante da heterogeneidade estabelecida dos migrantes que povoavam o município. Para isso, era necessário contar a história da cidade de forma relevante. “A narrativa conta sobre a ocupação do território que deu origem ao povoado, a criação do município e a administração municipal, e das correntes de povoamento – procedência e objetivos”, enfatizando aspectos do solo e do relevo, sendo uma primeira “tentativa de unificar o passado por meio da história estabelecendo para os cidadãos um passado comum, elegendo datas, fatos e nomes, a serem celebrados, forjando, dessa forma, identidades” (ERNANDES, 2009, p. 48).

A nossa preocupação aqui é situar a notícia como elemento presente ao longo da história de Dourados, não muito diferente de outros lugares mundo a fora, quando de sua implantação, percebendo e tratando a notícia como um instrumento singular, presente no processo de

²⁶ Trecho de matéria de capa da 1ª edição do jornal *Douradense* em 11.05.1948.

comunicação, de interação, seja com o próprio homem, ou com o meio em que ele se situa. Por isso, a notícia aparece como elemento presente, assentado nos contextos históricos, sociais e culturais, modificado pelas tecnologias que surgiram e marcaram a sociedade e suas representações.

De acordo com Weber (2008, p. 43), a imprensa provoca “deslocamentos poderosos nos hábitos de leitura e com isso provoca poderosas modificações na conformação, no modo e na maneira de como o homem capta e interpreta o mundo exterior”. Essa é a principal mudança promovida pela imprensa na sociedade, no entendimento do sociólogo alemão e o objeto principal de sua investigação sobre a imprensa, que para ele, além de um negócio, tem a obrigação de se colocar a serviço da verdade e da justiça, como uma espécie de fiscal do estado. Outro aspecto pesquisado por Weber é a relação entre o público e o privado, ou seja, a publicização que a imprensa dá a coisas e fatos que nem sempre agrada a quem lhes diz respeito.

No entendimento de Werneck Sodré (1997), o desenvolvimento da imprensa mantém uma relação direta com o processo de industrialização e o deslocamento do homem do campo para a cidade, mantendo, portanto, uma relação simbiótica com o capitalismo. De acordo com o autor.

O desenvolvimento das bases da produção em massa, de que a imprensa participou amplamente, acompanhou o surto demográfico da população ocidental e sua concentração urbana; paralelamente, a produção ascensional provocou a abertura de novos mercados, a necessidade de conquistá-los conferiu importância à propaganda, e o anúncio apareceu como traço ostensivo das ligações entre a imprensa e as demais formas de produção de mercadorias. A ascensão capitalista, que a imprensa acompanhava passo a passo, como as suas mais significativas características, agravaria o contraste entre as áreas que se antecipavam naquela ascensão do padrão de vida e as que atrasavam; nas primeiras, era marcante a ascensão do padrão de vida e a divisão de trabalho se multiplicava, impondo a extensão da democracia política burguesa e o surto da educação, alargando extraordinariamente o público dos jornais e a clientela dos anunciantes; nas segundas, o quadro era inteiramente diverso (WERNECK SODRÉ, 1977, p. 3).

De certa forma, podemos perceber similaridade de valores desejados no discurso dos periódicos que circularam em Dourados naquele período. O discurso produzido tinha visível preocupação em ressaltar o desenvolvimento regional, numa sociedade preocupada, inicialmente, com a ocupação do espaço como demonstram os primeiros periódicos e, depois, com questões referentes a atividades políticas, sociais e econômicas.

No final de 1959, circulou na cidade de Dourados um jornal que chamou atenção por sua concepção visual, um rolo de papel, inspirado nos pergaminhos da antiguidade. *O Rôlo*, de propriedade do médico carioca Joaquim Lourenço Filho, que se instalou no município em 1957 com esposa e três filhos, teve sua primeira edição publicada no dia 25 de novembro de 1959.

Seria destinado ao humor e se chamaria *A Tampa* com circulação aos domingos, conforme editorial. Seu editor, Lourenço Filho, explicou que, só não foi assim por causa da falta de tipografia na cidade. O editor contava com Noelle Gomes de Oliveira e Nicanor P. de Sousa e demais colaboradores.

O jornal (Figura 3), que tinha como endereço da redação provisória a Avenida Marcelino Pires, nº 1509, esclareceu em seu primeiro editorial, intitulado *Com a sua licença*, a linha da publicação e as dificuldades para realizar um jornal na época.

Lutaremos sim, se tal nos permitirem, em prol das causas justas e pelo engrandecimento do nosso município. Se o nome é “O Rôlo” tal somente se deve ao seu feitio. Este jornal não tem cor política, por reconhecermos que ELA própria não tem cor. Limitar-nos-emos, politicamente, aos fatos, somente aos fatos, abstando-nos de comentários facciosos ou críticas, menos por conveniências pessoais, mais pelo respeito aos que nos honram com a sua leitura. Procuraremos, nos próximos números, apresentar-nos, menos defeituosos. Para tanto imaginamos contar com o seu beneplácito. Tentaremos dentro de nossas modestas possibilidades, levar aos nossos leitores, o maior número de notícias que julgamos seja do seu interesse. Se isso conseguirmos, o nosso esforço estará plenamente vingado. Caso contrário perdoem-nos a ousadia. Tentamos... (*O RÔLO*, 1959).



Figura 3: Primeira Edição de *O RÔLO*
Fonte: Moreira (1990).

Em que pese as críticas que suscitam, não se pode deixar de perceber a importância de trabalhos de memorialistas, que embora não sejam providos de maiores cuidados metodológicos não deixam de contribuir com suas obras para a preservação da história e memória de cidades e de seus povos.

2.2 A vertiginosa marcha de Dourados nas Páginas de *O Progresso*

De uma terra inexpressiva e esquecida, passa Dourados a ser uma das regiões mais famosas da Pátria. Gente de toda parte se instala no município para explorar suas magníficas matas. Mais de 2.400 pessoas chegaram depois do recenseamento. Grandes vendas de terra. Cinema, luz elétrica, linha de aviões diários, loteamento em massa, mais e mais casas de comércio, valorização acelerada dos imóveis, cafezais, produção imensa de algodão e cereais, instalação de grandes serrarias; um instantâneo polifórmico de uma esplêndida realidade (*O PROGRESSO*, 21.4.1951).

O texto acima apoia a manchete principal aberta nas seis colunas, em letras garrafais, como se dizia à época: *VERTIGINOSA!* Logo abaixo da manchete, o título traz a explicação, *A marcha de Dourados para o Progresso*. A defesa dos interesses do município, em vê-lo crescer e desenvolver é a principal motivação do jornal *O Progresso*, demonstrada na primeira edição do periódico, em sua reedição, na nova sede, em Dourados.

A manchete principal, embora tratasse da questão local, não deixava de fazer alusão à Marcha para o Oeste, uma ação do Governo Federal promovida na década de 1940, com o intuito de integrar as regiões Centro-Oeste e Norte, que registravam menor densidade demográfica, em relação às demais, do país. A ação visava tornar as duas grandes dimensões territoriais primordialmente agrícolas para abastecer as demais regiões do país, além de criar estradas e ferrovias para aumentar a densidade demográfica, através de incentivos agrícolas.

A data, 21 de abril de 1951, marca a circulação da primeira edição de *O Progresso* publicada em Dourados. Anteriormente, a produção do jornal teve como sede, em seus primórdios, o município de Ponta Porã, e apenas circulava em Dourados. Sua refundação em terras douradenses foi empreendida pelo advogado Weimar Gonçalves Torres, filho do advogado paraibano José dos Passos Rangel Torres.

Sob uma perspectiva desenvolvimentista, o jornal trazia acima da manchete matéria em que anunciava a instalação da primeira emissora de rádio no município. A marca do veículo vinha quase na metade do jornal à esquerda, com o slogan, *Pensamento e ação por uma vida melhor* (Figura 4). Logo abaixo da marca do jornal, o editorial, *Revivência*, em cercadura, anunciando a reedição de *O Progresso*, que circulara em Ponta Porã, na década de 1920, e uma homenagem de Weimar ao pai Rangel Torres.



Figura 4: Primeira Edição de *O Progresso*, em Dourados.
Fonte: Moreira (1990).

Essa edição trouxe cinco matérias destacadas na capa, sendo uma delas, entrevista com o novo encarregado da Usina termolétrica Senador Filinto Müller, Antônio Carvalho, que se pronunciou sobre o restabelecimento da energia elétrica na cidade, suspensa desde janeiro de 1951. Outra matéria destacou o 5º aniversário da Real, empresa de aviação. Recheada de palavras elogiosas ao proprietário da empresa, o comandante J'meu Gomes, e aos serviços de bordo, a matéria se assemelhava a um anúncio em formato jornalístico. No texto não ficou evidente se a empresa servia a Dourados, porém, a informação foi em um anúncio, no pé da segunda página, onde aparecem os dias dos vôos para as cidades de São Paulo, Londrina, Ponta Porã e Dourados (segunda, quarta e sexta).

A edição continha seis páginas, com reportagens da primeira página e internas, vários anúncios, com destaque para o das *Casas Pernambucanas*. Na seção *esporte* foram publicadas

apenas duas informações sobre futebol; uma sobre um jogo do Ubiratan Esporte Clube ocorrido no dia 8 de abril, em Ponta Porã, em que foi derrotado por 3x2 pelo Internacional Esporte Clube, daquela cidade; e a outra, sobre o Estrela do Sul, outro clube de Dourados, que estava se reestruturando. Havia vários anúncios de vendas de assinatura do jornal, ao longo da edição, inclusive, um em forma de *charge*.

Na segunda edição, do então semanário, que circulou no dia 29 de abril, a matéria em cima da manchete principal chamou atenção para a repercussão do lançamento do jornal em Dourados:

Dez horas da manhã do dia 21. O nosso tipógrafo apressa a revisão da última página. O povo esperava lá fora, com visível ansiedade a saída do primeiro jornal impresso em Dourados. O Gerente, tipógrafo substituía os tipos, corrigia erros, sob indisfarçável emoção e nervosismo. De repente ouvimos sua voz: Está pronto! E outra: Entra na máquina! E em seguida ouviram-se os estalidos da pequena máquina e o rolar de seus cilindros subindo e descendo. Espoucaram foguetes e, um a um foram saindo os exemplares que o povo ia adquirindo, muitos sujando se ainda com a tinta fresca, todos visivelmente satisfeitos. O velho jornalista Carmelo não contendo um ímpeto de seu sangue do amante renitente da imprensa e apreciador de um trago surge com duas garrafas de um gostoso vinho que é servido aos tipógrafos e demais pessoas. Os foguetes continuam. E como num milagre exgotam-se rapidamente os exemplares. Muitos não puderam adquirir e tiveram que comprar no “câmbio negro” na mão dos assinantes, registrando-se a venda de exemplares até a CR\$ 5,00. Foi um grande dia para nós que aqui dentro da oficina e redação tanto trabalhamos. Mas, é também um estímulo para que continuemos na nossa tarefa de dar a Dourados este “O PROGRESSO” símbolo daquele progresso que tomou conta da nossa terra e há de torná-la, em breve pia dos orgulhos de Mato Grosso e da Pátria! (*O PROGRESSO*, 29.4.1951).

As seis páginas iniciais da primeira edição foram reduzidas a quatro, na segunda. A logomarca se deslocou para o lado direito, ainda que mantida na metade da página. A diagramação manteve certa unidade no ordenamento das matérias, mas sem hierquização e segmentação dos assuntos por editorias. As matérias foram distribuídas sem qualquer critério do ponto de vista das técnicas jornalísticas, na distribuição da página, demonstrando a maneira amadora como se fazia jornalismo em cidades do interior naquela época.

O jornal que se tornou a grande novidade de Dourados, principalmente por ter gráfica própria, o que representava poderio econômico. Como sabemos, era uma prática comum, no Brasil, os jornais sediados em cidades do interior serem impressos normalmente em gráficas nas capitais. A presença de uma gráfica na cidade se transformava em demonstração do poderio econômico da família proprietária do veículo. Além das edições de *O Progresso*, a gráfica passou a fazer outros serviços tipográficos, como afirmou Adiles do Amaral²⁷: “convites de

²⁷ Adiles Torres do Amaral foi casada com Weimar Gonçalves Torres, e presidiu a empresa até o encerramento do impresso em setembro de 2019.

casamento, cartões, talões para comércio, rótulos e outros impressos, que antigamente eram feitos em Campo Grande, agora tinha como fazer em Dourados. E isso era muito importante para a cidade” (TORRES, 2018)²⁸. Ela relembra como Weimar conseguiu a gráfica que queria tanto para imprimir o jornal em Dourados.

Deus foi tão bom com ele, porque ele recebeu uma carta de um amigo dele de Ponta Porã, que tinha uma gráfica, estava numa cidadezinha do estado de São Paulo, e na carta ele pedia de forma enfática para que Weimar o ajudasse a voltar com a família para Ponta Porã. Ele falou: - Weimar, pelo amor de Deus, me ajuda voltar para Ponta Porã, porque eu estou passando, até necessidade, eu tenho quatro filhos para criar. Aí, o Weimar falou assim: - se eu te trouxer para Dourados, você topa, em vez de Ponta Porã? Daí, ele falou: - claro! Então, o Weimar foi pedir para o seu Antônio de Carvalho, chamavam de Seu Carvalhinho, foi um grande prefeito, muito honesto, que era o prefeito de Dourados na época. - O senhor emprestaria um caminhão para ir buscar uma gráfica que Dourados não tem e vai ganhar agora? Aí, o prefeito disse: - empresto só que você tem que pagar o combustível e as diárias do motorista. E o Weimar disse que pagava. Olha que naquele tempo o Weimar era bem pobre de dinheiro, mas fez um esforço, foi lá e trouxe a gráfica. Foi muito bom por que, além do jornal, quando precisava fazer outro tipo de trabalho, não precisava procurar em outro lugar, Dourados tinha a gráfica (TORRES, 2018)²⁹.

O esforço de pessoas como Weimar Torres, Armando Carmelo e outros literatos da região em produzir uma imprensa que fosse capaz de atender o que se anunciava daquele jornalismo, representava as vozes daquela sociedade em formação. Todavia, o jornalismo praticado em Dourados era totalmente amador e ignorava as principais regras do fazer jornalístico. As redações não tinham estrutura capaz de separar os assuntos por editorias, como política, cidades, economia, esporte, opinião, arte e cultura. Nem mesmo na diagramação do jornal essa hierarquização era denotada, muito menos as técnicas de redação e composição das notícias, que pareciam totalmente desconhecidas. Justo naquela década de 1950, quando *O Progresso* nasceu em Dourados, o jornalismo brasileiro vivia sua mais profunda fase de modernização com a implantação do *lead*³⁰, uma técnica de construção da notícia que

²⁸ Entrevista ao autor no dia 18 de abril de 2018.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ O *lead* é considerado uma das maiores mudanças na estrutura do texto noticioso e ocorreu na segunda metade do século XIX, nos Estados Unidos, alterando de forma significativa a narrativa jornalística até os dias atuais. A palavra *lead* de origem da língua inglesa remete a significações como liderar, guiar, conduzir. É exatamente o que ocorre com a notícia, ao se tornar a parte mais importante do texto, por isso vem sempre no primeiro parágrafo. O *lead* surge meio que por acaso, para produzir efeitos incomparáveis na história do jornalismo, se tornando objeto de várias pesquisas dos estudos da notícia. Durante a Guerra Civil americana, ou Guerra de Secessão (1861 a 1865), ao enviar as matérias para a sede dos seus jornais, os repórteres que estavam no *front* encontravam dificuldade com a linha telegráfica, em função do tráfego congestionando. Com isso, eram obrigados, muitas vezes, a passar parágrafo por parágrafo, ao transmitir matéria para a redação. Como na maioria das vezes, acabava caindo o sinal e interrompendo a transmissão completa do texto, os jornais publicavam apenas o material que chegava à redação, primeiro. Houve então uma orientação dos jornais para que seus repórteres enviassem inicialmente, o primeiro parágrafo da matéria, e assim, por diante. Nascia, assim, além do *lead*, outro conceito básico do jornalismo, a pirâmide invertida, uma técnica de apresentação da matéria que hierarquiza os fatos de acordo com

revolucionaria o jornalismo mundial.

O teórico português Jorge Pedro de Sousa (2001) explica a definição de *lead* e as respostas que ele deve oferecer ao leitor.

O lead de impacto deve conter o núcleo duro da informação. Geralmente, a informação mais importante coincide quase sempre com a resposta às questões a que, segundo a retórica do jornalismo, se deve responder na notícia: "Quem?", "O Quê?", "Quando?", "Onde? Como?" e "Porquê?". Entre estas questões, geralmente o mais importante consiste em responder a "Quem?" e a "O Quê?", pois a maioria das notícias pode inscrever-se no âmbito da ideia "alguém fez ou disse alguma coisa". Mas quando se responde a essas duas questões, normalmente é fácil associar ao enunciado as respostas a "Quando?" e "Onde?". As respostas a "Como?" e "Porquê?" podem ser dadas no lead, mas também podem ser deixadas para o corpo da notícia (SOUSA, 2001, p. 221).

Essa técnica de apresentação da notícia mereceu comentário de Sodré (1977). Embora reconheça o nível de desenvolvimento do jornalismo, ao analisar criticamente a imprensa, o autor desenvolveu que:

O jornal avançou muito, entre nós, particularmente desde o início da segunda metade do século XX. O jornalismo norte-americano criou, por exemplo, o lead, cujos princípios se fundaram na regra dos cinco W e um H; qualquer foca americano sabe que toda notícia deve conter, obrigatoriamente, os seguintes elementos: who, quem; what, que; when, quando; where, onde; why, por que; e how, como. Qualquer jornalista sabe, por outro lado, estabelecer a distinção entre o que é notícia e o que não interessa, dentro daquela malícia de Charles Dana que, para ensinar a alguém, essa diferença elementar, contou: se um homem vai andando pela rua e um cão o morde, isso não é notícia, a não ser que esse homem tenha projeção política, social, financeira, notoriedade por qualquer motivo; mas se o homem morde o cão, isso é notícia (SODRÉ, 1977, p. 453).

O jornalismo brasileiro só veio a conhecer o *lead* na metade do século XX, cerca de um século depois do seu surgimento na imprensa americana, quando outros veículos de comunicação, como o rádio e a televisão, já haviam desembarcado em terras tupiniquins. Chega pelas mãos do jornalista Pompeu de Sousa e se espalha pelas páginas do pequeno *Diário Carioca*, na década de 1950, marcando de forma definitiva, não só a história daquele periódico, mas a historiografia da imprensa nacional. Pompeu de Sousa morou e trabalhou nos Estados Unidos, durante quase dois anos, no início da década de 1940, onde teve contato com a inovação técnica jornalística. A consolidação da imprensa como elemento de forte atuação social e cultural na sociedade capitalista moderna condicionou a profissionalização do operador desse sistema produtor de notícias.

a ordem decrescente de importância de seus elementos. É bastante comum nas redações, quando o editor tem problema de espaço na diagramação para uma matéria, cortá-la. Esse corte começa de baixo pra cima, obedecendo a esse critério da pirâmide invertida. (SOUSA, 2001)

A recriação do jornal *O Progresso* em Dourados, no ano de 1951, “representava a retomada do sonho, da caminhada iniciada pelo seu pai”, por isso, é carregada de tantos simbolismos, como lembra Amaral ³¹: “Ele sempre dizia que *O Progresso* era o maior patrimônio da família. Quando assumi a presidência tive que vender terrenos, me desfazer de patrimônios para honrar com os compromissos do jornal. Não foi nada fácil. Hoje as coisas são bem melhores, o jornal é sólido e conquistou respeito da sociedade”. Ela lembra ainda que no decorrer dos anos, lhe foram feitas várias propostas para que vendesse a empresa, mas recusou todas, em respeito à memória e ao legado de Weimar. Quando Dona Adiles fala de Weimar, usa do mesmo entusiasmo que quando fala do jornal.

Weimar Gonçalves Torres, filho de José dos Passos Rangel Torres e Dionísia Torres, nasceu em Ponta Porã, em 6 de dezembro de 1922, dois anos depois da fundação de *O Progresso*, naquele município, do então estado de Mato Grosso. O professor aposentado e colaborador do site *Dourados Agora*, Paulo Hamilton Marinho (2016) ³², conta em artigo publicado no site que Weimar fez os primeiros estudos no Grupo Escolar e Colégio Salesiano, da sua cidade natal. Formou-se em Ciências e Letras no Ginásio Dom Bosco, em Campo Grande, mas queria ser advogado como o pai, e seguiu para o Rio de Janeiro, onde conseguiu se bacharelar em direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em 1947. No ano seguinte, começou a trabalhar como advogado no recém-criado município de Dourados.

Advogado dono de jornal, Weimar não demorou a ingressar na política, sendo eleito vereador em 1950 pelo Partido Social Democrático (PSD) ³³, no qual se filiara em 1945, segundo Marinho. Fica claro que o jornal, portanto, tinha ligação com a política, mais precisamente ao PSD. Weimar Torres ajudou a fundar o Rotary Clube de Dourados e integrou também o Lions Clube da cidade. Em 1966, elegeu-se deputado federal, por Mato Grosso, antes, já havia sido eleito deputado estadual.

Ao discorrer sobre o período em que Weimar Torres atuou na política, Adiles do Amaral Torres fez questão de ressaltar que o fundador de *O Progresso* não queria entrar para a política.

Naquele tempo os políticos eram mais sérios, a maioria, inclusive o meu marido era uma pessoa muito boa, gostava de ajudar a todo mundo. Mas ele não tinha a intenção

³¹ Entrevista concedida ao autor em 18.4.2018.

³² Paulo Hamilton Marinho é professor aposentado e colaborador do site Dourados Agora. Publicou artigo sobre o assunto no Dourados Agora. <https://www.douradosagora.com.br/noticias/entretenimento/professor-escreve-a-historia-de-weimar-torres>. Acesso em: 18.10.2017.

³³ Partido Social Democrático (PSD) foi um partido político brasileiro, fundado em 17 de julho de 1945 e extinto pela ditadura militar, pelo Ato Institucional Número Dois (AI-2), em 27 de outubro de 1965. Foi refundado em 1987 e em 2003, incorporado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), surgindo novamente em 2011. CPDOC-FGV). Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-social-democratico-psd-1945-1965>. Acesso em: 20.10.2018.

de ser político, o Weimar, não queria entrar para a política. Ele era uma pessoa muito querida, porque ajudava as pessoas pobres, levava cesta básica, mas ele não tinha intenção de ser político, eu digo isso pela convivência que tive com ele, por conhecê-lo bem. Aí, empurraram ele até ser candidato a vereador, no tempo que aqui em Dourados vereador não era remunerado. Depois, cutucaram até ser candidato a deputado estadual, foi e ganhou também; depois, deputado federal. Não queria mais, mas acabou indo (TORRES, 2018) ³⁴.

O deputado federal Weimar Torres morreu quando retornava às atividades em Brasília, no dia 14 de setembro de 1969. O avião tinha escala em Londrina. De acordo com Adiles do Amaral, a família ficou sabendo pelas informações da caixa preta, que a hora em que o avião ia decolar de Londrina, a uns 20 metros de altura, gritaram fogo, fogo! “Ele arrancou a janela de emergência e pulou, sendo atingido pela hélice que decepou sua cabeça, enquanto os outros passageiros morreram queimados, dificultando a identificação de cada um”. Adiles estava em Brasília com os filhos pequenos, quando recebeu a notícia do acidente e morte do marido. “Aí, eu fiquei desesperada, eu e meus filhos. Eu casei cedo, foi o primeiro e único namorado que tive, até a época. Sofri muito”. Segundo Paulo Hamilton Marinho, o funeral de Weimar Torres reuniu a maior concentração pública da história de Dourados, formando uma multidão de pessoas que queriam se despedir de Weimar. O político morreu aos 47 anos.

Na sua atuação parlamentar se destacam a criação de municípios como Fátima do Sul e Naviraí. Outro projeto de sua autoria, esse quando na Câmara Federal, como aponta o memorialista, é o concurso de bolsa de estudos no valor de CR\$ 10.000,00 por ano, para custear estudos ginásiais do melhor aluno carente do município. Após sua morte foi homenageado com uma das principais vias da cidade que ganhou seu nome, a Avenida Weimar Gonçalves Torres, que corta a cidade de ponta a ponta. A homenagem foi proposta pelo vereador Percílio Bueno Cavaleiro. Antes a via tinha o nome de Rua Rio Grande do Sul.

Dissertações defendidas no PPGH/UFGD apontam a vinculação do jornal *O Progresso* com questões políticas locais e regionais, se tornando uma espécie de instrumento político de Weimar Torres. Schwengber (2005), Silva (2007), Viudes (2009) e Além (2011) indicam essa direção seguida pelo periódico. Em sua análise, Além (2011, pp. 47-48) avança ao intuir que “*O Progresso* deve ser pensado também como elemento integrante do conjunto de mudanças ocorridas na cidade no período” em função do processo de povoamento da região, “quando da intensa migração de indivíduos oriundos, principalmente, do Nordeste brasileiro no início da década de 1950”. Ele ressalta que o jornal não mediu esforços para construir um discurso com o intuito “de legitimar um estado de coisas diferente da realidade, vinculando a modernidade,

³⁴ Entrevista concedida ao autor em 18.4.2018.

a civilização e o progresso à migração e suas consequências”, e destaca.

[...] entendemos que as motivações de Weimar ao inaugurar *O Progresso* não se restringiam a um desejo pessoal, mas são, sem dúvida, políticas, e que a vinculação do periódico com a classe política local e regional pautou as publicações do jornal, desde seu surgimento até os dias atuais. E no momento de sua fundação, houve o estreitamento dos laços entre o periódico e os políticos locais. O jornal foi colocado em funcionamento com auxílio financeiro da Prefeitura Municipal de Dourados no valor de 8 mil cruzeiros, votado e aprovado pela Câmara de Vereadores local (*O PROGRESSO*, 21/4/1951, p. 3). Tal recurso foi utilizado para transportar o maquinário pertencente ao Sr. Naurestides Brandão do interior de São Paulo para Dourados, pois ele havia se mudado de Ponta Porã, e sua gráfica não estava conseguindo prosperar na localidade onde havia se instalado. Desde a fundação de *O Progresso*, já se estabeleceu uma ligação entre o jornal e a classe política douradense, garantindo os interesses políticos de ambas as partes (ALÉM, 2011, pp. 45-46).

O autor lembra ainda detalhe curioso sobre a vinda de Weimar Torres para Dourados motivada por questões políticas em Ponta Porã.

O objetivo inicial de Weimar Torres em Dourados seria atuar na área de advocacia. Weimar, após se formar em direito, montou escritório em Ponta Porã. Mas segundo Adiles, foi obrigado a se mudar da cidade, por sofrer perseguições de seu principal adversário político que, conforme a viúva de Weimar, seria o udenista Aral Moreira, da *Folha do Povo*. No primeiro dia de funcionamento de seu escritório naquela cidade, a placa do estabelecimento foi depredada e suja de fezes, e Weimar se sentiu obrigado a transferir seu domicílio para Dourados (TORRES, 2010) (ALÉM, 2011, p. 4).

A imprensa como agente social tem por vocação participar e propor os debates sobre as questões ligadas às comunidades na construção de suas identidades e representações simbólicas e de poder. Para Silva (2006, p. 37), “a imprensa, sobretudo a periódica, é um importante meio de construção de culturas políticas específicas, ou seja, empiricamente verificáveis e de interesse historiográfico”. Por isso, destaca-se como importante elemento mediador entre a sociedade e os governos.

A imprensa adquire importância como objeto historiográfico no campo da história política quando consideramos a especificidade do político, em sua dinâmica própria, e as relações de mediação entre a sociedade e o Estado. Trata-se de romper com as determinações absolutas de estruturas, materiais ou mentais, do economicismo às formas mais enrijecidas das mentalidades, sobre o político. Devemos destacar, assim, a relativa autonomia do político e o papel dos agentes sociais, sejam indivíduos ou grupos, na construção do Estado (RÉMOND, 1996, p. 444-445; M. de M. FERREIRA, 1992), em especial na forma de construção de conceitos políticos que orientam o processo – fazendo, pois, com que o político seja, a um só tempo, uma dimensão específica, justificando-se como objeto de análise, e um espaço de relação entre outras dimensões do social (ROSANVALLON, 1995) (SILVA, 2006, p. 37).

O autor interpreta o papel da imprensa como instrumento na criação de uma nova cultura política, visão semelhante de Darnton (1996), onde a imprensa aparece como objeto da história política, capaz de mediar a relação entre sociedade e Estado e não se reduziria apenas a questão dicotômica destes entes, mas, dialética e dialógica.

Até chegar à década de 1990, período em que jornais brasileiros começaram a disponibilizar seus conteúdos na internet, o jornal *O Progresso* passou por vários processos tecnológicos em sua jornada com mudanças de impressões para se adaptar às exigências do mercado. Assim foi a chegada das máquinas *offset* que impactaram na forma de produzir notícias, a adoção do *lead*, a fotografias em cores, entre outras transformações induzidas pelo avanço das tecnologias, até a troca da máquina de datilografia pelo computador, primeira mudança proporcionada pela informática, antes da chegada da internet tornaram o jornal mais ágil e mais atraente para o público, mas aconteceram mais por exigência e dinâmica do próprio mercado.

2.3 A Folha de Dourados: um contraponto no jornalismo douradense

A *Folha de Dourados* surgiu em plena ditadura militar. Primeiro jornal de Dourados a circular diariamente na cidade, teve a dição experimental datada do dia 11 de fevereiro de 1968³⁵, passando a circular oficialmente, a partir do dia 2 de março. Fundado pelo jornalista Theodorico Luiz Viegas, que também era o redator responsável, tinha como diretor o também jornalista Hélio Leite, como consta no *Expediente* da primeira capa do veículo.

Em sua manchete principal, a edição experimental deu destaque a uma reunião entre lideranças políticas dos estados de São Paulo, Mato Grosso e Paraná e a direção da Estrada de Ferro Sorocabana, visando à construção do ramal de Dourados. *Ferrovias – Dourados – Alta Sorocabana: Engenheiros da Sorocabana e prefeitos e vereadores de S. Paulo, Paraná e Mato Grosso se reunirão em Loanda* era a manchete em duas linhas, com um texto de apoio explicando a pauta dos assuntos que seriam tratados na reunião. Seis itens compunham a pauta, sendo que o primeiro se referia taxativamente ao “Prolongamento do Ramal de Dourados da Estrada de Ferro Sorocabana”.

A empresa foi uma ferrovia paulista que ligou a cidade de Presidente Prudente ao município de Euclides da Cunha, passando por Teodoro Sampaio no extremo oeste paulista. O ramal de Dourados foi projetado em 1953 pela ferrovia e passaria também por Ponta Porã. A ideia era aproveitar o potencial madeireiro da região, naquela época ainda pouco habitada, além de oferecer um meio de transporte mais fácil e seguro para a locomoção da população para os grandes centros. Somente em 1958, a linha férrea foi aberta em seu primeiro trecho até

³⁵ A *Folha de Dourados* foi criada nove meses antes da decretação do AI-5 (Artigo Constitucional número 5) pelo presidente Costa e Silva, em 13 de novembro de 1968, que fechou o Congresso Nacional e acabou com a liberdade de imprensa, estabelecendo a censura aos órgãos de comunicação, teatro e a música, que marcou o período mais duro do Regime Militar (1964-1985).

Engenheiro Murgel. Três anos depois chegou a Teodoro Sampaio (SP), e, apenas em 1965, chegaria ao destino, Euclides da Cunha, ainda em São Paulo, na divisa com o Paraná, sem nunca alcançar Dourados.

A edição experimental da *Folha de Dourados* muito retrata os propósitos e o contexto histórico em que projetos editoriais estavam inseridos naquele momento. Grande parte das notícias produzidas eram direcionadas para a defesa da região (Figura 5).



Figura 5: Edição Experimental da *Folha de Dourados*
Fonte: CDR-UFGD

Como aponta Maria de Lourdes Eleutério (2008), após a implantação da República, destacou-se uma “imprensa que se diversificava”. Dessa forma, “a política mantinha seu espaço, mas o crescimento urbano propiciava o ímpeto de se reportar novos focos de notícia, fosse aquele do bordão ‘O Brasil civiliza-se’ ou as diferentes práticas culturais de uma sociedade em busca do progresso” (ELEUTÉRIO, 2008, p. 28).

A questão levantada permite observar que o país passava por um período de

transformações, enquanto a imprensa conhecia variados processos de inovação tecnológica “que permitiram o uso de ilustração diversificada – charge, caricatura, fotografia –, assim como aumento das tiragens, melhor qualidade de impressão, menor custo do impresso, propiciando o ensaio da comunicação de massa”. Com a atividade alcançando avanços, surgia na esteira das mudanças um mercado, transformando a imprensa “numa grande empresa, otimizada pela conjuntura favorável, que encontrou no periodismo o ensaio ideal para novas relações de mercado do setor”, influenciando positivamente vários segmentos da sociedade brasileira como “lavoura, comércio, indústria e finanças, posto que as informações, a propaganda e publicidade nela estampadas influenciavam aqueles circuitos, dependentes do impresso em suas variadas formas” (ELEUTERIO, 2008, p. 40). A socióloga entende que os veículos impressos se aliavam às melhorias dos transportes que, assim ampliavam os meios de comunicação e potencializavam o consumo.

A segunda chamada da capa *365 dias de Administração João da Câmara*, veio logo abaixo da principal, ocupando quatro das seis colunas, no lado direito, e fazia uma espécie de balanço do primeiro ano de João da Câmara ³⁶ à frente da Prefeitura Municipal de Dourados. Ressaltava as principais realizações como construção e reformas de escolas, implantação de uma fábrica de tubos, pavimentação e asfaltamento de ruas, além de reforma do parque rodoviário e a aquisição de um ambulatório odontológico. Ainda, na primeira página, ganhou destaque uma reportagem que tratava da disputa eleitoral pelo governo do estado de Mato Grosso, em torno dos nomes de Wilson Barbosa Martins e Henrique Gomes, a possibilidade de uma aliança entre o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e a Aliança Renovadora

³⁶ João da Câmara era agrimensor, foi vereador (1955-1963), secretário da prefeitura e prefeito do município (1967-1971). Fundador e presidente da Associação Mato-Grossense de Municípios (1968-1969), participou de diversos encontros e congressos de prefeitos da região. Em novembro de 1970, elegeu-se suplente de deputado federal por Mato Grosso na legenda da Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido de apoio ao regime militar, ocupando uma cadeira na Câmara desde o início da legislatura (1/2/1971) até janeiro de 1973, quando renunciou ao mandato para assumir novamente a prefeitura de Dourados. Durante sua permanência na Câmara, foi suplente das comissões de Minas e Energia e de Desenvolvimento da Região Centro-Oeste, e membro efetivo da Comissão de Agricultura e Política Rural. Novamente eleito suplente de deputado federal, já pelo novo estado de Mato Grosso do Sul, mas ainda na legenda da Arena, no pleito de novembro de 1978, assumiu o mandato no início da legislatura, integrando desde então a Comissão de Serviço Público, além de figurar como suplente da Comissão de Interior da Câmara dos Deputados. Com o fim do bipartidarismo e a consequente reorganização partidária, em 1979, filiou-se ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Exerceu o mandato até 1982. No pleito municipal de novembro de 1982 disputou, novamente, a prefeitura de Dourados pelo PMDB, mas perdeu as eleições para Luiz Antônio Gonçalves filiado ao Partido Democrático Social (PDS). Em março de 1983, com a posse do novo governador do estado Wilson Martins (1983-1987), João da Câmara foi empossado na Secretaria de Agricultura, permanecendo no cargo até 1986. Nesse ano, desincompatibilizou-se do cargo para concorrer ao Senado Federal pela coligação PMDB, Partido da Frente Liberal (PFL), Partido Democrático Trabalhista (PDT) e Partido Comunista Brasileiro (PCB). Obteve 119.958 votos, ficando em terceiro lugar geral na coligação. Em 1987, assumiu o cargo de conselheiro do Tribunal de Contas do Estado (TCE), no qual permaneceu até 1998, quando se aposentou. (CPDOC-FGV, 2019).

Nacional (ARENA)³⁷, em matéria cuja apuração havia sido prospectada por Hélio Leite. Dava ainda um panorama da política em vários municípios percorridos pelo jornalista e diretor do jornal. Logo abaixo da matéria, a coluna *Terra e Gente* assinada por Armando Carmelo - que editou *O Douradense* no início da década de 1950 - anunciou em seu primeiro tópico a chegada do segundo jornal de Dourados: “Deverá vir à luz da publicidade, por êstes dias próximos, mais um órgão de imprensa em nossa terra, mais um jornal de Dourados para Dourados, que o jornalismo de Hélio Leite e Theodorico Viegas vai nos brindar” (*FOLHA DE DOURADOS*, 1968).

De acordo com Arakaki (2008), a imprensa de Dourados, a exemplo de grande parte da imprensa nacional, apoiou o golpe militar de 1964. Segundo a historiadora, a estratégia utilizada era a de desqualificar o governo do então presidente João Goulart. A imprensa acusava Jango de sofrer influência do bloco socialista, liderado pela então União Soviética, e de querer implantar o comunismo no Brasil. No caso de *O Progresso*, do então deputado Weimar Torres (PSD), depois da instalação do governo dos militares, opôs-se ao regime e passou a criticar e denunciar os métodos utilizados pelos militares, principalmente, a arbitrariedade e o cerceamento à liberdade de pensamento e expressão:

Passada a euforia inicial, a imprensa acordou e passou a condenar as ações perpetradas pelo governo militar. As arbitrariedades cometidas passaram a ser sistematicamente denunciadas nos jornais, entre eles *O Progresso*. A revolta de Weimar Torres com o desdobramento do Golpe foi externada em vários artigos, entre eles *Finada Revolução e Brasil, acorda!* Ambos publicados em outubro de 1964. Da mesma maneira apaixonada com que defendeu o que pensava serem forças revolucionárias, Weimar Torres condenou veementemente as prisões, cassações e injustiças cometidas em nome da revolução. Em outubro daquele mesmo ano a imprensa ainda podia se manifestar (ARAKAKI, 2008, p. 120).

A *Folha de Dourados* não é citada pela pesquisadora nessa obra, até pela temporalidade da pesquisa que trata do golpe militar de 1964. A *Folha* passou a existir em 1968. Em sua tese *As implicações do Golpe Civil-Militar no sul de Mato Grosso: apoio civil, autoritarismo e repressão (1964 – 1969)*, defendida no PPGH/UFGD, Arakaki (2015, p. 153), aborda o episódio da prisão do proprietário da *Folha de Dourados*, mas não do posicionamento político adotado pelo periódico em relação ao golpe. “A prisão do jornalista ocorreu em 1972 e a causa foi uma matéria jornalística criticando a construção de um presídio. Segundo o jornalista, a cidade

³⁷ O Golpe Civil Militar de 1964 através do Ato Institucional número 1 cassou os direitos civis de 100 pessoas, a maioria políticos, fazendo enfraquecer a oposição ao novo regime imposto. Em 1966, com o lançamento do AI-2, foi instituído o Bipartidarismo, onde a situação foi organizada torno da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e a oposição se concentrou no Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

precisava de mais escolas e não de cadeia”. Na edição comemorativa dos 50 anos da *Folha de Dourados*, José Alberto Vasconcellos, da Academia Douradense de Letras (ADL), que escrevia para o jornal sob o pseudônimo de Juca Paulistinha, lembra do episódio, e do artigo de sua autoria, que causou a prisão de Theodorico por não revelar o autor.

Enquanto Arakaki (2015) se absteve de revelar o posicionamento adotado pela *Folha de Dourados* sobre o regime militar, ao analisar edições do jornal publicadas entre 1970 e 1973, os historiadores Juliana Pereira e João Carlos Souza (2012, p. 6) afirmam que “muitas notícias eram publicadas enaltecendo o grande acontecimento que foi a Revolução de 64. A edição de 13 de março de 1971 publicou uma notícia que tinha por nome Ministro do Exército orienta comemorações de 31 de março”. Pereira e Souza (2012, p. 6) detectaram em sua análise “a presença de inúmeros noticiários sobre a economia regional, subentendendo-se que de fato a região caminhava juntamente com a nação nos anos do milagre econômico”. Os historiadores perceberam, ainda, “a forma com que as notícias eram construídas e transmitidas para a população douradense, especialmente acerca do milagre econômico e seus efeitos na região, como a construção de estradas, indústrias, incentivos agropecuários, aumento salarial, enfim, a questões que diziam respeito ao crescimento econômico” e que “as publicações analisadas giravam em torno também da figura de políticos da época e do Estado brasileiro, quase sempre os enaltecendo” (PEREIRA; SOUZA, 2012, p.13).

Do ponto de vista editorial chamou atenção uma postura adotada pela *Folha de Dourados*. De forma voluntária ou não as matérias completas eram editadas logo abaixo das respectivas chamadas, não sendo remetidas para as páginas internas do jornal como normalmente ocorreu com os outros periódicos.

A primeira edição oficial, tratada como número 2 e publicada no dia 2 de março de 1968, trazia no *Expediente* o slogan do veículo: *Órgão independente a serviço da coletividade*, que anos depois passaria a *Verdade, Trabalho e Vigilância*. A manchete principal destacou a chegada da cura da doença de Chagas à cidade, através do mineiro Jerônimo José Dias, de 38 anos, proprietário da barbearia, que sofria há 14 anos do mal: *Chagas – Cura comprovada em Dourados*. Ele buscou a cura para o mal que afligia o país à época em um médico paulista, de onde trouxe um exame de sangue negativado para a doença, que exibia a quem o procurava em sua barbearia.

Ao lembrar o começo da história da *Folha*, José Henrique Marques³⁸, também jornalista e atualmente proprietário da empresa e editor-responsável, conta que Viegas trabalhava como

³⁸ Entrevista concedida ao autor por ocasião da elaboração da dissertação *O “glocal” no ciberjornalismo regional: análise dos sítios de webnotícias de Dourados*, defendida em 2014 pela UFMS.

editor no jornal *O Progresso*, mas não tinha liberdade para publicar muitas matérias que considerava importantes, por isso, resolveu fundar um jornal. “Ele era um jornalista contestador, com ideias e pensamento próprios, não era um *Maria vai com as outras*; então, ele entendeu que, no *O Progresso* não poderia publicar, dar vazão àquilo que sentia”, o que o motivou a criar a *Folha de Dourados*, “que, na verdade, veio ser uma dissidência de *O Progresso*. Com o periódico, ele implantou na cidade um contraponto ao jornalismo de Dourados”, em função de “*O Progresso* ter uma história, uma trajetória de um jornal mais ligado às elites, às classes mais abastadas. A *Folha de Dourados* atendeu o grande público, o povão, aí, cresceu, ganhou força política”. Ainda, segundo Marques, com a *Folha*, criou-se “na história da imprensa de Dourados esse contraponto, enquanto um jornal se preocupava mais em dar vazão ao noticiário de empresas, do Exército, do Judiciário, a *Folha* passou a fazer um jornalismo mais popular. E ela ganhou mercado por causa disso” (MARQUES, 2013)³⁹. Sob esta perspectiva, a *Folha* nasceu como uma opção mais progressista, se apresentando como uma dissidência do jornal hegemônico local e oferecendo alternativa à informação circulante.

De acordo com o atual proprietário da *Folha de Dourados*, em seu começo, o novo periódico da cidade chegou a competir com *O Progresso*, mas, em função da melhor saúde financeira, o mais antigo jornal em circulação acabou vencendo o concorrente, que começou a entrar em crise, já que seu proprietário “tinha mais ideologia que senso empresarial”. Em consequência, o periódico sofreu com períodos de interrupções, em função de sucessivas crises financeiras e, no final de 2012, quando já não era mais um jornal diário, mas semanal, abandonou a versão impressa e passou a ter apenas a versão online.

Na edição especial que marcou a despedida do impresso de seu público, a manchete principal destacou o 77º aniversário do município de Dourados, tendo como presente um aporte de verbas da ordem de R\$ 60 milhões para a realização de obras. Logo abaixo, a chamada da matéria, que remete o leitor para a página 4, apresenta em seu texto principal que “Com a responsabilidade de tirar Dourados do caos, o prefeito Murilo conseguiu em 22 meses colocar a cidade no rumo certo e recebeu o aval da população para continuar na luta por esse objetivo” (FOLHA DE DOURADOS, 2012). A matéria fez referência à situação político-administrativa vivida pela cidade, em decorrência dos desmandos administrativos do ex-prefeito Ari Artuzi, cassado, depois de vencer o próprio Murilo Zauith no pleito de 2008. Em 2011 Murilo foi eleito para um mandato tampão, sendo reeleito em 2012.

A segunda manchete da capa remete aos escândalos petistas que poderiam prejudicar a

³⁹ Rocha (2014).

economia douradense. Outro assunto que dominou a capa da edição foi a despedida do impresso. Uma chamada do editorial para a página 2 ressaltou “O legado que não desaparecerá”, fazendo menção aos 45 anos de existência do veículo e sua fundação por Theodorico Viegas, e destacando a necessidade de se adequar aos novos tempos: “a decisão é uma necessidade imperiosa de sobrevivência da publicação diante do cenário digital, que oportunizou o surgimento de novas mídias e está tornando obsoleta a leitura no papel”. Logo abaixo da chamada do editorial, uma nota de agradecimento aos parceiros, anunciantes e profissionais da imprensa que colaboraram com a *Folha*, assinada pelo editor José Henrique Marques, que ocupou quase um quarto da primeira página. (Figura 6).



Figura 6: Última Edição Impressa da *Folha de Dourados*.
Fonte: CDR-UFGD

Em 2018, a *Folha* comemorou meio século de existência e publicou uma edição especial, em formato tabloide. A capa trouxe uma foto aérea de Dourados captada pelo drone do fotógrafo Paulo Takarada e ocupou quase toda primeira página. Vazando a foto, o título

enxuto: *50 anos – escrevendo a nossa história*. Abaixo da foto um pequeno editorial destacou a importância da edição ao contar parte da história da imprensa da cidade, já que “o documento contemplou a trajetória de jornalistas e profissionais da imprensa. Afinal, a história de todos nós é também fragmento da história de Dourados” (*FOLHA DE DOURADOS*, 2018).

O texto anunciou ainda que a edição especial seria distribuída nas universidades, bibliotecas, escolas, órgãos públicos, entidades da sociedade civil, além de ser arquivado no acervo do CDR da UFGD para consultas da comunidade acadêmica e da população em geral. Uma versão digital da edição também foi publicada na *Folha online*.

A edição comemorativa com 52 páginas fez um mergulho na história da mídia douradense, como ressaltado no editorial. Em quase 100 textos, a maioria em forma de depoimentos, que trazem suas cores, tonalidades e tessitura da história de cada autor, jornalistas, repórteres fotográficos e demais profissionais da imprensa contaram suas histórias pessoais, experiências vividas em diversos períodos do jornalismo local. Alguns textos lembraram percursos de outros órgãos da imprensa, ajudando a compor um cenário da mídia douradense. Reminiscências pessoais ajudaram a entender o processo de transformação tecnológica, que alterou o jeito de fazer jornal, e de trabalho, dos que produziram essa imprensa, como observou Antônio Viegas, primo do fundador da *Folha de Dourados*:

Mas tudo isso foi evoluindo ao longo do tempo, passando a composição gráfica pelas linotipos (máquina inventada por Ottmar Mergenthaler, em 1886, na Alemanha, que funde em bloco de chumbo cada linha de caracteres tipográficos, composta de um teclado como o da máquina de escrever, caldeira para derreter o chumbo, etc) para chegar aos computadores na digitação e diagramação e, na *offset* (sistema de impressão que permite a triagem de muitos exemplares) que se utiliza hoje (*FOLHA DE DOURADOS*, 2018).

O jornalista Antonio Viegas lembrou das dificuldades para fazer um jornal em outros tempos de forma quase artesanal “e, principalmente a dificuldade para expor os fatos por conta da ditadura militar que, por um longo período esteve presente”. Julia Kristina Viegas, filha de Theodorico Viegas, ressaltou os valores do pai, “uma pessoa íntegra, em quem a ética e os bons costumes prevaleciam”, além dos gostos pessoais, “sempre muito sério no seu trabalho e muito brincalhão em suas horas de distração. Um colecionador de discos, flâmulas e muitas histórias”, além das pescarias e festas que povoam suas lembranças ao lado do pai, considerado por ela “um grande professor sem nunca ter sido”, pois conseguiu realizar o sonho ao criar “um jornal diário, fez dele uma grande faculdade sem diploma. De onde saíram muitos jornalistas renomados dentro do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul” (*FOLHA DE DOURADOS*, 2018).

Theodorico Luiz Viegas nasceu em 1931 na localidade de Cabeceira Alegre, município

de Dourados. Fez o Primário na Escola Municipal Joaquim Murtinho, em Dourados, terminou o Ginásio no Colégio Pedro II, tradicional estabelecimento de ensino do Rio de Janeiro, cursou o Científico, antigo Segundo Grau, no Instituto Santa Rosa, e estudou Relações Humanas e Organização e Planejamento de Vendas na Associação Cristã dos Moços do Rio de Janeiro. Como jornalista foi membro da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), filiado ao Sindicato de Jornalistas do Mato Grosso, instituição que ajudou a fundar, correspondente do *Diário de São Paulo*, da revista *O Cruzeiro*, da rádio *Tupi SP* e dos jornais *Folha de São Paulo* e *Estado de São Paulo*. Fundador e primeiro presidente do Clube de Imprensa de Dourados, também participou da organização e fundação do Clube Social de Dourados, exercendo todas as diretorias da entidade.

Na proposta comercial apresentada aos agentes e potenciais parceiros do projeto comemorativo dos 50 anos da *Folha*, como empresas e entidades públicas, Marques destacou dois objetivos a serem alcançados: “o primeiro, evidente, seria registrar nos anais da história de Dourados os parceiros desse projeto; e o segundo, dar visibilidade às atividades públicas e privadas que somente a internet proporciona através da *folha de dourados*” (*FOLHA DE DOURADOS*, 2018).

De acordo com a coordenadora do projeto de comemoração dos 50 anos da *Folha*, a jornalista Dalva Gonçalves, em artigo intitulado *Jornalistas relatam suas experiências na Folha de Dourados*, publicado em 27 de junho de 2018, o jornal queria deixar registrada a trajetória dos 80 anos da imprensa douradense através de textos, artigos de profissionais da imprensa que viveram a experiência, como os jornalistas (posicionados na foto da esquerda para a direita) Joao Carlos Torraca, José Henrique Marques, Clóvis de Oliveira e Valfrido Silva (Figura 7).



Figura 7: Jornalistas da Folha de Dourados
Fonte: *Folha de Dourados* – 27.6.2018.

A jornalista afirmou que a edição era um “misto de emoção e saudosismo que nos remete a um tempo onde as dificuldades de um jornal eram imensuráveis e incompreensíveis aos olhos dos profissionais da atualidade”. Para ela, chegar aos 50 anos era razão para comemorar e enaltecer a luta constante de um idealista, o fundador Theodorico Luiz Viegas, jornalista que chegou a ser preso no exercício de suas funções. “A *Folha de Dourados* fez escola no jornalismo local e ofereceu emprego a diversos profissionais, tanto jornalistas quanto gráficos, entregadores e administrativos” (FOLHA DE DOURADOS, 2018).

Valfrido Silva, jornalista responsável pelo blog de opinião *Contraponto MS* que começou sua trajetória na imprensa pelas oficinas da *Folha de Dourados* no início da década de 1970, segundo ele, meio que por acaso, quando acabara o ginásio e um curso de datilografia, contou que Theodorico Viegas sempre foi um grande repórter e explicou um pouco como funcionavam as redações de jornais naqueles tempos.

Naquela época as redações não eram divididas em departamentos. Aliás, nem redação existia. O dono do jornal normalmente era o repórter, o redator, o vendedor de espaço publicitário, tudo. Pauta? Ninguém nem sabia o que era isso. Nesta condição, depois de um giro pelos grandes centros como representante de um laboratório de produtos farmacêuticos, tornando-se um habilidoso comunicador, resolveu entrar para a mídia. Retornando a Dourados, depois de passar por outros jornais, fundou a **folha de dourados**, em 1968. Inicialmente a “folha de dourados” (grafado assim mesmo em letras minúsculas, para segundo ele, se diferenciar dos demais jornais) circulava apenas aos sábados, passando, na virada da década de setenta para diário – foi o primeiro jornal diário de Dourados. “Diário”, de segunda a sábado (FOLHA DE DOURADOS, 2018).

Para o jornalista João Carlos Torraca, a *Folha de Dourados* era um jornal alternativo, “circulava duas ou três vezes na semana, se não me falha a memória, embora tenha sido o primeiro jornal diário de Dourados. Vez ou outra visitava a redação, onde tinha amigos, que anos depois passaram a ser colegas de trabalho”. Luiz Carlos Luciano, vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas da Grande Dourados, disse que Theodorico foi um dos fundadores e o primeiro presidente do Clube de Imprensa de Dourados (CID). Ao lembrar-se da amizade e atuação combativa na política do fundador do jornal, acrescentou que:

Gostava da boa vida, de pescarias e quando entrava numa briga não se acovardava. Até onde se saiba foi o único jornalista daqui, que foi preso, durante a ditadura militar por conta de críticas publicadas no jornal, que incomodaram o delegado. No mesmo dia em que foi preso em Dourados foi levado para o 11º RC em Ponta Porã e solto no dia seguinte pelo coronel Marcondes. A *Folha* ficou um tempo sem circular. Inúmeras vezes visitei o Theodorico no seu refúgio solitário da Rua General Osório. Ficávamos horas tagarelado e eu sempre bebericando o conhecimento do velho guerreiro (FOLHA DE DOURADOS, 27.6.2018).



Figura 8: Edição comemorativa 50 anos da *Folha de Dourados*
Fonte: *Folha de Dourados*

Os sentidos dados à história pela *Folha de Dourados* através da edição comemorativa dos 50 anos (Figura 8) permitem relacionar ao que Nora (1976) apresentou como uma percepção de que uma das características do nosso tempo é procurar dar sentido histórico ao presente. Isso decorre, principalmente, pela experimentação do acontecimento. Para Matheus (2011), edições históricas, comemorativas de jornais, constituem um conjunto de estratégias narrativas do qual os periódicos se utilizam para reconfigurar a sua própria versão da história.

Projetando a edição especial de comemoração dos 50 anos da *Folha de Dourados*, é possível perceber um sentido de história não apenas pelas memórias descritas e revividas na narrativa dos jornalistas que viveram diferentes momentos, configurando sentidos de mudança e de aperfeiçoamento do processo de produção do conteúdo informativo.

Construímos coletivamente significados todos os dias, em toda a integralidade do cotidiano. Mas, em algum momento da história introduzimos nele essa forma de interação social com *status* próprio que batizamos jornalismo. Essa prática mesma precisou e precisa ser significada permanentemente como tudo no mundo. Em particular, ela tem o fato de ser uma prática de produzir significados. Um trabalho de comunicação que virou mercadoria, missão, e depois profissão, ou seja, que tem sua própria história, suas chamadas de significação. A experiência da história e sua consciência, ou seja, a relação que mantemos com o presente, o passado e o futuro, e a articulação que estabelecemos entre essas três dimensões estão organicamente vinculadas à comunicação, que encontrou no jornalismo impresso as bases para as mudanças que viriam depois e simultaneamente com outras tecnologias. Seu *status* comunicacional nasceu em suporte papel, mas foi, em parte, levado para outros veículos. Entretanto, é preciso lembrar que os ritmos dos outros meios transformaram a experiência jornalística (MATHEUS, 2011, pp. 218-219).

Os meios de comunicação de massa aparecem cada vez mais na seara dos debates como ditames do que seria ou não acontecimento histórico. Para Ricoeur (1994), o acontecimento não é como um dado da realidade, mas produto da articulação narrativa. Segundo o autor, o acontecimento tem a capacidade de estabelecer um ponto de convergência, onde se disputam sentidos, o que sugere que o jornalismo deve construir a narrativa com base no mais próximo possível do acontecimento.

Tal processo nem sempre se deu dessa maneira, pois estratégias de manutenção de poder e de comunicação sofreram alterações ao longo do tempo em consonância com configurações dos contextos sócio-político e culturais. Matheus (2011) ressalta a importância de entender nas narrativas comemorativas a presença de várias temporalidades do processo comunicativo, porque a imprensa fornece o condicionante de um tempo diário, contínuo, onde as narrativas comprimem outros tempos do fazer jornalístico.

2.4 Diário MS: a (re) união de outras vozes

O *Diário MS* tem uma história diferente dos outros jornais de Dourados, pois unificou vários impressos e mudou sua denominação devido à existência de um homônimo mais antigo, em Campinas (SP), de propriedade do ex-governador paulista Orestes Quércia (1938-2010). Nasceu *Diário do Povo*, em setembro de 1993, resultado da fusão de três semanários: *Panfleto* (1983), *Jornal do Vale* (1987) e *Zangão* (reeditado em 1985).

O jornal passou a circular com o nome *Diário MS*, dado pelo seu diretor e fundador Vitoriano Carbonera Cales, em dezembro de 2000, como escreveu o jornalista Luís Carlos Luciano (2003), no livro *O Fenômeno Diário MS: Dez anos de um sonho que está dando certo*, publicado para marcar as comemorações da primeira década do jornal (ROCHA, 2014). Mudou de nome por causa da crise do papel, nos anos 2000, quando ao realizar os procedimentos para

a importação de papel, descobriu no setor de Marcas e Patentes que já havia um *Diário do Povo*, razão pela qual ganhou o nome de *Diário MS*.

Natural de Presidente Prudente (SP), Vitoriano Carbonera Cales, descendente de espanhóis e italianos, era gráfico por formação e ajudou a montar vários jornais, até conseguir ter o seu. Seu interesse por Dourados começou no final da década de 1970, quando foi convidado, em 1978, para montar a parte gráfica de um periódico chamado *Jornal da Praça*, que funcionou próximo ao *O Progresso*, na Avenida Presidente Vargas. “Eu vim porque eu era um técnico gráfico, mexia com linotipo, com impressora, com paginação que era o sistema pré-*offset*, que existia antes do *offset*, mexia com tipos, enfim”, conta Cales⁴⁰. Aprendeu a profissão de linotipista, em Andradina (SP), para onde foi no início da década de 1970, ficando lá por dois meses, trabalhando com equipamentos de linotipos no *Jornal do Povo*. Depois, foi para Marília (SP), montar o *Diário de Marília*. Na cidade, se estabeleceu, casou e constituiu família, teve dois filhos e ficou até 1977.

O *Jornal da Praça*, que montou em 1978 em Dourados, era de propriedade de João Natalício de Oliveira e da mulher Isolina de Oliveira, e foi fundado para cobrir um espaço que estava vazio. Segundo Cales:

Eles eram representantes aqui da *Folha de Londrina* que era um jornal forte nessa região, vinha de carros de Londrina para cá, e esse João Natalício e a Isolina eram responsáveis pela sucursal da *Folha de Londrina* em Dourados. Então, eles perceberam a possibilidade de criar outro jornal aqui, porque só existiam dois, *O Progresso* e a *Folha de Dourados*. A Folha era um jornal diário, mas depois, passou a semanário, então, ficou uma lacuna, da questão de mais um diário na competição do leitor. Então o jornal foi montado, eu fiz a minha parte, montei a gráfica, trabalhei durante um ano e fui embora, voltei para Marília, no final de 1978 (CALES, 2018).⁴¹

Mas no ano seguinte, Cales, ou Vitão, como é também conhecido, foi convidado novamente para voltar a Dourados, desta vez para trabalhar na montagem de outro jornal diário, já que o *Jornal da Praça* havia sido vendido, e teve a sede transferida para Ponta Porã, onde passou a funcionar.

Aí, abriu a lacuna de novo para um jornal diário, em Dourados, que permitia a abertura de um segundo jornal, uma segunda corrente de ideia, mesmo porque a *Folha de Dourados* já estava sofrendo, por falta de investimento, falta de aprimoramento dos equipamentos, então, estava difícil competir. Aí, eu vim para montar *O Panorama*, que era de três sócios, tendo à frente o fundador Vanderley Mariano. Funcionou normalmente durante cerca de três anos até 1981/82, quando foi vendido ao Roberto Razuk, porque os donos tiveram problemas de gerenciamento, de financiamento, um deles saiu, e acabaram vendendo o jornal para o Razuk, que me chamou para continuar

⁴⁰ Entrevista concedida ao autor no dia 17.04.2018.

⁴¹ *Ibidem*.

com ele. Mas depois eu acabei saindo do jornal. A minha ideia era de ir embora, mas no mesmo dia que fui demitido, como a gente prestava serviço para outras pessoas, fazendo jornais dentro da estrutura do *Panorama*, daí, o pessoal de Fátima do Sul, que fazia um jornal chamado *O Zangão*, me chamara para trabalhar nele (CALES, 2018).⁴²

Segundo Cales, foi nesse momento que começa a história dele “como futuro dono de jornal, futuro patrão”, ao ser convidado por Orlando Alves Martins e Akio Kassawara, que sabiam de sua saída de *O Panorama*, “para montar uma oficina para imprimir esse jornal deles, em Fátima do Sul, que consistia de uma linotipo, impressora e umas caixas de títulos, e me propuseram uma sociedade”. Mas a sociedade não previa remuneração, pelo período de um ano. Assim, eles disseram:

Você vai trabalhar conosco durante um ano, e nesse período, o que nós comermos, você come; o que nós vestirmos, você veste; o que nós passearmos, você passeia; vamos lhe dar condições de sobrevivência, sem nenhum retorno financeiro, e no final desse primeiro ano, eu teria 33% dos equipamentos. E eu fiz isso, então, no final de um ano, eu me tornei sócio de uma máquina de linotipo, de uma impressora e de umas caixas de tipo, chumbo, que era o material que usava naquela época, me tornei sócio disso. Fizemos *O Zangão* durante um certo período (CALES, 2018)⁴³.

O maquinário rodava apenas um jornal por semana e ficava o restante do tempo ocioso, o que abriu espaço para outros trabalhos e publicações gráficas, considerando que existiam vários semanários que circulavam na região. Um desses jornais que passaram a ser feitos na gráfica era o *Panfleto*, voltado para questões políticas, de propriedade de Paulo Falcão. Havia também o *Panrural*, direcionado para as questões rurais, do engenheiro agrônomo Osmair Scarpari.

Com o fechamento de *O Panorama*, Orlando e Akio abriram um jornal diário em Dourados, o *Regional*, que teve vida curta, menos de um ano. Cales conta que eles “mexiam com filmagem de Super 8, naquela época, mas aí chegou a filmadora VHS e todo mundo tinha a sua, a filmagem com Super 8 não dava mais retorno financeiro e resolveram acabar com a sociedade de tudo”, inclusive do jornal e resolveram mudar de Dourados. A situação criada levou Cales a comprar 66% da sociedade. O jornal *Regional* foi vendido para o Osmair Scarpari e Ivo Cerzózimo⁴⁴, que já tinha um jornal, e outra parte para Paulo Falcão. Foi feita uma nova reorientação na distribuição das cotas, com a entrada de um quinto sócio Leandro Rosa, proprietário do *Diário do Interior*. Para a nova engenharia de cotas na sociedade da gráfica,

⁴² Entrevista concedida ao autor no dia 17.04.2018.

⁴³ Entrevista concedida ao autor no dia 17.04.2018.

⁴⁴ Ivo Anunciato Cerzózimo foi vereador de Dourados, deputado estadual por três legislaturas e deputado federal eleito em 1986, pelo PMDB, participando da Constituinte de 1988.

Cales teve que abrir mão de 13% dos seus 33%, pois com cinco sócios, cabia 20% para cada.

De acordo com Cales, a gráfica passou a funcionar como uma espécie de cooperativa que, embora fosse sócio, era quem operava o maquinário gráfico. Além de avanços técnicos, a empresa necessitava de mais funcionários para dar conta de todos os jornais impressos, como explica Cales:

Agora eu não estava mais sozinho na operação da gráfica, porque pelo volume de trabalho foram contratados mais funcionários, um paginador, um linotipista, um impressor, e eu agora, na chefia, coordenava todo o trabalho. Nós fazíamos quatro jornais: O *Panfleto*, do Falcão; o *Panrural*, do Osmair; o *Regional*, do Cerzózimo e o *Diário do Interior*, embora não fosse diário. Nós tínhamos, por exemplo, uma despesa de R\$10 mil reais, em cima da despesa era colocado mais 10% e cobrado de cada um, no fim do mês, era como se pagava meu salário e o dos outros funcionários, e havia uma capitalização desse 10%, então tinha um caixa desse valor, vistoriado por todos os sócios, para reposição de peças, etc, uma espécie de fundo de reserva, a manutenção não era tão difícil, você não tinha muitos gastos com manutenção e não tinha dificuldade de conseguir. A verba de publicidade de órgãos públicos na década de 1980 não era tão difícil, então estava tudo caminhando tranquilamente (CALES, 2018)⁴⁵.

A exemplo da situação criada com a chegada da VHS, Cales contou que a evolução técnica no setor gráfico foi exigindo a presença de novos maquinários. “Além disso, havia muitos jornais semanários no estado, o que provocou uma redução da fatia da verba publicitária das Prefeituras e Câmaras Municipais”, pois o setor público era um dos grandes anunciantes da imprensa. Nesse cenário, alguns dos sócios começaram a ter dificuldade de pagar a parte deles, gerando desistência do negócio, segundo Cales. Com a saída do deputado Ivo Cerzózimo, voltou a divisão de 25% para os quatro sócios restantes. Em seguida saiu Leandro Rosa para montar sua própria oficina gráfica. Assim, os percentuais dos sócios que saíram foram redistribuídos para os que ficaram. Quando o percentual voltou para o patamar dos 33%, Osmair Scarpari abandonou o negócio. Sobraram dois sócios, Cales e Falcão. Com 50% cada um, conforme lembrou Cales, “Falcão não tinha condições de bancar a despesa; e é, aí, que começa minha história como dono de jornal, em final de 1984”. De acordo com Cales, Paulo Falcão, por ter dificuldades de arcar com a despesa da oficina gráfica, o incentivou a criar um jornal e dividirem as despesas.

Ele disse que me ajudaria nos primeiros seis meses a fazer o jornal. Como o Orlando e o Akio eram muito amigos meus e tinham se mudado, eu liguei para o Orlando e pedi para usar o nome do *Zangão*, que tinha deixado de circular, estava inativo e ele deixou usar a marca. Aí, eu falei eu aceito, mas você tem que me ajudar porque eu sempre trabalhei na gráfica, sei fazer um jornal, eu vejo aqui os textos, mas não tinha

⁴⁵ Entrevista concedida ao autor no dia 17.04.2018.

os contatos externos, então o Falcão se propôs a colocar o carro dele na rua para distribuir o meu jornal. As prefeituras tinham os atos oficiais que eram obrigados a publicar, então isso dava uma certa garantia financeira para a empresa (CALES, 2018)⁴⁶.

Cales lembra que a maior preocupação naquele momento era manter a periodicidade do jornal uma vez por semana. Vitoriano Cales resolveu que com a experiência acumulada, era capaz de tocar o jornal, pois “ensinamos ao pessoal de Fátima do Sul, Vicentina e Jateí a ler jornal”, porque, “nós não estávamos preocupados com Presidente da República, com Deputado Estadual ou Federal, nós estávamos preocupados com o que acontecia na comunidade”. Cales expõe seu ponto de vista de forma simples sobre como deve se portar um jornal, principalmente em relação à autonomia para criticar qualquer político, independente do escalão que ocupe, porque se trata do público para o público.

Lançado, no final de 1983, o *Zangão* tinha tiragem de mil exemplares, era distribuído de porta em porta, em Fátima do Sul, Jateí, com notícias locais dessas comunidades. Falava de política e fazia um resumo dos atos dos legislativos desses municípios. A frequência com que circulava e a assiduidade chamavam a atenção dos leitores. O sucesso do *Zangão* foi tanto que, em 1986, resolveram criar outro jornal, o *Jornal do Vale*, distribuído na região de Glória de Dourados até Angélica, nos mesmos moldes do *Zangão*, com notícias das localidades onde circulavam as edições.

Em 1986, Falcão se afastou do jornal para concorrer a uma cadeira na Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul, mas não obter sucesso, e voltou para *O Zangão*. Com a necessidade de empreender novas técnicas de impressão, em 1986, Cales comprou uma máquina *offset*, proporcionando um salto na qualidade da impressão, além de maior rapidez. “Demos um salto tecnológico muito grande, saímos do sistema quente como se dizia do sistema linotipo e passamos fazer em *offset*. A qualidade melhorou muito, pois o jornal ficou melhor ilustrado, tocamos essa estrutura até 1988, por aí”, quando foi promovida uma alteração significativa no formato de *O Zangão*, que passou a ser impresso em *standard* e não mais em tabloide.

De acordo com Vitão, a repercussão foi imediata. Ele lembra que havia um preconceito, porque o jornal era impresso em tabloide e muitos o chamavam de *jornalzinho*, porque segundo ele, as pessoas estavam acostumadas com *O Estado* (de Campo Grande), que circulava na época em Dourados.

⁴⁶ Entrevista concedida ao autor no dia 17.04.2018.

A repercussão foi tão grande, que todo mundo dizia que agora, tinha jornal grande. E a gente evoluiu muito, porque o mercado vendia e não entregava e a gente fazia o contrário, vendia e entregava o esperado, não atrasava. Isso deu segurança financeira para a empresa. *O Progresso* circulava de terça a sábado, cinco dias na semana, então os nossos próprios funcionários incentivaram a gente a fazer um jornal diário, em vez dos três jornais por semana, houve aquela discussão sobre o título, que máquina deveríamos comprar para imprimir o novo jornal. Aí, fui atrás da máquina e comprei uma em Mundo Novo, trouxe, e tudo eu queria de dois, porque era uma maneira de garantir a regularidade na distribuição, pois todos os jornais que fechavam, era por causa disso, falta de regularidade na distribuição. Então vamos criar um jornal diário, mas vamos fazer de segunda a sexta, porque sábado fechava tudo mesmo; em vez de fazer de terça a sábado como o concorrente, nós fizemos um jornal que circulava de segunda a sexta (CALES, 2018) ⁴⁷.

O *Diário do Povo* nasceu já robusto. Além de absorver os outros três semanários (*O Zangão*, *Jornal do Vale* e *O Panfleto*), reunia a expertise deles, bem como seus públicos. Assim, surgiu mais um jornal em Dourados, voltado totalmente para o público regional. De acordo com Vitão, “Como a gente já tinha uma penetração regional grande com os semanários, porque *O Panfleto* tinha começado a circular também em Caarapó, e outros municípios, e já não era mais ideológico, o Falcão tinha abandonado aquela linha”.

O lançamento do *Diário do Povo*, em 1993, é considerado por Cales, o ápice do que poderia chegar um semanário, “porque o *Diário* absorveu tudo, passando a circular onde os outros circulavam, então, pegamos a audiência criada com os anteriores. Nós não entramos diretamente na concorrência em Dourados, nós fomos para o interior”. A concorrência a que se refere Cales, era *O Progresso* que segundo ele, ao perceber o sucesso do *Diário*, começou a se voltar para o interior do estado também. “Fomos comendo pelas beiradas, quando a concorrência percebeu que a gente tinha uma parcela do mercado considerável, começou a movimentar para tentar equiparar o interior, quando ela fez isso, nos movimentamos para ocupar espaço em Dourados”. Uma inversão de estratégia adotada para vencer as dificuldades encontradas, segundo Cales.

A primeira edição do *Diário do Povo* (Figura 9) trazia logo abaixo da logomarca à direita, a chamada anunciando o editorial na página 2 sobre o novo projeto: “Nasce uma nova era”. Ao lado, uma foto de Dourados, em três colunas, cujo título era uma saudação, “Bom dia Dourados e Região!”.

⁴⁷ Entrevista concedida ao autor no dia 17.04.2018.



Figura 9: Capa da Primeira edição do Diário do Povo
 Fonte: Arquivo do Diário MS.

A manchete principal apontava para abordagens políticas: “Prévia aumenta racha no PMDB”, tratando da disputa interna do partido para a indicação do candidato à sucessão estadual para concorrer às eleições de 1994. A matéria trazia uma foto carregada de simbolismos em que dois filiados do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), cumprimentavam-se, mas com uma rasura os separando, numa evidência da imagem trincada do partido na disputa eleitoral.

O restante do espaço da primeira página foi ocupado com uma chamada da greve dos bancários, ameaça de paralisação da Polícia Civil, Juizado de Pequenas Causas em Fátima do Sul, apreensão de material de caça e pescas pelo Ibama, todas matérias locais ou regionais, o que identificava o periódico como mídia de proximidade. Em referência ao Brasil, apenas uma coluna com notas nacionais à esquerda.

O editorial anunciou a junção dos três jornais em um só, fazendo um histórico da

caminhada de 10 anos e justificando a decisão como aprimoramento do processo. Chama atenção para a responsabilidade assumida com seus públicos e o novo, sem esquecer de frisar os desafios futuros.

As recentes manchetes dos jornais “O Zangão”, “Panfleto” e “Jornal do Vale”, na última semana do mês de agosto anunciavam o início de uma nova era, a partir do surgimento do “Diário do Povo”. E é essa responsabilidade, de manter o nível de informação à altura do compromisso assumido e implantado pelos três jornais que antecederam o “Diário do Povo”, que estamos iniciando, hoje esta nova caminhada. [...] A partir de hoje assumimos o compromisso diário com mais de 400 mil habitantes dos 17 municípios diretamente, e com todas as demais cidades do Estado, que é o nosso maior objetivo. “O Diário do Povo” inicia hoje as suas atividades, nasce respaldado pela credibilidade das publicações que já editou, pelo compromisso com a divulgação séria dos fatos que fazem o dia-a-dia de Dourados e de Mato Grosso do Sul e, principalmente, pela responsabilidade de todas as pessoas envolvidas nesse grande projeto (DIÁRIO DO POVO, 1993)⁴⁸.

O *Expediente* do jornal indicava como diretores Vitorino Carbonera Cales e Paulo Falcão, além do corpo de redatores composto pelos jornalistas: João Carlos Torraca, Clóvis de Oliveira, Ronney Minella, Fábio Dorta, Willams Araújo e Edinir Conceição, da Sucursal Campo Grande. Com tiragem de 5.200 exemplares, a assinatura mensal custava CR\$ 600,00, enquanto a trimestral, CR\$ 1.800,00, com o exemplar avulso vendido por CR\$ 30,00.

De compositor gráfico a empresário, proprietário de jornal, Vitoriano Carbonera Cales fez um percurso com muitos atalhos e atingiu o objetivo de fundar um jornal. Em suas palavras, orgulha-se de ter transformado um negócio de fundo de quintal em uma empresa de mercado:

A nossa participação aqui, começou como uma empresa de fundo de quintal, sofreu um processo evolutivo, mas eu tive muitas horas de dificuldades financeiras, muitas dificuldades de conhecimento, e a transformação de uma empresa de fundo de quintal para uma empresa de mercado exige uma readaptação, que traz traumas, por exemplo, umas pessoas que eu via diariamente eu passei a não poder ter mais, porque o jornal era maior do que eu, eu tinha que estar presente em muitos lugares e as vezes não dava conta (CALES, 2018)⁴⁹.

⁴⁸ Trechos do editorial da primeira edição do *Diário do Povo* de Dourados, na edição do dia 15.9.1993.

⁴⁹ Entrevista concedida ao autor no dia 17.04.2018.



Figura 10: Capa da Primeira Edição do *Diário MS*.

Fonte: Arquivo do *Diário MS*.

A logomarca do novo jornal estampou a capa da edição nº 1.908, do dia 13 de dezembro de 2000 que trazia como manchete principal *Zeca pressiona prefeituras*, uma alusão à pressão exercida pelo governador da época, José Orcírio Miranda dos Santos, o Zeca do PT, sobre os prefeitos para priorizarem o ajuste fiscal (Figura 10). O anúncio da mudança do nome do jornal foi feito no centro da capa, com uma foto da nova sede abrindo três colunas, com o título “Diário estreia uma nova fase”, chamando a matéria para a página 5. Nesta página, uma matéria com o mesmo título ocupou mais da metade da página para explicar as mudanças. Abaixo da matéria, um grande anúncio publicitário chamou atenção por estar em branco, apenas com a assinatura da empresa anunciada, mas que nada tinha a ver com o processo de mudança do jornal.

A mudança do nome do periódico que manteve *Diário* e substituiu *Povo* por *MS*, veio acompanhada de uma série de transformações tecnológicas. A maior delas foi sentida na estrutura física, com a mudança da sede, instalações e maquinarias, que saíram da Rua Cuiabá,

e foram instaladas em novo prédio com frente pintada em cores vermelho e branco, as mesmas cores do jornal, na Rua Joaquim Teixeira Alves, 2446, Centro.

Na matéria, o empresário Vitor Cales informou que o jornal inaugurava uma nova fase no jornalismo de Mato Grosso do Sul, dirigindo-se aos assinantes espalhados por 54 municípios onde ele circulava que “passaram a receber um jornal mais moderno na sua linha gráfica, mais dinâmico na sua linha redatorial e mais arrojado na sua linha editorial”. Como proposta, o diretor prometeu participar, através de coberturas e circulação do jornal, da realidade das dezenas de municípios, destacando fatos, priorizando a notícia. O empresário demonstrou preocupação de o *Diário MS* fortalecer sua identidade junto ao público, além de promover a integração regional. Sobre as mudanças no projeto gráfico, Cales explicou:

O jornal ficará mais dinâmico, com leitura mais fácil e matérias mais objetivas. As colunas, como o leitor pode notar na edição de hoje, ficaram menores, porém, estarão sempre adiantando os bastidores políticos da cidade. As colunas sociais também estão sendo reformuladas para garantir uma presença mais efetiva da sociedade no *Diário MS*. Na linha editorial o *Diário MS* continua sendo um porta-voz do povo, sempre denunciando desmandos, coronelismo, mostrando os problemas e apontando soluções. O jornal continuará com seus editoriais diários, mas com a particularidade de debater os problemas locais, regionais e estaduais (*DIÁRIO MS*, 13.12.2000).

Ao lado da matéria principal, outra em apenas uma coluna informava sobre os novos benefícios dos assinantes do jornal promovidos por convênios com diversos estabelecimentos comerciais de Dourados.

O *Diário MS* era o único jornal diário a circular no início da década de 2000 em Dourados à época com uma população de 164.949 habitantes, de acordo com o censo do IBGE⁵⁰. Tal cenário era favorável para a expansão da mídia regional, segundo Luciano (2003, p.13), que problematizou os novos paradigmas estabelecidos pela mídia no processo de globalização, caracterizados por elementos transformadores como a troca da máquina de escrever pelo computador, nas redações. Luciano (2003) definiu a transformação do *Diário MS* como resultado “de uma luta eclética, com avanços em pequeno período para um jornal”, o que provocou o acirramento da concorrência e, em contrapartida, o aumento do fluxo de informações, uma vez que “a elite intelectual ganhou maior espaço para expor suas ideias, os empreendedores tiveram uma nova opção para divulgar seus produtos, estimulou-se a concorrência jornalística e a publicitária. A democracia ampliou seus horizontes” (LUCIANO, 2003, p. 15).

Com uma existência bastante acidentada, mas vencendo dificuldades que lhe foram

⁵⁰ <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=29&uf=50>.

impostas, o *Diário MS* se consolidou como uma das forças da mídia impressa sul-mato-grossense, principalmente na Região Sul do estado. Com forte penetração nos municípios da Grande Dourados, constituiu-se em um mediador das diversas vozes da região.

Decidido a se afastar das atividades que tomou todo seu tempo para se dedicar mais à família, em julho de 2008, Cales vendeu o *Diário MS* para os irmãos Sandro Ricardo Barbara e Alfredo Barbara Neto. A transação foi anunciada na edição de número 3893, do dia 8 de julho de 2008 (Figura 11).



Figura 11: Edição anunciando a troca de dono do *Diário MS*

Fonte: arquivo do *Diário MS*

O anúncio ocupou espaço de destaque na capa da edição sob o título “*Família Barbara adquire o Diário MS*”, logo abaixo da logomarca, antes da manchete do dia, num texto de quatro parágrafos em quatro colunas.

O empresário Vitoriano Carbonera Cales, o Vitor finalizou no final da tarde de ontem a negociação para a venda do **Diário MS**. O jornal foi adquirido pela família Barbara, capitaneada pelos irmãos Sandro Ricardo e Alfredo, com suporte de seus pais, Benedita de Mello Barbara e Fuad Barbara. [...] O cirurgião-dentista Sandro Ricardo Barbara é, a partir de hoje, o diretor-presidente do **Diário MS**, enquanto o jornalista Alfredo Barbara que já é o editor do jornal, passa a ser o diretor-executivo. Os irmãos aproveitam este espaço para registrar seu agradecimento fraternal a Vitor Cales ao mesmo tempo em que se comprometem a manter a história do **Diário MS** (*DIÁRIO MS*, 2008).

A venda do jornal teve repercussão na mídia douradense. O site de notícias *Dourados Agora*, de propriedade da família Amaral que controla *O Progresso*, principal concorrente do *Diário MS*, noticiou o fato, praticamente reproduzindo o anúncio do próprio *Diário MS*, com a seguinte chamada: *Irmãos Barbara são os novos donos do Diário MS*. O cirurgião-dentista Sandro Ricardo havia sido secretário de saúde na administração municipal do prefeito Braz Melo (1998-2000) e na administração Ari Artuzi (2009-2010). Alfredo Barbara Neto, que era Chefe de Redação desde a criação do jornal em 2000, passou a diretor-executivo, e tornou-se o único proprietário quando o irmão saiu da sociedade. Vitoriano alegou questões de saúde e uma meta de parar de trabalhar com 45 anos para ter tempo para se dedicar à família e às pescarias. Foi com o jornal por mais de uma década e, quando vendeu a empresa, tinha 54 anos.

Em 2011, *O Diário MS* atingiu a maioridade, completando 18 anos de funcionamento. O acontecimento foi destacado no principal jornal online da cidade, o *Dourados News*, que ressaltou a movimentação de um grande capital, na ocasião, sem revelar, contudo, as cifras do patrimônio. Destacou a folha salarial com 130 funcionários, o parque gráfico e o anúncio da nova logomarca para comemorar a data. Foi também em 2011 que Alfredo Barbara passou a administrar a empresa sozinho. Para ele, “montar um jornal é praticamente como construir uma família, que começa com os pauteiros, que passa pelos repórteres, fotógrafos, que entregam para os editores e, posteriormente, à diagramação”, portanto, um processo que se transforma em um conjunto, para o desenvolvimento de um bom trabalho” (BARBARA NETO, 2011)⁵¹.

⁵¹ Declaração de Alfredo Barbara em matéria publicada no Dourados News, na edição dia 16 de setembro de 2011, intitulada “Com nova logomarca, jornal Diário MS completa 18 anos. <http://www.conesulnews.com.br/regiao/com-nova-logomarca-jornal-diario-ms-completa-18-anos/5897/>. Acesso em: 7.7.2018.

CAPÍTULO 3

OS CIBERMEIOS: NOTÍCIAS ONLINE PARA “CONTINUAR NA HISTÓRIA

Criar meu web site fazer minha homepage com quantos gigabytes se faz uma jangada um barco que veleje que veleje nesse informar (GIL, 1996)⁵².

A década de 1990 marcou a entrada de jornais brasileiros no mundo interconectado e indexado do ciberespaço e, em consequência, a forma de fazer jornalismo foi alterada. O Jornal *O Progresso* de Dourados foi o primeiro jornal do Mato Grosso do Sul a fazer a imersão na rede de computadores, em 1997, dois anos após o *Estado de São Paulo*, em São Paulo, *Jornal do Brasil*, no Rio de Janeiro e *Jornal do Comércio*, em Recife, mergulharem na experiência cibernética. No plano nacional, em 1996, foi a vez dos jornais *O Globo*, no Rio de Janeiro; *Folha de São Paulo*, em São Paulo; *Zero Hora*, em Porto Alegre e *Estado de Minas*, em Belo Horizonte, mergulharem no ciberespaço. O primeiro jornal com atualização contínua de notícias em tempo real foi o *Brasil Online*, lançado, também, em 1996, pelo *Universo Online (UOL)* (BARBOSA, 2002; ROCHA, 2014).

3.1 A Internet em Dourados e a Notícia na Tela do Computador

Celso Carvalho do Amaral, sobrinho de Adiles do Amaral Torres, foi o responsável pelo primeiro modelo de *O Progresso* digital, ao criar o domínio⁵³ do jornal online, através da *Douranet*, o primeiro provedor de internet da cidade, de sua propriedade. Celso, médico-veterinário de formação e empresário por vocação, enxergava na internet a oportunidade de um

⁵² Trecho da música *Pela internet*, de Gilberto Gil, cujo lançamento marcou dois momentos históricos: para a música e para a internet no Brasil. No dia 14 de dezembro de 1996, em um estúdio improvisado na sede da Embratel, no centro do Rio com apoio da IBM e na presença de representantes da considerada grande imprensa nacional aconteceu a primeira transmissão de uma música ao vivo pela internet, que dava seus primeiros passos no ciberespaço brasileiro. Antes, isso só era possível através da televisão e do rádio. A música, que faria parte do CD *Quanta* de Gil, lançado em 1997, faz ainda um *link* com aquela que é considerada o primeiro samba gravado no Brasil, *Pelo telefone*, de Donga e Mauro Almeida, em 1917. (SEGURA, 2019). Disponível em: <http://www.maurosegura.com.br/pela-internet-gilberto-gil/>. Acesso em: 08.06.2019.

⁵³ O domínio de site é sua identificação no ciberespaço. No Brasil é feito pelo Registro.br, departamento do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, órgão ligado ao Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br). Para registrar um domínio é necessário ser uma entidade legalmente representada ou estabelecida como pessoa jurídica (CNPJ) ou física (CPF) que possua um contato em território nacional. (AMARAL, 2018).

negócio promissor. Por isso, logo fez uma sociedade da sua *Douranet* com o ZAZ⁵⁴, na época um dos primeiros e grandes provedores de internet no plano nacional que, posteriormente se transformou no portal *Terra* em decorrência de sua venda à *Telefônica*. O empresário diz que levou internet para outros municípios, como Maracaju, Ponta Porã, Naviraí, Rio Brillhante e Amambai.

É, quando surgiu a internet no Brasil, eu comecei a acessar e me surgiu a ideia de montar um provedor de internet. Eu achei interessante, era uma novidade. E, em 1996, mais precisamente no dia 20 de junho de 1996, a gente inaugurou a *Douranet*, o primeiro provedor de internet a funcionar numa cidade do interior do estado do Mato Grosso do Sul. Foi um negócio bacana, porque nós fizemos um trabalho bonito, e conseguimos nos destacar, numa época em que tudo era novidade. Então, a *Douranet* se destacou em diversos aspectos, por exemplo, ao fazer a primeira transmissão online de rádio pela tecnologia NetShow⁵⁵ (AMARAL, 2018)⁵⁶.

De acordo com Amaral, “na época, o jornal era mais papel, era 100% papel, então, a internet começou a divulgar o jornal através do e-mail, que era uma ferramenta nova” e, através dessa ferramenta, o jornal começou a receber também as matérias, notícias, se tornando “o princípio da utilização do e-mail como fonte de notícias para a internet. Depois, as agências de notícias começaram a ter internet e utilizar a ferramenta e-mail e o jornal começou a ter acesso às agências de notícias” (AMARAL, 2018)⁵⁷.

O empresário lembrou a instalação do provedor de internet como um desafio, não só para ele, “mas para a própria Embratel, instalar o primeiro link, já que cada link envolvia uma velocidade de 2,4 KBPS, algo que nem existe mais”. Ainda, de acordo com Amaral, a Embratel teve que se adequar à necessidade conforme explicou o acesso à internet:

Você tinha um computador, você precisaria entrar na rede, como que faria para entrar na rede? Você teria que ter um modem e uma linha telefônica. Através desse modem, você ia ligar para o número telefônico, esse número era a *Douranet*, que tinha outro modem e uma linha telefônica te esperando, uma vez os dois conectados, faziam a conexão modem-modem, aí, a *Douranet*, por sua vez tinha um link da internet, que era uma conexão com a Embratel. Então para fazer essa conexão da Embratel para a *Douranet*, a Embratel teve que se adaptar a isso tudo. Assim, a TELEMS, depois TELECOM, também teve que se adaptar, fornecendo linhas telefônicas para a gente. Na época, a gente tinha que alugar linhas, porque era muito caro, cada linha custava naquela época em torno de R\$ 4 mil, só depois de muito tempo, nós conseguimos

⁵⁴ ZAZ foi um portal de Internet, nascido após a compra da Nutecnet pelo Grupo RBS e durou entre 1996 e 2000. Após ter sido comprado pela Telefônica, tornou-se o portal de notícias Terra, um dos maiores grupos de Internet do Brasil. Foi um dos primeiros provedores de internet no país (AMARAL, 2018).

⁵⁵ A tecnologia NetShow foi uma estrutura criada pela Microsoft na década de 1990 para transmissão de redes de Internet. O NetShow 1.0 saiu em 1996. Toda a linha de produtos foi renomeada *Windows Media* em outubro de 1999, quatro meses antes do surgimento do Windows 2000. Atualmente é comercializado sob o guarda-chuva do *Windows Media* (AMARAL, 2018).

⁵⁶ Entrevista concedida ao autor em 07.02.2018.

⁵⁷ *Ibidem*.

comprar duas linhas, o resto das linhas era tudo alugado. Nós fomos os primeiros a usar tecnologia *E-Um*, onde a gente pegava um link dedicado, que abria virtualmente 30 linhas digitais, então era uma tecnologia, que hoje é utilizada em larga escala; hoje, é, basicamente, tudo em cima do *E-Um*, mas o primeiro modelo da cidade, do interior do Mato Grosso do Sul, foi o nosso. A partir daí a gente conseguiu multiplicar em cima de 30 linhas telefônicas, até que surgiu a ADSL e o *E-Um* ficou obsoleto, porque ninguém usava mais linha discada. Hoje, a conexão usuário-rede não passa mais pelo provedor, já entra na conexão direto (AMARAL, 2018) ⁵⁸.

Quando percebeu que o provedor da internet não seria mais um elemento necessário na operação de conexão da internet, Celso do Amaral resolveu encerrar as atividades, passando a operar a internet via rádio. A primeira internet via rádio a funcionar em Mato Grosso do Sul, segundo o empresário foi a *Douranet* com a *Netbox*, que tinha um link de dois MEGAS, um equipamento caro e raro, que “demorou muito tempo para se popularizar, enquanto hoje, o sistema *Wifi* está presente, praticamente, em todos os lugares, até dentro do seu celular”. Porque, antes era uma caixa, “o equipamento, e só passava um Mega. Hoje já tem *Wifi*, de um *Giga*, passando mil *Megas*. Então, toda essa infraestrutura, a gente teve participação direta” (AMARAL, 2018) ⁵⁹.

Vimos que quando do surgimento da internet ⁶⁰, além de parecer um suporte com dificuldades intrínsecas que carregava, seu acesso era difícil para a maioria das pessoas. Poucos tinham condições de acesso ou mesmo interesse, embora a tecnologia de comunicação despertasse grande curiosidade. Para realizar uma conexão eram necessários um computador, uma linha telefônica e um provedor comercial. As conexões eram discadas e quando o usuário navegava não podia fazer ligação pela mesma linha telefônica, sob o risco de cair a conexão, algo normal, pois bastava uma ligação para o número conectado para cair o contato, irritando os internautas. As linhas telefônicas eram raras e caras, e, por isso mesmo, a maioria dos usuários fazia conexões entre meia noite e seis horas da manhã, quando o pulso telefônico era mais barato e o tráfego das redes telemáticas menos intenso.

Tudo isso, no entanto, foi se transformando em função dos avanços da tecnologia que permitiu a miniaturização dos modelos de celulares e computadores devido à nanotecnologia ⁶¹,

⁵⁸ Entrevista concedida ao autor em 07.02.2018.

⁵⁹ *Ibidem*.

⁶⁰ A Internet chega ao Brasil em 1988 por decisão da sociedade de estudantes e professores universitários através de instituições acadêmicas paulistas - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e cariocas - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC). Mas apenas no decorrer da década de 1990, a Internet brasileira passou a ter uma rede capaz de absorver os dados dos provedores comerciais, iniciando assim, o desenvolvimento dessa rede de telecomunicações. Desde então, o número de provedores desse serviço e de seus usuários aumentaram a cada ano de forma exponencial. Atualmente os principais provedores de Internet no Brasil são também as maiores operadoras da telefonia celular, mas que também oferecem telefonia fixa, hoje em dia, bem menos procurada: Vivo, Claro, TIM, NET e Oi. (www.oficinadanet.com.br). Acesso em: 20.10.2019.

⁶¹ Nanotecnologia é a tecnologia da manipulação de átomos e moléculas. Uma ciência dedicada ao estudo e criação

quando surgiram computadores pessoais portáteis que ganharam espaço frente aos computadores de mesa, com desktop e monitor parecido com televisão. As linhas telefônicas foram ampliadas de forma massiva e tornaram-se bens de consumo de fácil acesso à população brasileira, que se beneficiava dos avanços tecnológicos do setor de telefonia e a privatização do sistema de telecomunicação no final dos anos de 1990.

O publicitário e designer Paulo Lobo, proprietário da *Bimboo*, empresa desenvolvedora de websites no estado afirmou ter participado desse processo em Dourados. Ele contou que, entre 1999 e 2000, instalou computadores com internet na cidade, numa época em que pouco se sabia sobre uso de e-mail. Lobo destacou o intenso trabalho realizado na cidade, a implantação de computadores na UNIGRAN, na época, Sociedade Civil de Educação da Grande Dourados (SOCIGRAN), e na casa de alguns professores da instituição de ensino.

Nós fizemos todo esse trabalho, primeiro na UNIGRAN, depois nas residências dos professores da UNIGRAN. Depois que instalamos em todas as residências dos professores, é que começamos a liberar para o público, em geral, da cidade, as empresas e pessoas físicas também. A gente tinha um trabalho de *call center*, que ligava para as residências das pessoas e perguntava você tem computador? Conhece internet, quer conhecer? Então, a gente ia lá, puxava o fio para a pessoa, instalava, começamos com tudo isso aí. Eu entrei bem no meio dessa história, eu nem tinha ligação com isso na época, mas comecei assim (LOBO, 2017) ⁶².

Antes de começar a desenvolver websites de notícias por conta própria, Lobo trabalhou na *Menthor Internet*, empresa desenvolvedora de sites que montou os primeiros portfólios das “empresas, prestadoras de serviço, vendedoras de carros, por exemplo, o site da Honda, o site da Yamaha, o site da Ford, Fiat; tudo a gente que ia montando, das concessionárias para a pessoa poder entrar lá, ver o modelo do carro com a foto”. Assim, surgiram os primeiros cartazes virtuais em Dourados. Com o fechamento da *Menthor*, Lobo criou sua primeira empresa do ramo, a *Inova Interativa*, que depois se transformou na *Bimboo*. Ele fez o segundo design do site da versão online do jornal *O Progresso*, depois de trabalhar na montagem de outro veículo digital da família Torres do Amaral, o *Dourados Agora*, fundado por Blanche

de novos materiais, produtos e processos através da reestruturação atômica. Com o uso da nanotecnologia é possível a construção de máquinas e equipamentos à escala de nanômetros (uma unidade de medida que equivale a um bilionésimo de metro), e que potencializarão a fabricação de produtos mais seguros, duráveis, inteligentes e menores do que a célula humana. Os primeiros estudos da nanotecnologia começaram em 1959 pelo físico norte-americano Richard Feynman (1918-1988), mas, apenas no começo do século XXI, a tecnologia começou a ser desenvolvida amplamente. A nanotecnologia funciona a partir da manipulação da matéria atômica e molecular, para isso é necessário a utilização de equipamentos de alta precisão, que permitem a modificação das propriedades dos materiais no nível atômico. Já existem diversos exemplos de uso de produtos oriundos da nanotecnologia no cotidiano das pessoas, seja no campo tecnológico (celulares e computadores cada vez menores e mais rápidos), no têxtil (tecidos resistentes à sujeira, bactérias e impermeáveis), no setor energético (baterias minúsculas e com carregamento veloz), na saúde entre outras. (www.canaltech.com.br). Acesso em: 20.10.2019.

⁶² Entrevista concedida ao autor no dia 07.11.2017.

Torres, filha de Adiles do Amaral Torres e Weimar Gonçalves Torres.

Ao analisarmos as mudanças promovidas pela internet na leitura e no hábito dos leitores, podemos perceber que as transformações sofridas pelo jornalismo no ambiente online levaram em conta processos culturais e cognitivos. A partir dessas premissas, pesquisadores brasileiros como Mielniczuk (2003), Barbosa (2004) e Machado (2003, 2004), baseados nos conceitos de Plavlik (2001) e Pryor (2002), estabeleceram três gerações do ciberjornalismo, que mantêm certa consonância com o nível tecnológico utilizado na produção. Vale ressaltar que, como o jornalismo não é algo estanque, ocorre oscilações e nuances no desenvolvimento tecnológico e, dependendo da situação, envolve a própria estrutura tecnológica, ou os softwares utilizados pelos veículos, não sendo excludentes entre si (MIELNICZUK, 2003; BARBOSA, 2007), ainda que demarquem períodos distintos. Em alguns casos, podem ser encontradas publicações jornalísticas para a web que se enquadram em diferentes gerações, assim como, em uma mesma publicação, poderão ser encontradas semelhanças que podem remeter a estágios distintos.

Dessa forma, entendemos que na primeira década de sua existência, entre 1995 e 2005, os sites de webnotícias, principalmente os situados em cidades mais distantes dos grandes centros, como é o caso dos estudados nesta tese, se encontravam numa escala que atingia até a terceira geração. A fase do jornal *O Progresso* em seus primeiros anos, de acordo com a própria descrição de seus desenvolvedores, oscilou nessa escala. Durante muito tempo, o jornal publicou conteúdo semelhante ao da versão impressa, fazendo apenas a transposição de plataforma. Os pesquisadores do jornalismo online indicam que as três primeiras gerações do ciberjornalismo são pensadas de forma específica, que compreendem transformações dos sites jornalísticos no suporte digital.

Ao afirmar que telefones e computadores são “as duas espécies estruturantes do ecossistema midiático contemporâneo”, Palacios (2013, p. 2) fornece a chave para se entender como ocorreu a chegada da notícia na tela do computador na década de 1990. Nas primeiras experiências, a notícia era transposta da versão impressa para a online. Ela aparecia na tela do computador do mesmo jeito que estava configurada no impresso, ou seja, obedecendo a mesma lógica, diagramação e hierarquia de textos, sem qualquer alteração. Com o avanço das tecnologias, a notícia passou a chegar não só na tela do computador, mas também no smartphone e outros dispositivos eletrônicos, “justamente porque a produção jornalística tornou-se convergente e multiplataforma”. Dessa maneira, a miniaturização simultânea do computador e do telefone provocou fortes transformações e suportes anteriores sofreram redefinições em suas relações, levando à criação de novos produtos, novos modelos de negócios (PALACIOS, 2013, p. 4).

3.2 As gerações do ciberjornalismo como narrativas jornalísticas no ciberespaço

Da produção à circulação da notícia, a primeira geração do ciberjornalismo é caracterizada pelas técnicas dos conteúdos dos jornais impressos serem transpostos para o novo suporte, praticamente, do mesmo jeito da edição em papel. As páginas em PDF eram colocadas na internet da mesma forma como apareciam na versão impressa, procedimento marcado notadamente pela forma “dura” com que o conteúdo era inserido na internet. Trata-se do mesmo conteúdo nas duas versões, ou seja, o material disponibilizado na internet era o mesmo da versão impressa, por isso, ficou conhecida como “fase de transposição”. Como era disponibilizado no modelo PDF, não havia uma adaptação do conteúdo ao novo suporte. De acordo com Mielniczuk (2003), os conteúdos destes primeiros modelos de sites jornalísticos tinham atualização periódica a cada 24 horas, ou seja, quando era rodada nova edição impressa. Em Dourados, os jornais impressos *O Progresso* e *Diário MS* passaram por essa fase, ao migrarem para a internet, postando seus conteúdos no ciberespaço em PDF. *O Progresso* entrou na internet em 1997, enquanto o *Diário MS* só mais tarde, na década de 2000.

A segunda geração do ciberjornalismo foi mais percebida no final de 1990, cinco anos após a implantação da nova prática jornalística nas redações do país. Com a melhoria da internet, a fase ainda muito associada ao jornal impresso, apresenta as primeiras tentativas de alteração de conteúdo com o começo da exploração das características tecnológicas como a hipertextualidade. Nesse contexto, surgiu a seção *últimas*, possibilitando a instalação de links tanto para matérias já publicadas, quanto para outras, associadas ao mesmo assunto. Depois, os jornais passaram a explorar a seção *mais lidas*, seguindo a mesma lógica. A estrutura de texto usada nas matérias produzidas para a internet seguiu a mesma dinâmica do jornalismo impresso, com alterações de pequena monta, compreendida por Mielniczuk (2003) como “fase da metáfora”.

Alguns jornais como *O Povo* de Fortaleza e o *JB* do Rio de Janeiro, produziam um barulhinho quando era dado o clique para a mudança de página, parecido com o som de quando se manuseia uma página de papel, como se a tecnologia apresentasse ao leitor uma nova metodologia do processo jornalístico, sem mudanças drásticas. Palacios (2003) explica que as ideias de continuidades e rupturas, tão caras à história, estão bem presentes no ciberjornalismo, ao argumentar que nem todas as características do ciberjornalismo representam aspectos tão novos como se pensa. Segundo o autor, muitas dessas características tecnológicas oferecidas pela internet já eram utilizadas em outras mídias, não passando, portanto, de continuidade no novo suporte.

A Multimídia do Jornalismo na Web é certamente uma Continuidade, se considerarmos que na TV já ocorre uma conjugação de formatos midiáticos (imagem, som e texto). No entanto, é igualmente evidente que a Web, pela facilidade de conjugação dos diferentes formatos, potencializa essa característica. O mesmo pode ser dito da Hipertextualidade, que pode ser encontrada não apenas em suportes digitais anteriores, como o CD-ROM, mas igualmente, e *avant-la-léttre*, num artefato comunicacional de tipo impresso tão antigo quanto uma enciclopédia. A personalização é altamente potencializada na Web, mas já está presente em suportes anteriores, através da segmentação de audiência (públicos-alvos). No jornalismo impresso isso ocorre, por exemplo, através da produção de cadernos e suplementos especiais (cultural, infantil, feminino, rural, automobilístico, turístico, etc); no rádio e na TV a personalização tem lugar através da diversificação e especialização das grades de programação e até mesmo das emissoras especializadas [...]. Ora, em sendo assim, onde estariam as Rupturas no jornalismo praticado nos suportes telemáticos e em especial na Web? Sugerimos que, para além das Continuidades e Potencializações, algumas Rupturas efectivamente ocorrem. Em primeiro lugar, e como facto mediático mais importante, na Web, dissolvem-se (pelo menos para efeitos práticos) os limites de espaço e/ou tempo que o jornalista tem a seu dispor para a disponibilização do material noticioso (PALACIOS, 2003, p. 23).

O panorama da segunda geração do ciberjornalismo só vai aparecer de forma mais definida nos jornais impressos de Dourados, na transição das décadas 2000 e 2010, ou seja, quase 20 anos após a entrada da maioria dos jornais brasileiros na internet, inclusive os impressos da cidade. Isso se deveu ao fato de os jornais *O Progresso* e *Diário MS* não terem privilegiado as suas versões na internet. Embora já tivessem as versões online, os conteúdos publicados eram praticamente os mesmos das versões impressas, inseridas no suporte web, sem utilizar as potencialidades oferecidas pela internet que tornam as matérias dos cibermeios mais atrativas pela atualização contínua, a hipertextualidade e outros serviços oferecidos pelos portais de notícias.

A *Folha de Dourados*, por exemplo, só começou a priorizar o novo suporte em meados de 2013, quando fez sua opção pela web, depois de abandonar o impresso no final de 2012. Lembrando que estamos tratando dos impressos que migraram para o ciberespaço, jornais cujas duas primeiras gerações do ciberjornalismo estão associadas. Nesse panorama, não se insere o *Dourados News*, por já ser fruto da internet, integra a terceira geração, cuja maneira de tratar a notícia está relacionada às potencialidades do suporte web.

Na terceira geração do ciberjornalismo foi detectada uma tentativa mais forte de produção de um conteúdo original. De acordo com Mielniczuk (2003), nessa fase a exploração das seis características do ciberjornalismo tornou-se mais presente em função da utilização de potencialidades de recursos como multimídia, ferramentas de interatividades, os fóruns e chats, “constituindo sistemas descentralizados próprios, capazes de incorporar as contribuições de usuários, para a apuração, produção e circulação” (MACHADO, 2003, p. 131).

Para Barbosa (2007), nesta etapa os cibermeios ultrapassaram a ideia da versão de um

jornal impresso previamente existente, que chegava à web. É notória uma dinâmica capaz de explorar as potencialidades da internet na concepção da narrativa informativa, o que fica evidente em sites de notícias que passaram a incorporar “o uso de blogs em seus produtos; apresentam recursos multimídia, como sons, animações, infográficos interativos, entre outros, para a construção das peças informativas e para o enriquecimento da narrativa jornalística (BARBOSA, 2007, p. 2).

Dessa maneira, um maior dinamismo e mais informações possibilitaram contextualizações mais abrangentes, além de aprofundar a notícia pelo uso de base de dados (informações de banco de dados dos cibermeios), outro elemento incorporado que oportunizou a função de estruturar e organizar melhor as informações de natureza jornalística.

Barbosa (2007) vislumbra uma fase intermediária entre a terceira e a quarta geração em função do envolvimento da tecnologia da base de dados, com capacidade de armazenar maior volume de informações disponíveis aos internautas usuários dos cibermeios. A pesquisadora compreende essa fase intermediária como um paradigma por abranger uma série de avanços tecnológicos, tais como a ampliação da base tecnológica, o acesso à internet expandido por meio de conexões de banda larga, a proliferação de plataformas móveis, algoritmos, linguagens de programação, desenvolvimento de sistemas de gestão de conteúdos mais complexos, maior incorporação de blogs e adoção de sistemas que permitem a participação mais efetiva do usuário na produção de informação. Ainda, segundo a autora, “a proposição de tal modelo como marco entre a terceira e uma quarta geração do jornalismo digital é justificada, sobretudo, em função da complexificação dos processos para a implantação de produtos jornalísticos no ciberespaço”, uma vez que “com a evolução dos recursos, das técnicas e do próprio nível de exigência dos usuários, os produtos necessitaram (e necessitam) adequar melhor seus formatos e a oferta informativa”. (BARBOSA, 2007, p. 150). Para ela, a tecnologia de base de dados criou soluções para trabalhar de forma satisfatória os novos recursos de linguagens de programação incorporados para dar forma a produtos dinâmicos, melhor elaborados, possibilitados pelos sistemas de gestão de conteúdos implantados que permitem o uso das potencialidades oferecidas pela internet.

Dissemos que a mídia online de Dourados nasceu com *O Progresso* na segunda metade da década de 1990, se somando a vários outros jornais brasileiros país afora. Na sequência, viriam outros como o *Dourados Agora*, que embora não pertença ao grupo empresarial *O Progresso*, tem ligações e implicações profissionais, pois é de propriedade de Blanche Torres e, por alguns anos, teve o mesmo desenvolvedor de site de *O Progresso*, a empresa de Paulo Lobo, a *Bimboo*. Depois da adesão dos impressos ao suporte web, passado pelas duas primeiras

gerações e a consequente adesão às novas tecnologias, podemos dizer que os cibermeios de Dourados se enquadram na terceira geração do ciberjornalismo pelas ferramentas utilizadas em suas plataformas de produção e circulação de notícias, ainda que não utilizem de forma otimizada todas as possibilidades oferecidas pelo ciberespaço.

A produção histórica sobre mídia eletrônica se ressentida da escassez de arquivos digitais, principalmente, das experiências iniciais do jornalismo online. É preciso entender, todavia, que a internet configura uma nova categoria de fontes documentais para pesquisas históricas. Nesse sentido é possível acessar páginas impressas de notícias publicadas por cibermeios de Dourados no acervo do Centro de Documentação Regional da UFGD, que certamente não constam mais em nos bancos de dados de suas *homepages*.

Em Dourados, os desenvolvedores de softwares de webnotícias, as empresas proprietárias dos sites, os jornalistas e editores dos primeiros modelos digitais não guardaram qualquer arquivo desse período, seja de notícias ou layouts dos sites. Lobo ressaltou que “ não havia uma preocupação com isso na época, com as telas”, porque tudo era feito em código, “ninguém desenhava nada, era tudo direto no código, ninguém se preocupava com isso, então, [...] não tinha croquis, pré-layout, nada”. O código a que se refere o desenvolvedor de software se trata da linguagem digital, da linguagem usada para a montagem de um site, a tecnologia HTML⁶³.

Embora ocorra uma mescla com outras linguagens, atualmente prevalece a do HTML, com versões atualizadas, de acordo com a tecnologia utilizada. As constantes atualizações permitiram chegar na versão 5 do HTML, que possibilita a publicação de vídeos nas plataformas de smartphones e de dispositivos similares, como explica Lobo:

Você acessa a internet hoje no celular por causa da linguagem HTML 5.0. Ela que permitiu esse acesso pelo celular. As versões 1.0, 2.0, 3.0 e 4.0 trabalhavam apenas no desktop. Tem muita gente que ainda usa o site antigo. Hoje, 60% dos sites precisam ser refeitos para atender a essa demanda. O software de publicação de notícia é contratado no formato de locação, não compensa você comprar, porque o código

⁶³ O HTML foi criado em 1991, por Tim Berners-Lee e tinha como objetivo, inicialmente, interligar instituições de pesquisa próximas, e compartilhar documentos com facilidade. Em 1992, foi liberada a biblioteca de desenvolvimento WWW (World Wide Web), uma rede de alcance mundial, que junto com o HTML proporcionou o uso em escala mundial da web. O HTML é uma linguagem de marcação. Estas linguagens são constituídas de códigos que delimitam os conteúdos específicos, segundo uma sintaxe própria. Estes códigos definem, por exemplo, o tipo de letra, o tamanho, a cor, o espaçamento, e vários outros aspectos do site. No início era muito complicado aprender HTML, pois dependia de muitos comandos para fazer algo simples. A cada nova versão, o HTML fica mais fácil de ser utilizado, adquirindo, inclusive, mais funções. Atualmente qualquer pessoa pode acessar a internet a aprender a construir um site básico em questão de horas, seguindo os passos de tutoriais e aprendendo as funções de cada código. O HTML foi a primeira linguagem de nível mundial, mas não é a única. Existem outras linguagens destinadas a criação de páginas da web, porém o HTML ainda prevalece. Atualmente é possível integrar várias linguagens na mesma página, sendo possível usar duas ou mais linguagens no mesmo site. (PASCOAL, 2008; www.olhardigital.com.br). Acesso em: 10.02.2019.

evolui muito rápido, nós estamos conversando aqui, quando for no final da tarde, o pessoal está me passando alguma coisa nova. Então, isso não para. É a busca da transformação para 3G, nós construíamos sites para navegar no computador, agora, nós estamos passando pelo amadurecimento do celular. Hoje, 70% dos acessos de notícias são feitos via celular, nos países onde a tecnologia 3G está crescendo. Você pega aí, o Analytics do *Campo Grande News*, do *Dourados Agora*, do *Dourados News*, você vai ver que 70% dos acessos deles vem via celular (LOBO, 2017)⁶⁴.

A tecnologia, ou seja, a linguagem HTML a que se refere Paulo Lobo, está relacionada diretamente à pontuação utilizada pela web que, no caso do ciberjornalismo, se estendeu às gerações anteriormente tratadas, decorrentes de atualizações tecnológicas para o melhoramento dos cibermeios e portais de notícias em geral.

Especialista em linguagem de computador, o russo Lev Manovich (2005, p. 28) afirmou que na história das mídias por computador os avanços tecnológicos apresentam oportunidades estéticas. Para facilitar a compreensão da lógica que rege essas mídias, o autor enumerou alguns princípios não definitivos da sua linguagem: “a representação digital, a modularidade, a automação, a variabilidade e a transcodificação”. Ele acredita que esses princípios, também denominados de tendências, por não serem definitivos, podem se manifestar em situações pontuais e diferentes na representação das mídias digitais por que:

As novas mídias reduzem-se a dados digitais que podem ser manipulados por software como quaisquer outros dados. Isso permite automatizar muitas das operações das mídias, gerar múltiplas versões do mesmo objeto, etc., por exemplo, assim que uma imagem representada como uma matriz de números, ela pode ser manipulada ou mesmo gerada automaticamente por algoritmos, como aumentar a definição, azular, colorir, mudar contraste, etc. de modo mais geral, expandindo o que propus em meu livro, poderia dizer que as duas maneiras básicas pelas quais os computadores modelam a realidade – por meio de estruturas de dados e algoritmos – também podem ser aplicadas nas mídias assim representadas digitalmente. Em outras palavras, uma vez que as novas mídias são dados digitais controlados pelo software “cultural” específico”, faz sentido pensar em qualquer objeto de nova mídia em função de estruturas de dados específicas e/ou algoritmos específicos que ele incorpora (MANOVICH, 2005, p. 29).

Ainda de acordo com o teórico russo, o computador modela o mundo e possibilita ao indivíduo interferir nele com base nas operações afeitas aos seus programas. Manovich, ao basear seus estudos no tripé tecnológico “arte, engenharia e computação”, defende que as novas mídias podem ser entendidas como uma mistura de antigas convenções culturais de representações, onde o acesso e a manipulação de dados permitem imiscuir velhos dados, entendidos como representações da realidade visual e da experiência humana e os novos dados que compreendem as informações digitais, virtuais.

⁶⁴ Entrevista concedida ao autor no dia 07.11.2017.

3.3 O Progresso Digital: jornalismo voltado para um público mais dinâmico

No seu início, grande parte dos dirigentes de jornais impressos não deu importância para a internet, acreditando se tratar de uma onda, um modismo. Ao não entender a emergência da internet, tampouco a série de inovações na maneira de fazer jornalismo na esteira das novas tecnologias esse contingente perdeu tempo para entender o jornalismo online. Os motivos podem ter sido os mais diversos, desde a resistência de jornalistas mais antigos à novidade avassaladora que invadiu as redações na metade da década de 1990, até a falta de visão com uma pitada de comodismo, que dificultava a compreensão de que a tecnologia exigia o abandono de zonas de conforto.

Em Dourados, somente, muito tempo depois da implantação de alguns jornais online, os proprietários de impressos perceberam que a audiência estava mudando de plataforma. Embora tenha sido o primeiro impresso a operar em online na cidade, o jornal *O Progresso* não deu seguimento à investida na nova mídia, demonstrando pouco interesse, e, apenas em 2017, depois de 20 anos da entrada no ciberespaço o jornal apresentou sua nova padronagem gráfica para o suporte web, *O Progresso Digital*⁶⁵ (Figura 12). As inovações são muitas. A começar pela logomarca totalmente modificada, remetendo ao digital, cujo adjetivo foi incorporado ao nome do jornal na versão online.



Figura 12: Capa de *O Progresso Digital* – 16.05.2019.

Fonte: *O Progresso Digital*.

As cores azul e branco do impresso foram mantidas, com o azul sofrendo algumas variações de tonalidade. A barra que suporta a logomarca em branco vazado na parte superior

⁶⁵ <https://www.progresso.com.br/>

da capa é marcada por um azul escuro, mas não mais forte que a barra que traz a sessão das notícias *Mais Lidas* na parte intermediária da capa do jornal online (Figura 13).



Figura 13: Capa de *O Progresso Digital* 16.05.2019.
Fonte: *O Progresso Digital*.

Mas a maior mudança promovida nesta etapa do jornal pode-se dizer que ocorreu na gestão. Para administrar a nova fase da versão online foi criada uma nova empresa, uma nova estrutura, totalmente desmembrada do jornal impresso, pelo menos fisicamente, já que até o endereço é outro. Em vez do prédio 447 da Avenida Presidente Vargas, onde funcionaram o parque gráfico, a redação e a Editora Jornal O Progresso LTDA e demais setores da empresa, *O Progresso Digital* está sediado numa das salas da Galeria Weimar Júnior, no térreo do prédio 1885 da Rua Major Capilé, no centro da cidade, onde funciona o escritório de Louise Torres, uma das netas de Adiles do Amaral Torres, a diretora-presidente do impresso. Louise é a nova proprietária da marca *O Progresso Digital*, criada por ela, também responsável pela implantação do que chama de nova filosofia de trabalho, mas faz questão de ressaltar o papel de toda equipe que trabalha com ela no processo. “Eu sou idealizadora e fundadora de *O Progresso Digital* junto com uma equipe formada por jornalistas, designer e pela própria diretora do jornal *O Progresso*, que é minha vó, Adiles do Amaral Torres, que me deu todo apoio nesse processo” (TORRES, 2019)⁶⁶. A jovem empresária, formada em Design de Moda, com especialização em Marketing e Comunicação de Modas pelo Instituto Europeo di Design, em São Paulo (IED-SP), morava em São Paulo e foi chamada pela família para ajudar no impresso.

Minha ideia nunca foi criar um jornal digital, apenas melhorar o que já tinha. Eles estavam com problemas no impresso, mas eu não sabia exatamente o que, sabia que

⁶⁶ Entrevista concedida ao autor no dia 30 de abril de 2019, na sede de *O Progresso Digital*.

a receita estava caindo muito, e aí quando eu cheguei eu fui estudar o porquê dessa receita estar caindo, e aí foi quando eu comecei a me interessar por, pelo comportamento de consumo das pessoas. Como isso tem afetado a cada geração, como é o comportamento de cada, de compra, de consumo de cada geração e eu percebi que, percebi não, já é, foi óbvio assim, nítido, que a geração ZZ, e, X, que sou eu, assim até 40 anos e a geração Z que são as pessoas que tem hoje até 18, 19 anos, não consomem mais o físico, quase, até revistas, revistas estão fechando a rodo. Jornal impresso, um exemplo claro brasileiro é a Gazeta do Povo, de Curitiba, que é um jornal com mais de 100 anos que decidiu encerrar o impresso e manter, focar no digital, fortalecer o digital. Hoje eles têm 14 milhões de assinantes, é muito, assim então, eles tomaram uma decisão muito certa, e aconteceu que, em 2017, eles fizeram essa transformação e agora, eles imprimem uma vez por semana (TORRES, 2019)⁶⁷.

A lógica de Louise é a mesma que rege a tendência do consumo de notícias no mundo. O site brasileiro Poder360⁶⁸ publicou no dia 5 de maio de 2019 informação sobre o futuro sombrio dos jornais impressos americanos. Entre 2004 e 2018, 1.800 jornais impressos fecharam as portas nos Estados Unidos. A matéria repercutiu publicação do diário *The Wall Street Journal*, acessado apenas por assinantes⁶⁹ sobre a disrupção da indústria de mídia jornalística americana nas últimas duas décadas. A matéria do jornal americano foi elaborada a partir de estudos realizados pela Universidade da Carolina do Norte⁷⁰ e apontou, ainda, que as publicações mais ameaçadas são os jornais locais, cuja metade deve fechar até 2021.

No Brasil, o caso mais emblemático foi o *Jornal do Brasil*, um dos jornais mais antigos e tradicionais, que deixou de circular no último dia de agosto de 2010, depois de 119 anos de serviço prestados à sociedade. Fundado em 9 de abril de 1891, menos de dois após a Proclamação da República, o “JB” marcou lugar na história da imprensa brasileira como um dos grandes diários, precursor de inovações como o uso de agências de notícias e envio de correspondentes ao exterior, noticiando as principais transformações pelas quais passou o Brasil em mais de um século. Após oito anos de seu fechamento, tentou voltar a circular nas bancas de jornais e revistas, no dia 25 de fevereiro, animando o mercado de trabalho da imprensa, mas a nova experiência durou apenas um ano, sendo encerrada no dia 15 de março de 2019. Levantamento realizado por alunos de jornalismo de universidades de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, publicado em 2018 na revista *Atlas da Notícia*⁷¹, publicação voltada para

⁶⁷ Entrevista concedida ao autor no dia 30 de abril de 2019, na sede de *O Progresso Digital*.

⁶⁸ O site Poder360 “é a operação jornalística nativa digital sobre política e assuntos do poder mais antiga em atividade contínua na internet brasileira”, publicação fundada pelo jornalista Fernando Rodrigues em 2000, em 2016 passou a ter esse nome. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/1-800-jornais-impressos-fecharam-as-portas-nos-eua-de-2004-a-2018/>.

⁶⁹ <https://www.wsj.com/graphics/local-newspapers-stark-divide/>. Acesso em: 10.05.2019.

⁷⁰ <https://www.usnewsdeserts.com/reports/expanding-news-desert/loss-of-local-news/loss-newspapers-readers/>. Acesso em: 10.05.2019

⁷¹ <http://observatoriodaimprensa.com.br/atlas-da-noticia-2-0/sudeste-regiao-perde-dezenas-de-jornais-e-revistas-tradicionais/>. Acesso em: 10.05.2019

estatística da mídia local brasileira, apontou que 69 veículos deixaram de ser publicados nos últimos anos. Destes, 33 foram em São Paulo, 27 em Minas Gerais e 9 no Rio de Janeiro.

Essa questão de fechamento de impressos está muito ligada à evasão da audiência, ou migração para outras mídias, suportes e plataformas disponíveis. A televisão está se desdobrando para reencontrar seu público, porque a audiência está bastante fluída (Bauman, 2001). A mudança na circulação da informação nos dias atuais aponta para um movimento na direção de “um modelo mais participativo de cultura, em que o público não é mais visto como simplesmente um grupo de consumidores de mensagens pré-construídas, mas como pessoas que estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídia de maneiras que não poderiam ter sido imaginadas antes” (JENKINS; GREEN, FORD, 2014, p. 24).

Para os autores, a forma de produzir e consumir informação vem se consolidando no cenário globalizado, que por sua vez, tem sido motivo de muita preocupação por parte dos produtores de conteúdos informativos tradicionais, notadamente os jornais impressos que ainda resistem. De repente, as pessoas estão mais propensas a ler um post no *twitter*, no *Instagram*, ou mesmo no *youtube* de um *digital influencer*⁷², do que as páginas dos jornais, por que a lógica social e as práticas culturais, segundo os autores, favorecem e popularizam essas novas plataformas.

Enquanto muitos criadores de conteúdo enfrentam a crescente proeminência dessas práticas genuinamente populares da audiência, surgiu uma ampla variedade de ferramentas de comunicação online para facilitar o compartilhamento informal e instantâneo. Essas plataformas oferecem novas capacidades para as pessoas passarem adiante artefatos de mídia, ao mesmo tempo que buscam modelos para gerar lucro com as atividades dos usuários. No entanto, embora as novas ferramentas tenham proliferado os meios pelos quais as pessoas podem fazer material circular, recomendações boca a boca e compartilhamento de conteúdos de mídia são impulsos que há muito tempo mobilizam as interações entre pessoas. Talvez nada seja mais humano do que dividir histórias, seja ao pé do fogo ou em “nuvem”, por assim dizer (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 25).

A filosofia de trabalho pensada por Louise Torres visou superar desafios impostos pelo que se pode chamar de nova cultura da mídia. Para ela, as pessoas estão dispostas a pagar pela informação desde que seja uma informação de qualidade. “Como pagam por uma assinatura da *Netflix* para ter opções de filme em boa resolução e com rapidez, assim como pela *Spotify* para ter acesso à música”, elas “pagariam para ter acesso a conteúdo, de qualidade, então, elas só

⁷² Influenciador Digital é o usuário com grande área de alcance e abrangência nas redes sociais, em função das centenas de seguidores que o acompanham em seus perfis, capaz de influenciar as pessoas na decisão de compra ou interação de outros usuários.

migraram a forma de consumir esse conteúdo, elas não esperam o conteúdo ficar obsoleto” (TORRES, 2019)⁷³. Ainda que o jornal diário traga conteúdos, notícias factuais, o ideal é que esteja na internet porque a internet é imediata.

As pessoas perceberam isso, que elas não querem receber conteúdo atrasado, elas querem saber na hora, ou logo depois que aconteceu, isso no mundo inteiro, elas não querem saber só o que está acontecendo na cidade, o que acontece no mundo inteiro elas querem saber, logo, porque senão elas vão se sentir atrasadas e está certo, realmente é uma briga por, uma competição para realmente se informar o mais rápido possível de tudo e a internet propicia isso, proporciona essa rapidez, essa agilidade, na informação, claro que o valor do impresso, apurar melhor os fatos, porque o impresso significa tempo, tanto o tempo que você necessita para dar uma pausa para ler, porque o online você olha rapidinho assim só, manchete, um resumo, não precisa se aprofundar, o impresso é mais profundo, tem uma reflexão maior, tem apuração dos fatos, só que muitos jornais, digitais, online estão com uma qualidade muito boa de apuração de fatos, então não fica a desejar, depende realmente da quantidade, de jornalistas, da estrutura da empresa, mas acredito que seja isso (TORRES, 2019)⁷⁴.

O professor de jornalismo Carlos Franciscato (2005, pp. 15-16) oferece algumas pistas para se compreender o processo de aceleração da notícia da internet em relação ao impresso e a necessidade criada no leitor de preferir buscar a informação no suporte web, em detrimento do impresso, considerado “ultrapassado”. Ele destaca o tempo presente como uma dimensão essencial ao jornalismo trabalhada através de algumas categorias ligadas ao conceito de notícia, como a instantaneidade, a simultaneidade, a periodização, a novidade; mas também “um fenômeno social composto por práticas sociais, relações de sentido e atributos inscritos em produtos culturais”. Para ele, “o jornalismo é um relato de algo que pertence a um tempo presente definido por relações habituais e simbólicas de referência para o agir do homem”, mas o tempo é capaz de deflagrar uma tensão entre dois movimentos: “a velocidade das coisas do mundo, num ritmo desigual entre regularidade e imprevisibilidade”, de um lado, e, de outro, “a velocidade da produção do discurso jornalístico” (FRANCISCATO, 2005, p. 18).

Se as organizações jornalísticas são empresas capazes de ritmar o processo industrial e administrar o tempo, por intermédio dos suportes tecnológicos, como destaca Franciscato (2005), por analogia, podemos entender a aceleração temporal imposta pela internet e as transformações temporais impostas por bytes e algoritmos como resultado da multiplicidade da informação nas redes digitais. Franciscato (2005) ressalta a instantaneidade, categoria da notícia, como peça preponderante nessa cadeia, e apontada como uma das potencialidades da internet. Segundo o pesquisador, ela dimensiona a materialidade física do jornalismo ligada aos

⁷³ Entrevista concedida ao autor no dia 30 de abril de 2019, na sede de *O Progresso Digital*.

⁷⁴ Entrevista concedida ao autor no dia 30 de abril de 2019, na sede de *O Progresso Digital*.

processos de transmissão e distribuição da notícia.

Nesse aspecto, o percurso histórico realizado possibilitou a ilustração de situações em que as inovações tecnológicas contribuíram para a aceleração dos processos de transmissão da notícia. Em consequência, podemos afirmar que a “instantaneidade” é uma categoria descritiva eficaz para mostrar como as práticas jornalísticas se modificaram em função de uma meta de ‘comunicação instantânea’. [...] Percebida a instantaneidade na transmissão, voltemo-nos agora para olhá-la como prática social e cultural: mas, para esta mudança de olhar, precisamos considerar um conjunto mais complexo de relações e práticas em que o aspecto temporal está presente, mas imbricado em outros fatores (FRANCISCATO, 2005, pp. 121-122).

Para Matheus (2011), as concepções de tempo mediadas pelo jornalismo não dependem apenas de como é feita a narrativa, compreende outros elementos, como o ritmo com que as narrativas são construídas e disponibilizadas ao público. É preciso entender que a notícia carrega, como sugere Franciscato (2005), aquilo que é novo. A internet, portanto, nos parece configurar de forma mais acentuada, na atualidade, essa novidade cujo presenteísmo está arraigado no imaginário do leitor de jornal contemporâneo.

Torres disse ter se preparado para a tarefa de transformar o digital de *O Progresso* estudando, como recomenda Silverstone (2005) e, tendo como suporte, o aconselhamento de professores do curso de Pós-Graduação do IED, de Moda e Marketing. Uma das saídas encontradas foi investir mais nas notícias locais, como ela afirma.

Eu sempre me aconselhei com os meus professores. Eu conto um pouquinho da minha história e vejo o que eles falam, o que eles podem agregar, então uma das soluções foi aumentar, na verdade, colocar cada jornalista para um tema e cada jornalista ter seus repórteres para poder realmente fazer um conteúdo local. Isso foi uma técnica, uma coisa que eu bati, focar no conteúdo local, porque falar muito de mundo, a questão Brasil assim, as pessoas querem se ver, as pessoas querem saber o que está acontecendo aqui, focar em divulgar sobre esportes locais, ações locais, projetos locais, negócios locais, e ampliar a visibilidade das pessoas daqui, porque aí, vai instigar elas a comprarem o jornal, porque eu fiz uma pesquisa também sobre matérias locais...(TORRES, 2019)⁷⁵.

A posição de Torres demonstra coerência com editores de outros sites de webnotícias de Dourados ao priorizar as notícias locais. A lógica defendida por eles é de que o leitor-internauta, ao abrir um cibermeio de Dourados, quer ver notícias locais, da sua comunidade, e quando quer saber sobre acontecimentos nacionais acessa os grandes portais de notícias, como *GI*, ou *UOL*.

Inicialmente, Louise se dispôs ajudar no jornal impresso, mas disse ter enfrentado resistência às suas ideias, o que fez com que se voltasse para o digital. Segundo seu relato, na

⁷⁵ Entrevista concedida ao autor no dia 30 de abril de 2019, na sede de *O Progresso Digital*.

produção do jornal digital foram encontrados vários problemas, como de navegabilidade, de assuntos noticiados e de matérias não tão bem estruturadas.

Isso se deveu ao fato de a direção do jornal impresso ter abandonado a versão digital, não ter continuado o investimento com o “novo” suporte. Com isso, o navegador ficou defasado, não atendendo às exigências dos internautas. As notícias apresentavam problemas de estruturação, de narrativa, comprometendo a qualidade do produto. Por isso, a jovem empresária resolveu investir na plataforma, estudando e se inteirando das novidades do mercado. Ela percebeu que precisava recuperar o tempo perdido.

Eu pensei em realmente focar no online, no digital e fortalecer essa parte, porque eu comecei a estudar e vi que os outros jornais estavam investindo no digital e deixando o impresso assim um pouco de, não queria dizer de lado, mas dando uma importância maior para o digital, até porque, é o futuro, eu até li uma coisa, acho que foi o Correio Brasiliense, a Folha de São Paulo que falou que eles querem se perpetuar, então eles vão continuar fazendo jornais para pessoas que estão envelhecendo e estão morrendo ou eles vão se reestruturar para oferecer conteúdo e informação para jovens, adultos, enfim, pessoas que estão vindo né, estão nascendo e crescendo, realmente é verdade. *O Progresso* quer se perpetuar ou ele quer continuar fazendo jornal impresso, porque a gente [...], outra pesquisa que eu fiz, foi entre os assinantes para conhecer a faixa etária deles. A grande maioria tem mais de 50 anos, então, pessoas de 25 a 34 anos que são os jovens que já estão no mercado de trabalho é uma porcentagem muito mínima. Foi outra coisa que me deu um estalo, assim, eles não estão consumindo o jornal impresso, eles consomem o site, eles vêm a notícia no site, então a questão é realmente fortalecer o site. Pedi autorização para investir nisso, me foi dada, e aí começou o projeto do digital. (TORRES, 2019)⁷⁶.

Torres acreditava que, para fazer alavancar as vendas do impresso, tinha de promover muitas mudanças, inclusive no visual do jornal, no seu design e, para isso, tinha que pensar em uma nova diagramação. Segundo ela, a reforma o deixaria com uma cara mais profissional, mais jovem, porque a última vez que o jornal sofreu uma mudança no projeto gráfico foi “por uma consultoria, uns quinze anos atrás” e, no seu entendimento, estava na hora de fazer uma atualização gráfica, devido à necessidade de atualização permanente. A jovem empresária pensou numa mudança arrojada, que alcançasse a própria identidade do jornal impresso. Como não conseguiu permissão, se voltou para o jornal digital.

Aí, mudei a identidade visual do jeito que eu quis, mantive as cores, mantive a história, e quando me perguntam o que é *O Progresso Digital*? Eu falo que realmente é o perpetuar da marca *O Progresso* que já vai fazer cem anos, porque a gente divulga que tem 68 anos, mas tem 68 anos em Dourados, porque começou em Ponta Porã, em 1920, isso pode ser visto na linha do tempo que criamos para ilustrar a nossa história. Então foi assim que começou *O Progresso Digital*, ao não conseguirmos implantar as soluções no impresso, porque o que eu mais ouvia era: “mas eu faço assim há 30 anos, há 30 anos eu trabalho desse jeito”. Lá tem funcionários muito antigos, na redação, o chefe de redação faz 46 anos que ele trabalha lá, e mudança para eles é uma coisa que

⁷⁶ Entrevista concedida ao autor no dia 30 de abril de 2019, na sede de *O Progresso Digital*.

mexe na zona de conforto, só que é vital para poder sobreviver, mudança é vital para sobrevivência, se eles não aceitarem, se as pessoas não aceitarem se adaptar a um novo mundo, elas vão deixar de existir, não só empresa, pessoa física como jurídica, como pessoa física mesmo, a gente tem que se adaptar, o ser humano é um ser adaptável, porque essa resistência à mudança? E lá eles são muito resistentes à mudança, então foi quando eu falei “vou seguir meu caminho” querendo ainda ajudar, levar *O Progresso*, a marca *O Progresso* para frente só que da minha forma, da minha maneira (TORRES, 2019)⁷⁷.

A resistência de jornalistas de *O Progresso* às transformações tecnológicas ressaltada por Louise foi comum nas redações brasileiras. De tão sério, o assunto mereceu atenção da professora de Comunicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Maria José Baldessar, que desenvolveu importante estudo sobre o impacto do uso do computador e outras tecnologias a partir da década de 1980 nas redações brasileiras. Ao abordar o assunto, a pesquisadora fez menção a um trecho de artigo publicado pelas jornalistas Astrid Fontenele e Débora Chaves, na *Revista Imprensa*, em 1987, sobre o processo de informatização da redação do jornal *O Globo*, onde as repórteres trabalharam. O texto retratava as mudanças que a tecnologia promoveu naquele período no jornalismo brasileiro e como foram sentidas pelos seus profissionais. A análise, embora tratasse de mudanças de outros suportes tecnológicos, serviu para compreender as transformações sofridas em decorrência das NTICs.

Uma louca sinfonia de gritos, gargalhadas, telefones, campanhas reverberavam impunemente [...] as Olivetti e Remington que não sofriam de arritmia eram disputadas no tapa [...] e o impiedoso papel carbono tingia mesas, paletós, mangas de camisa, dedos, mãos e rostos menos atentos [...] montanhas de laudas se formavam para qualquer lado que se olhasse [...] hoje as persianas amarrotadas foram substituídas por um moderno sistema de iluminação que inclui um requinte inimaginável: calhas especialmente desenhadas, cujos focos de luz só iluminam as mesas dos terminais, sem reflexos nos olhos ou nas telas [...] um sistema de ar condicionado central acabou com o clima tropical que sufocava [...] e a sinfonia das pretinhas deu lugar a um silêncio cibernético, propiciado pelos 140 terminais e suas 138 teclas [...] e a limpeza, nada de montanhas de papel. (BALDESSAR, 2008, p. 2).

A pesquisadora acrescentou que depois da chegada dos computadores na redação os jornalistas tiveram que se adaptar a uma nova realidade funcional, que exigiu maior qualificação e especialização dos profissionais. Outro aspecto destacado foi o fechamento das edições que passou a ser antecipado, em que a tecnologia ficou a favor de um jornal que passou a chegar mais cedo na banca. Por outro lado, Lage (1996) prenunciava que a convergência tecnológica promoveria o surgimento de um novo tipo de jornalista, principalmente e, obrigatoriamente, informado sobre questões relacionadas à produção de mensagens em sistemas informatizados e telemáticos.

⁷⁷ Entrevista concedida ao autor no dia 30 de abril de 2019, na sede de *O Progresso Digital*.

Atualmente, repórteres das empresas jornalísticas operam vários sistemas e dispositivos eletrônicos para atender demandas das diversas plataformas e suportes, por onde circulam suas produções noticiosas. O repórter de um portal de notícia, por exemplo, faz o texto de uma matéria para o site, mas também faz a fotografia e sua edição, bem como a postagem, além de um *podcast*⁷⁸. No caso de empresa que tenha jornal e televisão ainda faz a reportagem normal para a televisão. Tudo acrescentado das chamadas nas redes sociais digitais, principalmente, o *twitter*.

Outra novidade que se observou em *O Progresso Digital* foi a presença de ferramentas de gestão moderna de empresas e pessoas apregoados pela administração e o marketing. Conceitos como “quem somos”, “missão”, “visão” e “valores” aparecem estampados na sessão “Expediente” (Figura 14).



Figura 14: Seção Expediente de O Progresso Digital.

Fonte: *O Progresso Digital*.

Esses conceitos estratégicos são ideias defendidas por gurus da administração e marketing, como Peter Ducker e Philip Kotler, e fazem parte do planejamento de um negócio ou vida pessoal. Servem como bússola para orientação na busca dos resultados projetados pelo planejamento. A presença dessas ferramentas defendidas pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) é rara nos cibermeios de Dourados.

⁷⁸ *Podcast* é basicamente um conteúdo em áudio transmitido online por *feeds* RSS. O formato permite ao usuário ouvi-lo enquanto ele estiver carregando, sem necessidade de fazer download, guarda certa semelhança com programa de rádio, pois consiste em cativar o público por meio de linguagem direta e de apelo sonoro. Os *podcasts* são publicados em plataformas específicas ou nos próprios sites das pessoas que produzem e tratam de diversos assuntos, desde política, economia, turismo, entrevistas, marketing etc. (https://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2039&titulo=Mas_afinal,_o_que_e_podcasting?). Acesso em: 20.10.2019.

Para empreender as novas ideias no jornal online, a jovem empresária teve a parceria profissional e pessoal do designer gráfico Pedro Rocha. Formado pela Escola Panamericana de Arte e Design de São Paulo, Pedro Rocha trouxe da capital paulista a experiência de agências de publicidade para realizar trabalhos de criação gráfica para *O Progresso Digital*, onde se tornou diretor de criação, responsável pela nova formatação gráfica do cibermeio. O designer gráfico lembrou que está com Louise desde o início do projeto, fazendo estudos de outros portais de notícia para entenderem o funcionamento de suas estruturas, as chamadas das matérias, a hierarquização das notícias dentro da arquitetura da informação⁷⁹, que culminou com o *layout* atual, pensado para atender as demandas do contexto informacional de Dourados. Eles ressaltam a importância de trazer um pouco da história de *O Progresso* com a presença da linha do tempo, no “Expediente”, pois além do vínculo histórico do *O Progresso Digital* com a versão impressa, propõe-se divulgar a trajetória de uma empresa de comunicação (Figura 15).



Figura 15: Linha do tempo de *O Progresso*.

Fonte: *O Progresso Digital*.

⁷⁹ O conceito Arquitetura da Informação foi criado em 1975 por Richard Wurman, e passaria a constituir a ciência do design da informação, pois aborda a visualização dos fluxos da informação, e o design que integra o final do processo produtivo. No Brasil, o conceito foi adotado, inicialmente, pela pesquisadora Elizabeth Saad Côrrea da USP. Também, foi sistematizado por Schwingel (2004b), para designação do profissional que planeja o fluxo informacional no ciberespaço. De acordo com Moherdau (2009), López García, Gago, Pereira (2003) ampliam o conceito, porque consideram que a arquitetura da informação pode ser entendida da seguinte forma: 1) sistema de orientação na busca (1962); 2) orientação na busca e recuperação de informação (1990); e 3) roteiro para criação de narrativas multimídias (2000). (ROCHA, 2019).

Uma característica marcante deste projeto de comunicação ficou evidenciada pelo uso de elementos e suportes que não desvinculam o cibermeio do jornal impresso. Pedro Rocha explicou que o design foi concebido para *linkar* a tecnologia com os comportamentos dos jovens que estão conectados às redes sociais digitais, como *Twitter*, *Facebook*, *Instagram*, mas sem se esquecer do leitor tradicional do impresso, que pode encontrar o mesmo conteúdo do impresso na versão online.

Esta concepção observada pela linha editorial da versão digital, que leva em conta o leitor “antigo” da versão impressa soa como uma novidade alvissareira no mundo interconectado, pois preserva os laços identitários daquele leitor acostumado com *O Progresso*. Dessa forma, lhe é proporcionado um ponto de convergência para as gerações de leitores do impresso e do digital, sem que seja notada tanta diferença, já que haverá uma versão parecida com o impresso hospedada no endereço do *Digital*.

3.4 *Diário MS Digital*: a polifonia em versões “remasterizadas”

Assim como a direção de *O Progresso* não demonstrou maiores pretensões com sua versão online, mesmo sendo o primeiro jornal de Dourados e do Mato Grosso do Sul a entrar no ciberespaço em 1997, a situação não foi diferente com o *Diário MS*. Alfredo Barbara Neto, diretor-presidente do periódico admitiu não ter sido dada a prioridade necessária à versão online, nem por Vitoriano Cales, nem por ele, quando assumiu a empresa em 2008. Ao lembrar que o jornal entrou no ciberespaço na primeira metade da década de 2000, não se recordou dos motivos da falta de atenção dada à versão da internet, embora tenha encontrado uma lógica argumentativa:

Não sei te explicar porque, já pensei muito a respeito disso porque a gente não tocou, a gente sempre manteve, mas não tinha uma preocupação, mesmo com o surgimento de outros sites. O crescimento, isso tudo...a gente, não sei, já pensei muito a respeito, não sei te falar o motivo específico, sabe, não dá nem para falar que foi uma falta de visão, porque a empresa lançou o site, mas ela não se preocupou com este site, entendeu? Não sei se foi o fato de todas as atenções que estavam voltadas para o envolvimento do jornal em toda a região, porque o *Diário MS* circulou numa região gigantesca do estado, aí quando o meu irmão assumiu, a gente se preocupou em expandir ainda mais essa circulação. Eu acho que talvez tenha sido esse o foco, sabe, e o site sempre foi ficando meio que ali ao lado, eu só me voltei especificamente para o site que aí eu transformei num portal em 2017. Olha só, por que, porque a gente fundiu o canal com o site feinho que a gente tinha e transformamos num portal, então o que tinha no canal veio para o portal também (BARBARA NETO, 2019)⁸⁰.

⁸⁰ Entrevista concedida ao autor em 23.04.2019, na sede do jornal *Diário MS*.

Depois de ser lançado em meados dos anos 2000, apenas 17 anos depois foi dada atenção à versão online do *Diário MS* em consonância com os padrões esperados de um cibermeio. Barbara Neto explicou que a proposta do portal *Diário MS* priorizou um mix de oportunidades de comunicação. Além dos elementos que compõem o cibermeio possibilitados pela internet e as NTICs, o portal agregou um canal de televisão, característica que o distinguiu dos demais sites de webnotícias em Dourados.

Ao falar sobre o novo portal, o empresário evidenciou forte relação com o jornal impresso desde sua entrada em 1997, quando chegou à cidade procedente de São Paulo para trabalhar na Secretaria de Comunicação Social da Prefeitura Municipal de Dourados. Ainda era *Diário do Povo* e Alfredo, inicialmente, trabalhou como repórter especial do *Caderno Dois*. Paulista da pequena cidade de Irapuru, Alfredo fez jornalismo na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) e Especialização em Jornalismo na Universidade Cásper Líbero na capital de São Paulo, o que o faz se reconhecer em sua trajetória mais como jornalista do que empresário. Ao trazer de Piracicaba a experiência de trabalhos em redação de impresso para o *Diário do Povo*, Barbara Neto produziu várias matérias de gaveta, assuntos que extrapolavam a cobertura factual, mas que despertavam a curiosidade dos leitores. No jargão da redação, matérias de gaveta são aquelas atemporais, que podem ser publicadas em qualquer tempo, principalmente quando falta material para fechar o jornal.

Uma das matérias de gaveta produzidas pelo jornalista chamou atenção por ocupar a capa do *Caderno Dois* foi publicada no dia 27 de fevereiro de 1997. A matéria de página inteira, uma das primeiras assinadas por Alfredo Barbara, reportou a existência de um Safari às margens do rio Santa Maria, ocupando uma extensão total de 2.400 hectares, na zona rural do município de Dourados, como demonstrado em trecho do texto do repórter:

Antílopes originários da África, cervos de descendência da Ilha do Timor (Nova Guiné), jacarés enormes, capivaras e uma variedade de aves vivem tranquilamente numa reserva de 500 hectares e são atrativos para turistas que apreciam viagens ecológicas e contatos com a natureza. O Varjão Safari vem, há cerca de um ano, recebendo turistas e interessados em ver de pertinho animais que, muito provavelmente, só poderiam apreciar em países do continente africano. A iniciativa do gaúcho Trajano Silva, 65, há 30 anos proprietário da fazenda Varjão, zona rural de Dourados, vem dando um outro significado à palavra safari. No início, pensava em proporcionar ao turista um local para que pudesse caçar animais atípicos à fauna brasileira. A proposta inicial mudou e hoje o Varjão Safari, localizado à margem do rio Santa Maria, com uma área total de 2.400 hectares, é um local em que o turista aprende apreciar os animais e a natureza (*DIÁRIO DO POVO*, 1997)⁸¹.

⁸¹ Lide e sublide da matéria de capa do “Caderno Dois” do *Diário do Povo* do dia 27 de fevereiro de 1997.

Alfredo lembra com satisfação das pautas que lhe caíram às mãos naquele período que marcou sua inserção no jornalismo de Dourados. Embora não tivesse tanto tempo para se dedicar ao jornal como queria, por dividir as atividades no *Diário do Povo* com o trabalho na Prefeitura Municipal de Dourados, ainda assim, elaborou muito material informativo que lhe rendeu boas recordações. A inserção no jornalismo possibilitou a Alfredo realizações pessoais e profissionais, como ele reconhece devido às ações promovidas que impactaram na vida da sociedade douradense, principalmente a realização de eventos beneficentes para arrecadação de recursos destinados a entidades sociais.

Em 1998, ao assumir a pasta da Secretaria de Comunicação Social da Prefeitura Municipal de Dourados, na segunda administração do engenheiro civil Antônio Braz Genehu de Melo (1997-2000)⁸², Barbara Neto deixou a redação do jornal. Em março de 2001, voltou ao jornal, já transformado em *Diário MS*. Como Editor-chefe, lançou o caderno *Boavida* no mês seguinte, um suplemento com matérias sobre o corpo, beleza e saúde que, além da publicação de fotos de eventos sociais na cidade, trouxe publicidades e, conseqüentemente, recursos em forma de anúncios para o jornal. Com o sucesso do caderno, Alfredo começou a desenvolver uma de suas paixões no jornalismo, o colunismo social, ao mesmo tempo em que a marca *Boavida* ganhava força e, em 2003, promoveu o primeiro evento da *Feijoada de Outono Boavida*. O evento tornou-se uma festa que costuma reunir pessoas de vários segmentos da sociedade douradense, como empresários, políticos e figuras do *high society*⁸³ interessadas em clicks, ou na postagem de suas fotos nas colunas sociais, tendo caráter beneficente, com parte da renda destinada a instituições sociais.

Vale ressaltar que o colunismo se tornou uma das vertentes do gênero textual do jornalismo opinativo. A coluna social alcançou popularização entre jornalistas e escritores no noticiário brasileiro, em que consagrou nomes de profissionais que inovaram e criaram marcas pessoais utilizando esse tipo de jornalismo. De acordo com Dorneles (2017, p. 127) com base em Gonçalves (1999), a coluna social é usada para “representar a trajetória de vida de elites da sociedade, o que elas fazem de suas vidas e como fazem, que valores permeiam suas mentes e

⁸² Braz Melo foi eleito pela segunda vez para administrar Dourados em 1996 pela mesmo PMDB que lhe deu a primeira vitória em 1988. Nos dois pleitos, Braz Melo derrotou José Elias Moreira, sendo que no primeiro pleito, por apenas 40 votos de diferença, enquanto no segundo, obteve uma expressiva vantagem de 11.216 votos. Sua segunda eleição deveu-se principalmente aos resultados administrativos e benfeitorias realizadas na cidade por ocasião da primeira gestão. (<https://www.midiamax.com.br/politica/2016/dourados-teve-eleicao-mais-acirrada-desde-1988-quando-40-votos-decidiram-disputa>). Acesso em: 10.07.2019.

⁸³ *High society* é uma expressão inglesa, cuja tradução livre é “alta sociedade”. Termo usado para denominar um grupo formado por pessoas de alto poder aquisitivo e financeiro, com status social destacado. No Brasil, a expressão passou a designar popularmente a alta burguesia, formada por pessoas com muito dinheiro e frequentadoras de ambientes requintados e elitistas. (<https://www.significados.com.br/high-society/>). Acesso em: 10.07.2019.

como interagem entre si e com as demais camadas sociais de menor poder aquisitivo”, o que permite compreender a função do colunista e suas relações sociais, além de estabelecer parâmetro de comportamento para a cobertura jornalística.

Ainda segundo Dorneles (2017, p. 129), a coluna social “contribuiu e inovou para a evolução dos critérios de noticiabilidade tradicionais” e, “já na internet, os jornais estudados não apresentaram mudança significativa em sua estrutura, comparativamente à estrutura do século XX”, ao contrário, “deixaram de explorar o espaço ilimitado para divulgação de vídeos e de imagens e atualização diária do noticiário” (DORNELES, 2017, p. 138)

Por outro lado, Gonçalves (1999) observou que em cidades do interior os colunistas sociais extraem prazer do seu ofício, sem ser, todavia, arrogantes ou empafiosos, embora reconheça a existência de certo deslumbramento e a presença dos elogios superlativos que dão o tom absoluto das colunas sociais.

Há pouca maledicência e não é comum o incentivo ao conflito entre grupos, famílias ou indivíduos notáveis. As instituições tradicionais, sobretudo o casamento, são permanentemente louvadas. Pouco se fala de separações, divórcios, adultérios e coisas desse tipo. No interior ou na capital, mais do que vocacionado para a velha arte de “fazer amigos e influenciar pessoas”, os cronistas da vida mundana são, agora, os administradores de um espaço de circulação de coisas e gentes. Apesar de muitas vezes parecer o contrário, colunistas sociais não vivem apenas de festas e fofocas. Precisam descansar, cuidar da própria vida e serem remunerados. Muitos obtêm patrocínios compensadores de empresas locais e/ou regionais. Os anúncios dessas empresas são bons indicadores das expectativas de público desse tipo de jornalismo, mas não podem ser vistos ingenuamente. Nas cidades menores, os anúncios têm muitas vezes mais a ver com as relações pessoais entre os colunistas e os empresários do que com uma avaliação judiciosa dos objetivos e possibilidades comerciais da publicidade (GONÇALVES, 1999, pp. 42/43).

Após três anos do lançamento da Feijoada, que em 2008 entrou para o calendário oficial de eventos da Prefeitura Municipal de Dourados, Alfredo Barbara Neto estreou na televisão. O jornalista criou o programa *Boavida* veiculado pela *Viacabo*, uma operadora de tv e internet local. No ano seguinte, o programa se transformou em um dos canais comunitários da *Viacabo*. Em 2008, a família Barbara comprou o *Diário MS*, de Vitoriano Cales, e em 2010, Alfredo e sua esposa Renata Barbara passaram a administrar a empresa.

Em 2011, a empresa mudou a configuração da logomarca, sem alterar as cores e o nome, dando cara nova para a marca *Diário MS*. Desenvolvida pelo publicitário de Dourados, Paulo Ajax, a nova marca teve como proposta a sintonia com os novos tempos e rumos da empresa marcados pela nova direção. Por isso, a letra D, que antecede *Diário MS*, ficou representando a abertura do diafragma de uma câmara fotográfica, como se a íris estivesse observando o noticiário, ou seja, o próprio conteúdo informativo publicado no jornal (Figura 16).



Figura 16: Logomarca do *Diário MS*: impresso e do digital.

Fonte: *Diário MS*.

O canal *Boavida* que saiu da *Viacabo* pelos altos custos da locação se tornou uma das atrações do Portal *Diário MS*, onde são apresentadas entrevistas com personalidades da sociedade douradense, configurando uma coluna social televisiva. No canal podem ser encontradas ainda matérias sobre viagens em cruzeiros de turismo, entrevistas com personalidades da política, economia e de outros assuntos de interesse da população. *O Progresso* e o *Diário MS* só entraram de forma efetiva no ciberespaço em 2017, oferecendo aos seus respectivos leitores internautas *homepages* mais elaboradas, e passaram também a veicular em seus endereços eletrônicos as versões impressas cotidianamente.

O esforço em priorizar um canal de tv no portal é perceptível. Para Barbara Neto, não é o principal atrativo do portal *Diário MS*, mas é considerado o diferencial em relação aos outros cibermeios da cidade. Enquanto os demais cibermeios ancoram as matérias postadas com imagens dos eventos noticiados, ou mesmo entrevistas, o *Diário MS* tem seu próprio estúdio de TV, herança do canal *Boavida*. Os equipamentos agora funcionam numa sala na sede do jornal, no centro da cidade. Segundo Barbara Neto, as entrevistas de estúdio são conduzidas pelo radialista Antônio Carlos Ruiz, enquanto os eventos externos são registrados por ele próprio.

A linha editorial do portal, ainda conforme Barbara Neto é a mesma adotada pelo jornal *Diário MS*, voltada principalmente para a cobertura do noticiário político local e regional. Há também editorias como *Brasil*, *Notícias MS*, *Variedades*, *Polícia*, *Esporte*, *Mundo*, *Caderno 2*, *Notícias do Bem*. Embora use matérias nacionais de portais como *G1* e *TV Globo*, dando o devido crédito, Barbara Neto ressalta que as matérias relacionadas à política nacional, em sua maioria, são usadas da Agência Brasil. Em relação às locais e nacionais, ele costuma fazer parceria com os sites locais e regionais, usando a matéria deles e deixando que usem as publicadas no *Diário MS*.

Sobre as ações promovidas em Dourados, Alfredo afirmou que, profissionalmente, mexeu com o jornalismo local, num primeiro momento, com a forma de fazer coluna social. Ao comentar que num período que esteve no jornal, antes de ser Secretário Municipal de

Comunicação, devido Vitor Cales não frequentar eventos sociais, ele acabou se transformando em colunista social, um cronista social, que se propunha mostrar momentos da sociedade nas páginas do jornal. Por isso, frequentava locais em que as personalidades da cidade se reuniam. Assim, nasceu o projeto Boavida, depois Barbara Neto virou editor do jornal e desenvolveu outros projetos.

Alfredo manteve, tanto no impresso quanto no online, sua coluna *De olho*. Nela, com notas curtas, costuma explorar assuntos ligados à política, sociedade, eventos e festividades. Apesar ter consciência da importância da tecnologia na vida moderna e, principalmente, na produção de notícias, o jornalista demonstrou ser quase um desconectado, pois não tem blog, página no *Facebook* e perfil no *Instagram*. Além disso, admitiu não gostar de celular e esclareceu: “nada contra quem tem, mas eu queria enforcar quem fez o celular”, embora entenda que não seja possível abrir mão dele. Ressaltou, contudo, que embora tenha o aplicativo *WhatsApp* no seu celular, gosta de conversar com a boca, e não com o dedo, ao preferir falar ao telefone, em vez de teclar.

Quanto ao lugar ocupado pelo *Diário MS* no cenário da comunicação do Estado, Alfredo disse que o empreendimento editorial atende a todos os segmentos, sem distinção: “aqui a gente respeita e recebe todo mundo, então, eu acho que para o leitor, para as pessoas, isso também é interessante”, justificando, que “você lê de tudo, se você não gosta você não lê, mas ali tem de tudo, vai ter para quem goste”, ao se referir à página de opinião, onde são publicados o editorial e mais três artigos, normalmente, de diferentes vozes da sociedade, diariamente. Alfredo se reportou de uma maneira geral ao projeto *Diário MS*, onde está ancorada também a versão impressa.

Para Barbara Neto, o caderno *Boavida* que virou programa de TV, fez história na cidade, originando a coluna social, se transformando em grife, “a marca *Boavida* virou sinônimo de bem receber as pessoas em eventos”, o que representou “também a história do jornal”. Outra contribuição importante oferecida pelo *Diário MS*, no entendimento do empresário, foi a integração que o jornal promoveu entre os municípios da região.

O Diário aproximou os municípios, houve uma época que o jornal circulava do bolsão de Três Lagoas até Porto Murtinho, por toda aquela região, então no caderno Região, quem estava lá no bolsão lia o que estava acontecendo em Porto Murtinho ou lá em Mundo Novo, no Sul. Então, esse triângulo aqui debaixo, físico do estado, aproximou as autoridades, os políticos, um prefeito sabendo o que o outro prefeito estava fazendo, e por isso, se tornou o slogan do jornal de integração regional, então, acho que isso tudo contribuiu também para essa visão jornalística, por exemplo na, Expoagro, o Diário foi precursor também no lançamento do jornalzinho tabloide que circulava todos os dias da Expoagro, a gente ia editando lá dentro mesmo, montava lá mesmo naquela casinha de madeira lá no início, onde funcionava a diretoria do Sindicato, que

foi cedida ao jornal e depois foi derrubada, então durante anos publicamos esse formato, na feira (BARBARA NETO, 2019)⁸⁴.

Além de eventos locais, o empresário demonstrou sua participação em eventos de grandes jornais, congressos promovidos pela Associação Nacional de Jornais (ANJ) e que muitas ideias promovidas no *Diário MS* foram iniciativas bem sucedidas apresentadas por jornais como *Folha de São Paulo*, *Zero Hora* e *O Globo*: “é óbvio que a gente se espelha naquilo que eles estão fazendo e na medida do possível eu trago pra cá, dentro da nossa realidade a gente faz a adaptação naquilo que é possível, entendeu?” Para Alfredo, seguir a tendência dos grandes jornais do sul e sudeste possibilitou abrir mercado e assimilar novos conhecimentos. Pode-se dizer que o arejamento das ideias a partir dos encontros promovidos pela ANJ fez Barbara Neto entender que já estava passando da hora de investir em sua versão online, o que só viria acontecer em 2017, por ocasião do aniversário de 25 anos do jornal.

Considerando o contato com jornais de grandes centros urbanos, pesquisadores da mídia local, regional, como a professora de Comunicação Cicilia Peruzzo (2003), defendem que a mídia local e regional guarda algumas características da grande mídia, embasando, portanto, o posicionamento de Barbara Neto ao incorporar modelos praticados pelos grandes jornais. Para os estudiosos, essa mídia ocupa papel vital no fortalecimento da identidade regional pela proximidade que mantém com a comunidade, e expressa especificidades de certas localidades, ao apresentar os acontecimentos orgânicos delas. Por outro lado, carrega a tendência de reproduzir a grande imprensa, ao imitar o estilo de tratamento da informação, além de outras razões relacionadas às próprias sociedades onde está circunscrita, naturalmente, com suas características peculiares. Notadamente, as razões históricas e culturais ajudam a configurar a existência e o grau de importância desse tipo de mídia em cada contexto. Por isso, ao problematizá-la, Peruzzo (2005) alerta para a complexidade que envolve o assunto, por se encontrar, ainda, em estágio de autoconstrução. Para a pesquisadora, a mídia local, também conhecida como de proximidade, está ligada às relações global-local, local-regional-nacional, local-comunitário e local-global que envolve os meios de comunicação (PERUZZO, 2003; ROCHA, 2019).

Bueno (2013) considera que a emergência do jornalismo online foi responsável por levar muitos jornais digitais para cidades do interior. O autor enumera três tipos básicos de veículos do interior: o jornal local, aquele quase artesanal, o local estruturado e o regional. De forma geral, os três tipos de jornais se caracterizam pela limitação de sua circulação; enquanto os dois

⁸⁴ Entrevista concedida ao autor em 23.04.2019, na sede do jornal *Diário MS*.

primeiros estariam mais presentes na cidade de origem, o terceiro contemplaria moradores de uma determinada região. Barbosa (2002) enxerga no contexto da mídia regional, possibilidades de ampliação da cobertura espacial que essa mídia pode alcançar através da internet, enquanto Rocha (2019) ressalta que, no caso de Dourados, a mídia tem valorizado as tradições culturais e os valores sul-mato-grossenses perpetuados na construção e ressignificação dos laços identitários passados de geração em geração pelos costumes que os caracterizam.

Barbara Neto lembrou que, quando foi professor de jornalismo na UNIGRAN, grande parte dos profissionais das redações de empresas de comunicação de Dourados teve aula com ele e começaram a ter contato com o jornalístico através da redação do *Diário MS*. Era comum, levar suas turmas do curso de jornalismo para conhecer o funcionamento da redação e de todo o processo de produção do jornal, inclusive o industrial. Ao reconhecer que nunca pensou em ser professor de jornalismo, esclareceu, “me tornei professor, porque o curso me obrigou a me reciclar também, eu fui ler um pouco mais, voltei a ter contato com a vida acadêmica da qual estava muito distante, fizemos projetos aqui dentro”, porque “era importante mostrar a realidade que os alunos iam encontrar pela frente, na vida profissional, o que nem sempre condizia com as expectativas dos acadêmicos”. Dessa forma, foi criado o jornal laboratório da Faculdade de Comunicação, *A Notícia*, com o objetivo de ensinar aos alunos como se fazia um jornal. Os acadêmicos do curso de Jornalismo participavam de todo o processo de produção do jornalzinho, desde a pauta, apuração das notícias até a produção dos textos. Barbara Neto ressalta também o papel do jornal como empresa e sua força social, sem esconder a preocupação com o momento de transição por que passa o jornalismo com a emergência da internet.

Acho que esse comportamento, essa forma de fazer jornal, eu quero crer que contribui muito com a formação dessas pessoas, a formação profissional. Claro que cada um é cada um, mas os que quiseram efetivamente seguir carreira, conseguiram; e acho que eu contribuí um pouco com isso, da mesma forma que o jornal em si, abrindo espaço, fazendo campanhas, porque acho que essa é a nossa função, o jornal também tem uma função social, embora tenha que ser encarado como uma empresa. Hoje mais do que nunca, que eu estou do lado de cá, eu sei o quanto é difícil, mas nós estamos tocando a empresa, fomos tocando, sem nunca perder de vista o ‘bem informar’ às pessoas, e acho que, a gente vem vivendo agora um período de transição, a internet, com relação ao conteúdo e a informação para as pessoas, como as pessoas estão lidando com isso, e o jornal impresso está vivendo esse momento de transição (BARBARA NETO, 2019)⁸⁵.

O empresário destaca que o jornal tem passado por dificuldades financeiras, em função da transição, mas que isso faz parte do processo em curso, e da variação econômico-financeira

⁸⁵ Entrevista concedida ao autor em 23.04.2019, na sede do jornal *Diário MS*.

que o país tem vivido na última década. Para superar o momento, o jornalista receitou a renovação: “a gente vai renovando, a gente vende a assinatura digital”, considerando a credibilidade, a reputação alcançada pelo jornal, em sua versão impressa, que ainda representa para o leitor, “a confirmação do acontecimento”.

3.5 *Dourados News*: o primeiro cibermeio do interior sul-mato-grossense

Primeiro site de webnotícias da cidade, feito com a ajuda da, e para a internet, o *Dourados News*⁸⁶ nasceu da rebeldia e da insubmissão de um senhor septuagenário Primo Fioravante Vicente, defensor do meio ambiente em um lugar onde o agronegócio é responsável pela maior parcela da produção de riqueza, sendo ele próprio, um produtor rural. O jornal, cuja primeira edição foi para o ciberespaço, em novembro de 2000, quando a internet engatinhava em Dourados, tornou-se o mais lido na região, alcançando uma audiência em torno de três milhões de visualizações por mês.

A ideia de criar o primeiro site de notícias de Dourados saiu de um rompante inspirado de Primo, auditor fiscal paulista aposentado, quarto filho de família descendente de italianos, que chegou a São Paulo no início do século XX. Insatisfeito por não conseguir publicar um artigo seu na mídia de Dourados, foi orientado pelo jornalista Clóvis de Oliveira a publicar no *Campo Grande News*⁸⁷, o primeiro site de webnotícias de Mato Grosso do Sul, que começou a funcionar um ano antes do *Dourados News*, segundo site do Estado. Imediatamente, a notícia sobre a compra de leite de cabra pela Prefeitura Municipal de Dourados beneficiando uma figura política da capital, na versão do artigo, estampou-se na internet para acesso dos usuários da rede mundial de computadores. Fascinado por aquela rapidez e instantaneidade, Primo quis saber se seria possível criar um veículo igual em Dourados. Diante do sim do jornalista, Clóvis foi logo incumbido da missão. Em seu início, a improvisada redação funcionou no escritório do arquiteto e amigo de Primo, Luiz Carlos Ribeiro⁸⁸, no centro da cidade, sendo depois transferida para um espaço, também improvisado, na própria casa de Primo Fioravante.

A teimosia era uma das muitas características marcantes da personalidade de Primo, como reconheceu seu filho Luiz Fernando Azevedo Vicente. Um sujeito intuitivo, inteligente, sagaz e teimoso, que gostava de política, mas não dos políticos, são outras particularidades que

⁸⁶ www.douradosnews.com.br.

⁸⁷ www.campograndesnews.com.br.

⁸⁸ O arquiteto referência na cidade, sendo inclusive, idealizador de um dos catões postais da cidade, o Monumento ao Colono construído na entrada da cidade para lembrar os agricultores da Colônia Agrícola Nacional de Dourados, mas que ficou popularmente conhecido como *Mão do Braz*.

o identificam. “Meu pai era doido e atirado”. Assim, o definiu Luiz Fernando, que disse nunca ter se interessado pelas letras. “Sempre preferi o campo, cuidar da fazenda que temos em Glória de Dourados”, por isso, nunca quis se meter nos negócios do pai, embora acompanhasse tudo de perto. Ele contou como a família chegou a Dourados e sobre as aventuras do pai.

Meu avô comprava café na região de Caarapó, no início da década de 1950, e meu pai trabalhava com café, lá em Adamantina, em São Paulo. Ele veio com um tio meu, compraram um pedaço de terra para ver se asseguravam alguma coisa. Então ele ficou por aqui na região até 1966. Para eu nascer, ele levou minha mãe para São Paulo, porque lá tinha mais recursos médicos que em Glória de Dourados, o lugar que meu pai ficou ao chegar aqui na região. Meu avô era brasileiro, mas filho de italianos, e minha avó acho que era italiana. Eram das margens do rio Pó, na Lombardia, norte da Itália. Meu pai morava em Glória de Dourados e passou num concurso em São Paulo e foi morar lá. Depois ele se aposentou, voltou para cá e começou a se meter nas atividades sociais e culturais da cidade. Meu pai viajou muito, foi na Rússia, antiga União Soviética, Alemanha Oriental, antes de cair o comunismo. Voltou dizendo que ia quebrar tudo, porque não se sustentaria, ele já renunciava a derrocada do comunismo internacional. Meu pai era muito viajado, gostava de conhecer os lugares, viajava o mundo todo (VICENTE, 2019)⁸⁹.

Luiz Fernando creditou o interesse do pai em desenvolver um site de notícias em Dourados não só pela sua natureza inquieta e a curiosidade diante da publicação do artigo, no *Campo Grande News*, mas ainda pelo interesse financeiro e a possibilidade de ter um veículo de comunicação onde pudesse expressar suas ideias.

Duas coisas motivaram meu pai a criar o *Dourados News*. A primeira foi para ele poder expressar a opinião dele, porque ele já tinha tido umas demandas aqui, ele foi um dos que fizeram a primeira campanha ecológica na cidade em favor do laranja doce, aquele córrego indo para o Ecoville. Ele tinha um grupo de amigos que se envolviam com isso e ele era independente, porque não dependia de ninguém, tinha uma situação financeira favorável da aposentadoria dele. Aí os jornais não queriam dar mais espaço para ele, então estava sentindo dificuldade, mas ele começou a ouvir falar desse negócio de internet, jornalismo pela internet e se interessou. A outra coisa, foi a financeira mesmo, o viés comercial, porque ele entrou para ganhar dinheiro, meu pai era um empreendedor, então, ele acreditava que a internet poderia ser uma fonte de renda. Ele acreditava nos negócios, tinha uma vontade, uma força incomum. Ele estava aposentado também não tinha o que fazer, juntou uma coisa com a outra e foi isso. Agora meu pai era visionário, ele imaginava as coisas daqui a cinquenta anos, porque ele viajava muito, lia muito, tinha conhecimento. Ele era muito insatisfeito também com o comportamento de alguns políticos, totalmente contra a corrupção (VICENTE, 2019)⁹⁰.

A Clóvis de Oliveira coube a missão de chefiar a redação, que inicialmente, tinha apenas ele e Antônio Coca como jornalistas. A estrutura era pequena, dispunha de dois computadores, um servia como servidor e o outro, para redigir e publicar as notícias produzidas. No terceiro

⁸⁹ Entrevista concedida ao autor em 15.02.2019, na sua residência à rua Major Capilé.

⁹⁰ Entrevista concedida ao autor em 15.02.2019, na sua residência à rua Major Capilé.

mês já contava com um carro para percorrer a cidade atrás de notícias e começou a funcionar um departamento comercial para vender anúncios e capitalizar a empresa. Os desafios eram muitos, como o começo de todo empreendimento, sobretudo, de um produto completamente novo, desconhecido do público consumidor, que pouco sabia sobre a notícia online.

Empreendedor e preocupado com as questões locais, Primo queria que o nome do site de webnotícias contivesse o nome da cidade para rivalizar com o *Campo Grande News*, assim, foi denominado *Dourados News*, tendo como símbolo, logo no seu começo, o peixe dourado (Figura 17), muito pescado no Rio Dourados, que originou o nome da cidade. Quase dez anos após a fundação, por ocasião de uma reforma gráfica feita pela *Bimboo*, empresa desenvolvedora de sites de notícias sediada em Campo Grande, de propriedade do publicitário e designer gráfico Paulo Lobo, o cibermeio ganhou uma nova logomarca, dando destaque ao seu slogan: *a fonte da informação*. Em depoimento à Revista *Dourados News: Especial 13 anos*, lançada em 2013 para comemorar os 13 anos de existência do jornal online, o publicitário reconheceu a dificuldade de mexer não apenas no símbolo do veículo, mas no projeto gráfico como um todo e na própria concepção, pois “pegar um site com 10 anos de criação, todo o banco de dados dele e trazer para o novo, era uma coisa inédita, por isso ninguém trocava o sistema” e tudo se constituía num desafio. Assim, “com a reformulação a logomarca também foi mudada e o símbolo do jornal que antes era um peixe dourado saiu de cena e entrou um ‘balão de fala’, com o nome *Dourados News* dentro” (DOURADOS NEWS, 2013, p. 74). As cores laranja e cinza, entretanto, foram mantidas para não alterar a identidade visual.



Figura 17: Atual (E) e primeira (D) logomarcas do *Dourados News*.

Fonte: Arquivo *Dourados News*.

As mudanças no *design* dos sites de webnotícias são consideradas quase uma rotina na organização dos cibermeios. A atualização gráfica segue tendências de mercado e atratividades de momento, justificadas pelos designers gráficos, pela necessidade que a audiência sente de mudança no visual de material de internet em geral. Numa sociedade líquida (BAUMAN,

2009), as reformulações também visam trazer melhorias e inovações para a audiência. No caso do *Dourados News*, as mudanças introduziram ferramentas que permitiam a interatividade do leitor com a redação por meio dos comentários nas matérias. Em função da grande demanda de comentários, que gerava mais trabalho para redação, pois exigia a presença de um mediador para ler todos os comentários e liberá-los, a interatividade foi terceirizada para o *Facebook*, onde o leitor pode continuar fazendo comentários sem a obrigatoriedade da redação em respondê-los.

Do ponto de vista mercadológico e do próprio marketing, as edições comemorativas, como *Dourados News: Especial 13 anos*, e publicações similares de outros veículos servem para reafirmar a identidade do meio de comunicação junto a seu público, quando escolhem falar apenas de si. Por meio de narrativas que rememoram feitos ou coberturas mais importantes de sua história, “depreendem significados do jornalismo em diferentes momentos”, já que “o cotidiano não é feito apenas da rotina, mas constituído também de surpresas cujos significados o homem é capaz de elaborar quando necessário”. Por tudo isso, Matheus (2011, p. 31) entende que “essas edições podem ser consideradas oportunidades em que as empresas forçaram a atualização de seu significado e, portanto, de seu lugar de fala. Trata-se de ritualização tendo em vista reelaborar significados acerca do passado da imprensa e do Brasil”.

Esse movimento quase corriqueiro na imprensa pode ser interpretado, conforme observou Hobsbawm (1977), como a obtenção de um passado por repetição perenizado na memória coletiva do leitor. Não deixam de ser narrativas construídas com intuito de reelaborar um passado que se torna presente nas temporalidades apresentadas pela imprensa como marcadores da passagem do tempo (MATHEUS, 2011). Para Lene (2011, p. 167), a memória é “um processo de ordenamento, de produção de sentido, que pressupõe enquadramentos, esquecimentos e silêncios. Fatos e aspectos do passado são ordenados e enfatizados a partir da relevância que têm para os indivíduos”, sendo a recordação um elemento na construção de identidades e relações pessoais.

Nessa perspectiva, o *Dourados News* construiu uma narrativa em 18 matérias distribuídas nas 90 páginas da edição comemorativa dos seus 13 anos, ordenando não apenas os principais fatos que marcaram o período de produção e veiculação de notícias, mas os próprios feitos na trajetória, destacando personalidades da cidade, notadamente seu fundador (Figura 18).

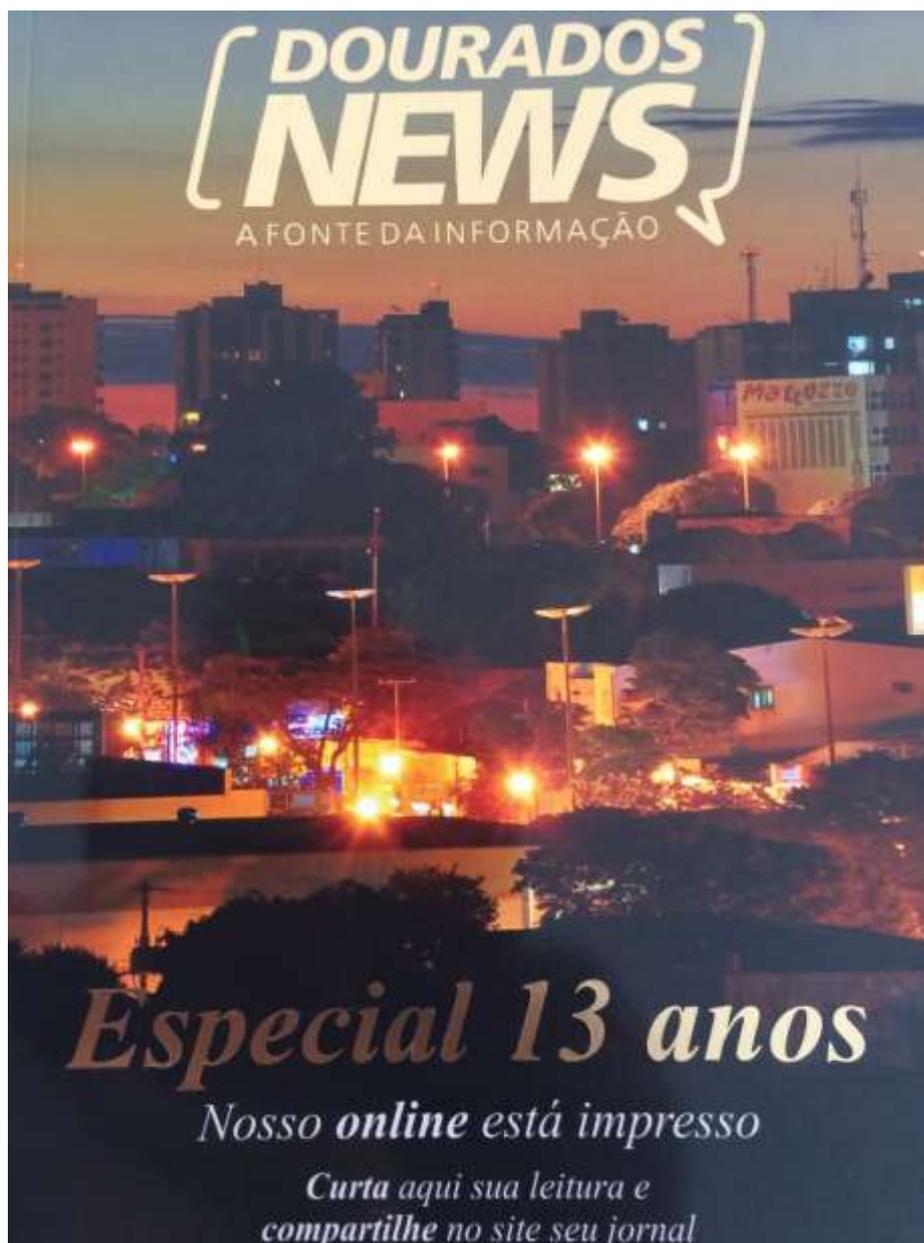


Figura 18: Capa da Edição comemorativa de 13 anos do *Dourados News*.
Fonte: *Dourados News*.

A *Retrospectiva 13 anos* se constituiu na matéria principal, ocupando 24 páginas, quase um terço da revista comemorativa. Assinada pelo chefe de redação do cibermeio, Adriano Moretto, que fez um levantamento dos acontecimentos cobertos em escalas local, regional, nacional e internacional, mês a mês, nos 13 anos do jornal. Começa, evidentemente, tratando do lançamento do *Dourados News*, “projeto inovador para os padrões interioranos”, e com ele, tendo início “uma nova opção de mídia em Dourados”, sendo “o primeiro jornal online da cidade inclusive a cobrir a posse de um prefeito no município”, Laerte Tetila, do Partido dos Trabalhadores (PT), e 17 vereadores da cidade, em janeiro de 2001.

No plano nacional, a matéria destacou a ascensão de um operário e do PT ao poder, bem como seus desdobramentos políticos, em meados da década de 2000, como os avanços sociais alcançados e os escândalos que tomaram conta do cenário político nacional. A participação da seleção brasileira de futebol nos mundiais de 2002, 2006 e 2010, além da escolha do Brasil para sediar os jogos olímpicos de 2016 e a Copa do Mundo de 2014, também mereceram destaque. No cenário internacional, a matéria rememorou o atentado terrorista às torres gêmeas do *World Trad Center* em Nova York no dia 11 de setembro de 2001, a morte do papa João Paulo II, em 2004, a queda de Fidel Castro e a morte do ídolo pop americano Michael Jackson.

O veículo demonstrou sua vocação de mídia local regional ao documentar as ações no município, como o caso do ex-deputado Ari Artuzi, um ex-caminhoneiro que chegou à Prefeitura Municipal de Dourados em 2009, após uma vitória expressiva nas eleições municipais de 2008, sobre o candidato pelo Democratas (DEM), o empresário Murilo Zauith, e sobre o professor Wilson Biasotto, representante do PT, partido que administrava, através de Laerte Tetila, a Prefeitura Municipal, há oito anos. A administração de Artuzi foi marcada, porém, por escândalos administrativos que acabaram o tirando do cargo, no final de 2010, ao renunciar 90 dias após ser preso com seu vice, Carlinhos Cantor, junto com secretários municipais e vereadores pela Operação Uragano da Polícia Federal. Depois da prisão, o município foi administrado, inicialmente, pelo juiz de direito, Eduardo Machado Rocha e, depois, pela presidente da Câmara Municipal de Dourados, Délia Razuk. Em fevereiro de 2011, Murilo Zauith venceu a eleição fora de época para um mandato “tampão” de um ano e oito meses, sendo reeleito em 2012 (*DOURADOS NEWS: ESPECIAL 13 ANOS*, 2013, pp. 50-51).

A Revista destacou também os avanços alcançados pelo Município, como no agronegócio, cuja vocação agrícola o colocou “como uma das cidades mais importantes do país no setor”, principalmente em tecnologia para grandes e pequenos produtores. A cidade tem buscado ainda iniciativas voltadas para o setor metalmecânico e sucroalcooleiro. Outro vetor de desenvolvimento apontado pela publicação foi o Polo Universitário, com destaque para a UFGD e seus investimentos, além do impacto produzido pelo contingente de alunos e profissionais ligados às instituições universitárias. A localização de Dourados em um raio que envolve outros 38 municípios foi considerada também fator importante para alavancar o desenvolvimento local. Nesse espaço que agrega várias cidades gravita uma população de mais de um milhão de pessoas, ou seja, cerca da metade dos 2,5 milhões da população do estado. (*DOURADOS NEWS: ESPECIAL 13 ANOS*, 2013).

A publicação ressaltou ainda o papel formador de profissionais pela empresa Dourados News, ou seja, a força social da imprensa como qualificadora de mão de obra para o mercado

de trabalho.

Durante os 13 anos de criação, o *Dourados News* não foi apenas um instrumento para oferecer e obter informações, mas também foi uma “escola” para os novos jornalistas da cidade e serviu como instrumento para colocar em prática tudo aquilo que se aprendia na universidade. Em 2004, após a implantação da primeira turma do curso de comunicação social, habilitação em Jornalismo do Centro Universitário da Grande Dourados – Unigram, os estudantes viram a necessidade de buscar estágios e oportunidades no mercado de trabalho para que pudessem ter mais contato com a profissão e assim conhecer melhor a realidade da redação. E entre os meios que abriram essa oportunidade estava o *Dourados News*. Nessa época mesmo sofrendo com o pouco entusiasmo de leitores e de alguns jornalistas da “velha guarda”, a administração do site viu a importância em abrir espaço para esses futuros profissionais, oferecendo a eles a oportunidade de fazer um jornal especificamente local, buscando no talento desses jornalistas o dinamismo e a criatividade para conquistar novos leitores (*DOURADOS NEWS: ESPECIAL 13 ANOS*, 2013).

O fundador do jornal, Primo Fioravante, também ganhou espaço no material comemorativo, juntamente com Andreia Medeiros, diretora e proprietária do *Dourados News*, que assinou o editorial da publicação. Sob o título “A aposta certa e um futuro promissor”, Medeiros discorreu sobre a importância de o cibermeio ter inaugurado a mídia online na cidade, destacando a coragem e a paixão de Primo ao criar o projeto na época da internet discada, quando poucos tinham acesso. Para ela, os 13 anos foram feitos de “batalhas, aprendizados, alegrias e tristezas”, mas sempre com a preocupação de buscar “aprimorar a qualidade da informação repassada ao leitor”. Dessa forma, “o site conseguiu sua afirmação no mercado e por diversas vezes acabou pautando os maiores veículos de comunicação do país” (*DOURADOS NEWS: ESPECIAL 13 ANOS*, 2013).

Clóvis de Oliveira, primeiro editor do *Dourados News* lembrou, em depoimento à Revista, do primeiro dia de funcionamento do jornal online, da expectativa, ansiedade e excitação que tomaram conta de todos os profissionais envolvidos num projeto inédito na cidade, ao colocar no ar a primeira página noticiosa de Dourados na internet. A experiência foi narrada pelo jornalista, desta forma: “a gente estava escrevendo para todo o mundo sem ter a noção de que dali estava nascendo uma coisa que poderia gerar essa revolução, que é hoje a internet. Porque o pontapé inicial da internet em Dourados foi o *Dourados News*”, dia 23 de novembro de 2000. (*DOURADOS NEWS: ESPECIAL 13 ANOS*, 2013). Com todas as dificuldades enfrentadas, o jornal online publicava uma média de 11 matérias ao longo do dia, de acordo com Clóvis.

A publicação comemorativa trouxe ainda entrevistas com Andreia Medeiros, com o Prefeito Municipal de Dourados, Murilo Zauith, e com o governador do estado, Reinaldo Azambuja, que destacaram o desenvolvimento e novos investimentos para a região da Grande Dourados, além de depoimentos de várias personalidades e profissionais de imprensa locais

(Figura 19) que conviveram com Primo, ressaltando detalhes de sua personalidade e a ousadia com o empreendimento.

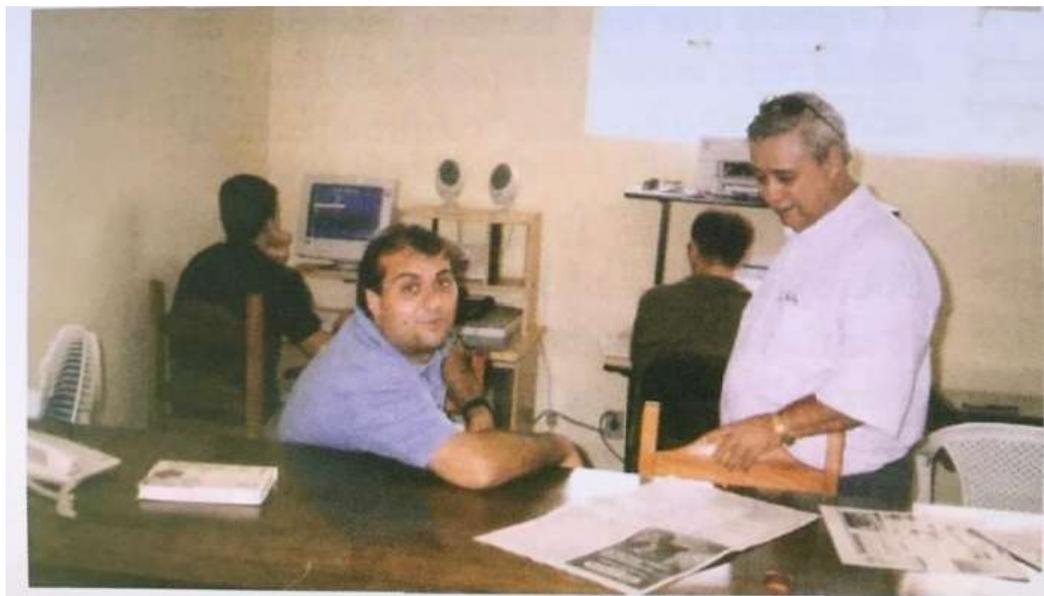


Figura 19: Primeira redação improvisada do *Dourados News*.
Fonte: Revista *Dourados News: Especial 13 anos*.

É interessante observar que, como se tratava de uma experiência sem precedentes na cidade, num momento em que a internet ainda era vista como novidade nas redações, não havia uma cartilha a ser seguida pelos jornalistas. Todos estavam tentando entender o funcionamento do “novo veículo”, tentando encontrar uma linguagem que se adequasse à situação que se desenhava. Na questão da produção textual havia um entendimento de que os textos fossem curtos e enxutos. Alguns jornalistas defendiam que não deveria se publicar textos longos, por ser uma prerrogativa do impresso, mas logo essa lógica seria superada pela ruptura da relação tempo-espaço. Se a internet não limitava mais o espaço tão disputado pelos anúncios, numa página do impresso, era a oportunidade que o repórter tinha de trabalhar mais e melhor a matéria, aprofundando o assunto em alguns aspectos, sem a preocupação do limite do texto impresso.

Para Ferrari (2004), o jornalismo digital, primeira denominação do ciberjornalismo usada pelos estudiosos do assunto, não podia ser definido apenas como o trabalho de produzir ou colocar reportagens na internet. Era necessário “pensar na enquete (pesquisa de opinião com o leitor); no tema do chat, o bate papo digital; nos vídeos e áudios; e reunir o maior número possível de assuntos e serviços correlatos à reportagem” (FERRARI, 2004, p. 45).

O arquiteto Luiz Carlos Ribeiro, que emprestou a sala para os primeiros dias do

Dourados News, em seu depoimento à publicação comemorativa relembrou passagens curiosas do amigo: “cedi a sala para ele começar o jornal, mas como eu trabalhava na prefeitura na época, ele falava mal de mim no *News*. Então, eu pedia direito de resposta e ele dava, sem problemas. Daí, de noite nós saíamos para tomar cerveja”. Ribeiro acrescentou que Primo chegou a ser candidato a vereador em Glória de Dourados e fez uma campanha atípica em relação aos políticos tradicionais. Segundo Ribeiro, Primo “fez a campanha com livros, ele ia em São Paulo, nos sebos e trazia livros, falava ‘tem que aumentar o nível dessas campanhas’, então enchia a caminhonete de livros e saía distribuindo, porque ‘o povo precisa de livros’. Resultado: não ganhou as eleições” (*DOURADOS NEWS: ESPECIAL 13 ANOS*, 2013).

Clóvis de Oliveira afirmou que Primo escrevia muitos artigos. Neles, “ele era muito áspero, eu brinco que dos dedos dele saía fogo, derretia chumbo na hora que ele estava digitando”. Já Andreia, o via “como uma pessoa maravilhosa, fantástica, foi meu anjo da guarda, uma pessoa decente”. Para Antônio Coca, Primo era uma pessoa muito agradável. Além de “extremamente inteligente, qualquer assunto que a gente fosse discutir com ele, ele tinha conhecimento, tinha argumento. Talvez a forma sincera de ser dele assustasse algumas pessoas”, por ser dono de uma espontaneidade, nunca deixou de falar o que achava certo sobre as coisas (*DOURADOS NEWS: ESPECIAL 13 ANOS*, 2013).

Segundo Luiz Fernando, Primo, quando novo “era chucro, um caboclão”, mas foi “estudando, ganhando cultura e se refinando”, tanto no pensamento como no comportamento. Fez, inicialmente, contabilidade em nível técnico e, depois, faculdade de economia em Marília (SP). Ao considerar seu pai um autodidata, ressaltou que era também muito estudioso: “eu tenho muitos livros que ele deixou, sobre todos os assuntos, ele lia de tudo, mas o que ele mais gostava era dos livros de história. Ele era muito inteligente e trabalhador, trabalhador ao extremo”. São perceptíveis a reverência e as referências que Luiz Fernando guardou da memória do pai, embora reconheça as qualidades, não deixa de ter uma visão realista sobre alguns atos de Primo como, por exemplo, o de não alcançar o sucesso na empreitada do site, pelo menos do ponto de vista financeiro, naquele primeiro momento: “Meu pai estava iludido, achava que dava dinheiro e não deu. E a gente falava, pai, isso não vai dar dinheiro, mas ele rebatia, dizendo, você não sabe o que é a vida”, porque “ele acreditava no novo tipo de veículo que surgia, botava fé nos negócios, por isso fez um bom investimento” (VICENTE, 2019)⁹¹.

O ano de 2000 foi, não só produtivo como significativo para Primo Fioravante, pois além da fundação do primeiro site de webnotícias para e com ajuda da internet na maior cidade

⁹¹ Entrevista concedida ao autor em 15.02.2019, na sua residência à rua Major Capilé.

do interior de Mato Grosso do Sul, o ano marcou também a entrada dele para a literatura douradense ao publicar seu primeiro e único livro. *Tratado básico para o sucesso na política* é definido pelo próprio autor como “um verdadeiro libelo contra o descaso dos políticos no trato da coisa pública e um manifesto contra a impunidade no País”. Inspirada em dois clássicos da literatura mundial: *O Príncipe* de Maquiavel e *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, a obra faz uma crítica ácida e, de certa forma, bem-humorada à corrupção arraigada na política brasileira. Um misto do idealismo expressado por Cervantes e da crítica de Maquiavel pareciam ser os valores que Primo tentou implantar no jeito de fazer jornalismo que se anunciava com o “novo veículo”. No livro, Primo se autodefine como um observador atento, crítico, objetivo sem convenções, “lutador incansável na defesa da ecologia, partícipe entusiasmado dos movimentos coletivos e incentivador intransigente da posse da democracia como principal modo de melhorar a nação”. Como palestrante e, através de seus estudos e escritos, tentou reduzir a “incultura daqueles que o cercavam”, uma forma como ele enxergava de proporcionar melhores oportunidades e condições de vida ao povo da cidade que escolheu para morar, depois que se aposentou.

Primo morreu no mês em que o jornal fazia dois anos de funcionamento, setembro de 2002, aos 73 anos, de câncer no fígado. Segundo Luiz Fernando, “deu um negócio na saúde dele, e em 65 dias levou ele a óbito. Um câncer no fígado. A gente achava até que era hepatite. Mas começou a aparecer uns nódulos”. O filho conta que estava na fazenda, quando o pai ligou dizendo que estava com cirrose hepática, “daí ele foi levado para São Paulo, foi internado no Hospital Sírio Libanês. Ficou uns 40 dias lá, aí voltou para o Hospital Evangélico, em Dourados, mas acabou voltando para São Paulo e morrendo lá” (VICENTE, 2019)⁹².

Ao lembrar-se do período de Primo, no *Dourados News*, Luiz Fernando ressaltou que o pai dava todas as diretrizes de funcionamento do jornal, bem como a linha editorial seguida nos dois primeiros anos, as pautas, reportagens, tudo que deveria ser noticiado, dando a preferência por notícias locais. “Depois que ele montou, veio uma empresa de Campo Grande que mostrava a quantidade de acessos, aí foi que ele começou a direcionar mais para as questões locais e aos assuntos indígenas”, isto porque, “os órgãos de imprensa dos grandes centros começaram a ligar querendo saber dessas questões ligadas aos indígenas, então ele percebeu que isso deveria ser privilegiado também na cobertura” (VICENTE, 2019)⁹³.

Ainda, segundo Luiz Fernando, com a chegada da Andreia Medeiros, o jornal começou a atrair comerciais e já não dava mais despesa, deixando Primo satisfeito e pensando em passar

⁹² Entrevista concedida ao autor em 15.02.2019, na sua residência à rua Major Capilé.

⁹³ *Ibidem*.

o negócio adiante: “Vamos tocar direitinho porque pode ser que um dia apareça alguém interessado, eu estou com um bom negócio na mão”, assim teria dito Primo ao filho. Com a morte do pai, o jornal foi vendido para Andreia, que ficou com maior porcentagem de ações que foram divididas ainda entre os jornalistas Clóvis de Oliveira, Antônio Coca e Cêrgio Ferraz (VICENTE, 2019)⁹⁴.

Andreia Medeiros assumiu o *Dourados News* no lugar de Primo e conseguiu conduzir o veículo de comunicação com criatividade em meio aos desafios que surgiram. Para isso, foram criadas estratégias para tornar o jornal conhecido no mercado, pois o veículo precisava se firmar não só como um produto jornalístico, mas também como vitrine para o mercado publicitário. Inicialmente, ela imprimia as capas da homepage do cibermeio para fazer a divulgação junto às empresas e o público em geral. E como “vender um jornal que não existia”⁹⁵? A publicitária explicou como fez para tornar o jornal visível, ressaltando a importância do “novo veículo” ter criado o hábito de leitura online nos douradenses.

Vender um jornal que não existia... pois é, eu chegava numa empresa, na época que a internet do empresário era discada, o computador dele era para movimento contábil, estoque, quando ia acessar a internet, precisava desconectar o telefone, ligava, fazia aquele barulhinho. Então eu tinha uma dificuldade para chegar à empresa, porque o cliente não tinha tempo. A vida do empresário, desde sempre é muito corrida e tempo é dinheiro. Então eu criei uma estratégia. Eu imprimia a capa do *Dourados News* com o anúncio publicitário, que era um *fulbanner*, então chegava no cliente e ele dizia, mas Andreia quem vai ver isso? E eu dizia, isso é o futuro, você está anunciando na internet. Mas Andreia eu nem tenho computador, e eu falava, olha no *Dourados News* todas as matérias relevantes são impressas e distribuídas na cidade, teu anúncio vai estar lá, porque o Primo imprimia e saía distribuindo para a cidade inteira o jornal. Ele conseguia fazer o jornal ser visto por todo mundo, entregava nas padarias. E o cliente falava, mas será que isso funciona? Então, como eu sou vendedora e já tinha uma boa experiência nunca enganei meu cliente, eu mostrava para ele que o meu argumento tinha fundamento. E assim conseguia convencer e vender. Eu vendia bem para o *Dourados News*. E fui estudando, aprofundando meu conhecimento sobre essa mídia, fazendo eventos, participava de tudo que você possa imaginar, de Carnaval fora de época, com o *Dourados News*, a Exposição Agropecuária, imprimia o jornal e levava nesses eventos, nos 18 anos em que trabalhei muito, para o jornal acontecer. Porque o que acontece? Nós criamos o hábito da leitura do jornal online na cidade. Eu falo isso com muita propriedade, com conhecimento de causa. Há 18 anos nós trabalhamos o hábito da leitura do online, incluindo a equipe jornalística que era maravilhosa formada pelo Clóvis, o Coca, que eram sócios do *Dourados News* (MEDEIROS, 2019)⁹⁶.

A empresária afirmou que para administrar o *Dourados News* se preparou muito e que nunca deixou de estudar e se atualizar sobre o papel da imprensa e o mercado da comunicação.

⁹⁴ Entrevista concedida ao autor em 15.02.2019, na sua residência à rua Major Capilé.

⁹⁵ Friso do autor, porque se tratava de um jornal que não existia fisicamente, apenas na internet, embora e exatamente por isso, imprimia as capas da *homepage* para apresentar aos clientes.

⁹⁶ Entrevista concedida ao autor no dia 06.06.2019, na sede do jornal *Dourados News*.

Formada na primeira turma de publicidade e propaganda na antiga IESD ligada à Universidade Paulista (UNIP) em Dourados na década de 2000, Andreia se mostrou realizada como empresária, por tudo que conseguiu no jornal. “Hoje, eu posso dizer que somos uma empresa vitoriosa, porque não sou eu sozinha que faço o jornal, nós temos uma equipe muito boa que trabalhou muito para chegarmos onde chegamos com essa audiência e valorização da marca”. Porém, reconheceu que para manter a audiência próxima de três milhões acessos por mês é necessário estar atenta com a realidade, porque, “hoje, nós temos uma realidade de redes sociais que eu tenho que estar aliada a estas redes sociais. Se no início eu tinha que mostrar uma página impressa para o anunciante em potencial, hoje, eu estou nos grupos de *WhatsApp*, mandando para todo mundo as matérias, interagindo”, porque de acordo com a empresária, um jornal online não funciona apenas no seu endereço eletrônico, “tem que estar presente também, no *Facebook*, no *Instagram*, no *WhatsApp*, em todas as redes”. Ela se refere à ubiquidade (SANTAELLA, 2004) da comunicação praticada na contemporaneidade.

É importante entender a observação da proprietária do *Dourados News*, que contempla a dubiedade da função ocupada, ao falar sobre a importância das redes sociais não apenas para visibilidade comercial, mas como meio de propagar mais e melhor o conteúdo informativo do seu veículo. Nesse sentido, podemos recorrer ao entendimento de Alsina (2009) sobre o papel das novas tecnologias da comunicação que permitem abrir novos canais que diversificam as formas de acesso à informação. É possível perceber certas semelhanças nas estratégias desenvolvidas pelos veículos de comunicação de Dourados para se manterem em evidência diante dos seus diversos públicos, tanto do ponto de vista do mercado publicitário, quanto do próprio leitor. A empresária destacou seu trabalho desde 2018 para comemorar o aniversário de 20 anos do *Dourados News*:

As comemorações de 20 anos do *Dourados News* já tiveram início em 2018, com a *Primeira Peixada Dourados News*. Na maioria do jornal, eu resgatei a primeira logomarca que é aquele peixe, o dourado, que foi uma coisa que o Primo criou. Fizemos um evento para 200 pessoas, quando o *Dourados News* fez três anos eu contratei o Clube Indaiá, que reuniu 300 pessoas; agora, em 2019, vou fazer uma peixada para comemorar a data de fundação, porque eu quero que entre no calendário de eventos oficiais da cidade. Então, nós já estamos trabalhando publicitariamente falando sobre o que pretendemos fazer para comemorar o aniversário de 20 anos do jornal. Só que o que eu estou prezando hoje, não é a quantidade, mas sim qualidade. Nós vamos fazer como da vez passada, antes do evento, durante uma semana colocar a foto de uma pessoa de Dourados, uma personalidade importante da cidade, empresários, formadores de opinião, enfim, de vários segmentos da sociedade douradense, a foto com o selo “personalidade”, com a história dela com a cidade, quando o jornal fez três anos, essas pessoas receberam um troféu *Personalidade Dourados News*. E eu fazia isso sem cobrar nada, o pessoal até estranhava. E ninguém pagou nada, como é que alguém vai homenagear você e vai te cobrar? Esse ano a homenagem foi para as entidades, Rotary clube, etc. Com isso, esse investimento, porque eu considero investimento, eu tive um retorno que você não imagina, de cerca de 700 acessos a mais. Na festa de três anos, eu tive 100% de retorno. Você não tem

noção de como o *Dourados News* deu um estouro depois da festa (MEDEIROS, 2019)⁹⁷.

As edições comemorativas, bem como eventos relacionados a marcos históricos de órgãos de comunicação, vêm se tornando uma prática comum, notadamente, em cidades do interior. É o que acontece com os eventos promovidos tanto por Barbara Neto, do *Diário MS* em relação à *Feijoada de Outono Boavida*, quanto à *Peixada Dourados News*, organizada por Andreia Medeiros, do *Dourados News*. São eventos com intuito de marcar a presença de cada veículo na memória da cidade.

A proximidade de empresários da comunicação e jornalistas com segmentos sociais tem suas implicações na produção da notícia. Para Dorneles (2013, p. 75), a chegada das NTICs nas redações da mídia local tem permitido o fortalecimento dessa categoria de comunicação, percepção compartilhada por outros pesquisadores da área. A autora identificou a proximidade como uma particularidade da imprensa regional devido “se dirigir a indivíduos integrados e participantes de uma mesma comunidade geográfica delimitada, dos quais é possível conhecer as características como mentalidades, hábitos, modos de viver, níveis de vida, preocupações culturais e sociais dominantes etc”. Nessa direção, Carlos Campanez (2002), um dos primeiros estudiosos do assunto, associa a razão de ser do jornalismo do interior com a informação local, em função da existência da relação conceitual entre localização territorial e a territorialização dos conteúdos. Para ele, a proximidade teria relação direta com a realidade social da região, apreendida e apresentada pela imprensa local, ainda que por uma abordagem diversificada pelos seus públicos.

3.6 A Folha de Dourados: entrar no ciberespaço para “continuar na história”

A *Folha de Dourados*, a exemplo de outros impressos de Dourados, como *O Progresso* e *Diário MS*, também não deu a devida importância para a internet. Seu proprietário e editor responsável, jornalista José Henrique Marques, reconheceu esse *delay* na história do veículo: “fui dar atenção ao online só muito mais tarde, era para ter feito a migração antes, mas eu confesso que não me atentei para a força da internet no seu início”⁹⁸. Foi o último dos veículos pesquisados nesta tese a fazer a passagem do papel para o suporte web.

De acordo com Marques, a migração da *Folha* impressa para o online decorreu, “naturalmente, com a avassaladora chegada da internet, porque percebi que não podia perder o

⁹⁷ Entrevista concedida ao autor no dia 06.06.2019, na sede do jornal *Dourados News*.

⁹⁸ Entrevista concedida ao autor no dia 8.11.2018, na sede do jornal.

bonde da história. Isso aconteceu em 8 de março de 2013”⁹⁹, por ocasião do aniversário do jornal. Curiosamente, nesse mesmo dia e mês de 2018, por ocasião do aniversário de 50 anos do jornal impresso, animado com os números expressivos de acessos pelos internautas, Marques publicou artigo no site da *Folha de Dourados* sob o título ‘Folha de Dourados completa 50 anos antenada na revolução digital’. Ainda que de forma genérica, comentou sobre os efeitos positivos e negativos decorrentes do processo de migração do papel para o online, e suas consequências para o jornalismo.

A era digital devastou os tradicionais meios de comunicação com o surgimento dos sites e das mídias sociais. Jornais e revistas estão sendo extintas ano a ano; as emissoras de televisão perdem continuamente audiência e as rádios, que num primeiro momento foram potencializadas pela velocidade da informação, também já estão ameaçadas. Esse contexto obriga o bolo publicitário (público e privado) a migrar às mídias eletrônicas onde hoje navega a grande maioria dos consumidores, no caso da imprensa - leitores. Foi essa tendência, sem retorno, que levou a *Folha de Dourados* a encerrar a versão impressa no final de 2013, até mesmo para não perder o bonde da revolução digital. Passados pouco mais de três anos, o site www.folhadedourados.com.br vem crescendo paulatinamente e hoje é um dos mais acessados no interior de Mato Grosso do Sul, registrando visitas mensais entre 350 mil a 500 mil leitores, com picos maiores dependendo do peso jornalístico do noticiário, como a matéria postada no último dia 6 sobre a pensão da viúva de um senador da República. A direção da *Folha de Dourados* segue antenada ao front da revolução digital para acompanhar e incorporar as novidades que surgem a todo momento. Da versão impressa, hoje eternizada no Acervo de Documentação Regional da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), resta a nostalgia de velhos e bons tempos do jornalismo romântico e a certeza de que continuará defendendo o Estado Democrático de Direito e as causas sociais (MARQUES, 2018)¹⁰⁰.

José Henrique Marques nasceu em 1960, no pequeno município mineiro de Sacramento, situado no Parque Nacional da Serra da Canastra. Quando tinha cerca de um ano de idade seus pais tomaram o rumo do Paraná. Depois de passarem por três municípios paranaenses, Loanda, Paranavaí e Maringá, se estabeleceram em Dourados, em 1968, ano marcado pelo Ato Institucional nº 5 (AI-5) e o nascimento do jornal impresso que viria a ser administrado por ele.

Em artigo assinado na edição comemorativa de meio século da *Folha de Dourados*, o jornalista apresentou sua trajetória profissional e afirmou ter herdado dos pais o gosto pela leitura. Foi o hábito pela leitura que lapidou sua personalidade, dando visão crítica e percepção sobre desigualdades e injustiças sociais, que, segundo ele, justificaria sua opção pelo ingresso na imprensa, além da visão idealista de mundo, que seus amigos lhe creditam. Se a leitura levou Marques a tráfegar pelas ciências humanas, a paixão pelo xadrez que aprendeu com amigos de

⁹⁹ Entrevista concedida ao autor no dia 8.11.2018, na sede do jornal.

¹⁰⁰ Disponível em: <http://www.folhadedourados.com.br/colunistas/antenado/folha-de-dourados-completa-49-anos-antenada-na-revolucao-digital>. Acesso: 10.06.2018.

infância o fez mergulhar na racionalidade das exatas, tanto, que passou no vestibular para Engenharia Civil na Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro. O tabuleiro do xadrez dividido madrugadas a fora na adolescência com o pai de um dos amigos de infância, o médico Leon Tolstói Rodrigues de Lima, possibilitou a conquista de títulos em Dourados e Mato Grosso do Sul, além de lhe servir de passaporte para o ingresso no jornalismo através de um emprego na Assessoria de Imprensa da Prefeitura Municipal de Dourados, enquanto escrevia uma coluna sobre xadrez em *O Progresso*.

No início da década de 1980, José Henrique estudou jornalismo na Faculdade de Comunicação Social do Centro Universitário Braz Cubas, em Mogi das Cruzes (SP). A estada na região metropolitana de São Paulo marcou Marques, não apenas pela efervescência estudantil da época, mas principalmente por morar em república de estudante, onde aprendeu a lavar, passar e cozinhar, limpar casa e conviver em grupo, quando começou a se envolver com a política, inicialmente estudantil e, depois, a partidária.

Desde a adolescência fui militante político, de centro-esquerda. Em Dourados, fui um dos fundadores do PMDB (ficha de filiação número 10), depois em São Paulo, Mogi das Cruzes, militei na clandestinidade no PC do B, na militância estudantil. De volta a Dourados, ajudei a fundar o PSDB alinhado a Mário Covas, que conheci em São Paulo quando ele foi nomeado por Franco Montoro prefeito da capital paulista. Depois com o inchaço do PSDB (como ocorrera com o PMDB) me filiei ao PT em 2001, onde estou até hoje (MARQUES, 2018)¹⁰¹.

A saudade de Mogi das Cruzes se justificou por ser o lugar onde Marques diz ter vivido momentos inesquecíveis, que lhe proporcionaram lazer nas praias de Bertiooga, litoral Norte de São Paulo, além de contato com a intelectualidade nacional. Foi lá também que teve intensa vida política, ao presidir o diretório acadêmico, ser delegado em Congressos da União Estadual de Estudantes (UEE-SP) e da União Nacional de Estudantes (UNE) e participar ativamente do Movimento Diretas Já para derrubar a ditadura militar e restabelecer a democracia no país. No segundo semestre de 1985, José Henrique retornou a Dourados com o diploma de jornalista e muitas ideias para colocar em prática.

Trabalhou na Prefeitura Municipal de Dourados, na *TV Caiuás*, foi *freelancer* em *O Progresso* e se envolveu com campanhas políticas, publicidade e marketing. Em 1986, com prenúncios da estabilização econômica no país apregoada com a implantação do Plano Cruzado, Marques criou em Amambai a *DKM*, uma agência de comunicação e o *Conesul*, um jornal quinzenário, em Coronel Sapucaia.

¹⁰¹ Entrevista concedida ao autor no dia 8.11.2018, na sede do jornal.

A *DKM* e o *Conesul* foram precursores de projetos mais arrojados que implantou em Dourados após sua volta à cidade em 1988.

De volta à terra de Marcelino Pires trabalhei em *O Progresso*, *Gazeta Popular*, *TV Morena* (na época *TV Ponta Porã*, depois *Sulamericana*), *Folha do Povo*, *Diário da Serra*, Embrapa (como freelancer), coordenei Expoagro, fui assessor de imprensa da Câmara e da UEMS, secretário municipal de Comunicação, criei o Prêmio de Jornalismo Júlio Marques de Almeida, participei da fundação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Grande Dourados, do qual fui presidente por duas gestões, fui diretor do Clube de Imprensa, coordenei várias campanhas políticas, assessoriei deputados e vereadores, promovi eventos, enfim, trabalhei muito e aprendi bastante com os acertos e erros (MARQUES, 2018)¹⁰².

No campo da promoção de eventos, seguindo uma tendência dos proprietários de jornais de Dourados, José Henrique também obteve êxito. Foi o fundador de uma das maiores empresas organizadoras de eventos de Dourados, a *DZM*, nome inspirado na antiga *DKM*, cujas letras correspondiam aos sobrenomes dos sócios-fundadores: Humberto Dauber, Clarice Zanone Fontes e José Henrique Marques. Em 1998, trabalhando em *O Progresso*, ajudou na promoção dos eventos que levaram a douradense Michella Marchi¹⁰³ a ser eleita Miss Dourados, no dia 21 de março e Miss MS, uma semana depois. No dia 17 de abril, em evento realizado em São Paulo, a representante de Mato Grosso do Sul, foi eleita Miss Brasil, vencendo 26 concorrentes. Naquela madrugada, Marques foi acordado pelo diretor-jurídico de *O Progresso*, Carlos Alberto Farnesi, esposo de Adiles do Amaral Torres, para alterar a manchete do jornal que ele cravou: *Michella é eleita Miss Brasil. Fizemos história. Inesquecível*. Marques ressaltou ter recebido “apoio irrestrito” da proprietária de *O Progresso*, Adiles do Amaral Torres para “usar a força social do jornal” na empreitada do processo eleitoral de Michella, tanto em nível regional, quanto, nacional. A eleição de Michella envolveu ainda esforços de vários segmentos da sociedade, que viu a douradense disputar o título de Miss Universo, no Havaí, nos Estados Unidos, em 12 de maio de 1988, quando ficou em sexto lugar.

Sobre a incursão da *Folha de Dourados* no mundo virtual, Marques fez um comparativo

¹⁰² Edição Especial *Folha de Dourados: 50 anos escrevendo a nossa história*, dezembro de 2018.

¹⁰³ Michela Dauzacker Marchi, que atualmente é advogada e mora em Belo Horizonte, Minas Gerais, nasceu em Dourados, no dia 22 de abril de 1978. Filha da Miss Dourados 1972, Sandra Dauzacker, Michella teve que adiar o sonho de cursar direito para atender a vontade dos coordenadores do concurso Miss Dourados. Com viagem marcada para Santos, onde tinha passado no vestibular da Universidade Santa Cecília, que cursaria depois lá mesmo, a jovem resolveu participar do evento, convicta de que não venceria o certame. Não sabia que sua beleza a levaria bem mais longe. Tudo foi muito rápido, uma avalanche de emoções. No dia 21 de março foi eleita Miss Dourados, no dia 28, Miss MS. No dia 17 de abril venceria o concurso de Miss Brasil, realizado em São Paulo, desbancando 26 candidatas. No dia 12 de maio disputaria com 80 candidatas de diversos países o título de Miss, no Havaí, Estados Unidos, ficando em 6°. Lugar. A vencedora foi a Miss Trinidad & Tobago Wendy Fitzwilliam. (Blog Passarela Cultural, 2019) Disponível em: <http://passarelacultural.blogspot.com/2012/08/sessao-nostalgia.html>. Acesso: 20.07.2019.

entre a produção da notícia em jornais impressos e online. Para ele, antes da internet, a produção jornalística era muito limitada, “porque o repórter, o redator, editor, ficavam presos naquilo que foi colocado como informação do entrevistado, da apuração sobre evento”. Com o ambiente virtual, se o jornalista “tiver alguma dúvida com relação ao nome de uma pessoa, de um lugar, uma data, uma informação complementar, ou um fato histórico, na hora, você vai ao Google, vai à internet e consegue a informação”. A internet possibilitou o uso de ferramentas como banco de dados que facilitou a realização de procedimentos utilizados na apuração e checagem de novas informações sobre o assunto noticiado. O jornalista destacou a agilidade, uma característica da internet, como uma diferença fundamental no processo de produção noticiosa, entre o jornal impresso e o online, porque as fontes de informação foram ampliadas.

Antigamente, para se checar o período que o deputado X, que o fulano de tal foi deputado, era tudo baseado na memória dos mais antigos da redação, quando era uma coisa mais difícil de memorizar. Você tinha que ir no arquivo do jornal, pesquisar, procurar aquela data, ou tinha que pegar um dicionário, uma enciclopédia, ou ainda, ligar para uma outra fonte, um professor, um historiador, um técnico, um cientista para checar aquela informação, e quanto tempo se perdia nesse processo? Hoje não, porque há a facilidade de, quase que simultaneamente, você tem na internet e procura a informação, a informação confiável, óbvio; então esse aspecto dinamizou muito a redação. Antigamente, um bom repórter, um redator tinha como missão fazer cerca de três matérias por dia. Uma matéria trabalhada, uma entrevista longa, um texto interpretativo; mas no geral, eram três. Hoje, um repórter na redação com internet faz cinco, seis, sete matérias, tranquilamente, brincando, com uma carga de cinco horas. Porque tem a disponibilidade de informação na internet e isso é fundamental (MARQUES, 2018)¹⁰⁴.

De acordo com José Henrique, os cibermeios de Dourados passaram a explorar as potencialidades oferecidas pela internet na produção de seus conteúdos informativos. Em contrapartida, os impressos perderam espaço “porque a produção dos jornais ficou limitada”. Ele explicou que, se a *Folha de Dourados* tivesse versão impressa, “com a estrutura que a redação tinha, seis repórteres e dois editores, eu ia exigir uma produção de cinco, seis matérias por dia de cada repórter. Então, os jornais impressos, por uma razão ou por outra, que eu não saberia dizer, não estão aproveitando muito bem as facilidades proporcionadas pela internet” (MARQUES, 2018), ao contrário dos jornais online, que no entendimento do jornalista estão se beneficiando com as potencialidades da web.

Para Marques, o jornalismo impresso presenciou uma espécie de “crise existencial, de identidade”, diante do que ele chamou de avalanche provocada pela tecnologia e a internet. O jornalismo do suporte impresso estaria moribundo, sem saber que rumo tomar. Na sua forma

¹⁰⁴ Entrevista concedida ao autor no dia 8.11.2018, na sede do jornal.

de ver o jornalismo e como assinante da *Folha de São Paulo* há mais de vinte anos, percebeu que até os grandes jornais estão passando por esse conflito, “entre ser ou não ser online, ou papel”. Admirador do jornalismo opinativo ressaltou sua admiração pelos textos dos articulistas, artigos que refletem a opinião dos autores ao produzir textos interpretativos, opinativos, que constituem a diversidade de opinião oferecida pelo jornal ao seu leitor: “você tem lá, articulistas de centro, de direita, de esquerda, cientistas, esses textos que durante o decorrer destes anos todos, a *Folha de São Paulo* conseguiu manter bem!” (MARQUES, 2018).

Basta uma olhada rápida no site da *Folha de Dourados* para se perceber que ainda vai levar um tempo para ele alcançar a diversidade de pensamento admirada por Marques nos grandes portais. *Colunistas*, um dos 11 canais espelhados na sua *homepage* apresenta apenas quatro nomes: Cleiton Zoia Munchow, Rebecca Loise, Victor Teixeira e Waldir Guerra. Destes, apenas Victor tem postado com certa frequência, um texto por mês, normalmente, abordagens críticas sobre questões político-administrativas. Victor é um jovem de Dourados, que reside na cidade vizinha, Itaporã, tem ainda um blog pessoal, onde posta seus artigos com mais frequência.

Waldir Guerra, político tradicional de Mato Grosso do Sul, contador, advogado, empresário, vereador por Dourados pelo PSD, entre 1961 e 1965, e deputado federal Partido da Frente Liberal (PFL-MS), entre 1991 e 1995, que poderia ampliar o espectro ideológico da *Folha de Dourados*, ainda não postou, deixando a seção destinada à sua opinião sem conteúdo. Rebecca Loise, psicóloga, atriz, escritora e estudante de Artes Cênicas na UFGD é a terceira colunista. Mas também tem apenas um artigo postado, no dia 18 de novembro de 2019, em que relata uma experiência pessoal sobre aborto. O quarto nome, Cleiton Zoia Munchow, também não registra postagens. Marques admitiu, porém, que a partir de 2020, tentará buscar um quadro de colaboradores mais ativos para o jornal.

Ao analisar os grandes diários impressos, que nas décadas de 1980 e 1990 publicavam, com frequência, normalmente aos domingos, reportagens de fôlego, além de vários cadernos, que compunham calhamaços de papel, com matérias interpretativas, Marques constatou que foi criado um vácuo na informação com a ausência dessas grandes reportagens: “Isso está sumindo mesmo, a *Folha de São Paulo*, que eu tenho observado, aumentou bastante o número de contratados, para escrever artigos opinativos, interpretativos. Pode reparar, tem um monte de gente, que não se limita mais só às páginas 2 e 3, tradicionais nestas matérias, mas também nas páginas internas”. Nos outros cadernos, também são apresentados articulistas de diversos assuntos, porque “eles estão percebendo que o caminho do jornal ou da mídia impressa é uma mídia opinativa e interpretativa”. (MARQUES, 2018).

No que se refere ao enfoque de eventos com características local, regional e nacional, o editor da *Folha de Dourados* lembrou um episódio jornalístico, que marcou a produção noticiosa local por ocasião da montagem da equipe do governo federal, durante os trabalhos de transição, logo após as eleições de 2018. Marques cita a indicação da deputada federal Tereza Cristina (DEM-MS), para o Ministério da Agricultura e explica que a notícia, no seu entendimento, não seria a indicação em si, mas a reorganização do quadro político local a partir da indicação, ou seja, a contextualização do evento em relação à realidade local.

Não faz sentido ler a matéria, por exemplo, que a Tereza Cristina, deputada federal por Mato Grosso do Sul, foi indicada para ministra da agricultura, não faz sentido eu ler isso aqui, hoje, no jornal local a mesma informação da *Folha de São Paulo*. Eu quero ler um texto diferente, uma análise sobre esse fato relacionado com a região. Faria sentido, se o cara pegasse e contextualizasse a informação. Tereza Cristina, líder da bancada ruralista na Câmara dos Deputados, se reelegeu porque grudou no Bolsonaro, indicada como ministra e que para Dourados acabou sendo bom, porque manteve em Brasília nosso único deputado federal, o Geraldo Resende. Nesse caso, a notícia não é só a Tereza Cristina, ministra, a notícia é que o Geraldo Resende continua deputado federal. Fazer esse link. Agora é muito mais fácil para o jornal pegar um texto da agência Estado ou da Folha e publicar (MARQUES, 2018)¹⁰⁵.

O jornalista demonstra mais uma vez a preocupação com o papel da imprensa em geral, que deveria ser o de interpretar para o seu leitor, os desdobramentos provocados, na prática, pelos grandes acontecimentos nacionais a partir dos textos opinativos. Marques ressaltou ainda outra questão que é a concorrência entre a mídia impressa e a online por recursos publicitários. O jornalista observou que não é apenas em Dourados, mas em todo Mato Grosso do Sul, os jornais impressos estavam sofrendo a concorrência dos veículos online, que estariam tomando a audiência e o bolo publicitário. Como exemplo, mostrou a situação do *Correio do Estado*, com sede em Campo Grande, que deixou de circular aos domingos, e passou a investir pesado na plataforma online. Da mesma forma, o jornal *O Progresso*, o mais antigo do estado, investiu em projeto de migração para o digital. O *Diário MS* criou o portal *Diário MS*. “Então, eu acho que o que está acontecendo é que essa migração do impresso para o digital está tomando o tempo deles. Todo mundo está com o aporte financeiro baixo, em virtude da crise financeira que assolou o país nos últimos anos”, o que fez reduzir a quantidade de matérias contextualizadas na imprensa local.

Ao retomar o tema jornalismo interpretativo e opinativo, ponderando não ser feito por qualquer jornalista esse tipo de jornalismo, Marques assinalou que, “aqui em Dourados, se conta nos dedos esse profissional, a maioria é texto informativo, porque o profissional para fazer um

¹⁰⁵ Entrevista concedida ao autor no dia 8.11.2018, na sede do jornal.

texto interpretativo tem que ter experiência, leitura, cultura, conhecimento sobre os contextos que envolvem a notícia”. Segundo o jornalista, esses profissionais, além de serem difíceis de encontrar no mercado, são mais qualificados e, em consequência, mais caros.

O estágio dos jornais online de Dourados em relação às potencialidades da internet e à disponibilização de conteúdos para as diversas plataformas de dispositivos móveis foi tratado por Marques ao reconhecer que a *Folha de Dourados* não atingiu o patamar dos demais, mas estava trabalhando nessa perspectiva.

Nesse aspecto, acho que todos os grandes de Dourados estão oferecendo conteúdo para as plataformas de celular. Desses, o único que ainda não está nesse patamar é a *Folha de Dourados*. Agora que nós estamos vendo esse aspecto. Mas nós estamos construindo outra plataforma, está em desenvolvimento, que era para ter entrado em funcionamento no meio de 2018, mas eu adiei por essa demanda do aniversário. Eu perco até muito acesso exatamente por causa disso, da falta desse sistema. Eu recebo muita reclamação, mas estou falando para o meu leitor ter calma que a gente está vendo com bastante atenção essa questão. Segundo as agências de publicidade nós estamos com uma boa audiência de cerca 700 mil visualizações por mês. Nossa equipe é enxuta, ficamos eu e mais dois jornalistas trabalhando principalmente a edição das matérias, o acabamento que a informação recebe para ser veiculada. Ficamos eu e a Fernanda aqui na redação e mais dois companheiros em casa, produzindo. Fazemos uma reunião semanal pela internet e discutimos o material que será trabalhado nas edições diárias. A tendência é essa, o trabalho em casa. Na casa dele, o repórter trabalha o material informativo e alimenta o site. Com relação ao material publicado, a produção, há um acordo tácito entre os sites em que você pode utilizar o conteúdo do outro desde que dê o devido crédito. Mas tem alguns, como o *UOL* e o *Estadão*, que não permitem nem copiar o conteúdo (MARQUES, 2018)¹⁰⁶.

Para Ferrari (2004, p. 47), a web trouxe para o jornalismo a oportunidade de se reinventar, oferecendo aos jornalistas novas formas de produção e elaboração das matérias jornalísticas. Uma dessas reinvenções é a flexibilização das relações trabalhistas detectada na forma de produzir conteúdo jornalístico, provocada pelos novos recursos sociotécnicos, sobretudo a internet. Essas mudanças podem ser notadas tanto no mercado de trabalho do jornalista como na mudança do local onde exerce suas atividades, que em muitos casos passou a ser sua própria casa. Para Lima e Bezerra (2010, p. 9), as “transformações técnicas e econômicas que atingiram as organizações da mídia jornalística ao longo do tempo transformaram não apenas a sua organização institucional, suas rotinas de produção e o perfil do jornalista”, mas também, a natureza do jornalismo e sua identidade socioprofissional. Entretanto, em função da necessidade de fornecer o máximo de informação, acaba ocorrendo outra disjunção.

O jornalista afasta-se da sua condição de mediador crítico, daquele que relata, explica,

¹⁰⁶ Entrevista concedida ao autor no dia 8.11.2018, na sede do jornal.

interpreta e analisa questões de interesse público para a sociedade, contribuindo para a formação da opinião pública. O padrão que parece se delinear é o de um jornalismo basicamente informativo, prestador de serviços, adaptado a lógica capitalista da corporação, um mediador de retórica técnico-objetivista (LIMA; BEZERRA, 2010, p. 9).

A produção de informação, por ser uma atividade complexa e multifacetada, resulta de pressões, tensões, construções sociais e culturais, com o objetivo de levar enunciados a um receptor (leitor/internauta). O jornalismo, portanto, seria um processo de transmissão da informação através da mídia, aqui entendida como um canal de comunicação utilizado, suportado por valores como atualidade, novidade, proximidade, ancorado na linguagem, na gramática e suas regras.

A chegada da internet e das NTICs nas redações alterou a forma de produção dos conteúdos informativos, ampliando o lugar dos leitores/internautas na participação do processo de produção informativa, acenando para a necessidade de novos estudos sobre gêneros jornalísticos.

CAPÍTULO 4

JORNALISMO, ARQUIVOS E FONTES EM NOVOS FORMATOS: O DESAFIO DA HISTÓRIA NA ERA DIGITAL

En su origen mismo y basta ahora, el filósofo há rechazado la técnica como objeto de pensamiento. La técnica se lo impensado (STIEGLER, 2003, p. 9).

Neste quarto capítulo trabalhamos situações relacionadas aos primórdios da internet, considerando o jornalismo nas primeiras versões da web: 1.0, 2.0 e 3.0; os recentes avanços da história digital; particularidades de arquivos da mídia digital; o ofício do historiador em tempos de arquivos e fonte digitais emergentes e os novos problemas na escrita da história. O caráter volátil da documentação e a necessidade de atualização técnica do pesquisador, como adverte Burton (2005), não devem desmerecer as vantagens oferecidas pela história digital, notadamente as relacionadas ao armazenamento de dados, as facilidades de acesso e flexibilidades dos formatos (texto, áudio e vídeo), além da interatividade, uma das premissas da internet.

Tratamos ainda o jornalismo online em Dourados manifestado nas redações, buscando compreender como editores dos cibermeios pesquisados perceberam as mudanças proporcionadas pela web na produção informativa, o novo jeito de fazer jornalismo pela ótica de profissionais que iniciaram a carreira quando as redações funcionavam de modo analógico. Nesse contexto, muitas alterações ocorreram na produção de notícias, dos tempos das chamadas pretinhas, das teclas das máquinas de datilografia sujas de tinta, do linotipo, da impressão, das redações cheias de papel carbono e restos de laudas com inícios de matérias que o repórter jogava no lixo até atingir o veio da imaginação para contar a história até a configuração das redações equipadas com computadores e internet compondo ambientes *cleans*, que mais lembram escritórios de empresas convencionais. Muito se percebe de mudanças e permanências na produção jornalística, aqui considerada uma usina de histórias de pessoas nos seus mais diversos ambientes, com tempero de picardia capaz de prender a atenção do leitor.

4.1 Jornalismo na internet e experiências conectadas

Como visto anteriormente, a produção de sites de webnotícias de Mato Grosso do Sul teve início em Dourados, maior cidade do interior, quando o jornal mais antigo em circulação

no Estado, *O Progresso*, publicou sua versão digital na plataforma web. Em 1997, o veículo de comunicação fez a transposição do seu conteúdo informativo para o ciberespaço, dando início ao ciberjornalismo praticado em nível local e regional a partir da expansão da internet, seguindo uma tendência da mídia brasileira. No ano seguinte, foi a vez do jornal *Correio do Estado*, sediado em Campo Grande, criar sua versão online.

Os dois jornais impressos reproduziram na web o conteúdo publicado na versão impressa numa época em que PDF era a única opção do jornalismo online e a internet era discada. Ainda não havia a banda larga, as conexões aconteciam de forma precária e os internautas torciam para que a conexão não caísse. Uma simples ligação para a linha telefônica que estava sendo usada para navegação era motivo para derrubar a internet, já que a conexão era realizada pela mesma linha usada pelo telefone.

Em entrevista à pesquisadora Karina Lima (2000), Genivaldo Pinheiro de Andrade, do setor de informática de *O Progresso* disse que a empresa jornalística optou por destinar funcionários para abastecer a página na web, com vistas à segurança das informações a serem veiculadas. Apenas uma pessoa cuidava da edição digital do jornal, sendo responsável por sua transposição. De acordo com o técnico em informática, a empresa decidiu pelo jornalismo online após a realização de uma pesquisa de análise de mercado e os inúmeros pedidos de assinantes do jornal com filhos residentes no exterior. Era a oportunidade que surgia para douradenses distantes terem contatos com informação da sua cidade natal, podendo se inteirar dos acontecimentos mais recentes que permeavam a mídia. A internet encurtava a distância e integrava filhos da terra vermelha espalhados por outros quadrantes do planeta, aproximando-os de sua cultura e de sua gente.

Nesse aspecto, os meios de comunicação, notadamente aqueles veiculados na internet, cumprem o que Thompson (2004, p.19) chamou de “reelaboração do caráter simbólico da vida social”, uma vez que eles permitem “uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social”, possibilitando que indivíduos se relacionem independente do lugar onde estejam. Esse processo pode ser inserido no cenário da comunicação relacionada ao conceito de aldeia global defendido por McLuhan (1972), em que a relação local-global, conjugada pelos cibermeios, promove aproximações e interações de comunidades longínquas.

Como sabemos, num panorama mais abrangente, a primeira fase da transposição do conteúdo impresso para o digital foi marcada pela precariedade dos veículos online, tanto pela falta de estrutura das empresas, que ainda tinham certa desconfiança no novo suporte, quanto pelas dificuldades das empresas em lidar com o surgimento do jornalismo online. Dessa forma,

constatamos algumas situações decorrentes daquele contexto incipiente, tais como os espaços publicitários que não eram comercializados na internet, fazendo o impresso sustentar as duas versões da empresa, na maioria dos casos, não havendo redação ou sequer editor.

A história da mídia digital no Brasil aponta que os primeiros jornais publicados na internet datam da década de 1990, sendo o JB pioneiro na experiência. Assim, a história do jornalismo online no Brasil teve início no dia 8 de fevereiro de 1995, quando começou a circular a versão digital do JB feita por um PC 386 SX40Mhz² (BALDESSAR, 2009). De acordo com Moherdau (2002), a primeira experiência de um jornal na rede mundial de computadores teria se dado na década de 1970, quando o *The New York Times* publicou sua página no ciberespaço, o *The New York Times Information Bank*. Mas a história do jornalismo online teve início em 1993, ano que o jornal americano *The San Jose Mercury News* pôs sua versão na internet através da rede *American Online* e o *Virginian Pilot*. Moherdau (2002) relatou ainda uma versão de que o primeiro jornal online teria sido o *Personal Journal*, a página virtual do *The Wall Street*, lançada em 1995.

Para os professores de comunicação e criadores do GJOL, Marcos Palacios e Elias Machado, autores do primeiro *Manual de Jornalismo na Internet*, publicado em 1996, em função da massificação padronizada de um tipo de ambiente comunicacional, na segunda metade da década de 1990 houve uma fusão simbiótica das fases discursivas (som, imagem e escrita), denominadas “instância discursiva multimidiática”, proporcionando o surgimento do jornalismo digital, no qual os átomos do impresso foram substituídos pelos bits. Os autores identificaram uma alteração radical na forma como o jornalismo passou a ser consumido pelo usuário da mídia impressa, falada e televisada, em que a informação, distribuída ao consumidor em forma de circulação pelo papel, ondas magnéticas e demais formas, passou a ser acessada no endereço eletrônico. Isso fez o leitor ir ao encontro da informação, ao contrário do que ocorria antes. Além disso, as peças de publicidade sofreram adequações ao novo modo de veiculação. Outra mudança fundamental identificada pelos autores foi que pela primeira vez na história da comunicação foram usados três elementos distintos no jornalismo digital: a massividade, a interatividade e a personalização (PALACIOS; MACHADO, 1997).

Nesse período ocorreu um crescimento acelerado de publicações que ocuparam o ciberespaço, resultado da explosão do número de pessoas portadoras de computadores com acesso à rede mundial de computadores. Em 1994 havia uma estimativa de 38 milhões de usuários da internet. De acordo com Palacios e Machado (1997), em 1989 existiam apenas 42 jornais digitais no mundo, embora não houvesse uma estatística oficial sobre o conjunto de publicações digitais na web. A indústria americana de jornais estimava, de forma extraoficial,

que no início de 1996 o número de publicações digitais de todos os tipos¹⁰⁷ chegava a 3.850, em todo o mundo. Apenas nos EUA, cerca de 300 empresas mantinham serviços digitais e na Europa tinha 166 publicações. As primeiras publicações jornalísticas que entraram na rede mundial de computadores na Europa, em 1994, teriam sido *The Telegraph*, na Inglaterra; *Kommunal Rapport*, na Noruega; *Negavismaia Gazeta*, na Rússia; *Aftonbladet*, na Suécia; *Gazeta w Krakowie* e *Engineering Weekly*, da Dinamarca. (PALACIOS; MACHADO, 1997).

Em 1996 começaram a surgir os grandes portais de notícias no Brasil, como o *Universo Online* (UOL), do grupo *Folha de São Paulo*, o primeiro jornal a operar a informação em tempo real. A primeira edição do UOL não tinha fotos, figuras ou gráficos, apenas textos distribuídos numa diagramação tradicional com prevalência da cor preta nas letras e o fundo branco, configurando um contraste visual estético.

Em 2000 foi criado o primeiro jornal com atualização quase instantânea. O provedor de acesso IG (internet grátis) lançou o jornal *Último Segundo*, e inovou ao contar com notícias produzidas por agências de informação e reportagens feitas em sua redação própria, uma novidade que empolgou o mercado e lhe deu a maior audiência no gênero até 2002, de acordo com a consultoria *Media Metrix*.

De acordo com Moherdau (2002), a *Folha Online* foi um dos primeiros jornais da web no Brasil a inovar na cobertura online. Por não ter correspondente cobrindo os conflitos em Kosovo, em 1999, o jornal publicou depoimentos de pessoas que estavam na zona de guerra. Esses testemunhos da guerra, que acabou desfazendo a República da Iugoslávia, chegavam à redação por e-mails. Foi a primeira vez que um jornal brasileiro utilizou uma ferramenta da internet, se beneficiando da informação de leitores para enriquecer o noticiário na web e promovendo a interatividade.

Na esteira dos portais originalmente feitos para e com ajuda da internet, no país, surgiu em 1999 o *Campo Grande News*¹⁰⁸, primeiro veículo desta categoria em Mato Grosso do Sul. De acordo com Inara Silva (2012), o dia 4 de março de 1999 marcou o início de funcionamento do ciberjornalismo no Estado com a entrada do *Campo Grande News* na grande rede, resultado de uma parceria entre o empresário Miro Ceolim e o jornalista Lucimar Couto, que vinha do impresso e não escondia suas dúvidas quanto ao sucesso do novo tipo de jornalismo que surgia. Logo, Couto seria surpreendido com o retorno do empreendimento e, em entrevista a Tellaroli (2008), afirmou que em apenas um mês o cibermeio registrou 20 mil visitas.

¹⁰⁷ As publicações eram diversificadas nos gêneros e periodização: diárias, semanais, mensais; jornalísticas, técnicas, humoristas, literárias, entre outras.

¹⁰⁸ www.campograndenews.com.br.

No começo, a estrutura era simples e apenas o jornalista produzia as notícias, que representavam cerca de 10 a 12 postagens diárias (TELLAROLI, 2008; SILVA, 2012). Em função da precariedade dos bancos de dados foi constatada dificuldade em recuperar os primeiros materiais publicados e os arquivos da formatação das primeiras homepages de cibermeios de Mato Grosso do Sul. Esse assunto será explorado ainda neste capítulo quando abordarmos as implicações da história digital, no que concerne aos arquivos.

Ainda na entrevista concedida à Silva (2012), Lucimar Couto observou que o primeiro texto publicado pelo cibermeio da capital foi uma matéria sobre política, que tratou de uma ação do então deputado federal Waldemar Moka (PMDB-MS). Com estrutura inicial improvisada, a exemplo do primeiro cibermeios de Dourados, o veículo da capital funcionava numa sala cedida por Miro Ceolim, em um edifício na região do Jardim dos Estados, onde ficava a empresa de pesquisa de opinião do empresário. Os equipamentos eram dois computadores, uma estante, um rádio, cujas notícias orientavam a pauta, e a escuta era feita por uma estagiária de jornalismo.

As dificuldades para desenvolver o novo tipo de jornalismo eram muitas, havia pouco investimento de propaganda e muitas agências não tinham sequer um profissional que produzisse banner. Com o passar do tempo, conforme os acessos ao site cresciam, a estrutura também era ampliada. Até que a redação do *Campo Grande News* ganhou uma estrutura maior no mesmo prédio, agora com uma sala de redação separada da sala da chefia e Lucimar Couto deixou de ser repórter e editor-chefe para cuidar somente dos assuntos administrativos da empresa, já que estava consolidada. [...] Com a separação do fazer jornalismo da parte administrativa, a produção jornalística passou a ser organizada, com um profissional específico para orientar os repórteres, acompanhar a execução de matérias, distribuir as tarefas, editar os textos. Antes, essa figura era feita pelo próprio diretor-editor, e ele acaba acumulando ainda as funções institucionais do site, entre elas o contato com possíveis anunciantes, a relação com o Poder Público (SILVA, 2012, p. 5).

Nos mesmos moldes do *Campo Grande News*, surgiu em Dourados, no ano 2000, o *Dourados News*. Foi o segundo cibermeio do Estado originariamente feito pela e para a internet, num tempo em que os internautas tinham pouco acesso às conexões da grande rede. Como primeiro editor do *Dourados News*, o jornalista Clóvis de Oliveira, amigo do editor do *Campo Grande News*, fez o site seguindo o padrão do veículo da capital, inspirando o uso do nome da cidade no cibermeio. (ROCHA, 2019).

A consolidação do jornalismo online em Dourados e na capital permitiu a criação de novos sites de webnotícias em Mato Grosso do Sul durante a década de 2000. Assim, surgiram

o *Mídia Max News*¹⁰⁹ e o *Capital News*¹¹⁰ em Campo Grande, e o *Dourados Agora*¹¹¹ em Dourados, entre tantos outros.

A implantação do Curso de Mestrado em Comunicação da UFMS em 2010 e a criação do Grupo de Estudo em Ciberjornalismo (Ciberjor) da mesma universidade estimularam a pesquisa do jornalismo online no Mato Grosso do Sul, onde esse jornalismo apresentou crescimento. Para se ter uma ideia, em 2014, Fernanda França, ao pesquisar o ciberjornalismo constatou a existência de 328 sites de webnotícia nos 79 municípios do Estado. O levantamento foi realizado entre novembro de 2012 e março de 2014 utilizando sites de busca da internet, como *Google* e *Yahoo*, além de mailings fornecidos por jornalistas, empresas privadas do ramo de assessoria de imprensa e profissionais de comunicação atuantes em órgãos públicos. O estudo revelou outros aspectos do ciberjornalismo entre municípios que concentram sites e os que não dispõem, traçando um panorama do jornalismo online em Mato Grosso do Sul:

O município com maior número de cibermeios é Campo Grande, capital do estado, com 48 páginas catalogadas, seguido por Dourados, com 24 veículos. Das 79 cidades sul-mato-grossenses, 12 não possuem sítios de webnotícias: Corguinho, Coronel Sapucaia, Eldorado, Guia Lopes da Laguna, Inocência, Japorã, Jaraguari, Jateí, Juti, Rochedo, Sonora e Tacuru. Os assessores de imprensa das prefeituras de todos os municípios do Estado foram consultados e auxiliaram na verificação da lista de cibermeios já catalogados. Também foram questionados sobre a existência de alguma empresa não relacionada e confirmaram a inexistência de sítios de webnotícias nas 12 cidades mencionadas. Foram excluídos do mapeamento os blogs e os sítios especializados em festas e eventos. Os cibermeios institucionais, ligados a prefeituras, câmaras de vereadores, governo do Estado e demais órgãos governamentais, também não foram incluídos na pesquisa. Ficou constatado que os veículos com melhor estrutura – jornalistas profissionais, veículos de reportagem, equipamento e profissionais de fotografia – estão sediados nos municípios mais populosos de Mato Grosso do Sul – Campo Grande, Dourados, Corumbá, Três Lagoas e Ponta Porã. Poucos veículos situados fora dessas cidades contam com o mesmo aporte. A maioria tem seu noticiário inserido por profissionais sem formação jornalística, com matérias copiadas de outros veículos (FRANÇA, 2014, p. 85).

A pesquisa indicou ainda que, para 70% dos proprietários entrevistados, a produção e manutenção de cibermeios trata-se do “negócio jornalístico mais rentável no momento, devido à pouca estrutura exigida”, isso talvez em função da “relativa facilidade em criar e manter em funcionamento um sítio de webnotícias”, que está “diretamente relacionada com o exponencial número de cibermeios em atividade no estado” (FRANÇA, 2014, p. 86).

No final dos anos 1990 e em meados da década de 2000, grandes veículos de comunicação, como a revista *Veja* e as Organizações Globo investiram em portais online,

¹⁰⁹ www.midiamax.com.br.

¹¹⁰ www.capitalnews.com.br.

¹¹¹ www.douradosagora.com.br.

confirmando a tendência em todo país. Em junho de 1997, a *Veja* colocou seu site no ar, reproduzindo e arquivando edições impressas semanais. Apenas em junho de 2000, o site da revista começou o processo de publicação de suas notícias online. “A homepage é considerada uma editoria da edição em papel de *Veja*, tanto que sua equipe de jornalistas também produz reportagens para a revista, além de espaços fixos como o ‘Hipertexto’ e a seção semanal ‘Veja Online’” (MOHERDAUI, 2002, p. 25).

As Organizações Globo decidiram investir de forma mais incisiva no jornalismo online em 2001, com o anúncio do portal *GloboNews.com*¹¹², que passou a abrigar conteúdo de jornais, revistas, emissoras de rádio e tevê. “O portal também criou canais com manchetes próprias, hierarquizando e customizando o noticiário, publicando, praticamente, uma notícia por minuto, com conteúdo multimídia para enriquecer o noticiário, como entrevistas em vídeo e depoimentos em áudio”. (MOHERDAUI, 2002, P. 27).

Para Moherdaui (2002), na América Latina os jornais começaram a veicular suas versões digitais quase simultaneamente aos jornais brasileiros. O primeiro jornal a entrar na internet teria sido o *Notícias de Mérida*, na Venezuela, em 1993, seguidos de *La Nación Line* e *Clarín*, na Argentina; *Excelsior*, *El Economista*, *El Nacional*, *El Diálogo de Monterrey* e *El Norte*, do México; *Reforma*, do Equador. *La Nación*, da Costa Rica, foi o primeiro da América Central a postar seu conteúdo na web, de forma experimental, em dezembro de 1994 e, oficialmente, no dia 7 de abril de 1995. (MOHERDAUI, 2002).

A pesquisadora cita que desde 1969 a rede de televisão inglesa *BBC* e o jornal americano *The New York Times* começaram experiências de transmissão de informação pela web para seus telespectadores e leitores, respectivamente. O potencial do jornalismo online se revelou quando o mundo procurou na rede mundial de computadores informações sobre o maior atentado da história americana até então, o bombardeio a um prédio do governo em Oklahoma City, que matou 168 pessoas e deixou cerca de 500 feridas, em 1995.

Na época, foram incluídos nas fontes da Web comunicados da Casa Branca, fotos dos estragos, lista de vítimas e reportagens atualizadas do desastre. Logo depois do ocorrido, o serviço *Nesday*, do *Prodigy*, publicou um mapa com a localização do atentado em Oklahoma, uma história da *Associated Press* e uma descrição gráfica dos tipos de bombas usadas nos ataques terroristas (MOHERDAUI, 2002, p. 30).

No Brasil, o ano de 2001 marcou o início da consolidação do jornalismo online, quando se tornou concorrente dos veículos tradicionais. Moherdaui (2002, p. 59) constatou que “muitos fatos importantes marcaram a entrada do país na produção para a Web como, por exemplo, a

¹¹² www.globonews.com.

cobertura das Olimpíadas, das eleições dos EUA e o sequestro do apresentador Sílvio Santos”. Entretanto, o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001, praticado pelo grupo fundamentalista Al Qaeda, que destruiu as torres gêmeas do *World Trade Center*, em Nova Iorque, e que matou milhares de pessoas, provocou uma sobrecarga na internet brasileira. Por causa do congestionamento do tráfego da web, os principais sites de webnotícias do Brasil ficaram parados, por mais de duas horas, fora do ar (MOHERDAUI, 2002).

É difícil imaginar a vida hoje sem a internet pela multiplicidade de possibilidades que ela oferece. Popularizada na década de 1990, a rede mundial de computadores está presente em todas as áreas da vida das pessoas. Além dos sites de notícias, o usuário pode navegar por uma infinidade de sites, encontrar amigos, bater papo, procurar emprego, vender bens, fazer compras, procurar emprego, fazer compras, enfim, há um mundo de possibilidades na internet.

No período de 20 anos, entre 1994 e 2014, a rede mundial de computadores registrou um aumento exponencial do número de sites. Segundo o site Olhar Digital ¹¹³, em 1994 a quantidade de sites no planeta chegava a 3 mil. Em 2014, a marca subiria para mais de 1 bilhão, representando um crescimento de 33.000.000%. O marco foi tão expressivo, que o físico britânico Tim Berners-Lee, considerado o pai da web, anunciou no seu twitter, no dia 16 de setembro de 2014 (Figura 20).



Figura 20: twitter de Tim Berners-Lee 16.09.2014.
Fonte: <https://www.internetlivestats.com/>

De acordo com o site *Internet Live Stats*¹¹⁴, que fornece informações em tempo real sobre estatísticas da internet, existem cerca de 1 bilhão e 700 milhões de sites na rede mundial de computadores para cerca de 4 bilhões e 300 milhões de usuários.

¹¹³ Olhar Digital https://www.google.com/url?client=internal-uds-cse&cx=partner-pub-7545513131409372:7312736842&q=https://olhardigital.com.br/noticia/quantos-sites-existem-na-internet/51803&sa=U&ved=2ahUKEwiv9_bw3ZHkAhULDrkGHcqzD24QFjAAegQIABAC&usg=AOvVaw3tJUAlezhG22iDmjJV0ePz. Acesso em: 26.08.2019.

¹¹⁴ <https://www.internetlivestats.com/>. Acesso em: 26.08.2019.

Em meio a essa proliferação de sites, podemos considerar como marcos na história do jornalismo online a sua implantação realizada em meados da década de 1990, a expansão dos sites especializados que tentavam dominar o mercado, no final da década de 1990, ampliando o horizonte para profissionais da imprensa e designers com a explosão de sites de webnotícias. Prado (2011) entendeu que a virada da década de 1990 para 2000 foi caracterizada como uma espécie de bolha do setor, com a web oportunizando negócios aos portais, fazendo surgir uma nova economia.

No início, sob o olhar de desconfiança de muitos jornalistas e dos próprios consumidores de jornalismo, as empresas foram entrando na web vagarosamente. Era preciso experimentar, testar o retorno, e ver se realmente o sistema digital funcionava. Primeiro a versão impressa foi sendo transposta para a internet, algo apenas como conversão de uma plataforma de mídia para outra. Começou aos poucos também, entravam apenas os “abres” de página. O design era muito simples, digamos até simplório, e, em comparação com os dias de hoje, era um leiaute muito feio. Além disso, ele vinha com as “subs”, e só mais pra frente foram entrando as matérias das outras páginas. As fotos, pesadas até então, eram publicadas pequenas, e no início nem todos tratavam o peso da foto para melhorar o tempo decorrido para visualizá-las (PRADO, 2011, p.31).

A versão dos jornais publicada na web era a mesma da impressa, sendo transposta a versão, em PDF, conforme tratado anteriormente. Em muitos casos, a transferência para a web não trazia todo conteúdo da versão impressa, mas apenas as principais notícias, não havendo atualização do material informativo ao longo do dia. Tais circunstâncias de produção e publicação da notícia marcaram a web 1.0, a primeira geração dos sites de webnotícias, caracterizada pela limitação de recursos, que propiciavam uma baixa interatividade. Nesse período, a interatividade se dava pela troca de e-mails, *chats* e MSN¹¹⁵. Era a época dos sites de buscas, mecanismos de recuperação da informação da era que antecedeu o *Google*¹¹⁶ como os brasileiros *Cadê*, *Altavista* e *Aonde*, e os estrangeiros *Lycos*, *Yahoo*, entre outros.

¹¹⁵ O MSN foi conhecido pelo seu serviço de mensagens instantâneas, Messenger. Criado em 1999, o programa foi fundido com o Windows Messenger da Microsoft, dando origem ao Windows Live Messenger. O serviço foi descontinuado em 2013, depois de ter marcado a vida dos usuários da internet dos anos 2000. Há ainda o portal MSN, criado em 1995, que não pode ser confundido com o serviço de mensagens do mesmo nome. www.canaltech.com.br. (<https://canaltech.com.br/empresa/msn/>). Acesso em: 04.01.2020.

¹¹⁶ O Google é o maior site de busca do mundo. Foi criado em setembro 1998, na Califórnia, Estados Unidos, pelos estudantes Larry Page e Sergey Brin do curso de doutorado da Universidade de Stanford. Hoje é uma das três empresas mais valiosas do mundo, juntamente com Apple e Amazon. Além disso, a companhia possui hoje um grande repertório de produtos que vão muito além da Busca na web, seu carro-chefe. O portfólio do Google conta também com o sistema operacional Android, os aplicativos Maps, Waze e Fotos, o navegador Chrome, o cliente de e-mail Gmail, o serviço de armazenamento em nuvem Google One, as lojas de apps, música e filmes Google Play, além da plataforma de vídeos YouTube. Mais recentemente a empresa vem apostando também em hardware, com a linha de smartphones Pixel, os assistentes domésticos da linha Google Home, o tablet Pixel Slate, o laptop Pixelbook e o roteador Google Wifi. Olhar digital (<https://olhardigital.com.br/noticia/google-historia-curiosidades-e-tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-o-buscador/80732>). Acesso em: 02.09.2019.

4.2 Blogosfera: a reconfiguração do jornalismo

A internet 2.0, segunda geração da web, foi caracterizada pela ampliação da interatividade ao oferecer mais recursos multimídia, além de potencializar formas de publicação, compartilhamento e organização da informação, elementos fundamentais na prática do ciberjornalismo. Através do sistema multimídia, a produção da informação conjugou no mesmo ambiente texto, som e áudio, oferecendo ao internauta a possibilidade de ler, assistir e ouvir, o que se passa no mundo de forma convergente, além da atualização contínua das notícias em tempo real. O termo web 2.0 foi criado em 2004 a partir da formulação de Tim O'Reilly. Segundo Jenkins, Ford, Green (2014, p. 79), “desde a sua introdução, a web 2.0 tornou-se a lógica cultural para o comércio eletrônico, com uma série de práticas empresariais que buscam captar e explorar a cultura participativa”. Os autores ponderaram que “teoricamente, as empresas da web 2.0 abrem mão, até certo ponto, do controle sobre o usuário”, uma vez que “contam com a internet como plataforma para promover, distribuir e aperfeiçoar seus produtos, tratando o software como um serviço concebido para ser executado em múltiplos dispositivos”. Todavia, esse processo se deu em função do aproveitamento da “inteligência coletiva”, ou seja, utilizando a informação dos usuários a partir dos tipos de sites e serviços acessados na internet pelos usuários (JENKINS, FORD, GREEN, 2014, p. 79).

Os autores entenderam que essa fase da web reorganizou as relações entre produtores de conteúdo e seus públicos no ciberespaço, bem como os conjuntos de abordagens seguidas pelas empresas que visam tirar proveito da criatividade massiva, do coletivo e da produção colaborativa, onde o consumidor e o público em geral passaram a ser também produtores de conteúdo e serviços.

Esses cocriadores são engajados como colaboradores, visto que fazem upload, tag, organizam e classificam conteúdo no YouTube, no Flickr e em uma miríade de outros sites. Enquanto isso, os marqueteiros enfatizam, cada vez mais, campanhas transmídia, experiências interativas e plataformas participativas que encorajam essa associação. Os princípios da Web 2.0 motivam o público a participar da construção e da customização de serviços e mensagens, em vez de esperar que as empresas lhes apresentem experiências completas formadas em sua totalidade (JENKINS, FORD, GREEN, 2014, p. 79).

Trazendo estas questões para o jornalismo ou situando o jornalismo em ambiente web 2.0, podemos afirmar que esse processo promoveu profundas alterações na maneira de produzir notícia em função das transformações tecnológicas arrastadas por essa esteira. Entendemos que, ao longo dos anos, o jornalismo se apropriou das inovações tecnológicas para propagar conteúdo informativo produzido nas redações e a web 2.0 ampliou as formas de produção e

propagação da notícia por meio das ferramentas possibilitadas pela internet. O ambiente online, que já tinha sua interatividade, tornou-se mais dinâmico e criativo.

Com a participação mais efetiva do internauta na produção e propagação de conteúdos livres ocorreu a disseminação dos blogs.

A progressão geométrica do número de blogs é uma recorrente ilustração da Web 2.0. Muito embora a imprensa insista em descrevê-los como meros diários online, reduzindo-os a uma ferramenta de publicação individual e de celebração do ego, os blogs transformaram-se em um importante espaço de conversação (Primo e Smaniotto, 2006). Os blogs tampouco podem ser analisados a partir de uma perspectiva massiva. Poucos são aqueles que possuem milhares ou até mesmo milhões de leitores. Entretanto, não se pode concluir que se trata de meio de pouca importância no cenário midiático. Através dos blogs, pequenas redes de amigos ou de grupos de interessados em nichos muito específicos podem interagir. Já a interconexão entre esses grupos pode gerar significativos efeitos em rede. Essa propagação de informações gerando macro-efeitos a partir da capilarização da rede é chamada por Anderson (2006) de “poder da longa cauda” (PRIMO, 2007, p. 2).

A proliferação de blogs fez surgir o termo *blogosfera*¹¹⁷. Os blogs, denominados também como *weblogs*, para alguns teóricos, são gêneros comunicacionais elaborados a partir de softwares de acesso livre. Podem ser de cunho pessoal ou profissional, coletivo ou institucional e permitem a conexão em rede denominada por Lévy (1999) de “comunicação todos para todos”. Caracterizado principalmente pela sua usabilidade pelos mais variados segmentos e contextos, os blogs contribuem para a socialização do conhecimento, já que se constituem em fontes e canais de disseminação da informação.

Os blogs invadiram o ciberespaço de uma forma massiva a partir da flexibilização das ferramentas e a oportunização da tecnologia ao internauta, tornando-se comum aos jornalistas das redações, assim como outras redes digitais, como o Twitter, Instagram e Facebook, para divulgar suas opiniões pessoais sobre assuntos e conteúdos publicados em veículos de origem. Além disso, os jornalistas não vinculados a meios de comunicação passaram a manter suas páginas de blog.

Em Dourados, o jornalista Valfrido Silva, com 50 anos de atividades e passagens por veículos de comunicação de diversificados suportes de notícia, como jornal, rádio e televisão, criou um blog mais voltado para assuntos políticos. Fiel ao seu estilo crítico, o jornalista

¹¹⁷ O termo “*blogosfera*” foi cunhado pela primeira vez em 1999 por Brad L. Graham em forma de piada. Depois, em 2002, voltou a ser citado por William Quick, ganhando aceitação e popularização nas comunidades de blogs para definir o universo dos blogs e suas relações articuladas no ciberespaço. Considerada um novo mundo dentro de um velho mundo, a *blogosfera* expandiu-se pela internet, articulando um número cada vez mais crescente de comunidades e interações, buscando novas formas de linguagem. O ano de 2006 marca o *boom* da *blogosfera* em função da sua expansão com velocidade avassaladora. A proliferação de *blogs* de todos os tipos imagináveis, tratando sobre todos temas possíveis, abriu um novo, rico e inovador espaço de comunicação. (PRIMO, 2008).

nominou seu blog de *Contraponto MS*¹¹⁸, onde procura esse um contraponto ao jornalismo praticado em Mato Grosso do Sul. Criado em 2008, foi o primeiro blog que surgiu no Estado (Figura 21), mantendo-se em meio a uma grande quantidade de sites de webnotícias, que faz os blogs ser minoria no ciberjornalismo sul-mato-grossense.



Figura 21: Capa do blog *contrapontoms* do dia 8.10. 2019.
Fonte: www.contrapontoms.com.br.

De acordo com depoimento do jornalista publicado na edição comemorativa dos 50 anos da *Folha de Dourados*, Valfrido entrou para o jornalismo aos 16 anos de idade, por acaso: “Minha entrada para a lida jornalística foi uma obra do acaso, em janeiro de 1970, no auge dos anos de chumbo da ditadura militar. Havia terminado o ginásio e feito um curso de datilografia. Até então a única curiosidade que um jornal me despertara fora quanto à sua impressão”. Indicado por seu pai, primo de Theodorico Viegas, diretor do jornal, Silva disse que foi “o primeiro a chegar para um teste, numa segunda-feira, ao prédio da Distribuidora Mato-grossense, na Avenida Marcelino Pires, próximo da Praça Antônio Joao” (*FOLHA DE DOURADOS 50 ANOS*, 2019, p. 8). Segundo ele, Theodorico que o recebeu com um balde, uma vassoura e um pano de chão para que ele fizesse uma faxina na calçada do prédio, percebeu o equívoco cometido e logo lhe deu uma oportunidade, inicialmente na composição do jornal e depois, na redação, ao cobrir uma partida de futebol. Silva contou que Theodorico o levou “até um cavalete sobre o qual havia uma caixa de tipos de metal móveis subdividida em caixotins,

¹¹⁸ Endereço eletrônico do blog. www.contrapontoms.com.br. Outros jornalistas douradenses como José Henrique Marques, Clóvis de Oliveira também mantêm blogs, normalmente, hospedados nos seus sites de webnotícias. Mas não tão ativos quanto Valfrido Silva.

entregando-me um componedor. Ato contínuo, explicando como usar aquele estranho instrumento”. (*FOLHA DE DOURADOS 50 ANOS*, 2019, p. 8).

O tal instrumento a que se refere Silva, o componedor era onde acontecia a composição dos textos do jornal, com a colocação de letra por letra, formando as frases, as linhas, em medidas que formavam as colunas, montadas sobre uma placa de metal. Essa produção era feita quase de forma artesanal.

Para Alex Primo (2007, p. 1), a web 2.0 associou-se “não apenas a uma combinação de técnicas informáticas (serviços web, linguagem ajax, web *syndication*, etc.), mas também a um determinado período tecnológico, a um conjunto de novas estratégias mercadológicas e a processos de comunicação mediados pelo computador”, além de potencializar importantes repercussões sociais, processos de trabalho coletivo, trocas afetivas e a construção social do conhecimento a partir de elementos da informática. O pesquisador destacou um conceito trabalhado por O’reilly (2004), que estabeleceu algumas diferenças entre a primeira e a segunda geração da web. Na primeira, os sites eram abordados como unidades isoladas, enquanto, na segunda, passaram a ter uma estrutura integrada de funcionalidades nos seus conteúdos.

Embora os blogs ocupem um espaço dinâmico múltiplo na internet, o que nos interessa aqui é sua ocupação no espaço jornalístico. Para Christofolletti e Laux (2008), o surgimento dos blogs ampliou o cenário de mudanças no já alterado mercado jornalístico, se estendendo aos processos de produção e difusão informativa. Os blogs impactaram de forma acentuada no jornalismo deixando para traz o formato de diário para se tornar uma poderosa ferramenta de informação, tanto que os meios de comunicação estimularam seus profissionais a criar suas páginas nos portais dos órgãos de comunicação. Os autores explicam o processo de evolução dessa ferramenta da comunicação:

Nos anos 1990, o blog nasce como diário virtual, como bloco de notas na web com alto teor personalista, como a possibilidade eletrônica e instantânea de exacerbação do eu, do self. Anos depois, sim, jornalistas vão perceber que estaria ali também a possibilidade da mídia de um homem só. Em seguida, as próprias organizações jornalísticas (mas não só elas, também o mundo corporativo de um modo geral) vão atentar para o novo fenômeno na internet, responsável pela exponencial expansão de conteúdo na rede, pelo crescimento da participação do público e pela consequente alteração de fluxo informativo. A partir dali, o público também tinha condições concretas de também gerar informação, de também alimentar os canais de informação com seus relatos e dados. O público alcançava um novo patamar no processo comunicacional, não mais restrito à posição do receptor passivo de mensagens. Evidentemente, isso não é só uma ligeira mudança de lugares, mas permite uma reconfiguração no mapa comunicacional, provocando efeitos colaterais que não foram totalmente compreendidos e avaliados. E se a comunicação muda, o jornalismo também. Os blogs jornalísticos são ambíguos em seus sistemas de reputação porque – talvez pela primeira vez na história! – consideram o público como elemento não-passivo no processo e porque absorvem da internet condições tecnológicas de rápidas

respostas, de imediatas avaliações e de interatividade. Blogs são meios mais dialógicos. Leitores de blogs não apenas comentam as notícias, mas discordam de suas angulações, apontam imprecisões ou incorreções e ainda sugerem pautas e abordagens (CHRISTOFOLETTI; LAUX, 2008, pp 32-33).

Ainda segundo os autores, os blogs trouxeram outra contribuição para o jornalismo online: a credibilidade, “afinal, prestígio, notoriedade, confiabilidade são fatores que, se não são a mesma coisa, ao menos circundam o que geralmente é apontado como um imprescindível capital para os jornalistas e meios de comunicação” (CHRISTOFOLETTI; LAUX, 2008, p. 31). Nesta direção, Bucci (2000) considerou a credibilidade o maior patrimônio de jornalistas e veículos de comunicação.

Embora muito se questione o conteúdo dos blogs como notícia, os compreendendo apenas como uma fonte de informação de algo já noticiado, quando um blog noticia um fato exclusivo, ao nosso entendimento carrega as propriedades da notícia. Assim, Moraes (2006) considerou que para ser blog jornalístico, a página tem que reunir critérios de noticiabilidade, uma das categorias que referendam o conteúdo jornalístico. É necessário compreendermos que, passadas as duas primeiras décadas do seu surgimento, os blogs atingiram um nível de profissionalização e acabamento que superaram em muitos casos, estruturas de alguns sites de webnotícias. São blogs de jornalistas especializados em assuntos como política, economia, cultura, entre outras atividades sociais, com os conteúdos de seus autores – muitos dos quais pertencentes a veículos impressos, televisivos e radiofônicos -, que cotidianamente postam assuntos em primeira mão, antes mesmo de postar no seu veículo de comunicação. Deve-se salientar que os blogs marcaram uma nova categorização da notícia, advinda das últimas transformações resultantes da web 2.0.

Delimitar movimentos e acontecimentos históricos que ocorrem no tempo presente é sempre difícil, mas se a web 2.0 ficou conhecida como a Era Social, pela comunicação todos para todos proporcionada pelo seu tipo de tecnologia, a web 3.0, que propõe uma comunicação mais organizada e voltada também para a direção homem-máquina, certamente abrirá mais horizontes nesse processo de transformação por que passa a veiculação da informação no ciberespaço. O termo web 3.0 foi criado pelo jornalista John Markoff, do jornal *New York Times*, a partir da lógica que definiu a web 2.0 (O'Really, 2004). Conhecida como a web semântica, web inteligente, pela proximidade da internet com a inteligência artificial, em que as máquinas respondem a pesquisas e perguntas de forma personalizada e com soluções concretas, oportunizando cada vez mais inteligência aos conteúdos e conhecimentos já disponibilizados online. De acordo com Santos e Nicolau (2011, p. 8), a web 3.0 promete

organizar de forma mais inteligente “o conhecimento já disponível na Internet, focando suas ações muito mais nas estruturas dos sites e muito menos no usuário”. Consiste “na convergência de várias tecnologias que já existem para serem usadas ao mesmo tempo, com grande sinergia”, por isso, o conceito está diretamente relacionado à conexão 24 horas, por meio de celulares, smartphones, SmartTV’s, iPod’s, tablets, carros, videogames e outros dispositivos com inteligência artificial.

4.3 História, fontes digitais e os problemas de bancos de dados

A internet tem nos apresentado suas inúmeras e complexas possibilidades de comunicação e interatividade, que resultam em desafios e benefícios. No campo da história surgiram possibilidades e problemas para os pesquisadores que se aventuraram a mergulhar nas ondas do ciberespaço. Neste amplo cenário, chamam atenção as questões referentes aos arquivos digitais, virtuais, que configuraram novas categorias de fontes documentais para as pesquisas históricas.

O historiador, ao perceber-se num oceano de fontes e arquivos virtuais, deparou-se com demandas para escrever a história a partir de fontes virtuais e digitais. Num contexto de ampliação das fontes e arquivos digitais é necessário analisar e problematizar a nova matriz de fontes primárias, questionando metodologias a serem usadas e o entendimento de historiadores que relutam em utilizar a rede como fonte de pesquisa.

Parece-nos pertinente situar aqui o que seria um documento virtual. Antes, porém, se faz necessário o entendimento do documento. Segundo Almeida (2011, p. 10), “durante séculos, a historiografia baseou suas regras de validação de fontes e metodologia de análise em suporte documental: o papel”. O autor buscou nos estudos de Lucien Febvre a ampliação do conceito de documento, ou mesmo sua flexibilização para estabelecer um entendimento sobre o documento, que extrapola a tradicionalidade da própria historiografia, uma vez que Febvre defendeu que a ausência de documentos escritos não impede a escrita da história, abrindo espaço, portanto, a outras fontes.

Nesse sentido, ao se considerar a ampliação do conceito de Paes (2004), os arquivistas entendem por documento um registro de informação independente do suporte, não relacionando, portanto, o documento a um suporte específico. Para Almeida (2011, p. 17), o “documento histórico” compreende uma gama de registros da atividade humana, como “escritos dos mais variados tipos, logicamente, mas também a música, arquitetura, palavra oral, pintura, escultura, fotografia, cinema, iconografia, vestuário, etc.”, enquanto o “documento

digital” se refere como aquele “de conteúdo tão variável quanto os registros da atividade humana possam permitir, codificados em sistema de dígitos binários, implicando na necessidade de uma máquina para intermediar o acesso às informações”, na maioria das vezes, o próprio computador. É importante destacar ainda que entre os documentos digitais, podemos encontrar aqueles que foram digitalizados, ou seja, reproduzidos a partir de documentos anteriormente existentes em suportes físicos, como o papel; e os documentos oriundos do da internet, produzidos e veiculados nela.

Ao tratar da metodologia aplicada para documentos virtuais, Almeida (2011), a exemplo de Lucchese (2014), ressentiu-se da falta de literatura sobre o tema, o que não impede, todavia, a procura de adaptações de outros métodos quando se trata de fontes relacionadas à internet e à tecnologia da informação. Para Leão (2001, p. 24), a construção da internet reuniu diversas especialidades, o que fez “da web uma teia, uma rede, na qual uma complexa malha de informações se interliga”, sendo ela a “própria tecnologia hipertextual que permite os elos entre diversos pontos” do planeta. Ao mesmo tempo em que os recursos da informática e do ciberespaço possibilitaram acesso a uma plêiade de informações documentais, seja em páginas de bibliotecas, em jornais virtuais ou impressos, em blogs, em arquivos digitalizados e em tantas outras publicações, o risco de arquivos e fontes frustrarem os historiadores em função da limitação do espaço dos bancos de dados é recorrente.

Esse paradoxo ficou visível nos estudos de cibermeios de Dourados, cujos primeiros arquivos, sejam eles textos ou *layout*, não foram encontrados. Celso Amaral, responsável pela criação do design do primeiro jornal de Mato Grosso do Sul a mergulhar na teia mundial de computadores, *O Progresso*, reafirmou não ter guardado qualquer registro dos arquivos da época porque não havia essa preocupação. Esse argumento foi reforçado por Paulo Lobo, desenvolvedor de site de web notícias e contemporâneo de Amaral, ao observar que quando começaram a aparecer os websites, os profissionais do setor não tinham o entendimento do impacto na sociedade daquilo que estavam lidando. Segundo ele, “não havia uma preocupação com isso na época, com as telas. Era feito tudo em código, ninguém desenhava nada, era tudo direto no código, ninguém se preocupava com isso, então, você não tinha nem croqui, um *pré-layout*, nada” (LOBO, 2017) ¹¹⁹.

Um episódio que evidencia bem a questão do desaparecimento de fontes históricas do ambiente virtual foi a criação do site *Vota Já*. Celso Amaral contou que ajudou a criar sites no final da década de 1990 e início dos anos 2000, como o *Vota Já*, página virtual que concentrou

¹¹⁹ Entrevista concedida ao autor no dia 07.11.2017.

notícias sobre as candidaturas majoritárias nas eleições municipais de 2000, além de criar fóruns de bate-papo. O projeto *Vota Já* inspirou a criação de outros sites de webnotícias em Dourados, conforme lembrou Amaral.

Eu distribuí acesso a todos os candidatos a prefeito de Dourados, eu achei mais fácil que os políticos mesmos, os assessores e os publicitários alimentassem seus sites de campanha, e não ao contrário, de a gente alimentar e criar matérias; então, foi uma experiência bem interessante. Nós conseguimos com o Tribunal Regional Eleitoral (TRE) autorização para fazer isso, então, foi provavelmente o primeiro bate-papo online do Brasil, com candidatos, onde as pessoas cadastradas podiam fazer perguntas aos candidatos e eles respondiam. Teve uma boa participação de todo mundo, uma coisa muito boa. E o interessante da alimentação do “Vota Já” é que praticamente, todos aqueles que participaram desse projeto, acabaram criando sites virtuais de notícias, depois. Então, foi uma coisa muito bacana, porque a maioria dos sites que existem hoje, em Dourados, eles começaram no “Vota Já”, eles aprenderam a postar a notícia, foi um negócio bem dinâmico e puderam ver como funcionava a coisa. Entre eles, os que saíram estão o *Dourados News*, a rádio *Grande FM* e diversos outros (AMARAL, 2018)¹²⁰.

A experiência foi considerada uma iniciativa bem-sucedida, pois abasteceu a imprensa com notícias dos candidatos, embora não tenha restado qualquer arquivo digital após sua extinção, perdendo-se um manancial de informações sobre as eleições. (AMARAL, 2018). O caráter volátil da documentação virtual nas primeiras décadas de internet foi problematizado pelo historiador uruguaio Juan Andrés Bresciano, que reconheceu alguns impedimentos e limitações de acesso aos repositórios dos arquivos e fontes digitais, sendo o problema amenizado em função das tecnologias da informação e comunicação que multiplicaram os suportes e formatos documentais, ampliando o conceito de arquivos e modificando os modos de identificação e reprodução dos dados que aportam as fontes (BRESCIANO, 2010).

De uma forma geral, Bresciano (2010) entende que a mídia eletrônica e a disseminação da digitalização remodelaram o conceito de fonte histórica ao diluírem diferenças que permeavam diversos tipos de registros. Ele enumera quatro elementos surgidos na mudança de tipologia do documento em papel e o virtual: o suporte, elemento material que guarda a informação; o meio, sistema que transmite a informação; a classe, natureza dos conteúdos; e o formato, disposição dos aspectos formais do documento (BRESCIANO, 2010, p. 286). Para o autor, as diferenças tipológicas geradas por estes elementos são superadas com a documentação digital, porque estão relacionadas a cada meio de transmissão de dados, por sua vez, associado à mídia e aos códigos de armazenamento específicos.

Com o advento das tecnologias digitais, a informação (não importa o meio original em que é gerado) é registrada no mesmo meio e com o mesmo código. Os signos que codificam os textos, sons ou imagens são reduzidos a combinações de dígitos. As

¹²⁰ Entrevista concedida ao autor no dia 07.02.2018.

diferenças entre os sistemas de comunicação e o tipo de veículo – rádio, cinema, televisão, indústria editorial – desaparecem também, dando origem a um novo sistema de comunicação capaz de integrar os anteriores. As fontes eletrônicas – mais especificamente as digitais – se diversificam graças à conjuntura de três classes de tecnologias que dão origem aos documentos: as tecnologias da informação produzem registros computacionais, as tecnologias da comunicação geram registros telemáticos e as tecnologias audiovisuais criam registros multimidiáticos. Tal diversificação traz consequências metodológicas inevitáveis para o estudo do presente, não só porque amplia o espectro heurístico, mas também porque modifica algumas características importantes do documento tradicionalmente concebido. (BRESCIANO, 2010, pp. 286-287). Tradução nossa ¹²¹.

Entre a falta de fontes primárias no período inicial da internet e o posterior, com a volatilidade do suporte que, muitas vezes, pode contribuir para o desaparecimento de arquivos e posts, tornando quase impossível a recuperação da memória cibernética, apresentou-se uma infinidade de arquivos, fornecendo um amplo espectro documental capaz de complicar a vida do historiador. A questão que se apresenta é como o historiador deve lidar com as fontes em novos formatos numa situação quase imensurável de tão complexa. Para Almeida (2011, p. 24), o processo ainda está sendo assimilado pelos historiadores e alerta: “mais que facilitar o trabalho do historiador, a grande quantidade de fontes constitui um obstáculo perigoso”, pois o “impulso em buscar expandir a análise pode levar o pesquisador a um labirinto de fontes, onde seria difícil encontrar a saída no tempo disponível”. Para fugir dessa armadilha, o autor sugere ao pesquisador selecionar documentos mais relevantes para seu estudo, uma vez que o campo metodológico está em processo de adaptação ao novo contexto.

Especialista em registros eletrônicos no Canadá, Luciana Duranti analisou o espectro de fontes virtuais que surgiram com a proliferação dos sistemas eletrônicos de informação e constatou que “esse mundo físico bem-arrumado dos arquivos desapareceu”, porque “os sistemas eletrônicos estão gerando uma nova realidade documental tão distinta daquela com que os arquivistas estão familiarizados que é muito difícil para eles acreditar que exista de todo uma realidade documental” (DURANTI, 1994, p. 10). A autora advertiu sobre a necessidade de compreender a estrutura administrativa gerada a partir do uso dos sistemas de informação

¹²¹ Con el advenimiento de las tecnologías digitales, la información (no importa el medio original en que se genera) se registra en el mismo medio y con el mismo código. Las señales que codifican textos, sonidos o imágenes son reducidas a combinaciones de dígitos. Las diferencias entre sistemas de comunicación por tipo de información — radio, cine, televisión, industria editorial— desaparecen también, dando origen a un nuevo sistema comunicacional capaz de integrar a todos los anteriores. Las fuentes electrónicas —y más específicamente las digitales— se diversifican gracias a la conjunción de tres clases de tecnologías que originan documentos asociados: las tecnologías de la información producen registros computacionales, las tecnologías de la comunicación generan registros telemáticos, y las tecnologías audiovisuales crean registros multimidiáticos. Tal diversificación tiene consecuencias metodológicas insoslayables para el estudio del presente, no sólo porque amplía el espectro heurístico, sino porque modifica algunas características sustanciales del documento tradicionalmente concebido (BRESCIANO, 2010, pp. 286-287).

para entender a função dos registros eletrônicos gerados pela cibernética.

Os sistemas eletrônicos processam a informação em lugar de apenas transmiti-la. Cada registro existe somente dentro do sistema e depende dele, não só para ter sentido, mas para ser processado e acessado. Por esta razão, os registros eletrônicos precisam ser identificados, não por séries, mas pelo conceito mais amplo de sistemas de dados informacionais. A organização de cada sistema de dados em microdados relacionados pelos softwares para uma indexação precisa permitir uma alta precisão da recuperação, inatingível no caso dos documentos físicos. Ao mesmo tempo, os registros eletrônicos são muito instáveis, dependem dos softwares adotados e sofrem rápida obsolescência, o que pode facilmente provocar a perda do contexto documental dos registros, ou, em termos tradicionais, da ordem original. De fato, no caso dos registros eletrônicos, a ordem original é encontrada no contexto relacional dinâmico do sistema. Essa funcionalidade é inerente à configuração do software e precisa ser preservada pelo arquivista para manter o sentido e a acessibilidade. Essa preservação não pode se iniciar após a geração dos registros, mas deve ser parte integrante das decisões de configuração que maximizam o layout do registro, da ligação dos registros entre si e com aqueles pertencentes a outros sistemas, e da função que cada tipo de registro preenche (DURANTI, 1994, pp. 10-11).

A nova realidade dos arquivos e documentos de qualquer suporte, principalmente o eletrônico, tem despertado interesse de pesquisadores, sobretudo, historiadores preocupados em entender a escrita da história no contexto da internet. A história digital surgiu como aporte de referencial teórico para ajudar analisar e entender os arquivos e fontes digitais como registros históricos. De acordo com Burton (2005, p. 207 *apud* ALMEIDA, 2011, p. 30), a história digital está promovendo uma revolução no campo da ciência, alterando a maneira de fazer história em todos os níveis de pesquisa e ensino, muito “embora a história digital seja importante para a operação e prática do fazer histórico, pouca atenção tem sido dedicada ao assunto pelos profissionais”. Os pesquisadores em história digital Stefania Gallini e Serge Noiret (2011) defendem a construção de uma infraestrutura cibernética específica, compartilhada entre os historiadores, para garantir acesso às novas ferramentas de pesquisa que surgiram a partir da web 2.0, uma vez que sua característica principal é o trabalho colaborativo e o compartilhamento das informações.

Estamos testemunhando hoje a integração da web semântica e das redes sociais para construir formas de “conhecimento” coletivo. É o espírito de cooperação das redes sociais que permite reunir usuários “similares” em plataformas coletivas, como por exemplo *LibraryThing*, *Flickr*, *Delicious*, *Facebook*, *YouTube* e *Twitter*, que têm provado ser útil também para a prática histórica. A participação dos usuários no conteúdo desses sites não depende mais do e-mail eletrônico, mas acima de tudo do contato direto através do navegador, inserção de documentos, textos, comentários, formulários multimídia, formas de indexação em sites. Dessa maneira, os atores da web não apenas consomem passivamente a comunicação e as informações na rede, mas também constroem objetos de consumo, possibilitados graças à simplificação tecnológica com a introdução de linguagens mais próximas do usuário final do que do próprio engenheiro de computação. Ao contrário do complexo sistema de páginas no formato html, as novas ferramentas são relativamente fáceis de manusear e criam em qualquer pessoa a impressão de serem protagonistas na rede, entendida e lida como não poderia ter sido em outra era tecnológica. Mas não é uma mera mudança de

ferramentas tecnológicas, faz parte de uma mudança cultural fundamental que incentiva esclarecer o conhecimento de todos e promover o desenvolvimento de inteligência coletiva num mundo incerto, o conhecimento é democratizado e nascem formas híbridas que relegam a distinção tradicional entre conhecimento acadêmico e profano, um fato novo que coloca enormes problemas no discernimento de conteúdo científico na web (GALLINI: NOIRET, 2011, pp. 26-27). Tradução nossa¹²².

Os autores ainda ressaltaram o papel relevante da história digital na criação de uma nova etapa na relação entre o historiador e seu público, fazendo uso da tecnologia digital em uma sociedade dominada pela força dos meios de comunicação da internet. Gallini e Noiret (2011, p. 31) alertaram, contudo, que a difusão das tecnologias do tipo 2.0 convida os estudiosos a revisar comportamentos epistemológicos de disciplinas humanísticas, como a história, no contexto do que definiu como humanidades digitais, uma vez que “a história digital 2.0 está dominada por práticas que desafiam métodos tradicionais que fundamentaram a história como disciplina assim como os lugares convencionais da matéria, sem, contudo, se contrapor à sua própria ontologia”. Dessa forma, muitos estudos de pesquisadores tiveram o cuidado de tratar dos blogs, na história 2.0, principalmente os ligados a comunidades dos mais diversos segmentos, como política, etnia, cultura, em que se publicam testemunhos individuais ou coletivos, utilizando as tecnologias da web 2.0 para consolidar práticas sociais e de memória.

4.4 A produção da notícia e as ferramentas tecnológicas: olhares de profissionais da mídia douradense

As novas formas de produção jornalística experimentadas pela mídia, de uma forma geral e, particularmente, em Dourados, passaram por uma série de mudanças em decorrência das tecnologias que surgiram e foram incorporadas às práticas de produção da notícia. A mídia

¹²² Estamos siendo testigos hoy en día de la integración de web semántica y redes sociales para construir formas de "saberes colectivos". Es el espíritu de cooperación de las redes sociales lo que permite reunir a usuarios "similares" en plataformas colectivas, como por ejemplo LibraryThing, Flickr, Delicious, Facebook, YouTube y Twitter, que han demostrado ser útiles también para la práctica histórica. La participación de los usuarios en el contenido de estos sitios ya no depende de correos electrónicos, sino sobre todo del contacto directo a través del navegador, de la inserción de documentos multimedia, textos, comentarios, formas de indexación en los sitios. De esta manera, los actores de la Web no sólo consumen pasivamente la comunicación y la información en la red, sino que además construyen ellos mismos los objetos de consumo, un paso que se ha hecho posible gracias a la simplificación tecnológica con la introducción de lenguajes más cercanos al usuario final que al ingeniero informático inicial. A diferencia del complejo sistema de las páginas en formato html, las nuevas herramientas son relativamente fáciles de manejar y crean en cualquiera la impresión de poder ser un protagonista en la red, entendido y leído como no hubiera podido serlo en otra era tecnológica. Pero no se trata de un mero cambio de herramientas tecnológicas. Como acertadamente escribió Laure Endrizzi, "todos estos servicios web 2.0 [...] forma[n] parte de un cambio cultural fundamental que anima a la clarificación de conocimiento de todos y promueve el desarrollo de la inteligencia colectiva. En un mundo incierto, el conocimiento se democratiza y nacen formas híbridas que relegan la tradicional distinción entre el conocimiento académico y profanos", un hecho nuevo que pone enormes problemas para discernirlos contenidos científicos en la red (GALLINI, NOIRET, 2010, pp. 26-27).

douradense, que teve início de forma artesanal, experimentou a profissionalização, através da produção de periódicos impressos até chegar à mídia online. Não foram poucas as mudanças ocorridas na forma de produzir, distribuir e receber informações em diferentes suportes ao longo das décadas. Para Pereira e Adghirni (2011, p. 43), essas mudanças “remetem à ideia de que haveria momentos na história do jornalismo em que se cristalizam práticas distintas”. Todavia, o advento da internet e das NTICs se constituiu na quebra de paradigma do jornalismo, por ter modificado estruturas e representações temporais. Não são poucos os estudos do jornalismo que apontam para a aceleração do ciclo de produção, circulação e consumo da notícia, além da multiplicidade de suportes e produtores de conteúdo. Mas quais foram as principais mudanças sentidas nas redações dos cibermeios de Dourados? O que mudou entre o jornalismo feito para o suporte papel e o suporte online? Os jornais impressos vão resistir à segmentação da audiência?

Ao comparar os suportes de circulação, impresso e online, o diretor de redação do cibermeio *Dourados News*, Adriano Moretto, que começou a carreira de jornalista no impresso, avaliou que a internet “oferece bem mais opções de interação, de canal, de espaço do que o jornal impresso”, uma vez que as ferramentas da rede permitem “mesclar mais imagens, pôr vídeo, áudios, oferece mais opção para o leitor, inclusive, para aprofundamento daquele assunto com a possibilidade de novos links que são oferecidos na navegação, coisa que o impresso não tem, por causa da limitação de espaço do veículo”. Moretto lembrou da recuperação da memória do assunto tratado pela matéria publicada, necessária para atualizar e ampliar o conhecimento do leitor sobre aquele assunto. Para o jornalista, “às vezes, em algumas situações do passado, vamos supor, se você perder ali, o fio da meada, por algum motivo, não conseguir entender muito do que o assunto trata, você pode fazer uma pequena pesquisa e já retoma o entendimento com mais conhecimento” (MORETTO, 2018) ¹²³.

O chefe de redação do *Dourados News* se referiu às novas formas de produção e apresentação da notícia a partir das mudanças estruturais ocorridas no jornalismo em decorrência do advento da internet, da convergência digital, banco de dados. Ao citar situações do passado, o jornalista remete à ideia de recuperação da memória (PALACIOS, 2003), às buscas feitas por internautas, no afã de ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, mergulhando na hipertextualização. Muitas vezes, essas informações são encontradas no banco de dados do site que publicou a notícia, ou, em outros websites. Sobre mudanças estruturais identificadas, elas estão ligadas “à possibilidade de acesso a informações por meio de bases de

¹²³ Entrevista concedida ao autor no dia 12.11.2018.

dados, à convergência de mídias e de redações e à proliferação de mídias institucionais e de ferramentas de autopublicação”, como observado por Pereira e Adghirni (2011, p. 45), que identificaram três ordens de mudanças nos processos de produção jornalística: “a) a aceleração dos fluxos de produção e disponibilização da notícia; b) a proliferação de plataformas para a disponibilização de conteúdo multimídia; c) as alterações nos processos de coleta de informação (“news gathering”) e das relações com as fontes”. (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011, p. 45).

Sobre as alterações sentidas nas rotinas produtivas da redação, Clóvis de Oliveira, primeiro editor do *Dourados News*, percebeu diversas mudanças. Uma delas, “a reunião de pauta que definia o trabalho de todos os repórteres logo cedo, quando se chegava à redação não tem mais”, porque “você vem da sua casa para o trabalho ouvindo rádio, ouve uma informação lá que aconteceu, ou vai acontecer, tal coisa, tal hora, em tal lugar; você já tem uma pauta formatada ali” (OLIVEIRA, 2018)¹²⁴. No entendimento do jornalista, a pressa que permeia o jornalismo online faz com que o tempo seja otimizado melhor na produção da notícia. Com isso, o editor e o repórter já chegam na redação pautados pelas informações colhidas no rádio, restando apenas checar com as fontes as informações para fazer sua matéria.

Para Oliveira (2018), a internet provocou várias mudanças no jornalismo, mas alguns procedimentos continuam.

No impresso, o repórter vai ter mais uma vez aquele *deadline* extenso que me refiro, porque, às vezes, ele já vem ouvindo o rádio e vai construindo o texto dele porque o tempo dele é maior, vai ter até às 13, 15 horas para fechar o texto, dependendo da editoria. E fica apenas a capa ali para o final do dia. Então, ele vai tendo os prazos mais extensos, tendo até mais chances, digamos assim, de aprimorar o texto. Mas o conceito da notícia e da forma de construir é o mesmo. Desde o princípio até o fim, o que muda é a dinâmica da velocidade, a velocidade da informação. A internet trouxe isso, a informação mais rápida, mais presente, porque você está com o celular, com *Ipad*, no WhatsApp, no *Facebook*; hoje, as redes sociais dominam, você coloca uma informação no jornal, ela vai para o *Facebook*, vai para o *Instagram*, o *Twitter*, vai para todo lado, até tem aquele periscópio do *Twitter* que é um sistema interessante que você grava a notícia e já põe no ar, entrevista, a pessoa põe no ar ao vivo. A coisa vai ficando tão dinâmica, tem os vídeos instantâneos, as *lives* da internet, hoje, você faz uma televisão dentro do jornal online. Você faz tudo. E a televisão continua fechando a notícia da noite. Ela faz um resumo do dia e mostra no *Jornal Nacional*. Muito raramente você ver uma novidade a não ser uma fonte própria de notícia. Eu vejo que a dinâmica é essa, o rádio de manhãzinha, e o online ao longo do dia, atualizando a informação, a gente não trabalha por centímetro mais, mas por Megabites. Nosso espaço é liberado, fica divulgando o dia inteiro. E o jornal com as restrições das páginas, no dia seguinte. Tem que dividir o espaço com os anunciantes, os nossos anunciantes não utilizam o espaço da internet, onde cabe um milhão de anúncios, já o impresso tem um limite de colocar os anúncios, porque tem um tanto de páginas fixas, 12, 18, 30 páginas dependendo de cada veículo. Tem os cadernos, programados. E a internet, não. A internet cria subeditorias e *hotsites*. (OLIVEIRA, 2018)¹²⁵.

¹²⁴ Entrevista concedida ao autor no dia 14.11.2018.

¹²⁵ Entrevista concedida ao autor no dia 14.11.2018.

Para Alfredo Barbara Neto (2019)¹²⁶, proprietário e diretor de redação do *Diário MS*, as transformações mais sentidas na comparação entre os suportes impresso e online se centraram na agilidade proporcionada pela internet na feitura da notícia, porém, concordou com Clóvis de Oliveira que o conceito de notícia não sofreu alteração.

A forma de você escrever, hoje em dia tem que ser ágil, e passar rapidamente a informação para a pessoa através do portal, na internet; já no impresso você tem que passar essa mesma notícia um pouco mais aprofundada, mas de forma concisa, o excesso de formas como a pessoa recebe informação, muitas vezes pode dificultar o entendimento do seu conteúdo pelo leitor. Eu acho que os textos tem que ser mais concisos, agora o conteúdo continua sendo a nossa matéria prima, o conteúdo é o negócio do jornalismo, é esse conteúdo que a gente passa para frente, esse conteúdo continua sendo o mesmo, tem que ser o mais transparente possível, que transmita a realidade, que mostre o fato do jeito que ele aconteceu, a opinião não cabe ao jornalista dar opinião, se ele quiser ele monte um blog pra ele ou fale lá na página da sua rede social: “não gosto do roxo, ou não gosto daquele entrevistado” na notícia, não, porque a notícia continua sendo a mesma (BARBARA NETO, 2019)¹²⁷.

Já o proprietário e diretor de redação da *Folha de Dourados*, José Henrique Marques, defendeu que o jornal feito para a internet deve ser factual porque tomou do jornal impresso essa condição.

O online deve ser um jornal factual. Ele tomou essa condição que era do impresso, então tem que registrar o dia a dia da comunidade, da sociedade brasileira, douradense. O acidente, o crime, o que está acontecendo no momento é função do online informar, porque o leitor quer ver o que está acontecendo naquela hora que acontece. E ficou para o impresso o material interpretativo. A internet codificou no papel o rádio. O rádio fazia essa parte, o acidente em tal lugar, morreu fulano; a internet, ela escreve a notícia, e tem o recurso do vídeo, o recurso do áudio. Então, eu acho que o noticiário factual é da internet, do jornalismo online, e o pessoal do impresso tem que entender, que não pode ficar no caminho. E se faz pouco isso agora, é por causa dessa migração para o virtual, a crise existencial, talvez pela pouca oferta de jornalistas que escrevem o texto mais elaborado (MARQUES, 2019)¹²⁸.

No que concerne à relação do veículo com o leitor, Marques tomou por base a sua condição de leitor da *Folha de São Paulo*. Como assinante, colocou a agilidade em primeiro plano para explicar como faz no seu jornal, além de demonstrar preocupação com as *fake news*.

Para eu ler na *Folha* online e no UOL uma notícia e ler na *Folha* impresso a mesma notícia, o que eu quero é agilidade. Teve um acidente e morreram cinco pessoas, então, eu quero saber logo. E procuro dentro das minhas possibilidades que o meu jornal também na hora noticie isso aí. A questão da agilidade não tem nenhum problema em cumprir, o que eu tenho como uma preocupação muito grande que é a facilidade com notícias falsas que se propagam pela internet. O leitor desavisado acaba sendo levado

¹²⁶ Entrevista concedida ao autor no dia 23.04.2019.

¹²⁷ Ibidem.

¹²⁸ Entrevista concedida ao autor no dia 08.11.2018.

a ser enganado, nesse processo. Você ver a quantidade de *fake news* que saiu nessa campanha aqui, do Bolsonaro replicou dos Estados Unidos, do Trump, o modelo e o leitor ainda não está tão capacitado para filtrar o que é de fato informação e *fake news*. A pessoa que duvidar da notícia, procura uma fonte séria. Mas tem gente que quer acreditar na mentira, porque é favorável a ele. Então, o leitor tem que ter esse cuidado porque ele está comprando muita coisa ruim, muito produto sem qualidade, porque a bem da verdade, como já escreveu um pensador de comunicação, a notícia é um produto à venda, mas tem muita porcaria sendo vendida por aí, por isso, que por outro lado, também, a tendência a médio prazo, eu acredito, é que o jornalismo volte, volte com força, por que a pessoa se quiser se informar, com uma informação confiável vai ter que ler jornalista. Não um aprendiz, para evitar cair em informação falsa (MARQUES, 2018)¹²⁹.

Brixius e Kalsing (2018, p. 3) compreendem que, “independentemente do modelo escolhido, a forma de publicação de notícias está alterada por conta do imediatismo das mídias digitais e uma nova forma de atuação com tempos passados passa a fazer parte do dia a dia dos jornalistas de uma redação”. As considerações dos autores se alinham ao que entendem os profissionais da mídia de Dourados de que anteriormente, as rotinas de produção da notícia nos impressos demandavam mais tempo na apuração e escrita de uma reportagem do que em tempos recentes, quando ferramentas da internet tornaram mais ágil o processo de apuração.

Tendo como prioridade a instantaneidade, repórteres saem às ruas municiados de notebooks, modem para conexão à internet e celulares, ferramentas indispensáveis para realizar trabalhos com fotos, vídeos e áudios, elementos que serão inseridos nas matérias, de acordo com os princípios do ciberjornalismo. No jornalismo impresso, repórteres saíam acompanhados de fotógrafos ou sozinhos, por vezes, em carros de reportagem, ou mesmo de táxi. Tinham a obrigação de apurar a matéria, ouvir lados envolvidos, voltando para as redações, escrever a matéria e entregar ao chefe de reportagem ou editores. No online, repórteres passaram a exercer todos os papéis, inclusive de editor, fazendo chamada, publicando textos, fotos, vídeos e entrevistas, em diversos formatos.

Kuschik (2006, p. 32) sugeriu que, independente do suporte utilizado, “o jornalista sempre deve pensar tanto em quem é seu público e quem são seus assinantes”, porque tem deveres e preocupações sociais suficientes para discernir o que deve ser levado ao conhecimento do público leitor a fim de conquistar clientes, “criar leitores, mas também divulgar um certo tipo de notícias, de interesse de certo tipo de atores políticos, culturais ou econômicos”. Por outro lado, Alves (2002, p. 4) manifestou preocupação com a adoção de “linguagem própria do novo meio, utilizando suas características e seu potencial”, tendo em vista que “nesta nova fase de reinventar o jornal na internet, devemos sempre partir da pergunta

¹²⁹ Entrevista concedida ao autor no dia 08.11.2018.

central: o que podemos fazer na Web para melhor servir o leitor, que não é possível fazer no jornal impresso?” O jornalista sugere ainda que é necessário entender a internet como um espaço de convergência, capaz de absorver características de outros meios. Características, conforme já expostas e discutidas anteriormente.

Testemunhamos um fenômeno inédito na história da humanidade: a informação nunca esteve tão disponível ao homem, ao mesmo tempo que pode ser acessada e manipulada pelo público em geral, que por sua vez se transformou, além de consumidor, em produtor de conteúdo, por causa do acesso fácil às ferramentas de comunicação e informação e às redes digitais.

Para ler uma notícia, o leitor não precisa ir à banca comprar jornal ou revista. A notícia está no smartphone, celular com aplicativos que possibilitam a busca de assuntos de interesse do usuário, no computador portátil ou de mesa, bastando conexão com a internet. As facilidades em acessar aplicativos pelos smartphones podem ser comprovadas por pesquisa do IBGE¹³⁰, realizada em 2016, e divulgada no início de 2018, que revelou o acesso de nove entre 10 brasileiros à internet em 2016, utilizando aplicativos de trocas de mensagens para se comunicar, o que representa 92,4% do total da população brasileira.

Outra pesquisa, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br)¹³¹, sobre o uso de informação por domicílio no país, divulgada em 2018 apontou que quase metade dos brasileiros que acessam a internet o fazem pelo smartphone. A pesquisa, realizada desde 2005, demonstrou que o uso exclusivo de celulares para acessar a rede ultrapassou o uso misto, computador e smartphone. Segundo os dados, um em cada cinco domicílios brasileiros tem acesso à internet por computador, enquanto dos 120,7 milhões de pessoas que acessaram a internet nos últimos três meses, 49%, o fizeram apenas pelo celular, 4%, pelo computador e 47% pelos dois dispositivos. Os números, de certa forma, confirmaram tendência sugerida por pesquisas internas do jornal *Dourados News*, realizada em 2018, que revelou que 76,9% dos leitores acessam o cibermeio por celular, enquanto 22,5% o fazem por computador e 0,6% por tablete. A facilidade com que o público passou a lidar com os dispositivos eletrônicos oferecidos pelas tecnologias promoveu também alteração na forma de consumir notícia. Antes, o leitor precisava de espaço para abrir o jornal ou para ver televisão. Em tempos presentes, a notícia nos novos dispositivos parece uma espécie de consumo rápido, ágil e passageiro, em

¹³⁰ <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20077-nove-entre-dez-usuarios-de-internet-no-pais-utilizam-aplicativos-de-mensagens>. Acesso em 04.11.2019.

¹³¹ <https://www.cgi.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros-tic-domicilios-2018/>. Acesso em: 04.11.2019.

meio a múltiplas práticas de leituras de notícia, em que internautas acessam celulares, enquanto assistem televisão e interagem em suas redes sociais, publicando comentários, normalmente, sobre o que assistem na telona, ou no computador.

Nossa abordagem sobre transformações no modo de produzir e consumir informação a partir de instrumentos oferecidos pela internet e pelas novas tecnologias, nos coloca em constante relação com as mudanças de regimes de historicidade. Com base nos estudos de François Hartog (2014), Marialva Barbosa (2017, p. 19) nos sugere instigante reflexão sobre tempo histórico e processo comunicativo, apontando duas características do tempo das mídias emergentes: volátil e fluido.

As duas questões são chaves para essa reflexão que parte do pressuposto da existência de um tempo midiático não apenas porque os meios tradicionais de comunicação (os jornais, a televisão etc.) marcam sua programação e/ou seu aparecimento por ordens de natureza temporal, mas também porque na confluência dos meios digitais o tempo perde sua espessura para se transformar em tempo fluido. Constrói-se um presente estendido, no qual eventos se atualizam sem cessar e numa velocidade que ultrapassa os limites passíveis de medição. Refletir, portanto, sobre a questão da temporalidade, ou seja, a forma como se vive na duração, enseja uma discussão preliminar sobre o que podemos caracterizar como tempo midiático, dependente e, ao mesmo tempo, produtor da espessura temporal contemporânea. Num segundo momento há que observar como a questão da temporalidade é fundamental para a definição do contexto vivenciado pelos regimes de historicidade (HARTOG, 2014) de cada época. (BARBOSA, 2017, p. 19).

Ao dialogar com a produção de Paul Ricoeur (1991, 1995 e 1996), a pesquisadora tratou das temporalidades nas mídias emergentes considerando a relação do tempo com a narratividade, mais especificamente, um tempo linguístico, em que a marcação de datas pelo calendário físico referencia temporalidades sugeridas na construção do enunciado. De acordo com Barbosa (2017, p. 31), “a história instaura uma espécie de tempo híbrido, entre o tempo do rastro (que era passado, mas parece que é transportado para o presente) e o tempo da vida (que possibilitou a permanência do rastro)”, uma vez que “considerar o tempo como social e de natureza qualitativa é percebê-lo como construção a partir de variantes sociais e culturais, cuja realidade se fundaria sobre a mudança”. A autora acrescentou que a relação temporal estabelecida pelo mundo contemporâneo fragmenta os processos de mudanças fazendo com que apenas o presente ganhe importância, significado na vida da sociedade.

Assim como na história, no jornalismo o tempo é um elemento presente não apenas na narrativa, mas principalmente nos conceitos de notícia. No processo de feitura do jornal, a pressa que imperou, continua exigindo dos repórteres rapidez nas publicações frente aos concorrentes, o que fez manter o furo jornalístico no debate das mídias emergentes. Para o

jornalista Clóvis de Oliveira, ainda que de forma esparsa, o furo jornalístico continua a existir, mas observa que não deve se confundir o furo com a exclusividade da notícia: “esse conceito de furo ainda existe, sim; agora, o que se perdeu com a internet foi a exclusividade da notícia, que é diferente do furo. Você ter uma informação, apenas para você é uma coisa, agora, ser o primeiro a noticiar é diferente”. Oliveira ressaltou que quando criou o *Dourados News*, o cibermeio tinha como *slogan* “a fonte da informação”, que foi mantido: “eles mantiveram, porque a gente dava em primeira mão a notícia e os outros, iam atrás. *O Progresso* ia atrás, o *Diário MS* ia atrás, então, a fonte era nossa, mas os outros todos seguiam aquela informação e podiam explorar com maior profundidade o assunto” (OLIVEIRA, 2018) ¹³².

Quanto ao uso das ferramentas possibilitadas pelo ciberjornalismo, os editores dos cibermeios douradenses reconheceram que as limitações financeiras e de estruturas dos veículos prejudicou esse aspecto, impedindo a exploração das potencialidades da web, que tornaria a narrativa do jornalismo online mais atrativa. O editor da *Folha de Dourados*, José Henrique Marques (2018) ¹³³, afirmou que para colocar vídeo nas matérias necessitaria de estúdio com equipamentos de filmagens acrescentou: “Tem que ter profissional, tem que ter o repórter, tem que ter edição, então, esse tipo de ferramenta ainda é pouco aproveitado. Acho que só o *Diário MS*, tem inserido vídeo, de forma mais massiva”. Vale ressaltar que para realizar entrevistas e inserir vídeos no portal, *Diário MS* montou um estúdio ao lado da redação. Marques observou que a efetivação do sistema de ferramentas atrela-se aumento de custos da produção de notícia, embora reconhecesse a necessidade de buscar a implantação.

Sobre as plataformas oferecidas pelos cibermeios para os diversos dispositivos, Marques (2018) afirmou que a maioria dos veículos de Dourados dispunha apenas da plataforma para celular.

Agora que nós estamos vendo esse aspecto, com o aniversário de 50 anos, nós estamos construindo outra plataforma, então, isso está em desenvolvimento, que era para ter entrado em funcionamento no meio do ano, mas eu adiei por essa demanda do aniversário. Eu perco até muito acesso exatamente por causa disso, da falta desse sistema. Eu recebo muita reclamação, mas estou falando para o meu leitor ter calma que a gente está vendo com bastante atenção essa questão. Nossa equipe é enxuta, ficamos eu e mais dois jornalistas trabalhando principalmente a edição das matérias, o acabamento que a informação recebe para ser veiculada. Fazemos uma reunião semanal pela internet e discutimos o material que será trabalhado nas edições diárias. A tendência é essa, o trabalho em casa. Na casa dele, o repórter trabalha o material informativo e alimenta o site (MARQUES, 2018) ¹³⁴.

¹³² Entrevista concedida ao autor no dia 08.11.2018.

¹³³ Entrevista concedida ao autor no dia 08.11.2018.

¹³⁴ Entrevista concedida ao autor no dia 08.11.2018.

O *Dourados News* trabalha com duas plataformas além da do celular: para os usuários de computador e de tablets. “Isso é importante porque vem crescendo muito o número de usuários de produtos informativos na plataforma do *mobile* em relação à do computador. Nossas análises estão dando uma relação de 60% para o computador contra 40% para a *mobile*, mas já foi bem maior essa diferença” (MORETTO, 2018)¹³⁵.

Embora se dividam quanto a permanência do jornalismo impresso, os editores de cibermeios douradenses concordaram que o leitor que ainda opta pelo jornal impresso, percebe nesse tipo de suporte, a notícia como um documento, algo palpável, que pode mostrar o que está escrito ali. Tal percepção foi resumida por Oliveira (2018)¹³⁶: “como diz o mineiro ele rareia, mas não escasseia, diminui, mas não acaba. Sempre vai ter alguém que vai querer pegar, abrir aquela notícia, está aqui, oh! O jornal impresso ficaria como documento. O documento histórico, da memória dos assuntos publicados”. A proprietária do jornal *O Progresso*, Adiles do Amaral, também afirmou que uma das diferenças básicas entre o jornal impresso e o online era a sensação de documento do impresso, em contraposição à instantaneidade do online. Segundo ela, há tempos, os donos de jornais já se manifestavam sobre o futuro incerto do jornal impresso, nas reuniões da ANJ: “falavam que ia diminuir muito, talvez até parasse, porque ia ficar mais o online. Mas eu acho que parar, parar, não vai”, embora tenha admitido “dificuldades em manter o jornal pelos altos custos e pouco retorno financeiro” e por exigir na produção da notícia “muita gente”, dispende “muito com material”, algo “em torno de R\$ 300 mil e R\$ 320 mil por mês” para uma tiragem “de 12 mil, 15 mil exemplares, chegando no máximo 18 mil”. Em meio às dificuldades encontradas, a proprietária observou: “a gente vai controlando para não sobrar muito, mas não temos vontade de parar o impresso tão cedo, porque ainda há público para ele” (AMARAL, 2018)¹³⁷.

Apesar da direção do jornal *O Progresso* se esforçar para manter a circulação do impresso, as condições não foram suficientes e no dia 24 de setembro de 2019, leitores foram surpreendidos com a notícia do fim da versão impressa. A notícia veio da Capital, através do cibermeio *Campo Grande News* (Figura 24): “Jornal impresso mais antigo de MS, O Progresso circula pela última vez na 6^ª”, dizia a manchete. Primeiro veículo a informar sobre o encerramento da versão impressa de *O Progresso*, o site da Capital postou a notícia às 13h15min, conforme lide e sublide:

¹³⁵ Entrevista concedida ao autor no dia 12.11.2018.

¹³⁶ Entrevista concedida ao autor no dia 14.11.2018

¹³⁷ Entrevista concedida ao autor no dia 18.04.2018.

O Jornal O Progresso, fundado em 1951 pelo ex-deputado federal Weimar Gonçalves Torres, vai fechar. Com sede em Dourados, a 233 km de Campo Grande, o jornal já foi um dos três mais influentes de Mato Grosso do Sul, mas circula pela última vez na sexta-feira (27). A reportagem apurou que o comunicado foi feito ontem (23) por uma das diretoras, Blanche Torres, filha da matriarca da família, Adiles Amaral Torres, à frente da empresa desde 1982. O marido dela, Weimar Torres, morreu em acidente aéreo, em 1969 (*CAMPO GRANDE NEWS*, 2019)¹³⁸.

Para o presidente do Instituto Brasileiro de Pesquisas de Opinião Pública (Ibrape), Paulo Catanante, ouvido pelo *Campo Grande News*, “o jornal impresso perdeu o encanto. Ficou para trás por não saber agregar o novo”. No seu entendimento, “as empresas dedicadas ao jornal têm dificuldades de acompanhar os novos recursos trazidos pelas versões online, como texto às vezes mais enxuto e sempre atualizado, além do audiovisual”. Catanante, que desenvolve pesquisas nessa área há quase quarenta anos em Mato Grosso do Sul, sugere que os jornais do interior sentem mais dificuldades de atender as demandas da mídia online, o que faz com que o público abandone a versão impressa. Segundo ele, em Dourados, apenas uma, entre 246 pessoas, prefere o impresso, sendo que a grande maioria de leitores do interior prefere a mídia online (*CAMPO GRANDE NEWS*, 2019).

O diretor do Ibrape tocou num ponto nevrálgico de qualquer meio de comunicação: a questão da credibilidade, no caso, a do impresso posta em xeque, se considerarmos um cenário dominado pela instantaneidade da mídia online. Segundo Catanante, o leitor reclama da notícia “velha” publicada pelo impresso porque “não tem atrativo, e, além disso, não tem a credibilidade que tem as notícias de sites, devido ao atraso”. Por isso, “a tendência é os sites de notícia substituírem os jornais impressos. Quando alguém lê, vai confirmar a notícia que leu em jornais online. Os melhores textos, as melhores fotos, estão no online” (*CAMPO GRANDE NEWS*, 2019). Outro dado apontado pelas pesquisas do Ibrape indicou que apenas 10% do conteúdo dos jornais impressos são lidos, sendo constatado, por Catanante, um aumento substancial de acessos à internet em Dourados. Entre 2017 e 2019, o público que acessou a rede mundial de computadores passou de 38%, para 68%, ou seja, quase o dobro.

As observações de Paulo Catanante dimensionam uma tendência do mercado da comunicação premido pelas transformações da mídia em decorrência do emprego das NTICs, notadamente o processo de convergência e a dinamização que os cibermeios deram a informação. A palavra dele não tem o embasamento teórico, mas o empirismo das estatísticas que demonstram a preferência do leitor pela notícia online. Podemos entender que esse comportamento do leitor está relacionado às práticas culturais, processos econômicos

¹³⁸ Campo Grande News. <https://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/jornal-impresso-mais-antigo-de-ms-o-progresso-circula-pela-ultima-vez-na-6a>. Acesso em: 06.11.2019.

descentralizados, modificações na estrutura de trabalho e na forma de divulgação e recepção de informações resultantes das transformações tecnológicas. É preciso entender ainda que a informática transformou a informação em dados. Imagem e som passaram a trafegar na forma de bits conversíveis expandindo o potencial de integração entre eles e possibilitando o seu fluxo entre plataformas (NEGROPONTE, 1995) e o computador se tornou um potente meio de comunicação em tempo real e interativo com a chegada da internet. É importante lembrar também, que o jornal nunca foi tão lido, mas agora, na versão digital. Não é o conteúdo dos jornais, nem sua credibilidade, portanto, que estão em xeque, mas a forma de produção, distribuição e recepção da notícia.

O segundo veículo a noticiar o fim da circulação da versão impressa de *O Progresso* foi o *Dourados News*, mais de quatro horas depois do *Campo Grande News*, às 17h35min., ao estampar a manchete “Após 68 anos, jornal O Progresso deixa de circular na sexta-feira” (Figura 22), o que soou, no universo jornalístico, como uma espécie de confirmação da notícia veiculada pelo cibermeio da Capital. Na matéria, o primeiro cibermeio de Dourados mesclou informações apuradas junto a fontes locais e dados da notícia publicada pelo *Campo Grande News*. A matéria foi assim aberta:

O jornal impresso O Progresso de Dourados deixará de circular na sexta-feira (27/9). A diretoria do pioneiro em informação em Mato Grosso do Sul, fundado pelo ex-deputado federal Weimar Gonçalves Torres, informou à equipe sobre o encerramento das atividades nesta segunda-feira (24). O comunicado sobre a última edição de um dos impressos mais influentes de Mato Grosso do Sul foi feito pela diretora Blanche Torres, filha de Adiles Amaral Torres, que dirige a empresa desde 1982. O veículo de informação nasceu do sonho do advogado José dos Passos Rangel Torres e posteriormente no coração do filho, o também advogado Weimar Torres, em 1951. Conforme levantado pelo **Dourados News**, em reportagens do O Progresso, a primeira manchete do noticiário, em 1951 foi “Vertiginosa: A marcha de Dourados para o progresso”. Segundo Adiles informou em publicação no periódico, Weimar “reviveu” o sonho do pai em Dourados. José anteriormente havia iniciado o jornal em Ponta Porã e após ser nomeado promotor público havia encerrado as atividades naquela cidade (DOURADOS NEWS, 2019)¹³⁹.

¹³⁹ *Dourados News*, edição do dia 24.09.2019. <https://www.douradosnews.com.br/dourados/apos-68-anos-jornal-o-progresso-deixa-de-circular-na-sexta-feira/1112667/>. Acesso em: 07.11.2019.

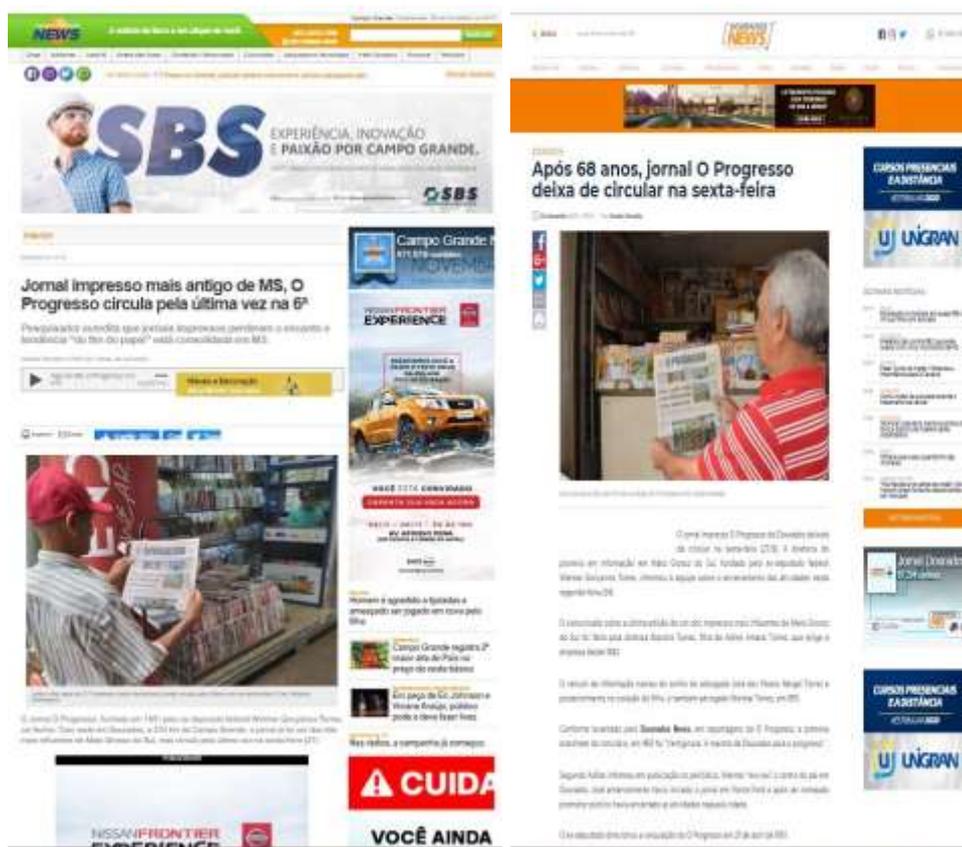


Figura 22: Capas dos cibermeios: *Campo Grande News* e *Dourados News*, do dia 24.9.2019.
Fonte: www.campograndenews.com.br; www.douradosnews.com.br.

Ao longo da matéria ganhou destaque a história do jornal, desde a fundação em Ponta Porã e a refundação em Dourados, destacando transformações tecnológicas que impactaram nas formas de produzir e divulgar as notícias. A matéria ainda repercutiu a informação junto a alguns entrevistados que opinaram sobre o uso da internet, vislumbrando um cenário de dominação do jornalismo online em detrimento do impresso.

Para o estudante Breno Soares, 18, a internet no cotidiano é “indispensável”. Ele destaca que se utiliza da rede para se comunicar, fazer pesquisas universitárias, baixar séries/filmes e buscar notícias. “Uso muito a internet. O que me volta para a internet é o fato de poder buscar exclusivamente o que quero em conteúdo, o que não acontece nas outras mídias”, disse. Ana Paula Lopes, 26, doméstica, destacou a internet as redes sociais no dia a dia. “No Facebook, que abro todo dia, já sigo páginas que me interessam e de lá tem os links para assuntos que me chamam atenção. Essa praticidade tem ganhado muito as pessoas, vejo muita gente que se informa mais assim hoje em dia”, comentou. O empresário Paulo César dos Santos, 47, se considera versátil quando o assunto é informação e entretenimento. Ele conta que apesar de recorrer primeiramente às mídias digitais para se informar nas primeiras horas do dia, também acompanha outras fontes de informação. “A primeira coisa que faço logo que chego no trabalho é acessar os jornais online locais. Mas, eu sou muito ligado a tudo, também não deixo de ver televisão e folhear os impressos”, comentou (*DOURADOS NEWS*, 2019)¹⁴⁰.

¹⁴⁰ Dourados News, edição do dia 24.09.2019.

Em meio a um contexto de crise do impresso, o jornalista Roque Monteiro, proprietário de banca de jornal há mais de 20 anos em Dourados, observou que o jornal fará falta à população, porque embora aceite que a tecnologia e a internet mudaram a forma de fazer e circular a informação, o conteúdo impresso ainda é uma paixão de muitos na cidade. “Vendo jornal há mais de 20 anos, e diminuiu muito o número de pessoas que compram, mas, ainda existem sim leitores fiéis e que vão sentir falta dos impressos. Eu mesmo leio jornal todo dia”. (DOURADOS NEWS, 2019). O jornalista retratou um sentimento que perpassa uma faixa etária mais avançada da população de Dourados.

O jornalista Clóvis de Oliveira manifestou-se a favor da permanência do jornal impresso, por entender que em Dourados persiste um costume dos mais antigos pela leitura do jornal matinal, na hora do café. Adiles do Amaral também acreditava que o impresso se estenderia por mais tempo, por se tratar de um documento que registrou a história de Dourados. O terceiro jornal a publicar a notícia do encerramento da versão impressa de *O Progresso* foi um veículo ligado à família proprietária, o *Dourados Agora*, cibermeio de Blanche Torres, filha de Adiles do Amaral. Depois de duas horas da postagem do *Dourados News*, no dia 24 de setembro de 2019, às 19h53min., numa manchete em tom nostálgico: “Jornal O Progresso se despede da versão impressa nesta semana”, a organização de *O Progresso* se rendeu ao que muitos leitores sabiam. (Figura 23).



Figura 23: Capa do *Dourados Agora* do dia 24.09.2019

Fonte: www.douradosagora.com.br.

A postagem veio com uma espécie de confirmação da notícia, ou seja, a versão oficial

da parte envolvida.

Mais antigo de Mato Grosso do Sul, o Jornal O Progresso deixará a versão impressa na próxima sexta-feira (27) com 13.595 edições ao longo de seus 68 anos de circulação ininterrupta. A decisão, revelada nesta semana, carrega um sentimento de gratidão e respeito com todos os funcionários, leitores e parceiros que tinham no jornal a fonte de informação diária com credibilidade. De acordo com a diretora-presidente, Adiles do Amaral Torres, o encerramento do jornal impresso tem como principal motivo a mudança no consumo da notícia e a tendência da era digital. "Foi uma decisão difícil, mas pensada para o melhor de todos. Quero agradecer do fundo do meu coração os nossos leitores e anunciantes que estiveram conosco durante todos esses anos e dizer que a marca permanece viva através do Progresso Digital", disse Adiles que dirige o jornal desde 1983 (DOURADOS AGORA, 2019)¹⁴¹.

A matéria trouxe um resumo da trajetória de *O Progresso* enfatizando os esforços do refundador do jornal em Dourados, Weimar Gonçalves Torres. A foto postada, a exemplo da manchete, reforçou o tom de despedida e melancolia ao mostrar a oficina *offset* parada, expressão que virou jargão na linguagem jornalística: “parem as máquinas”, que significava suspender a impressão, pois tinha notícia nova a ser publicada, o que exigia interromper a máquina de produção do impresso. Nesse contexto, não de forma abrupta, as máquinas pararam pela tendência mercadológica.

4.5 O caso das versões impressas e o domínio da notícia online

No dia 27 de setembro de 2019 veio a confirmação do que fora anunciado com destaque pela mídia sul-mato-grossense naquela semana: o fim da circulação da versão impressa de *O Progresso*. A última edição teve na manchete principal, rasgando seis colunas do jornal, o sentimento de gratidão expressado pela família Torres aos leitores. “OBRIGADO LEITOR! 13.595 edições escrevendo histórias”. A manchete foi apoiada por uma foto na primeira dobra do jornal rasgando as mesmas seis colunas, de Adiles do Amaral Torres com a família, jornalistas, funcionários e colaboradores da empresa, que encerrava suas atividades parando as máquinas de impressão.

Ainda, na primeira página (Figura 24), um grande anúncio da versão digital, com a cercadura de um smartphone, apareceu na dobra de baixo do jornal: “Nossa história não termina aqui”. O papel se despede e dá boas-vindas ao *Progresso Digital*. “Acesse www.progresso.com.br”. Abaixo, anúncios de algumas marcas parceiras como o *Dourados*

¹⁴¹ Dourados Agora, edição do dia 24.09.2019. <https://www.douradosagora.com.br/noticias/dourados/jornal-o-progresso-se-despede-da-versao-impressa-nesta-semana>. Acesso em: 07.11.2019.

Agora, Sicred, Saad Lorensini, Unimed, e Taurus. Ao lado do anúncio de *O Progresso Digital*, um texto de agradecimento aos leitores que acompanharam a trajetória do jornal:

O jornal O Progresso, criado por Weimar Gonçalves Torres, aos 21 de abril de 1951, tem na filosofia “Pensamento e Ação por uma vida melhor”, a diretriz norteada do seu editorial. Após 68 anos, a história e os trabalhos jornalísticos serão concentrados no Progresso Digital – www.progresso.com.br. “Quero agradecer do fundo do meu coração os nossos leitores e anunciantes que estiveram conosco durante todos esses anos e dizer que a marca permanece viva através do Progresso Digital”, explica a diretora-presidente Adiles do Amaral Torres (*O PROGRESSO*, 2019) ¹⁴².

Além do editorial, colunistas e vários anunciantes aproveitaram para agradecer e se despedir do seu público, numa edição carregada do sentimento de nostalgia.

The image shows the front page of the final printed issue of the newspaper 'O Progresso'. At the top, the masthead reads 'O PROGRESSO' with the date 'Sexta-Feira 27 de setembro de 2019' and the price 'R\$ 1,00'. The main headline is 'OBRIGADO, LEITOR!' followed by '13.595 edições escrevendo histórias'. Below this is a large group photograph of the newspaper's staff. A smartphone in the foreground displays a digital message: '//NOSSA HISTÓRIA NÃO TERMINA AQUI O PAPEL SE DESPEDE E DÁ BOAS-VINDAS AO O PROGRESSO DIGITAL' with a 'ACESSE' button and the website 'www.progresso.com.br'. To the right, there are several smaller sections: a Dell advertisement for notebooks and desktops, a 'ÚLTIMAS NOTÍCIAS' section with links to various news items, and a 'PORTO UNIQUE' advertisement for a resort. At the bottom, there are logos for sponsors: Sicredi, Saad Lorensini, Unimed, and Taurus.

Figura 24: Capa da última Edição impressa de *O Progresso* (27.09.2019).

Fonte: Jornal *O Progresso* Edição nº13.595.

¹⁴² Última edição de *O Progresso*, versão impressa, no dia 27.11.2019.

O editorial intitulado “Marcas do PROGRESSO” fez um retrospecto da trajetória do jornal, desde sua instalação no início da década de 1950, por Weimar Gonçalves Torres, em Dourados, ressaltando o desafio de ter testemunhado as transformações da cidade e a vida política nos quase 70 anos de existência, bem como os momentos de dificuldade enfrentados pela empresa acarretados pelas mudanças tecnológicas. Destacou que, em quase sete décadas, “poucos fatos ficaram de fora das páginas impressas do jornal *O Progresso*. Além da função social de bem informar, esse periódico também serviu e continuará servindo de material paradidático, auxiliando na formação de milhares de pessoas” pelo uso do acervo digitalizado à disposição dos pesquisadores e do público em geral no CDR da UFGD, na Unidade 2. O editorial foi finalizado indicando a certeza de que a memória do jornal e da cidade estará preservada pela tecnologia.

Vale aqui ressaltar, que um dos segredos da longa existência do Jornal O PROGRESSO está nas lições aprendidas pelos exemplos de quem chegou em primeiro e mostrou que o caminho se constrói com caráter e honra, e que as pedras encontradas serviram para alicerçar o percurso. Com certeza a nossa história não termina aqui. Para isso, basta lembrar que pelas páginas desse veículo, algumas já amareladas pelo tempo, mas que serão imortalizadas pela tecnologia, muitas histórias, algumas dramáticas e outras de esperança, foram contadas e ficarão guardadas não só no pensamento dos leitores, como também nos corações das pessoas (*O PROGRESSO*, 2019)¹⁴³.

O editor-chefe do jornal, jornalista Vander Verão, cuja vida profissional se confunde com a história do jornal ao qual serviu durante quase meio século, escreveu um artigo na última edição. No início do texto, explicou ter entrado na empresa aos 13 anos de idade, em fevereiro de 1970. Foi trabalhar na tipografia, pois já tinha curso de datilografia, o que facilitava a compreensão do funcionamento de artefatos como componedor tipográfico, tipos móveis, paginação, impressão. O envolvimento com a prensa aguçou a imaginação do menino da vizinha Itaporã. Anos depois, ele presenciou a primeira mudança tecnológica do jornal, que passou a imprimir em linotipo, logo depois em *offset*. Depois o jornalista foi trabalhar na redação. (*O PROGRESSO*, 2019).

De acordo com Verão, sua primeira experiência com texto foi editar um suplemento musical chamado *Topic's*, que circulava aos sábados em *O Progresso*, entre 1977 e 1981, abrindo espaço para todos os gêneros musicais, principalmente o rock, sua área de interesse. Lembrou, ainda, que escrevia uma coluna sob o nome de *Palafrem no Pascigo*, mesmo título da coluna de encerramento do jornal, “que teve receptividade junto aos punks, esotéricos e

¹⁴³ Último editorial do jornal *O Progresso* veiculado na edição do dia 27.09.2019.

noctívagos daqueles tempos idos. Cavalos no pasto. Era, no pensamento, uma mistura de Jim Morrison, Arthur Rimbaud, Raul Seixas. Sei lá. Guavira”. Era um tempo da retomada do rock nacional com o surgimento de novas bandas, como Paralamas do Sucesso, Legião Urbana e Capital Inicial, entre tantas outras, que cantavam a descompressão política a partir dos ventos soprados pela abertura política, prenunciando a redemocratização. Nesse cenário de efervescência política e social que o Brasil respirava, Verão, com seu *Topic's*, parecia contemplar todas as tribos. O jornalista afirmou ter contribuído para a divulgação do rock em Dourados, “e neste mesmo O Progresso que está partindo rumo à galeria dos jornais imortais, também mandei ver uma coluna política – *Carrossel* – que durou mais de 20 anos”, e foi encerrada com sua aposentadoria. Ao reconhecer que as novas tecnologias facilitaram o processo de feitura do jornalismo, o editor esclareceu:

Hoje, fazer jornal impresso é fácil, principalmente devido à informática. A internet mudou tudo. Ditas as regras. Não tem mais os “furos” de reportagem. Todo mundo faz a mesma coisa num imenso clichê de mesmice. Mas, isso faz parte da modernidade. Dos tempos. O que não volta mais é a saudosa Olivetti Lexicon 80, onde a gente “catava milhos” para alimentar a informação do dia a dia. [...] O progresso, na verdade, abriu, para mim, as portas da percepção.. e eu achava que todas as coisas, conseqüentemente, apareciam infinitas, inclusive o impresso. Ledo engano. Isso, só para parafrasear Huxley...Só que, toda a realidade, ficou impressa. No impresso. Despeço-me! (VERÃO, 2019 In: *O PROGRESSO*, 2019)¹⁴⁴.

O jornalista Cícero Faria, editor da coluna diária *Informe C*, publicada há mais de 40 anos na 2ª página do jornal, usou seu espaço para se despedir do público no dia 27 de setembro de 2019. Com o título “Ninguém queria ler essa manchete”, referindo-se às manchetes estampadas na mídia douradense três dias antes, “O Progresso se despede da edição impressa na sexta-feira”, relatou que antes de editar a coluna, “tivemos a oportunidade de participar da Redação deste jornal em alguns períodos, mas foi com o *Informe C* que a nossa passagem se destacou. Foi bom enquanto durou” (FARIA, 2019)¹⁴⁵.

A edição nº 13.595 que marcou o encerramento das atividades impressas de *O Progresso* foi composta por três cadernos e todas as sessões que normalmente o periódico publicava. O primeiro, com as notícias de política, economia e esportes, locais e nacionais; o segundo, *Dia a Dia* com notícias de cultura, classificados e depoimentos de personalidades da cidade sobre a despedida do veículo; o terceiro, com homenagens de instituições e órgãos oficiais ao jornal, além de colunas sociais.

Escrever a história não é tarefa das mais fáceis, principalmente quando não se é

¹⁴⁴ Última edição impressa do jornal *O Progresso* do dia 27.09.2019.

¹⁴⁵ Ibidem.

historiador de ofício. A dificuldade se acentua quando se trata da história do tempo presente e a simultaneidade de ocorrência dos fatos não cessa. O calor das ações mistura-se aos olhares de quem pesquisa, tornando mais difícil o não envolvimento do pesquisador com o objeto. Mas a história é a ciência do homem no tempo, como ensinou Bloch (2001). Em que pese a recomendação constante da problematização do homem e do tempo, podemos perceber que a ação humana é constituída por rastros e vestígios ao longo do tempo e na construção da história. Ao tratarmos de transformações ocorridas no tempo presente, estamos cientes dos desafios que é criar possibilidades para outras pesquisas sobre processos convergentes tecnológicos.

A nós nos parece desafio maior relatar através das ferramentas da história as mudanças em curso, uma vez que no decurso desta tese as transformações ocorreram simultaneamente. Uma ocorrência de relevância envolvendo o objeto de estudo foi o encerramento da versão impressa de *O Progresso*. Também não se pode desmerecer que o jornalismo possibilita registrar, documentar, ainda que se refira ao próprio ato de noticiar, quando a notícia pode ter como matéria prima suas transformações proporcionadas pelas tecnologias. Além disso, devem-se considerar os impactos sociais causados pelas mudanças tecnológicas, como o fim de aproximadamente 50 vagas de emprego em decorrência do encerramento da versão impressa de *O Progresso*.

Por outro lado, a mesma tecnologia que reduz o campo de trabalho oferece outras opções no espectro das transformações. Foi esse processo tecnológico que possibilitou o retorno de *O Progresso*, em versão digitalizada do antigo impresso, hospedada no endereço eletrônico de *O Progresso Digital*¹⁴⁶, onde pode ser acessada pelo leitor. A configuração é praticamente a mesma do formato impresso, com a mesma logomarca, diagramação e tipografia. Mudou apenas o formato, em vez do antigo standard, o modelo de diagramação Germânico¹⁴⁷. Assim, *O Progresso* está de volta, antes de completar um mês de ausência do impresso. A diferença foi que ao invés de atender a tendência das transformações tecnológicas, teve como proposta atender demandas afetivas, ainda que pelo mesmo suporte web, segundo a diretora Blanche Torres. (Figura 25).

¹⁴⁶ www.progresso.com.br.

¹⁴⁷ Germânico - um pouco mais alto que o tabloide, sua utilização vem crescendo em relação a outros formatos, se tornando uma opção por ser um formato de baixo custo e grande aproveitamento de área de impressão em equipamentos *offset* plana. A mancha gráfica é de 43 por 29,7 centímetros, e a área total de papel de cada página fica com 46 por 32 centímetros de largura, contra os 52 por 32 centímetros do standard. A mancha gráfica ainda pode ocupar todo o papel, sem prejudicar a impressão. As indústrias de celulose dispõem de dezenas de alternativas de papel, que podem produzir um produto final das mais variadas qualidades. As alterações nos custos de impressão, quando se opta por um material alternativo, constituem grandes diferenças orçamentárias, desde que se respeite o total aproveitamento da área impressa. Disponível em: <https://mimimidiando.wordpress.com/2014/10/01/jornal/>. Acesso em: 20.10.2019.



Figura 25: *Progresso Digital* – imagem da versão digitalizada de *O Progresso*.
Fonte: www.progresso.com.br.

O jornal voltou na versão PDF, mesmo suporte que o fez surgir na internet há mais de duas décadas pela primeira vez no ciberespaço. Segundo Blanche Torres, autora da ideia, a produção do jornal é feita como se fosse para a impressão, isso acontece até a diagramação, mas ao invés de ir para a máquina de impressão, é feita uma versão em PDF para a internet (Figura 26).



Figura 26: Capa de *O Progresso* - versão PDF - 05.10.2019.
Fonte: www.progresso.com.br – 05.10.2019.

A primeira edição postada no dia 5 de outubro de 2019, um sábado, foi composta por dois cadernos: o primeiro, com sete páginas, inclusive a 2, com editorial e artigos de opinião; o segundo, o *Dia a Dia*, trouxe oito páginas, com a última destinada à coluna assinada por Adiles do Amaral Torres. A edição seguinte, do dia 11 de outubro, veio com 23 páginas distribuídas em três cadernos.

O jornal tornou-se semanário. Postado às sextas-feiras, se configurou numa espécie de revista, porque passou a publicar matérias maiores, mais aprofundadas e atemporais, segundo a diretora de conteúdo Blanche Torres, que também cuida das pautas. A empresária, responsável também pela informatização da redação de *O Progresso*, no final da década de 1980 e início da década de 1990, explicou o motivo do fechamento do impresso e a motivação da circulação da nova versão.

Fechou porque, do ponto de vista tanto econômico como ecológico, contemporâneo, o momento atual do mundo, além de não caber mais uma empresa produzir resíduos, na quantidade que estava produzindo, as pessoas agora, tem um celular na mão o tempo todo para leitura. Então, não justifica a gente produzir tanto resíduo no mundo, tanto lixo, sendo que as pessoas leem tudo digitalmente. A decisão do PDF foi porque muitas pessoas gostam de ler uma versão impressa, as pessoas mais idosas, então, você pode até imprimir a notícia para um parente ler, folhear e também fica mais registrado, em termos históricos, fica o registro mais completo, porque a função do jornal é registrar o nosso tempo, a nossa história contemporânea. Então, eu acho que a versão digital, nesse formato, fica mais fácil de registrar esse momento historicamente falando (TORRES, 2019)¹⁴⁸.

Blanche Torres foi responsável pela iniciativa que colocou *O Progresso* na internet, a primeira versão em PDF, como ocorria na década de 1990 com os veículos que experimentaram o mergulho no ciberespaço. Ela não descartou a possibilidade de retomar a impressão do jornal em formato tabloide, mas impresso por uma gráfica terceirizada, uma forma de reduzir os custos da produção.

Eu não descarto, talvez ano que vem, fazer uma impressão para os assinantes, porque tem muitas pessoas que gostam de folhear um jornal, então, não descarto a possibilidade de fazer uma impressão semanal. Nós vamos vender os equipamentos, as máquinas de *offset* porque vale a pena terceirizar a impressão do tabloide, fica mais barato. A gente tem que procurar soluções para se manter no mercado, em qualquer área de negócio é assim. O modelo do jornal em versão PDF é mais uma revista mesmo, tem coluna política, tem matérias de comportamento, entrevistas, matérias de economia, mas não são factuais, são matérias mais trabalhadas, tem editorial, opinião. Eu espero que dê certo, porque *O Progresso* sempre registrou a história de Dourados e nossa intenção é continuar registrando porque é um documento histórico, então a gente tem esse papel dentro da sociedade, e está tentando manter essa função social que eu acredito que *O Progresso* exerça para as futuras gerações estudarem os momentos antigos para entender o seu passado, da cidade, da sua comunidade para conhecer melhor suas tradições, costumes, sua própria identidade (TORRES, 2019)¹⁴⁹.

¹⁴⁸ Entrevista concedida ao autor no dia 07.11.2019.

¹⁴⁹ *Ibidem*.

As mudanças operadas na mídia douradense refletiram uma tendência mundial de transformações, em busca de audiência cada vez mais segmentada e exigente, numa situação que não pertence apenas às pequenas ou médias empresas de comunicação. Elas refletem a tendência de um contexto mais abrangente. No dia 8 de novembro de 2019, o Grupo Globo, maior conglomerado de mídia do Brasil, anunciou um novo modelo de gestão de negócios. O desenho reformulado, com perspectiva de implantação no primeiro semestre de 2020, propõe reunir *TV Globo*, *Globosat*, *Som Livre*, *Globo.com* e *Globoplay* em uma única empresa, que se denominará apenas Globo. A diretoria de gestão corporativa, ou DGCorp, foi incluída no trabalho de unificação. As mudanças decorreram do projeto *UmaSóGlobo* iniciado em setembro de 2018, cujo objetivo era preparar o grupo para o cenário da competição digital (VALOR, 2019)¹⁵⁰.

A segmentação da audiência e a pulverização da atenção do usuário da comunicação ubíqua (SANTAELLA, 2013) promoveram alterações da forma como as empresas se comportam e como buscam novos caminhos para seus negócios. Jenkins (2013, p. 327) lembrou que um dos ideais da revolução digital, no início dos anos 1990, era a mídia personalizada, uma vez que a “mídia digital iria nos ‘libertar’ da ‘tirania’ dos meios de comunicação de massa, permitindo-nos consumir apenas conteúdo que considerássemos, pessoalmente, significativos”. Segundo Jenkins (2013), esse oceano de incertezas nos fez mergulhar num processo de aprendizagem para exercitar o poder individual ou coletivo nas mídias.

Muitos temem esse poder, outros o acolhem. Não há garantias de que usaremos esse poder com mais responsabilidade do que os estados-nação ou as corporações usam o seu. Estamos tentando criar códigos de ética e contratos sociais que irão determinar como nos relacionaremos uns com os outros, assim como estamos tentando determinar como esse poder irá se inserir no sistema de entretenimento ou no processo político. Parte do que precisamos fazer é descobrir como – e por que – grupos com diferentes formações, projetos, pontos de vista e conhecimentos podem se servir e trabalhar juntos pelo bem comum. Temos que aprender (JENKINS, 2013, p. 328).

Para Jenkins, Green, Ford (2014, p. 359), “a cultura contemporânea está cada vez mais participativa, especialmente se comparada às ecologias de mídias anteriores, principalmente as dependentes da mídia tradicional de massa”. Em casos específicos, “os públicos ligados em rede estão aproveitando esse aumento da capacidade da comunicação para criar uma cultura mais diversificada, que desafia instituições mais arraigadas, amplia as possibilidades econômicas” pela facilidade com que os conteúdos de mídia ganham propagação, resultado das

¹⁵⁰ Jornal Valor <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2019/11/08/reformulada-globo-avanca-na-direcao-de-se-tornar-media-tech.ghtml>. Acesso em: 08.11.2019.

mudanças tecnológicas que facilitam a manipulação do conteúdo produzido e veiculado. Os autores ressaltam que em face da cultura se encontrar em fase transitiva para a convergente/conectiva/ubíqua, é importante lutar para criar um ambiente de mídia inclusiva, dinâmica e participativa.

A propagação dos textos de mídia nos ajuda a expressar quem somos, a reforçar nossos relacionamentos pessoais e profissionais, a fortalecer nossas relações uns com os outros, a construir uma comunidade e a conscientizar mais pessoas dos assuntos com os quais nos reocupamos. O compartilhamento da mídia além das fronteiras culturais aumenta a oportunidade de ouvir outras perspectivas e de desenvolver empatia por perspectivas diferentes da nossa. Acreditamos que construir uma sociedade mais informada e mais engajada requer um ambiente em que governos, empresas, instituições educacionais, jornalistas, artistas e ativistas, todos trabalhem para apoiar em vez de restringir esse ambiente de propagabilidade e a possibilidade de que todos tenham acesso, não apenas em termos técnicos, mas também culturais, à participação nela (JENKINS; GLEEN; FORD, 2014, p. 366).

Ainda sobre o processo de transição da mídia, Santaella (2013) contribuiu para o entendimento de questões contemporâneas ao trabalhar conceitos como ecologia de mídia, que envolveria as NTICs e as comunidades culturais onde são desenvolvidos os protocolos, práticas e instituições com poder de introduzir dinâmicas associadas às suas formas, que potencializam a hipersociabilidade de uma sociedade hipercomplexa. Para a autora, os espaços multidimensionais criados pelas redes digitais provocaram impactos significativos no ganho do conhecimento pelo compartilhamento simultâneo e instantâneo das informações. A ubiquidade alcançou a existência das pessoas.

Desde 2006 para cá, o desenvolvimento tecnológico me levou à convicção de que a condição contemporânea de nossa existência é ubíqua. Em função da hipermobilidade, tornamo-nos seres ubíquos. Estamos ao mesmo tempo em algum lugar e fora dele. Tornamo-nos intermitentemente pessoas presentes-ausentes. Aparelhos móveis nos oferecem a possibilidade de presença perpétua, de perto ou de longe, sempre presença. Somos abordados por qualquer propósito a qualquer hora e podemos estar em contato com outras pessoas quaisquer que sejam suas condições de localização e afazeres no momento, o que nos transmite um sentimento de onipresença. Corpo, mente e vida ubíqua. Sem dúvida isso traz efeitos colaterais, certo estado de frenesi causado pelo paradoxo da presença e ao mesmo tempo da reviravolta constante de várias condições físicas, psicológicas e computacionais (SANTAELLA, 2013, p. 16).

De certa forma, a comunicação ubíqua está associada à computação ubíqua, por sua vez, relacionada aos dispositivos móveis, que possibilitam a movimentação física humana juntamente com os serviços da comunicação. Largamente utilizado, outro conceito advindo das NTICs foi a computação pervasiva, que faz o computador entrar no mesmo ambiente do usuário sem ser percebido através de solicitações de localizações feitas por sites aos usuários quando

acessam endereços eletrônicos. Santaella nos brinda com alguns conselhos sobre o trato e a utilização das tecnologias e suas mutações, reconhecendo sua utilidade na vida cotidiana, sem deixar de tecer a crítica necessária:

Para isso, antes de tudo é preciso viver as tecnologias. Se vamos falar de tecnologias, temos de estar nelas, e não simplesmente mirá-las com arrogância, do ponto de vista aéreo de um escritório. Temos de nos inteirar não apenas dos traços mais evidentes que gritam a ponta do iceberg, mas constantemente medir a sua temperatura submersa. Esta pode estar gestando transformações que ainda não aparecem na superfície. Sobretudo, no papel dos teóricos e críticos da cultura, é primordial desenvolver a capacidade da escuta. Perseguir sem descanso o que os pares estão pensando, escrevendo, concordemos ou não com eles. Afinal, a discórdia, e não a concordância, é uma forma de autocrítica. Em suma, evitar a todo preço e na medida do possível algo muito comum em nosso país, a saber, o descaso e ausência de reconhecimento, quase sempre provocados pela indolência intelectual, das contribuições trazidas por aqueles que vieram antes de nós aos temas que tratamos (SANTAELLA, 2013, p. 21).

Assim como nos preocupa entender a presença da ubiquidade na comunicação na sociedade hipercomplexa, hiperconectada e mergulhada no ciberespaço, da mesma forma, nos preocupa entender como deve ser a escrita da história. Jurandir Malerba (2017) tratou da questão ao problematizar o papel do historiador no contexto da internet e das novas tecnologias. O historiador identificou “uma alteração do perfil do produtor de história e a expansão vertiginosa do seu público consumidor”, explicadas, “em grande parte pelo surgimento de novas mídias, particularmente a internet”, um ponto, “que devemos problematizar para pensar a relação entre o historiador e o público de hoje” (MALERBA, 2017, p. 141). O pesquisador ressaltou que a história não é produzida apenas na academia, muito menos veiculada apenas nos livros, porque as plataformas digitais ofereceram oportunidades múltiplas de produção e circulação de narrativas, não só do passado, mas do momento presente. Ao tratar das potencialidades da internet na prática historiográfica devido à abrangência de fontes, constatam-se implicações diante da escassez de material, dado o caráter efêmero dos websites.

Ao analisar a complexa relação entre a internet e a história, Malerba (2017) abarcou questões discutidas nesta tese sobre a web 2.0, embora aqui muito mais tratados pelo prisma da comunicação. A aproximação entre história e comunicação pelas potencialidades da web 2.0 sugere uma discussão sobre aspectos que envolvem a descentralização e a convergência de mídias. Para o autor:

A Web 2.0 é um terreno dinâmico que oferece oportunidades e desafios para a criação da história. Se, por um lado, ela pode potencialmente ser um meio indutor de produção de uma história ao alcance de todos, por isso em tese mais democrática e mais aberta, a internet simultaneamente apresenta questões e desafios novos, por exemplo, sobre controle de acesso (salvaguarda: gatekeeping) e autoridade (quem tem habilidades

técnicas, formação necessária para fazer sentido do passado como história). Do mesmo modo, a Web 2.0 tende a alterar o estatuto da história pública. O antigo status de historiadores como os produtores, e de “leigos” como o público consumidor da história, é agora posto em questão. Esse é um aspecto central: mais e mais pessoas comuns estão usando tecnologias online para acionar o passado (e também falar de história), e os historiadores devem estar alertas a essas mudanças. Tal constatação pode ser comprovada pela onda de trabalhos históricos que jorram do ciberespaço (MALERBA, 2017, p. 143-144).

As relações entre mídia e história acontecem no contexto cibernético pela forma de produção e circulação. Assim como a notícia é produzida e circulada com a ajuda da internet e das NTICs, a circulação da produção histórica se expandiu com as novas ferramentas. A pesquisa bibliográfica, antes feita em bibliotecas e arquivos, é facilmente realizada na internet. Redes digitais, blogs de pesquisadores, fóruns de debates, revistas acadêmicas e uma vasta bibliografia estão disponíveis na internet.

Martín-Barbero (2008, p. 237) nos ajuda a refletir sobre o momento de transição da sociedade e suas tecnicidades. Ao estabelecer a transversalidade dos saberes como ponte de temporalidades, o autor compreendeu que a revolução tecnológica da internet provocou “uma mutação nos modos de circulação do saber, o qual sempre foi uma fonte chave de poder e que, até pouco tempo, havia conservado seu caráter de ser, ao mesmo tempo, centralizado territorialmente, controlado através de certos dispositivos técnicos”. Por isso, “as transformações nos modos como o saber circula constituem uma das mais profundas mutações que uma sociedade pode sofrer”, em função da “dispersão e fragmentação que lhe são características, o saber escapa dos lugares sagrados que antigamente o continham e legitimavam e das figuras sociais que o detinham e administravam” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 237).

O teórico alertou ainda que a tecnologia não se configura na resolução de todos os problemas da humanidade, mas oferece criatividade. Além disso, muitos problemas atribuídos à tecnologia como solidão e isolamento de adolescentes estão mais ligados à cultura familiar e escolar, devendo-se reconhecer a capacidade de processamento de dados e símbolos como o grande ganho da tecnologia na força produtiva.

Chartier (2002) demonstrou incontestemente interesse e contribuiu para o debate sobre a escrita da história a partir da internet e os dispositivos eletrônicos herdados dela. Sobre a modificação da leitura do suporte impresso para o online observou que “no mundo textual sem fronteiras, a noção essencial torna-se a do elo, pensando como a operação que relaciona as unidades textuais recortadas para a leitura” (CHARTIER, 2002, pp. 109-110).

No seu entendimento, a apresentação eletrônica “modifica radicalmente a noção de contexto e, ainda, o próprio processo da construção de sentido”, uma vez que, o novo formato

eletrônico “substitui a contiguidade física que aproxima os diferentes textos copiados ou impressos num mesmo livro pela sua distribuição móvel nas arquiteturas lógicas que comandam as bases de dados e as coleções digitalizadas”. Para o historiador francês, a revolução eletrônica pode aprofundar e não reduzir as desigualdades, ao fortalecer o “iletrismo”, que seria a incapacidade das pessoas de ler e escrever trocada pela impossibilidade de aceder às novas formas da transmissão do escrito. Podemos entender o alerta de Chartier, ao constatar a linguagem usada nas redes digitais, notadamente por jovens e adolescentes, em que muitas palavras aparecem de forma abreviada, tornando-se quase um dialeto específico das redes cibernéticas. (CHARTIER, 2002, p. 112).

O historiador Dilton Maynard (2011) se ateu ao uso das novas tecnologias na história, alertando os operadores da história em lidar com fontes eletrônicas, quando exortou sobre os perigos da internet, “a suposta desconexão de qualquer ligação com o passado que ela sugere. É como se tudo se bastasse no hoje, como se o ontem fosse inexistente e o futuro uma deformação dos dias que se vive agora” (MAYNARD, 2011, p. 10).

Maynard (2011) acrescentou que “Robert Darnton já nos lembrou de que toda época possui a sua própria “Sociedade da Informação”. Os computadores e a internet são apenas os pontos mais visíveis destes tempos que vivemos”. (MAYNARD, 2011, p. 40). É preciso, todavia, advertiu o historiador, buscar compreender as mudanças promovidas pelas novas tecnologias e a história da e pela internet.

Por fim, mas não menos importante, e para provar que a vida é dinâmica e pesquisas como esta conforme já afirmamos anteriormente, se caracterizam pelo dinamismo e a simultaneidade dos fatos e, por isso, não poderíamos deixar de fazer constar a volta de *O Progresso* no suporte papel.

Conforme palavras da diretora Blanche Torres em entrevista concedida ao autor no dia 7 de novembro de 2019, não descartando a volta da impressão, o jornal votou a circular no dia 10 de fevereiro de 2020, em formato gráfico modelo Germânico, o mesmo disponibilizado em PDF, no endereço eletrônico de *O Progresso Digital* com periodicidade semanal. Interessante destacar que a inversão da lógica empresarial adotada pelo grupo *O Progresso*, que anteriormente priorizava a versão impressa, agora, passa a ter como principal produto, a versão digital, onde o impresso aparece apenas com um apêndice, sem contudo, deixar de atender aos interesses do mercado e da audiência. Mas isso seria assunto para outra pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações ocorridas na produção e apresentação da notícia ao sair do papel e se assentar no ambiente online se tornaram o fio condutor desta tese. A nossa preocupação em entender e explicitar esse movimento acompanhou o transcurso da pesquisa. Para compreender os efeitos promovidos pela internet e as NTICs nesse processo, percorremos quatro veículos de Dourados. Construimos um percurso da mídia impressa douradense desde o meteórico *Jandaia*, passando pelo *O Douradense* e outros periódicos que surgiram e desapareceram, até chegar em *O Progresso*, *Diário MS*, Folha de Dourados e o Dourados News.

Percorremos um referencial teórico capaz de alicerçar aproximações, distanciamentos e imbricações entre três campos do conhecimento entrelaçados ao objeto: história, imprensa e internet, na perspectiva da história cultural. Tecemos relações possíveis entre os impressos e os cibermeios para compreender a produção da notícia nos suportes técnicos e suas implicações na pesquisa histórica. Buscamos nas falas de editores e proprietários dos veículos pesquisados, as vozes que tecem os fios dessa imprensa identificada com a proximidade do localismo e regionalismo, que alcançou o universalismo pelas redes telemáticas da cibercultura.

Para Fidalgo (2004, p. 6), considerando o modelo de jornalismo proposto por Otto Groth, “o conteúdo de um jornal online é universal no sentido de que qualquer assunto pode ser incluído nas suas notícias. A condição é que faça parte do mundo objectivo dos seus leitores”. Nas falas dos editores identificamos ainda como enxergam a mídia online que eles produzem, como os cibermeios produzem a notícia, utilizam as novas ferramentas tecnológicas, como se configuram as fontes e arquivos digitais dessa mídia, além dos problemas de banco de dados e a volatilidade dessas fontes virtuais.

A volatilidade dos arquivos digitais tem suscitado preocupação entre historiadores e foi ponto destacado neste estudo. Além da instabilidade dos textos em rede, há a questão do excesso de informação que circula no ciberespaço, considerado outro agravante para o ofício do historiador. Almeida (2011) minimiza o problema ao alertar que, “as fontes ‘tradicionais’ não são mais confiáveis que as fontes digitais”. Segundo o autor, “um documento impresso pode ser falso. Uma fotografia antiga pode ser fraudulenta. Um depoimento oral pode modificar os fatos. É normal para os historiadores trabalhar dentro de campos de possibilidades, utilizando métodos para reduzir as chances de erro” (ALMEIDA, 2011, p. 21), embora ressalte que a habilidade e a experiência do historiador são determinantes para minorar os problemas e proceder uma seleção de fontes confiáveis. Nessa linha, Gallini e Noiret (2011) também

entendem que a web “não muda os problemas que se apresentaram com a primeira introdução do digital no terreno da história”, porque “autenticar, proporcionar um contexto, descrever as fontes com detalhe e rigor são - como antes – os momentos obrigatórios da investigação histórica, esteja ou não no domínio digital” (GALLINI; NOIRET, 2011, p. 30).

Diante do exposto, podemos tecer algumas considerações que nos parecem pertinentes acerca dos aspectos nos quais centramos nosso esforço para compreender o objeto proposto. A primeira delas e, uma das principais constatações, foi a mudança da materialidade do suporte de apresentação da notícia. Anteriormente, a notícia era construída sob a configuração para o jornal impresso, mas com a internet e as NTICs passou a ser vista e consumida, inicialmente, na tela do computador, em seguida, na tela de outros dispositivos eletrônicos como *tablets*, *smartphones*, *displays* - suportes técnicos diferentes do papel, onde o arquivo é posto ao alcance da vista, mas não das mãos, pois já não há contato físico como acontecia com o impresso, cuja tinta sujava as mãos ao manusear o jornal. Por outro lado, elementos como a hipertextualidade, a multimídia, memória e instantaneidade tornaram as notícias mais atrativas e mais ágeis, além de oferecerem a oportunidade de interação do leitor, quase em tempo real.

A mudança da materialidade do suporte não deve ser confundida, porém, como a materialidade do jornal que, como alerta Fidalgo (2004), continua a mesma, porque seu modo de produção “é extrínseca à essência do jornal, uma vez que, a essência ou a identidade de um jornal mantém-se a mesma, independentemente da sua materialização, seja em papel impresso, em letras escritas numa parede ou nas palavras de um rádio”, porque “a identidade de um jornal impresso não se altera, mesmo que se alterasse toda a parte gráfica”. (FIDALGO, 2004, p. 3).

Assim, como Fidalgo (2004, p. 1), a partir dos conceitos defendidos por Groth, temos o entendimento do jornal como uma obra cultural, que dimensiona a realidade de sentido e orientação do homem, no espaço social ocupado por ele. Nesse aspecto, entendemos as transformações em curso, “não só nas suas práticas quotidianas, mas também na sua natureza, isto é, naquilo que se entende por jornalismo. É uma transformação tão radical que as fronteiras do que é e do que não é jornalismo se tornam problemáticas e incertas”, o que nos leva a outra constatação: a ruptura da relação tempo-espaço. O texto que sofria limitação de espaço e tempo na publicação impressa, ganhou espaço ilimitado em ambiente web devido a flexibilização da maneira como é produzida e veiculada a notícia.

A jornalista Carla Schwingel (2012) relaciona a flexibilização dos limites de tempo e espaço à hipertextualidade (BARDOEL & DEUZE, 2001) por perceber a possibilidade que o jornalista dispõe de utilizar a quantidade de tempo e espaço que deseja ao compor uma matéria, na elaboração das narrativas informativas. Ao defender a distinção da flexibilização dos limites

de tempo e espaço, Schwingel (2012) destaca o caráter “estrutural do hipertexto, ou seja, os diferentes níveis que um jornalista pode pensar para compor determinada informação, com desdobramentos, vinculações e subvinculações relacionadas” (SCHWINGEL, 2012, p. 58).

Para Palacios (2004, p. 6), é a primeira vez que isso ocorre, “uma vez que em todos os suportes anteriores (impresso, rádio, TV) o jornalista convivia com rígidas limitações de espaço (que se traduz em tempo, no caso do rádio e TV)”, pois com a “possibilidade de dispor de espaço ilimitado para a disponibilização do material noticioso é, a nosso ver, a maior Ruptura a ter lugar com o advento da Web como suporte mediático para o jornalismo”. A quebra dos limites físicos e a potencialização da oferta de novas ferramentas e formatos da notícia em ambiente web configuram o que Palacios (2004) considera como as principais especificidades do jornalismo online.

Ao dissecar a estrutura da notícia, Lage (1985) ressalta que a linguagem compreende um sistema de sinais que se sobrepõem à experiência e ao espaço de organização do mundo, ou seja, a cultura. A partir dessa visão, temos a percepção de que a notícia será sempre notícia, regida por princípios como a novidade, a curiosidade humana sobre algo, ou, sobre os próprios humanos, regras que a classificam teoricamente. O que pode mudar através da tecnologia são as formas de produção e veiculação, tendo em conta ainda os contextos culturais, sociais, políticos e econômicos.

A agilidade na veiculação da notícia foi outra mudança importante identificada nesta tese, vinda das vozes dos editores de cibermeios. O jornalista Clóvis de Oliveira ressaltou que o conceito da notícia e da forma de construir a informação não sofreu alteração, porque o que mudou “foi a dinâmica da velocidade de como a notícia é produzida, a velocidade da informação. A internet trouxe mais rapidez para a informação” (OLIVEIRA, 2018). Essa visão do editor do *Douranews* é compartilhada pelo colega José Henrique Marques, da *Folha de Dourados*, que destacou a agilidade promovida pela internet como “a diferença fundamental que eu vejo daquela época para hoje, porque hoje, essa fonte de informação é muito maior, ela é universal” (MARQUES, 2018).

A manifestação dos dois editores de cibermeios sobre o aumento da agilidade do jornalismo online é explicada por Machado (2003), ao tratar das mudanças no sistema de produção da notícia. De acordo com o autor, o jornalismo nas redes telemáticas promoveu uma inversão no processo tradicional de produção de notícias “porque o repórter antes de sair em perseguição de uma personalidade qualquer para recolher uma declaração sobre um determinado fato deve empreender um levantamento dos dados necessários para elaborar a notícia” (MACHADO, 2003, p. 31). Esse levantamento de dados, que anteriormente era

realizado nos arquivos dos jornais, fazendo repórteres perderem muito tempo, passou a ser obtido de forma rápida e eficiente através de pesquisas rápidas no ciberespaço utilizando sites de buscas como *Google*, por exemplo.

Machado (2003, p. 31) observa ainda que “enquanto no jornalismo convencional, muitas vezes, a notícia consiste na própria declaração, o jornalismo nas redes possibilita que a declaração seja um dos elementos que reforça a credibilidade da notícia, quando permite aos envolvidos o direito de expressar comentários sobre o caso”. Além dos envolvidos, podemos asseverar que, os próprios leitores, poderão acrescentar informações novas ao conteúdo, por meios de comentários, proporcionados pela interatividade, outra característica do ciberjornalismo, cuja dimensão mundial das redes “rompe os limites impostos pelas distâncias físicas, impeditivas para empresas com menos recursos acessar documentos ou as fontes primárias, mas que agora podem ser consultadas a baixo custo através do correio eletrônico” (MACHADO, 2003, p. 33). O professor constata outra alteração nas relações entre os jornalistas e as fontes: a que transforma os usuários do sistema em fontes. Enquanto no “jornalismo convencional, em que muitas vezes declarações são transcritas como notícias, predomina o uso de fontes oficiais, no jornalismo digital a participação dos usuários contribui para a utilização de fontes independentes, desvinculadas de forma direta dos casos publicados”. (MACHADO, 2003, p. 33).

Durante séculos, a historiografia se utilizou de documentos especificamente de papel, mas essa situação passou a mudar nas últimas décadas, não só com o surgimento dos documentos digitalizados, como os documentos surgidos em suporte virtual, que provocam estranheza na sua materialidade. Esse foi outro aspecto problematizado na tese. Diante da necessidade de se entender como isso ocorre, bem como os impactos que podem causar no ofício do historiador, o uso dessas fontes digitais na pesquisa histórica e, principalmente, como o conteúdo digital recebido pelo leitor-internauta tornou-se condicionante para produzir conhecimento nas áreas de história, comunicação, jornalismo online e internet.

Assim como Matheus (2011), entendemos que, em muitos momentos da história, o jornalismo introduz a sua forma de interação social, ampliando “a experiência da história e sua consciência, ou seja, a relação que mantemos com o presente, o passado e o futuro, e a articulação que estabelecemos entre as três dimensões estão organicamente vinculadas à comunicação” (MATHEUS, 2011, pp. 218-219).

Ao produzirmos a narrativa sobre a trajetória da imprensa de Dourados, compreendemos os vínculos do passado com o processo de significação do presente inserido no conceito de tradição de Ricoeur (2016), em que as vozes do passado surgiram, seja nas falas dos editores

dos cibermeios, seja nas vozes dos primeiros designers dos sites de webnotícias, em suas produções quase artesanais no começo do jornalismo online.

Pelas particularidades discutidas nesta tese sobre o jornalismo em suas versões impressa e online, além das práticas jornalísticas que produzem significados, outra questão que merece ser destacada é a relação com a história do tempo presente, pelo imediatismo recorrente dos elementos da cibercultura visitados, contemplando linguagens diferentes na mediação dos diversificados conteúdos noticiosos, o que denota um tipo de fonte inserida no presentismo de Hartog (2013). Uma dominância do presente sobre as noções de passado e futuro num contexto de desinteresse pelas continuidades históricas de longo prazo, embora seja o presente inquieto e limitante da ruptura.

Ao abordarmos as edições comemorativas dos jornais de Dourados, aqui consideradas prática usual para destacar a memória de um tempo vivido e as realizações do próprio veículo, percebemos, como ressalta Matheus (2011), “a distinção entre passado e presente é um projeto ideológico, portanto coletivo, um modo historicamente condicionado de experimentações do tempo e de consciência histórica (Le Goff, 1997)”, uma vez que “os fatos e circunstâncias são percebidos como passado, e narrados dessa forma, quando se quer estabelecer uma distinção acerca do que somos e do que deixamos de ser” (MATHEUS, 2011, p. 30). Essas edições nos oferecem significados propostos pelo jornalismo em momentos diferentes, ritmando eventos de épocas separadas do passado pelo presente. Por isso, elas se enquadram no que Matheus (2011) entende como concepções do tempo mediadas pelo jornalismo, que “dependem não apenas da articulação das narrativas, mas também do ritmo com que essas histórias são disponibilizadas e apropriadas” (MATHEUS, 2011, p. 131).

Para Franciscato (2005, p. 21), “os eventos jornalísticos não são apenas marcadores simbólicos sobre o tempo presente, mas são definições temporais sobre modos de viver o presente”, uma vez que as produções sociais surgem de convenções sociais estabelecidas historicamente, assim como o uso do calendário, que delimita o intervalo das atividades humanas, propiciando as noções de presente, passado e futuro. É importante destacar que as transformações sociais e culturais que marcaram o século XX e o início do século XXI, colocam as práticas jornalísticas no centro da temporalidade social e na emergência de novos fenômenos temporais. “É, portanto, esta pluralidade de temporalidades sociais e de relações temporais ligadas ao tempo presente que dá sentido e coerência à noção de atualidade jornalística” (FRANCISCATO, 2005, p. 262).

Para construir o discurso histórico utilizamos as ferramentas do historiador: os arquivos e as fontes disponibilizadas por documentos ou arquivos digitais através das NTICs. Foi nesse

ambiente virtual que parte desta tese se concentrou; a outra focalizou os impressos. Mas não foi só isso, abordamos o momento em que ocorreu a mudança da notícia, a transformação dela ao migrar do impresso para o ciberespaço e as temporalidades percorridas pelos processos visitados. Diante das possibilidades que se apresentam para a escrita da história, esta tese considera a importância de cursos de Graduação e Pós-Graduação em História se dedicarem à história digital. Fica a nossa contribuição em forma de sugestão por entendermos que as práticas da história digital se desenham num horizonte imediato.

Entendemos que diante das novas possibilidades da escrita da história, a chegada do elemento digital modificando as práticas da comunicação e da história, nos coloca diante de um longo caminho a percorrer, com os desafios e perspectivas vislumbradas nos campos de conhecimento aqui propostos e visitados. Lucchese (2014) usa a advertência de Certeau (1988, pp. 33-34), para nos alertar de que “embora a máquina possa ter alterado algo nos momentos epistemológicos chave da operação historiográfica – ‘conceituação, documentação, tratamento ou interpretação’ – ela continua dependendo do homem para operá-la” (LUCCHESE, 2014, p. 163). Assim, nós entendemos que, embora as práticas jornalísticas tenham sofrido tantas alterações, a mediação continua sendo feita pelo homem, que controla e opera todo e qualquer maquinário.

A partir de nossa experiência vivenciada nos 30 anos de redação no fazer jornalístico e nos 10 anos de estudos acadêmicos, podemos entender a flexibilização trabalhista que permitiu ao jornalista realizar sua labuta, agora em casa, sem ter que ir à redação, como um dos grandes impactos na produção da notícia na sociedade contemporânea. Configura mais uma consequência das mudanças nas práticas sociais, culturais, econômicas e trabalhistas promovidas pelas tecnologias advindas da internet, que por sua vez são replicadas em outros ofícios, como na operação histórica, com a produção das fontes digitais e virtuais. Cabe aqui um alerta: mais do que oferecer respostas a tantas questões suscitadas na triangulação dos campos da imprensa, internet e história, em suas limitações, esta tese oferece possibilidades para outros estudos que queiram se estender sobre temática ou aprofundar assuntos aqui iniciados. Nesse contexto, a transdisciplinaridade aparece como grande aliada por permear com desenvoltura as práticas sociais e os contextos de convergência na construção do conhecimento histórico e jornalístico. Assim como na história, na imprensa a mediação da tecnologia deverá ser feita pelo homem, cuja centralidade está sujeita ao seu protagonismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALÉM, Fernando de Castro. **O jornal O Progresso e a dinâmica política e eleitoral em Dourados (1954, 1958 e 1962)**. Dissertação de mestrado no PPGH-UFGD, 2011. Disponível em: <http://www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2017/06/Fernando-de-Castro-Alem.pdf>. Acesso em: 10.09.2018.
- ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **AEDOS – Revista do Corpo Discente do PPG-História da UFRGS**, v. 3, n 8. Porto Alegre: RS, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/16776>. Acesso em: 10.01.2018.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A Construção da Notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- AMADO, Janaina. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História**, São Paulo, n. 15, 1997.
- AMARILHA, Carlos Magno Mires. **O Território Federal de Ponta Porã: a conquista do Brasil na fronteira guarani**. XII ALCAR-MS, Aquidauana, MS, 2014. Disponível em: http://www.encontro.ms.anpuh.org/resources/anais/38/1412990696_ARQUIVO_ArtigoCARLOSMAGNOanpuh2014revisado.pdf. Acesso em: 18.06.2018.
- ARAKAKI, Suzana. **Dourados: memórias e representações de 1964**. Dourados MS: EdUEMS, 2008.
- AZEVEDO, Dúnya. A evolução técnica e as transformações gráficas nos jornais brasileiros. **Revista Mediação**, Belo Horizonte, v. 9, n. 9, jul./dez. de 2009. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/296>. Acesso em: 20.10.2019.
- BALDESSAR, Maria José. **Mundo digital: Jornal do Brasil na Internet no tempo do PC 386**. ALCAR 7º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Fortaleza: 2009. Disponível em: <http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/7oencontro-2009-1/Mundo%20digital.pdf> Acessado em: 21.07.2019.
- BARBOSA, Marinalva. **Como escrever uma história da imprensa?** Artigo apresentado no GT História do Jornalismo, no II ALCAR, em Florianópolis, SC, entre 15 e 17 de abril de 2004. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/2o-encontro-2004-1>. Acesso em: 10.05.2017.
- _____. **História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- _____. Tempo, tempo histórico e tempo midiático: interrelações. In: MUSSE, Christina Ferraz; VARGAS, Herom; NICOLAU, Marcos (Orgs.) **COMUNICAÇÃO, MÍDIAS E TEMPORALIDADES**. Salvador: Edufba, 2017.
- BARBOSA, Marialva C.; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Comunicação e história: um entre-lugar. In: BARBOSA, Marialva e RIBEIRO, Ana Paula Goulart (Orgs.) **Comunicação e**

História, partilhas teóricas. Florianópolis: Insular, 2011.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo digital e a informação de proximidade:** o caso dos portais regionais, com estudo sobre o UAI e o iBahia. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, na UFBA, Salvador (BA), Novembro de 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/barbosa-suzana-portais-mestrado.pdf>. Acesso em: 20.12.2015.

_____. **Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD):** um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Comunicação da UFBA, em 2007. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/tese_suzana_barbosa.pdf. Acesso em: 20.12.2015.

BARDOEL, Jo & DEUZE, Mark. *Network Journalism: converging competences of old and new media professionals.* 2001. Disponível em: <https://scholarworks.iu.edu/dspace/bitstream/handle/2022/3201/BardoelDeuze+NetworkJournalism+2001.pdf?sequence=1>. Acesso em: 21.12.2015.

BARRETO, Bruno Augusto Amador. **Geografia da Comunicação no Centro Oeste do Brasil.** Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo em São Bernardo do Campo, em 2011. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/611/1/BRUNO%20AUGUSTO%20AMADOR%20BARRETO.pdf>. Acesso em: 10.05.2018.

BARRETOS, Dayane do Carmo. **A linguagem e seus suportes:** uma reflexão sobre as confluências entre o webjornalismo e o livro-reportagem. Revista Periódicos Temática, Ano XII, n. 04. Abril de 2016. Disponível em: www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/download/28596/15261. Acesso em: 10.08.2018.

BASTOS, Helder. **Ciberjornalismo e narrativa hipermídia.** Prisma.com, nº 1, out. 2005. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/view/2145>. Acesso: 13.01.2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Vida líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BETONI, Walteir Luiz. **Dourados:** entre a memória e a história. 2002. Dissertação (Mestrado em História) - UFMS, campus de Dourados, 2002.

BOSCHI, Caio César. O historiador, os arquivos e as novas tecnologias : notas para debate / Caio Boschi In: RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. **Outros combates pela História.** Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra: 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico – História & sociedade.** Lisboa, Portugal: EDIÇÕES

70, LDA, 2016.

BRESCIANO, Juan Andrés. *La historiografía en el amanecer de la cultura digital*. Uruguay: Ediciones Cruz del Sur. 2010.

_____. *El tiempo presente como campo historiográfico*: ensayos teóricos y estudios de casos. Montevidéo, Uruguai: Ediciones Cruz del Sur. 2010.

BRESCIANO, Juan Andrés. *Mundo en red*: El estudio histórico de los procesos globales en la sociedad de la información. Montevidéo, Uruguay: Ediciones Cruz del Sur, 2014.

_____. *La memoria histórica y sus configuraciones temáticas*: una aproximación interdisciplinaria. Montevidéo, Uruguay: Ediciones Cruz del Sur, 2013.

_____. *La documentación eletrónica y el estudio del presente*: posibilidades y desafíos. www.academia.edu, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/5619199/La_documentaci%C3%B3n_electr%C3%B3nica_y_el_estudio_del_presente_posibilidades_y_desaf%C3%ADos. Acesso em: 10.01.2019.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história da mídia*: de Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004.

BRIXIUS, Leandro José; Kalsing, Janaína. As transformações recentes do jornalismo e suas relações com Max Weber: uma análise a partir do conceito de ação social racional. **Revista Temática**, Ano XIV, n. 9. Setembro/2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/41852>. Acesso em: 25.07.2018.

BUCCI, Eugenio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

BUENO, Thaísa. **Um panorama dos estudos científicos sobre comentários de leitores**. Trabalho apresentado no 5º Simpósio Internacional de Ciberjornalismo, na UFMS, Campo Grande, MS, entre 27 e 29 de agosto de 2015. Disponível em: <http://www.ciberjor.ufms.br/ciberjor5/files/2014/07/thaisa.pdf>. Acesso em: 15.12.2015.

BUENO, Wilson da Costa. *Jornal do Interior: conceitos e preconceitos*. In: ASSIS, Francisco (org.). **Imprensa do interior**: conceitos e contextos. Chapecó: Argos, 2013.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2002.

_____. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro. Zahar, 2005.

_____. **A revolução francesa da historiografia**: a Escola dos Annales (1929-1989). São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

_____. **A escrita da História**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. 2ª. ed. São Paulo, Editora da UNESP, 1992.

BURTON, Orville Vernon. **American Digital History**. *Social Science Computer Review*, Durham, v. 23, n. 2, Summer, 2005.

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de proximidade**: rituais de comunicação na imprensa regional. Lisboa: Minerva Coimbra, 2002.

CANAVILHAS, J. **Webjornalismo**: considerações gerais sobre jornalismo na web. BOCC. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2001. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>. Acesso em 19.01.2017.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Campus, 2011.

CASSAB, Latif; RUSCHEINSKY, Aloísio. **Indivíduo e ambiente**: a metodologia de pesquisa da história oral. Biblos, Rio Grande, 16: 7-24, 2004. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/06/pdf_c8ab534b2c_0011055.pdf. Acesso em: 06.01.2016.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis (Org.) **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder, 6ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2012.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 2002.

CAVERSAN, Luiz. Como fazer um jornal todo dia. In: PRADO, Magaly (org.). **Introdução ao Jornalismo Diário**: Como fazer um jornal todo dia. São Paulo: Saraiva, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 3ª edição brasileira/3ª reimpressão. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2015.

_____. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: novos problemas. Rio de Janeiro: RJ, Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1988.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

_____. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel. 2002.

_____. **A ventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____. **A História ou a leitura do tempo**. Tradução: Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. **Do códice ao monitor**: a trajetória do escrito. Estudos avançados, 1994. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200012. Acesso em: 10.08.2018.

CHAUVEAU, A; TÉTARD, Ph (Orgs.). **Questões para a história do presente**, Tradução:

Ilka Stern Cohen. Bauru: Edusc, 1999.

CRUZ, H. & PEIXOTO, M. **Na oficina do historiador**: conversas sobre história e imprensa, In: Projeto História, São Paulo, no 35, p. 1- 411, dez, 2007.

DARNTON, Robert e ROCHE, Daniel (Orgs.). **Revolução impressa**: A imprensa na França (1775-1800). São Paulo: Edusp, 1996.

_____. **O beijo de Lamourette**: Mídia, cultura e revelação. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **A Questão dos livros**: Passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia dos Letras, 2010.

DEL BIANCO, Nélia R. A presença do radiojornalismo na Internet - Um estudo de caso sobre os sites da Jovem Pan e da Bandeirantes. **Revista Estudos de Jornalismo e Mídia**, v. 1. N. 1. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1895/1803>. Acesso em: 05.05.2018.

_____. **Elementos para pensar as tecnologias da informação na era da globalização**. Repositório de Teses e dissertações da Unb, Brasília, 2004. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12173/1/ARTIGO_ElementosPensarTecnologias.pdf. Acesso em: 26.11.2019.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DEMARTINI, Zélia de B. F. **Trabalhando com relatos orais**: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa – reflexões sobre a pesquisa sociológica. Coleção textos, São Paulo, CERU, n. 3, 1992.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**, 14ª reimpressão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

DÍAZ NOCI, J., & SALAVERRÍA, R (Coords.). **Manual de Redacción Ciberperiodística**. Barcelona: Ariel Comunicación, 2003.

DORNELES, Beatriz. O futuro do jornalismo em cidades do interior. In: ASSIS, Francisco (org.). **Imprensa do interior**: conceitos e contextos. Chapecó: Argos, 2013.

DORNELLES, Roberto A; COSTA, Bianca E. da. A historicidade do acontecimento jornalístico na perspectiva da história imediata. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Ponta Grossa, v.1, n. 9, p. 09-39, jan. a jun. 2012. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/view/201/143>. Acesso em: 01.09.2016.

DOSSE, Françoise. **Renascimento do acontecimento**: um desafio para o historiador: entre esfinge e Fênix. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

DURANTI, Luciana. Registros documentais contemporâneos como provas de ação. **Revista**

Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, pp 49-64, 1994. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1976>. Acesso em: 01.10.2019.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

ELEUTÉRIO, Maria de Lurdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

ERNANDES, Mercolis Alexandre. **A construção da identidade douradense (1929-1990)**. Dissertação de mestrado do PPGH-UFGD. Disponível em: <http://www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2017/06/MERCOLIS-ALEXANDRE-ERNANDES.pdf>. Acesso em: 20.05.2018.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós-Modernidade**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FIDALGO, Antônio. **Jornalismo Online segundo o modelo de Otto Groth**. BOCC, 2004. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-groth-jornalismo-online.pdf>. Acesso em: 10.01.2020.

FIDLER, Roger. **Mediamorphosis – Understanding New Media**. Califórnia: Pine Forge Press, 1997.

FONSECA, André Dioneu. A instigante e complexa história da leitura: apontamentos teóricos e metodológicos. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 144, maio de 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/19966/11106>. Acesso em: 21.12.2015.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

GALLINI, Stefania; NOIRET, Serge. La história digital en la era del Web 2.0. Introducción al dossier Historia digital. **Revista Historia Crítica**, n. 43, Bogotá, enero-abril 2011, 260 pp. ISSN 0121-1617 pp 16-37, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3948026>. Acesso em: 10.10.2019.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre, RS: Tchê, 1987.

GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 2003.

GIL, Gilberto. Pela Internet. In: **Quanta**. Rio de Janeiro: CD, 1997.

GONÇALVES, José Henrique Rollo. Escavando o chão da futilidade: colunas sociais, fontes para o estudo de elites locais. **Revista de História Regional**, v. 4, n. 2, inverno 1999, p. 35-59. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2082/1564>. Acesso em: 10.10.2018.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: Presentismo e experiência do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

HARTOG, François. **Evidência da História: O que os historiadores veem**. Belo Horizonte, Minas Gerais: Autêntica Editora, 2013.

HOBBSBAWM, Eric. **A era das revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

INNERARITY, Daniel. **O Futuro e os seus Inimigos**. A paisagem temporal da sociedade contemporânea. Uma teoria da aceleração. Lisboa, Portugal: Teorema, 2011.

IZQUIERDO, Francisco Fernández. **La Historia Moderna y Nuevas Tecnologías de la información e las Comunicações**. Cuadernos de Historia Moderna. Nº 24, 2000. Disponível em: <http://digital.csic.es/bitstream/10261/14762/1/CHMO0000120207A.pdf>. Acesso em: 10.01.2017.

_____. **Archivos, bibliotecas, redes sociales, blogs, twitter...** Tecnologías de la información al servicio del historiador modernista en la Web 2.0. In: SERRANO, Eliseu. De la tierra al cielo: líneas recientes de investigación em historia moderna. Zaragoza: Espanha, Institución Fernando el Católico, 2013.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução Suzana Alexandria; 4ª reimpressão. São Paulo: Aleph, 2013.

JORGE, Thais de Mendonça. **Mutação no jornalismo: Como a notícia chega à internet**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

JOSGRILBERT, Alessandra Viegas. **O jornal “O Progresso”**: aproximações entre o ensino paraguaio e mato-grossense no início do século XX. Anais do EDUCERCE – XIV Congresso Nacional de Educação, PUCPR, Curitiba, PR, 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20527_9218.pdf. Acesso em: 10.09.2017.

KAWAMOTO, Kevin. **Digital Journalism. Emerging Media and the Changing Horizons of Journalism**. New York, 2003.

KERCKHOVE, Derrick. Texto, contexto e hipertexto: três condições da linguagem, três condições da mente. **Famecos**, n.22, dez. 2003. Disponível em: Acesso em: 28 jul. 2017.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KOVACH, B.; ROSENTIEL, T. **Os elementos do Jornalismo: o que os profissionais de jornalismo devem saber e o público deve exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo**: norte e sul. São Paulo: Edusp, 2001.

KUSCHICK, Murilo. Weber e a sua relação com a comunicação. In: MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa (Orgs.). **A era glacial do Jornalismo**: teorias sociais da imprensa. Porto Alegre: Sulina, 2006.

LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques (org.). **A história nova**, Tradução, Eduardo Brandão, 4ª edição, 3ª reimpressão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAGE, Nilson. **Convergência Tecnológica**, palestra no 27º Congresso Nacional dos Jornalistas, Porto Alegre, maio de 1996.

_____. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1985.

_____. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1985a.

LEÃO, Lucia. **O labirinto da hipermídia**: arquitetura e navegação no ciberespaço. 2. ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**, 5ª edição. Campinas, São Paulo: Editora da Unesp, 2003.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**, 6ª edição, Porto Alegre: Sulinas, 2013.

LENE, Hérica. **Memória na internet**: resgate da história da imprensa em base de dados. In: Anais do Confibercom, São Paulo, 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 15ª Reimpressão, 2008.

LIMA, Verônica Almeida de Oliveira; BEZERRA, Vinícius Ramos. **Jornalismo e Jornalistas em Tempos de Reestruturação Produtiva**: Reflexos do Pós-Fordismo e das Tecnologias Digitais na Atividade Profissional. In: XII Intercom, Campina Grande/PB, jun. 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-1148-1.pdf>. Acesso em: 30.12.2019.

LIPPMANN, Walter. A natureza da notícia. In: In: BERGER, Christa e MAROCCO, Beatriz (org.). **A era glacial do jornalismo**. Teorias sociais da imprensa. Vol.2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

LUCIANO, Luís Carlos. **O Fenômeno Diário MS**: Dez anos de um sonho que está dando cada vez mais certo. Dourados, MS: L. C. Luciano, 2003.

LUCCHESI, Anita. **Digital history e Storiografia digitale**: estudo comparado sobre a escrita

da história no tempo presente (2001-2011). Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social (PPHS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2014. Disponível em: <http://www.ppghc.historia.ufrj.br/index.php/teses-e-dissertacoes/teses-e-dissertacoes/dissertacoes/26-digital-history-e-storiografia-digital-estudo-comparado-sobre-a-escrita-da-historia-no-tempo-presente-2001-2011/file>. Acesso em: 10.01.2017.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para o jornalismo**. Salvador: Calandra, 2003.

MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: Algumas questões em tono da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: FENELON, D. et al. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'água, 2004.

MALERBA, Jurandir. **Os historiadores e seus públicos**: desafios ao conhecimento histórico na era digital. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 37, nº 74, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v37n74/1806-9347-rbh-2017v37n74-06.pdf>. Acesso em: 10.11.2019.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARINHO, Paulo Hamilton. **Professor escreve a história de Weimar Torres**. Artigo publicado no site *Dourados Agora*. Dourados, MS, Disponível em: <https://www.douradosagora.com.br/noticias/entretenimento/professor-escreve-a-historia-de-weimar-torres>. Acesso em: 18.10.2017.

MARSHALL, L. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus, 2003.

MATHEUS, Letícia Cantarela. **Comunicação, tempo, história**: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos. Rio de Janeiro: Mauad X:Faperj, 2011.

MATTELART, Armand. **A Globalização da comunicação**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. 2. Ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis (Org.) **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**, 6ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 5ª. edição. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MAZINI, André. A história da imprensa no contexto da historiografia brasileira. **Revista Comunicação & Mercado/Unigran**, Dourados, MS, vol. 01, n. 02 – edição especial, p. 297-304, nov 2012. Disponível em: <http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/1N2/25.pdf>. Acesso em 10.12.2015.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação**: como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 1964.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** BOCC, 1997. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismoconhecimento.pdf>. Acesso em: 10.01.2014.

MENDONÇA, Ricardo F. **A mídia e a transformação da realidade.** Revista Comunicação & Política, v. 24, nº2, p.007-037, 2005. Disponível em: https://www.academia.edu/1902605/M%C3%ADdia_e_transforma%C3%A7%C3%A3o_da_realidade. Acesso em: 10.04.2019.

MIELNICZUK, Luciana. Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web. In: MACHADO, Elias e PALACIOS, Marcos (Orgs.). **Modelos de Jornalismo Digital.** Salvador: Edições GJOL; Calandra, 2003.

_____. **Manual de jornalismo na internet:** Conceitos, noções práticas e um guia comentado das principais publicações jornalísticas digitais brasileiras e internacionais. Edição revisada, 1997. Disponível em: https://facom.ufba.br/jol/fontes_manuais.htm. Acesso em: 27.07.2019.

MIELNICZUK, Luciana. **Webjornalismo de terceira Geração:** continuidades e rupturas no jornalismo desenvolvido para a web. Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, PUC-RS, Porto Alegre, RS, 2004. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/index.html>. Acesso em: 05.04.2019.

MOHERDAUI, Luciana. **Guia de estilo web:** Produção e edição de notícias online, 2º edição revisada e ampliada. São Paulo: Senac, 2002.

MORAES, Aline. Blogs podem ser jornalísticos se estiverem associados a ser uma prática profissional. **Observatório da Imprensa**, ano 12, nº 394, 15 ago. de 2006. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/blogs-podem-ser-jornalisticos-se-estiverem-associados-a-uma-pratica-profissional/>. Acesso em: 21.07.2019.

MOREIRA, Regina Heloiza Targa. **Memória fotográfica de Dourados.** Campo Grande: UFMS, 1990.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida Digital.** São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

NORA, Pierre. **Entre memória e História:** a problemática dos Lugares. Projeto História, São Paulo n. 10, dez, 1993.

OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves de. A natureza do furo de reportagem: da perspectiva histórica para uma construção teórica. **Revista Comunicação e Informação**, Goiânia, GO, v. 17, n. 1, p. 5-20, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/27756/16822>. Acesso em: 10.09.2018.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo:** teoria e prática. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

PAIS, Luiz Carlos. **História da imprensa em Ponta Porã.** Artigo publicado no jornal Correio do Estado. Campo Grande, MS, 2016. Disponível em: <https://www.correiodoestado.com.br/opiniaoluiz-carlos-pais-historia-da-imprensa-em-ponta-pora/292611/>. Acesso em: 19.06.2018.

PAIS, Luiz Carlos. **Traços da história da imprensa em Dourados**. Artigo publicado no jornal Correio do Estado. Campo Grande, MS, 2017. Disponível em: <https://www.correiodoestado.com.br/opiniaoluiz-carlos-pais-tracos-da-historia-da-imprensa-em-dourados/296309/>. Acesso em: 18.06.2018.

PALACIOS, Marcos. **O que há de (realmente) novo no Jornalismo Online?** Conferência proferida por ocasião do concurso público para Professor Titular na FACOM/UFBA, Salvador, Bahia, em 21.09.1999.

_____. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória. In: MACHADO, Elias; PALÁCIOS, Marcos. **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Edições GJOL; Calandra, 2003.

_____. **Jornalismo Online, Informação e Memória**: Apontamentos para debate. Trabalho apresentado no VII Congresso Latino-Americano de Ciências da Comunicação, da Associação Latinoamericana de Pesquisadores em Comunicação (ALAIIC), realizado na Facultad de periodismo y Comunicación da Universidad Nacional La Plata, Argentina, de 11 a 16 de outubro de 2004. Disponível em http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm. Acesso em 20.12.2015.

PALACIOS, Marcos. Marginália, ‘zeitgeist’ e memória do tempo presente: os comentários de leitores no ciberjornalismo. **Brazilian Journalism Research** - Volume 8 - Número 1 – 2012. Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/391>. Acesso em: 10.12.2015.

PARK, Robert E. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, Christa e MAROCCO, Beatriz (org.). **A era glacial do jornalismo**. Teorias sociais da imprensa. Vol.2. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PAVLIK, John. **Journalism and new media**. New York: Columbia University Press, 2001.

PERLI, Fernando. O uso de impressos na pesquisa histórica: uma experiência com jornal de movimento social. In: PERLI, et al. (Orgs.), **Pesquisas humanas**: múltiplos olhares. São Paulo: Scortecci, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, p. 38-57, janeiro/junho 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/33544832.pdf>. Acesso em: 25.08.2019.

PEREIRA, Juliana dos Santos; SOUZA, João Carlos. O debate sobre o “milagre econômico” brasileiro no jornal Folha de Dourados – 1970-1973. **Revista Comunicação & Mercado/Unigran**, v.1, nº 2. Dourados, MS, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/milto/Desktop/COMUNICACAO%20E%20MERCADO%20-ALCAR%20REGIONAL%20CENTRO-OESTE%202012.pdf>. Acesso em: 20.02.2018.

PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.1, n.2, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2070/1812>. Acesso em:

01.10.2017.

PONS, Analet. *El pasado fue analógico, el futuro es digital. Nuevas formas de escritura histórica*. Yayer 110 - **Revista de Historia Contemporánea**. Madri: Espanha, 2018 (2).

PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

PRIMO, Alex. **Interação Mediada por Computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da blogosfera. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 36, agosto de 2008. Disponível em: http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/revista_famecos.pdf. Acesso em: 21.07.2019.

RAMONET, Ignácio. **A tirania da comunicação**. 2a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

RENÓ, Denis. **Diversidade de modelos narrativos para documentários transmídia**. Doc Online, n. 14, agosto de 2013, www.doc.ubi.pt, pp. 93- 112. Disponível em: http://www.doc.ubi.pt/14/dossier_denis_reno.pdf. Acesso em: 10.12.2015.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa 3**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do tempo presente? In: CHAUVEAU, Agnes e TERTART, Philippe. **Questões para história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

ROBERTSON, Roland. **Globalização: teoria social e cultura global**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

ROCHA, José Milton. **O 'glocal' no ciberjornalismo regional: análise dos sítios de webnotícias de Dourados-MS**. Curitiba: Appris, 2019.

_____. **O 'Glocal' no ciberjornalismo regional: análise dos sítios de webnotícias de Dourados**, 2014. Disponível em: <http://mestrado.comunicacao.sites.ufms.br/files/2014/05/DISSERTA%C3%87%C3%83-O-MILTON-GLOCAL-2014.pdf>. Acesso em: 10.12.2015.

RODRIGUES, Pedro Eurico. A teia, a tela e o tempo: internet e história do tempo presente. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 131 - 150, mai./ago. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180306122014131>. Acesso em: 12.12.2015.

RÜSEN, Jörn. **História Viva: teoria da história, formas e funções do conhecimento histórico**. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora UNB, 2007.

RUSSO, Renato. Tempo Perdido. In: **Dois**. Rio de Janeiro: EMI-Odeon, Dico sonoro, 47m. 1985.

SAHLINS, M. **Ilhas de história**. Tradução de B. Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SALAVERRÍA, Ramón (Coord.). **Cibemedios: El impacto de internet em los médios de comunicación em Españã**. Sevilla: Comunicación Social ediciones y publicaciones, 2005a.

SALAVERRÍA, Ramón. **Redacción periodística en Internet**. Pamplona: EUNSA, 2005b.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua: Repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-moderno. **Revista Famecos**, dez. 2003, p. 23-32. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/re%20vistafamecos/article/viewFile/3229/2493>. Acesso em: 10.01.2019.

SANTOS, Emanuelle; NICOLAU, Marcos. Web do futuro: a cibercultura e os caminhos trilhados rumo a uma Web semântica ou Web 3.0. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – **INTERCOM**, Fortaleza, 3 a 7/9/2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-1985-1.pdf>. Acesso em: 21.07.2019.

SCHWINGEL, Carla. **Ciberjornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SCHUDSON, Michael. **The power of news**. 3ªed. Cambridge/MA, USA: Harvard University Press, 1999.

SILVA, Inara Souza. **O pioneiro do ciberjornalismo no MS**. In: Campo Grande News, 2012. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/artigos/o-pioneiro-do-ciberjornalismo-no-ms>. Acesso em: 21.07.2019.

SILVA J., José Afonso. **A relação das interfaces enquanto mediadores de conteúdo do jornalismo contemporâneo: agências de notícias como estudo de caso**. XI Encontro anual da Compós. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/junior-jose-afonso-interfaces-mediadoras.pdf>. Acesso em: 10.01.2013.

SILVA, Wlamir. A imprensa e a pedagogia liberal na província de Minas Gerais (1825-1842). In. NEVES, Lúcia Maria Bastos, MOREL, Marco e FERREIRA, Tânia Maria – **História e imprensa**. Representações culturais e práticas de poder. R. de Janeiro: FAPERJ/ DP&A, 2006.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo, Loyola, 2005.

SODRÉ, Muniz. Jornalismo como campo de pesquisa. **Revista Brazilian Journalism Research**, vol. 6, n 2, 2010. Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/13>. Acesso em: 10.12.2015.

_____. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O que eh mesmo notícia**. Compós, 2005. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_847.pdf. Acesso em: 02.09.2018.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Jornalismo Impresso**. Porto, 2011. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>. Acesso em: 10.08.2018.

STEPHENS, Mitchell. **Uma história das comunicações: do tantã ao satélite**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

STURZA, Catarine Moscato. Perfil do Ensino de Jornalismo em Mato Grosso do Sul: uma avaliação pelo corpo discente. **XIV Encontro Nacional de Professores de Jornalismo**, UFU, 2012. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=791&cf=24>. Acesso em: 10.08.2018.

TELLAROLI, Marina Taís. **Proposta metodológica para estudo do jornalismo online sob o aspecto da gestão da informação com base no portal Campo Grande News**. BOCC, 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/tellaroli-tais-proposta-metodologica-estudo-do-jornalismo-online.pdf>. Acesso em: 21.07.2019.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História oral**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2. Ed., 2005.

_____. **Teorias do Jornalismo (vol 2): a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005(b).

VICENTE, Maximiliano Martin. **História e Comunicação na nova ordem internacional**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

WEBER, Max. Sociologia da Imprensa: um programa de pesquisa. In: MAROCCO, Beatriz e BERGER, Christa (org.). **A era glacial do jornalismo**. Teorias sociais da imprensa. v. 1. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006.

WERNECK SODRÉ, Nelson. **História da Imprensa no Brasil**, 2ª edição. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2009.

WOLTON, Dominique. **Sobre la comunicación**. Madrid: Acento Editorial, 1999.

_____. **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias**. 2ª edição. Porto Alegre, RS: Sulina, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **A produção social da escrita**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

ZAMITH, Fernando. **A Contextualização no ciberjornalismo**. Tese de Doutorado

apresentada à Universidade do Porto, em 2011. Disponível em:
<http://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/57280/2/zamith000148443.pdf>. Acesso em
15.10.2013.

FONTES

Blog Passarela Cultural: Disponível em: <http://passarelacultural.blogspot.com/2012/08/sessao-nostalgia.html>. Acesso: 20.07.2019.

Campo Grande News: Edição do dia 09.12.2015. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/dourados-80-anos/em-ruinas-reforma-de-usina-velha-que-iluminava-a-cidade-nao-sai-do-papel>. Acesso em: 20.11.2019.

CPDOC-FGV: Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-grafico/camara-joao-da>. Acesso em: 10.01.2019.

CPDOC-FGV: Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-social-democratico-psd-1945-1965>. Acesso em: 20.10.2018.

Diário do Povo: 1ª edição do Diário do Povo, 15 de setembro de 1993. Arquivo do *Diário MS*.

Diário MS: 1ª Edição do Diário MS, 13 de dezembro de 2000. Arquivo do *Diário MS*.

Diário MS: Edição anunciando a troca de dono do Diário MS, em 08, de julho de 2008. Arquivo do *Diário MS*.

Dourados News: Especial 13 anos. Edição especial comemorativa dos 13 anos do jornal online – Dezembro de 2013.

Folha de Dourados: Versão experimental do dia 11.02.1968. Acervo do CDR-UFGD.

Folha de Dourados: Última edição impressa da *Folha de Dourados*, 20 a 31 de dezembro de 2012. Acervo CDR-UFGD.

Folha de Dourados: Edição comemorativa dos 50 anos do jornal, Dezembro de 2018.

IBGE: Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/dourados/panorama>. Acesso em: 29.11.2017.

Jornal VALOR: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2019/11/08/reformulada-globo-avanca-na-direcao-de-se-tornar-media-tech.ghtml>. Acesso em: 08.11.2019.

Olhar digital: www.olhardigital.com.br. Acesso em: 10.02.2019.

O Progresso: A versão impressa do dia 27.11.2019.

O Progresso: 1ª. Edição produzida em Ponta Porã – 22.02.1920 – Acervo do CDR-UFGD.

O Progresso: Edição de 10.8.1924. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro - http://memoria.bn.br/pdf/716014/per716014_1924_00227.pdf. Acesso:18.06.2018.

O Douradense: 1ª. Edição do jornal *O Douradense* - 11.05.1948. Acervo do CDR-UFGD.

Oficina da Net: www.oficinadanet.com.br. Acesso em: 20.10.2019.

Canal Tech: www.canaltech.com.br. Acesso em: 20.10.2019.

Poder 360: Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/1-800-jornais-impresos-fecharam-as-portas-nos-eua-de-2004-a-2018/>. Acesso em: 10.05.2019.

www.medium.com: Disponível em: <https://medium.com/deadlines/uma-breve-introducao-a-linotipia-a06bdffdc215>. Acesso em: 10.01.2019.

www.queconceito.com.br: Disponível em: <https://queconceito.com.br/pdf>. Acesso em: 10.01.2019.

www.wsj.com: Disponível em: <https://www.wsj.com/graphics/local-newspapers-stark-divide/>. Acesso em: 10.05.2019.

www.usnewsdeserts.com: Disponível em: <https://www.usnewsdeserts.com/reports/expanding-news-desert/loss-of-local-news/loss-newspapers-readers/>. Acesso em: 10.05.2019.

www.observatoriodaimprensa.com.br: <http://observatoriodaimprensa.com.br/atlas-da-noticia-2-0/sudeste-regiao-perde-dezenas-de-jornais-e-revistas-tradicionais/>. Acesso em: 10.05.2019.

www.digestivocultural.com: Disponível em: https://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2039&titulo=Mas_afinal,_o_que_e_podcasting?. Acesso em: 20.10.2019.

www.midiamax.com.br: Disponível em: <https://www.midiamax.com.br/politica/2016/dourados-teve-eleicao-mais-acirrada-desde-1988-quando-40-votos-decidiram-disputa>. Acesso em: 10.07.2019.

www.significados.com.br: Disponível em: (<https://www.significados.com.br/high-society/>). Acesso em: 10.07.2019.

www.douradosnews.com.br.

www.campograndesnews.com.br.

www.capitalnews.com.br.

www.douradosagora.com.br.

www.progresso.com.br.

www.correiodoestado.com.br.

www.globonews.com.

www.internetlivestats.com.

www.contrapontoms.com.br.

ENTREVISTAS

- 1 - Adiles do Amaral Torres - advogada e proprietária do jornal *O Progresso* – 18.04.2018.
- 2 - Adriano Moretto - jornalista – chefe de Redação do *Dourados News* -12.11.2018.
- 3 - Alfredo Barbara Neto – jornalista, proprietário e editor responsável do *Diário MS* – 23.04.2019.
- 4 - Andreia Medeiros - publicitária, gerente comercial do *Dourados News* - 06.06.2019.
- 5 - Blanche Torres – jornalista, diretora do jornal *O Progresso* – 10.11.2019.
- 6 - Celso Carvalho do Amaral – empresário, médico veterinário, primeiro designer de *O Progresso* online.
- 7 - Clovis de Oliveira – jornalista, editor responsável pelo *Douranews* o primeiro jornalista a trabalhar no *Dourados News* - 14.11.2018.
- 8 - José Henrique Marques – jornalista, editor responsável e proprietário do jornal *Folha de Dourados* - 08.11.2018.
- 9 – José Henrique Marques – jornalista, editor responsável e proprietário da *Folha de Dourados* - 09.07.2013 (entrevista concedida por ocasião da pesquisa da dissertação).
- 10 - Louise Torres – proprietária do *Progresso Digital* - 30.04.2019.
- 11 - Luiz Fernando Azevedo Vicente - filho do fundador do *Dourados News*, Primo Fioravante Vicente - 15.02.2019.
- 12 - Paulo Lobo – publicitário, designer de cibermeios, diretor-presidente da *Bimboo*, empresa desenvolvedora de sites, no MS - 07.11.2017.
- 13 - Vitoriano Carbonera Cales – fundador e primeiro proprietário do *Diário MS* - 17.04.2018.